

SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641 - 1820/22**

VOL. II - TOMO 2

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

VOLUME 24 EDITADOS NESTA COLEÇÃO

24. 1 - José Pedro de
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
24. 2 - Descrições Coletivas de São Paulo sob o Regime do Povo e Povo
 História de São Paulo
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA VOL. I
24. 3 - José Alfredo Casares
ANTOLOGIA DO ENSAIO INQUIRINDO PAULISTA
24. 4 - José Alfredo Casares
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO VOL. I
24. 5 - José Alfredo Casares
A TEORIA BYRONIANA NO BRASIL
24. 6 - José Alfredo Casares
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO VOL. II
24. 7 - José Alfredo Casares
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO VOL. III - ANOS ACADÊMICOS
24. 8 - José Alfredo Casares
POESIA E LINGUAGEM
24. 9 - José Alfredo Casares
DO ROMANTISMO AO MODERNISMO
24. 10 - José Alfredo Casares
**O MOVIMENTO ACADÊMICO NO BRASIL - 1840 - 1850
 - VOL. I - TOMO I**
24. 11 - José Alfredo Casares
ENSINO MÉDICO - LINGUAGEM FRANCESA
24. 12 - José Alfredo Casares
POESIA E LINGUAGEM - LINGUAGEM FRANCESA
24. 13 - José Alfredo Casares
POESIA E LINGUAGEM - LINGUAGEM FRANCESA
24. 14 - José Alfredo Casares
**O MOVIMENTO ACADÊMICO NO BRASIL - 1840 - 1850
 VOL. I - TOMO I**
24. 15 - José Alfredo Casares
**O MOVIMENTO ACADÊMICO NO BRASIL - 1840 - 1850
 VOL. I - TOMO I**
24. 16 - José Alfredo Casares
POESIA E LINGUAGEM VOL. I
24. 17 - José Alfredo Casares
POESIA E LINGUAGEM VOL. II
24. 18 - José Alfredo Casares
**O MOVIMENTO ACADÊMICO NO BRASIL - 1840 - 1850
 VOL. I - TOMO I**



VOLUMES JA EDITADOS NESTA COLEÇÃO

- N.º 1 -- *João Pacheco*
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
- N.º 2 -- *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Neto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, VOL. I
- N.º 3 -- *José Aderaldo Castello*
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERARIO PAULISTA
- N.º 4 -- *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
VOL. I
- N.º 5 -- *Pires de Almeida*
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 -- *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
VOL. II
- N.º 7 -- *Pessanha Póvoa*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
VOL. III — ANOS ACADEMICOS
- N.º 8 -- *Dante Moreira Leite*
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 -- *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
DO BARROCO AO MODERNISMO
- N.º 10 -- *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. I — TOMO 1
- N.º 11 -- *Francisco de Assis Barbosa*
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS
- N.º 12 -- *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS
- N.º 13 -- *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
POETAS DE INGLATERRA
- N.º 14 -- *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 2
- N.º 15 -- *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 3
- N.º 16 -- *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES, VOL. I
- N.º 17 -- *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES, VOL. II
- N.º 18 -- *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 4

- N.º 19 — *Octacillo de Carvalho Lopes*
APASSIONATA — (OS AMORES DE BEETHOVEN)
- N.º 20 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. I — TOMO 5
- N.º 21 — *Manoel Botelho de Oliveira (leitura paleográfica de Heitor Martins)*
LYRA SACRA
- N.º 22 — *Francisco Patti*
DICIONÁRIO DE MACHADO DE ASSIS
- N.º 23 — *Maria Alice de Oliveira Faria*
ASTARTE E A ESPIRAL
- N.º 24 — *Murilo Mendes*
RETRATOS E RELAMPAGOS
- N.º 25 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. III — TOMO 1
- N.º 26 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
VOL. III — TOMO 2
- N.º 27 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. III — TOMO 3
- N.º 28 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. III — TOMO 4
- N.º 29 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. III — TOMO 5
- N.º 30 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. III
- N.º 31 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22
— VOL. II — TOMO 1
- N.º 32 — *Myriam Ellis e Rosemarie Erika Horch*
AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY NO CENTENÁRIO DO
SEU NASCIMENTO

José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação de texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

— YÉDDA DIAS LIMA

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL**

1641-1820/22

2.a PARTE
ATOS ACADÊMICOS
VOL. II — TOMO 2



**CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
SÃO PAULO**

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Castello, José Aderaldo, 1921-

C345m O movimento academicista no Brasil: 1641-1820/22.
v.1- José Aderaldo Castello. — São Paulo: Conselho Estadual de
Artes e Ciências Humanas, 1969-
(Textos e documentos; n. 10, 14-15, 18, 20, 25-29, 31,
33-34)

Publicados: v.1, t.1, 1969, t.2-3, 1970, t.4-5, 1971; v.2,
t.1, 1977, t.2, 1978; v.3, t.1, 1974, t.2-3, 1975, t.4-5, 1976,
t.6, 1978.

Bibliografia.

1. *Literatura brasileira* — Coletâneas. 2. *Literatura brasileira* — Sociedades etc. I. Título. II. Série: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas (São Paulo). Textos e documentos.

CDD-869.906

-869.908

78-0220

Índice para catálogo sistemático:

1. Academias: Literatura brasileira 869.906
2. Brasil: Academias literárias 869.906
3. Literatura brasileira: Coletâneas 869.908

ATOS ACADÊMICOS - 1749 - 1817

(CONTINUAÇÃO)

2. **O PARNASO OBSEQUIOSO DRAMA PARA SE RECITAR EM MÚSICA NO DIA 5 DE DEZEMBRO DE 1768, EM QUE FAZ ANOS [...] DOM JOSÉ LUIS DE MENESES [...] MINAS GERAIS [...] POR CLAUDIO MANUEL DA COSTA (Ms. 1768).**



O PARNASO OBSEQUIOSO

DRAMA

Para se recitar em Música no dia
5 de dezembro de 1768, em que faz anos

o

Ilustríssimo e Excelentíssimo
Senhor Dom José Luís de Meneses, Conde
de Valadares, Governador e Capitão Ge-
neral da Capitania de Minas Gerais e

etc.

Por

CLAUDIO MANUEL DA COSTA

Bacharel Formado na Faculdade de Cânones; Acadê-
mico da Academia Litúrgica de Coimbra, e Criado
pela Arcádia Romano Vice-Custode da Colonial
Ultramarina com o nome de Glauceste Satúrnio
e etc.

O PARNASO OBSEQUIOSO

DRAMA

INTERLOCUTORES

Apolo	Clio
Mercúrio	Talia
Calíope	Melpômene

(A cena representa o monte Parnaso.)

CORO

Mús.

Já despede a fria noite
Toda a sombra, todo o horror;
Torna ao mundo o novo dia,
Que enche a terra de esplendor

<p>Apolo Mercúrio Ambos</p> <p>Todos 2 Mús. 2 Mús. Todos Apolo</p> <p>Merc.</p>	<p>Douram-se os montes Riem-se os Vales Das claras Fontes Brilha o Licor.</p> <p>Ó que alegre mudança que tudo... Floresce... Esclarece... Na gala, e na cor.</p> <p>Mas que é isto? Inda as Musas em silêncio No Parnaso se vêem? Não ouço ainda O número sonoro, A métrica harmonia, Que deve festejar tão fausto dia? Acaso entre vós outras Se ignora, ó Musas, que hoje o lustro quinto Se completa, em que aquele Ramo ilustre dos ínclitos Noronhas Para glória do Luso Nascer se viu lá onde o fresco Tejo Banha, rendendo aos mares o tributo, A cidade que erige o Grego astuto? Vós outras o sabeis; desde esse dia Que Lucina em seus braços O recebeu; e as Graças Ministraram-lhe o Leite; vós ó Claras, O chamastes a vós; vós o levastes A viver nesse monte; inda presente Eu tenho a feliz hora Que tomastes a empresa de criá-lo, De o polir, de o reger, e de educá-lo Ah se agora vos não lembra Aquele hora, aquele dia, Será bem que lá se ria De vós outras, um mortal. Entre os homens festejado É José com fausto auspício; Entre vós seu natalício Não se canta, ó Musas, já? Se hoje o filho de Maia Deixa de Jove o lado; outro destino Do Parnaso o não guia ao Sacro Cume, O domador do Piton; mais que aquele, Que pode entre as Olímpicas Deidades</p>
---	---

- Despertar tanto empenho: O grão Tonante,
O grande Nume que presides aos Deuses,
Depois que a todos juntos
Na parte mais de Estrelas povoada
O néctar derramou sobre as cabeças,
A um e outro falando
Lembrou o dia que tornava ao Mundo;
E a mim, a mim me envia,
Que anuncie ao Parnaso o alegre dia.
- Calíope
E crês, Ó Sacro Nume,
Que outro indulto mais que esse
Nos traz hoje a gozar da Cristalina
Helicônia corrente?
- Melpôm.
Se do Pesto
Hoje as flores buscamos; se primeiro
Que nascesse aos mortais a aurora bela
Teci esta grinalda, a quem presumes
Que destino o meu prêmio?
- Clio
A aguda pena,
Que guarda a minha mão qual outro obséquio
Entendes que me dita?
- Talia
Este cuidado
A Calíope Chama; e o Coro Santo
Esta empresa confia
De Clio, de Melpômene e Talia.
- Merc.
E quem se não acorda
De tanto agouro, que predisse as glórias
Daquele dia? Quem não sente a imagem
Tão viva na memória? Quando os Olhos
Abria à luz primeira o tenro Infante,
No monte, Vale, e prado
Tudo se via melhorar de Estado;
As árvores já secas
De flores se cobriam; brancas aves
Voando andavam de uma, e de outra parte;
Delfins dourados desde as ondas fora
As cabeças erguiam.
- Calíope
Mansos touros
A correr à porfia se ensaiavam...
- Melpôm.
De improviso se viu à mão direita
Girar um esplendor...
- Clio
Jove sem raio
Sou por [largo] espaço...

- Talia O céu de novo
Deu a ver uma Estrela,
Mais do que as outras cintilantes, e bela.
- Merc. Se estas contemplo
Do céu figuras,
Ó que venturas
O céu prediz?
- Cal. e Melp. Eu bem me lembro,
Que nos meus braços
Formei os laços
Com que o prendi.
- Clio e Tal. Desde esse instante
Que nos foi dado
Ó que cuidado
Eu lhe rendi?
- Merc. Amor nos guia...
- Melpôm. Nós O adoramos...
- Calíope Nós O servimos...
- Talia O festejamos...
- Clio O aplaudimos...
- Todos Valente Adonis,
Marte gentil.
- Apolo Ó vós ditosas, que de tanta empresa
Hoje à glória aspirais? O Herói é digno
Que o busquem vossos cultos:
Eu sei que bem lograda
Se acha a vossa fadiga; ele as virtudes,
Ele as Artes, e Ciências
Em que vós o intruístes,
Políticas, Morais também pratica;
Que por ele esquecidos
São no bronze de Fama
Quantos Gregos insignes,
Quanto egrégio Romano
Cinge o louro no Templo Soberano.
- Calíope Eu sei que na piedade
Temístocles excede, e o fiel Zópiro.
- Melpôm. No valor, na Constância
- Merc. Vence os Cipiões, os Lélios, os Camilos.

Nas Podalyrias Artes

Vence ao Sábio Chyron; deu-lhe a piedade
 O impulso de aprendê-las; e mil vezes
 A delicada mão no Régio Hospício
 De míseros enfermos,
 Praticando o Científico aforismo,
 Enfraqueceu da morte o despotismo.

Apolo

Os Físicos princípios,
 A douta Geometria,
 A Ética, a moral Filosofia
 A Eloquência, que um tempo a sábia Atenas
 Admirou nos seus filhos;
 A Tática (ah que digo?) esta arte ilustre
 Lhe deu mais glória lhe ganhou mais lustres:

Talia

Eu o vi entre as Armas
 As ordens ministrar, com fronte heróica
 Desprezando os rugidos
 Do Leão da Ibéria; eu vi que a mão sustinha
 O ferro ameaçador, aquele ferro,
 Que para seu brasão a Lusa glória
 Há de lembrar enquanto houver memória.

Inda na tenra idade
 Eu vi que o peito armado
 Do fero Marte irado
 O aspecto desprezou.

De seus Avós o Sangue
 Ilustre tantas vezes,
 A glória dos Meneses
 No Filho respirou [.]

Clio

Que muito se deriva o seu esforço
 De tão altos Varões; onde não chega
 O nome dos Noronhas? Em que parte
 Do mundo não se admira
 Esta egrégia Nobreza? A Ásia se cobre
 Dos Troféus de seu braço; toda a Europa
 Conhece o seu valor; Eles à Pátria...
 Ao Rei; ao mundo todo... mas que empreendo?
 Em um da Estirpe a todos estou vendo!
 De uma Águia se não cria
 A pomba humilde e pobre;
 Nem temas que assim obre
 Jamais claro valor.

Os Fortes criam fortes,
E só de um Pai o exemplo
O Filho guia ao Templo,
Aonde a Fama o pôs.

Merc.

Ilustre, e digno Ramo dos Meneses

Eu te vejo subir a aquele assento
Que lá se te prepara
Junto aos teus grandes Pais; a série augusta,
Que vem do antigo esplêndido Fernando;
Dos Duques, digo, de Guçijon, de ordena
Ali Lugar distinto
Ao lado de um Miguel, Conde primeiro
Do título imortal de Valadares;
Ali te cerca em roda
Um Álvaro, um Dom Carlos de Noronha,
Que vem acreditada
Com influência digna
No Filho adulto a Paternal doutrina.

Ah qual te encontro no Mavórcio jogo
De Belona seguindo o estrondo ardente!
Não te assusta o pelouro, a bala, o raio
Das fráguas de Vulcano; o Árabe adusto
Cai em sangue banhado; o Indo te espera
Entre a série dos teus, que lá deixaram
Seu nome escrito em derribados muros!
Já prostrada a Carranca
Ao Tormentório vejo; o mar tratável
Às Portuguesas Quinas
Abre o caminho (Ó Céus!) eu não me engano;
São estas as Cidades,
Estas as Torres; estes os Castelos,
Que entre o vivo furor do ferro, e do aço
Ao Lusitano Rei ergue o teu braço!

Apolo

Tudo, Musas, é pouco,
É tudo pouco, ó Divindade alada,
Se trazeis à Lembrança
Os feitos sempre claros, as Virtudes
Do magnífico Herói? Sobre os seus Troncos
Se levanta este ramo; e quanto é grande
Entre os Arbustos o Cipreste; quanto
Entre os Astros o Sol se eleva tanto.

Apol. e Merc.

Anos que a idade conta
Vençam da idade os passos.

Tal. e Clio	O dia que os aponta Faça imortais seus laços.
Todos	Eternos anos sejam Os anos de José.
Apol. e Mer.	O tempo . . .
Talia	A Sorte . . .
Clio	A idade
Todos	Não saibam na verdade O círculo romper.

Parte Segunda

Calíope	Ao distante País das novas Minas Hoje o vemos passar; altos progressos Dele espere o seu Rei: o Povo aflito Ali respirava; desde o seu Seio Liberal se verá brotar a terra Quanto avara recata O Diamante, a Safira, o Ouro, a prata. Ah não esconda a Terra Jamais o seu Tesouro; Que o Deus purpúreo, e louro Debalde o não criou. Benigna corresponda Ao provido cuidado De quem dos Céus foi dado Por dar-lhe mais valor.
Melpôm.	As carregadas frotas à prudente Direção de seu mando Os Portos encherão, crescendo o Erário, Netuno gemerá; e os Tristões verdes Desde o centro das águas A ser calcadas de pesados lenhos As azuladas costas Estender qüererão . . . a tanta glória Me assombro, me confundo? Ó santo auspício Que respiras do Céu? Esta grande alma, Que estímulos de glória em tudo acende, Por quem tanto entre os Deuses se contende. Alma tão bela, e nobre Dos céus cuidado seja; . Jamais se atreva a inveja Seu lustre a profanar.

- Domine além do tempo,
Vença as traições, o engano,
E sobre o esforço humano
Se veja triunfar.
- Merc. Ah que debalde em seu obséquo canso
A débil fantasia?
Tento, medito de Epopéia um rasgo,
Que os seus feitos descreva. . .
- Apolo Eu que os influxos
Dei ao Sábio de Esmirna, eu que ao de Mântua
Tanto esforço inspirei, busco, pretendo
Hoje mandar à Sonorosa Lira
Suas dignas ações, seu nome excelso.
- Merc. Mas a cantar do meu Luís o nome. . .
- Apolo Mas a cantar de tanto Herói os feitos. . .
- Ambos Mercúrio e Febo são debalde eleitos.
- Talia Eu, os Gênios convoco;
Um baile ensaio, onde um tripúdio acorde
As Orgias imitando,
De driades de Oreadas e de outras
Mil engraçadas Ninfas; entre a chusma
De volantes Amores,
O júbilo publique;
Mas bem que o meu desejo em ânsias geme,
Desmaia a idéia, o pé vacila, e treme.
- Clio Um debuxo eu formava
De trágico coturno, ali trazia
De Pompeu o valor, de Júlio a glória,
De Ciro o ardor, de Régulo a constância,
De mil outros varões ora um ora outro
Feito escolhia; já contente expunha
Uma cena (ó delírio)! Em vão tentava;
Um só Herói, no meu Herói achava.
- Melpôm. Mas que faria Melpômene? Acaso
Fugiria covarde
Como as outras Irmãs; elas temendo
Não ser bastantes [sic] para tanta empresa
Ao monte se espalharam; já contentes
Trazem de flores o regaço cheio;
Esta grinalda, esta grinalda tecem
Que eu parto a oferecer; porém que faço?
Bem que uma e outra flor, ao prado peça
Não tem o prado flor, não que o mereça.

- Apolo
 A prodígio maior tudo caminha;
 E parece que a Terra
 Novamente levanta sobre o Pelion
 O formidável Ossa; já disputa
 Alto poder a Olímpica morada,
 Mas arrojo não é de humano peito,
 Que conceba escalar de Jove o trono;
 Maior é o portento,
 E tudo obséquio é tudo rendimento.
- Merc.
 Sim; rendimento é tudo; os Deuses todos
 Em voluntário feudo
 Cedem hoje a José seu Trono e dotes
- Talia
 Da mão de Marte a Espada
 Lhe cai aos pés...
- Calíope
 De Júpiter o Raio
 Em vão cintila
- Melpôm.
 De Mercúrio a Vara...
- Calíope
 De Netuno o Tridente...
- Merc.
 Ah tudo cede!
 Já torna a paz dourada
 Ao mundo aflito, torna Ninfa bela
 Que aos Elísios fugira; e quando torna
 O cheio vaso sobre nós entorna.
- Apolo
 Esta a idade em que o Lobo
 Pastava entre as Ovelhas; esta a idade,
 Em que a Terra sem provida fadiga
 Brotava a rama, e produzia a espiga,
- Merc.
 Esta a idade em que os rios
 Eram de mel, e eram de Leite os lagos,
 Em que desconhecia o peito humano
 Tudo o que era traição, perfídia, engano.
- Apolo
 Enfim tudo é delícia
 Na opulenta região das áureas Minas;
 E tudo, ó bom Meneses,
 Desses troncos incultos; dos Penhascos
 Mais hórridos, mais feios;
 Dos queimados Tapuias
 Fazes pulir a bárbara rudeza,
 Fazes domar a natural fereza.

Mas onde vai correndo
 A delirante idéia!
 Tudo, ó Musas, já cede; o vosso canto,
 A minha Lira (ó Lira em vão buscada!)
 Tudo em vós é já susto;
 Tudo em mim é desmaio;
 Eu lhe cedo o meu Trono, o Louro, o Raio.

Merc. Se lá no Olimpo
 Por tantas vezes
 Do Alto Meneses
 Se ouviu falar.

Apolo Se é certo, ó Deuses,
 Que eu algum' hora
 Pude a Sonora
 Lira pulsar

CORO

Soe da esfera o acorde acento,
 O firmamento se ouça cantar,

Calíop. e Clio Se o nosso canto
 Em suavidade
 As divindades
 Pode abalar.

Tal. e Melp. Se heróicos feitos
 Cantar soubemos
 Entre vós temos
 Deuses lugar.

CORO

Soe da esfera o acorde acento,
 O firmamento se ouça cantar,

Apol. e Merc. Atente ó Jove
 Esta ânsia nossa.

Todos Meneses possa
 Sempre os seus anos
 Verdes contar

CORO

Soe da esfera o acorde acento
 O Firmamento se ouça cantar.

OBRAS POÉTICAS

Que

Na Academia que se juntou na Sala do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom José Luís de Meneses Conde de Valadares, por ocasião de felicitar a posse que havia tomado do Governo da Capitania das Minas Gerais

Escreveu, e recitou

Cláudio Manuel da Costa Bacharel Formado pela Universidade de Coimbra no dia 4 de setembro de 1768

São as Musas, Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, são as Musas as últimas que chegam à presença de Vossa Excelência. Tarde chegam mas não sem desculpa. O natural encolhimento que as acompanha lhes deteve os passos até agora. Deverão contudo proceder elas a qualquer outro obséquio; e talvez para os direitos desta glória lhes não falta o conhecimento, de que sempre na aceitação dos Grandes tiveram as Musas lugar primeiro.

Sabem que os mesmos Grandes (ou os distinguisse o Cetro, ou o bastão) se não envergonharam de cultivar a Poesia; e lembrando a Cipião entre os Romanos, entre os Gregos a Arquilau Rei da Macedônia, desprezam na ocasião toda a pompa de notícias para repetirem com vaidade neste Congresso os sempre veneráveis nomes do Senhor João Gomes da Silva, Conde de Tarouca feliz aliado na Casa de Vossa Excelência e do Senhor Dom Carlos de Noronha seu gloriosíssimo Ascendente: Estes dois Atlantes da Monarquia Lusitana depois de encherem as Obrigações de fiéis Políticos, e Valerosos Soldados, tomaram por último desempenho de seus talentos deixar-nos um precioso monumento das suas fadigas literárias nas excelentes composições em metro; com que inda mostram, que nem o estragado gosto daqueles tempos se atreveu a corromper a delicada, escrupulosa eleição com que escreviam.

Mas para que produzo eu estes dois espíritos que sustentam a glória do [Pindo], e fazem as delícias das Musas; se em Vossa Excelência devo respeitar por todos o primeiro fautor das Letras, e o estimador primeiro da admirável Arte de Poesia? Digam-no os avultados progressos que fez Vossa Excelência na cultura das Escolas e fale a preciosa atenção com que presta Vossa Excelência os seus

Ouvidos àqueles mal proporcionados rasgos que se dirigem a louvar as suas virtudes, e se recitam, não sem freqüência na sua presença. Esta é uma prova de que não só nos seus Maiores, mas em Vossa Excelência vive reproduzido o amor das Musas.

E com razão Senhor Excelentíssimo; com razão se digna Vossa Excelência a proteger as Musas: São elas as que se encarregam de imortalizar as ações dos Grandes; elas são as que fazem gloriosas no Templo da Fama os seus Troféus. Pouco importa se derramasse nas Campanhas o Sangue pelo amor da Pátria; pouco que pelo estímulo de adquirir uma ilustre Conquista atravessasse um bom General as Serranias mais ásperas, os Rios mais Caudalosos; se no mesmo féretro a que se havia de entregar o corpo, ficasse sepultada a memória das gloriosas empresas!

Estas lembranças insensivelmente me vão transportando ao incon siderado empenho de Suplicar a Vossa Excelência queira desculpar ao nosso rendimento a desconcertada harmonia das nossas Musas: elas se vêm arrebatam entre os desejos de louvar um Herói a todas as luzes Grande; contemplam a Ilustríssima pessoa de Vossa Excelência tão enriquecida de preciosas qualidades, que para qualquer parte que voltem os Olhos encontram argumentos para o elogio: a fertilidade da matéria é que subministra atrevimentos ao discurso; se ela fora do seu fundo menos abundante calar-nos-íamos todos; porque nada nos é mais natural, que o conhecimento que temos da nossa inabilidade.

Vemos em Vossa Excelência um espírito cheio de afabilidade, assistido de uma penetração vivíssima; magnífico, liberal, piedoso: vemos as provas com que deu a conhecer o seu ilustre Coração; a sua índole, os seus dotes; na assistência que fez ao Real Hospital de Lisboa; na ética com que regulou os seus passos entre as políticas da Corte; na resolução com que se portou na testa dos inimigos, no amor que sempre teve à virtude; no esforço com [que] fugiu aos Vícios e aquela quase prodigiosa estrada por que caminha Vossa Excelência: não havendo dado a conhecer nem ainda nos tenros anos o menor descaminho.

Vemos... ah Senhor que ao querer amplificar esta tosca pintura das incomparáveis virtudes de Vossa Excelência, de repente ouço chegar aos meus ouvidos o Saudoso suspiro do nosso amante Portugal! Mas ó, e quanto com a alegria das Minas se contrapesam aqueles gemidos? Eu expusera em mais dilatado quadro os vivos sentimentos daquela Corte; os transportes maravilhosos da nossa Capitania; as obrigações do meu Ofício, me não dispensam tanto; esta empresa a reservou a eleição, ou o destino a dois Heróicos competidores que me cercam o lado: eles decidirão...

PROBLEMA

Primeira Parte

Qual mais justificada: se a alegria das Minas na posse que tem tomado de seu Governo o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom José Luís de Meneses Conde de Valadares.

Segunda Parte

Se a saudade de Portugal na ausência a que dele fez o mesmo Excelentíssimo Senhor.

Disse.

A ardentíssima Caridade do Nosso Excelentíssimo Herói o obrigava a ministrar muitas vezes por suas mãos os remédios aos enfermos, e a ter uma exata vigilância na assistência deles.

SONETO

Que estância é esta, que fatal ruína
É a que cerca; e a que esmorece a tantos?
Quem enche os rostos de mortais quebrantos
Nesta da morte pálida Oficina?
Aquela a pouco a pouco se destina
A ver da Eterna Sombra os tristes mantos;
Este ergue os olhos aos Altares Santos
E vota a Deus a vexação maligna.
Tudo gemidos são: (um diz: eu morro!)
Outro repete, (ai mísera morada,
Onde de balde à compaixão recorro!)
Mas ó ruína, ó Mágoa reparada,
Já traz a cura, já lhes dá socorro
A mão que foi para os Bastões criada.

[Cláudio Manuel da Costa]

Tomou posse do Governo não tendo ainda completado
vinte e cinco anos de idade

SONETO

Cinco lustros Senhor, não igualados
Contais na vossa idade, e o Rei prudente
O mando vos confia já contente
Dos Domínios que tem mais dilatados.

Desta sábia Eleição desempenhados
 Deixais ver os projetos, pois clemente,
 Reto, afável, benigno, inteligente,
 Tudo em vós são egrégios predicados.

Ó como nada nos assusta, quando
 Vos contemplo no Curso lisonjeiro
 Dos anos juvenis que ides contando!

Um mérito ostentando verdadeiro;
 Não só das Minas se vos deve o mando,
 Mas as rédeas também o Reino inteiro.

[Cláudio Manuel da Costa]

Lembrando a glória dos Ilustríssimos Ascendentes
 Glosa ao Mote

A glória dos Meneses mais se aumenta

SONETO

Busco os Fastos, Senhor, da Lusa História,
 E neles muitas vezes repetidos
 Vejo os vossos Avós esclarecidos,
 Honrando o Templo da imortal memória.

Um de África no estrago adquire a glória;
 De outro em Ásia os Troféus vejo estendidos;
 Cantam da Europa os esquadrões vencidos
 Em partes mil, os Louros da Vitória.

Se na África, na Europa, e na Ásia a Fama
 De vossos Troncos os brasões alenta;
 E América a seu lustre hoje vos chama;

Dessa Árvore, (a razão Conde o sustenta),
 No novo mundo dilatada a rama,
 A glória dos Meneses mais se aumenta.

[Cláudio Manuel da Costa]

Preciosos estímulos nas Letras e nas Armas

SONETO

De Quem são estas armas, este escudo,
 Esta malha, este arnês em sangue tinto!
 Quem guarda aqui despojo tão distinto,
 Que estímulos de glória acende em tudo!

Que espírito sutil, que engenho agudo
 Esta pena ocupou? Bem que sucinto
 É da Fama o clarim; soar sinto
 De um e outro o pregão no exemplo mudo.

As Armas (uma letra me responde),
 As Armas são do Pai, que as militares
 Tropas regeu; na Pena o Avô se esconde:

E a quem se inculca a imagem? Não repares;
 Tudo está decifrado; ao Grande Conde
 Que o Título hoje tem de Valadares.

[Cláudio Manuel da Costa]

Na imagem de uma Nau soçobrada se pinta o decadente
 estado das Minas, e se lhe auspícia felicíssimo
 reparo

ODE

Ao mal seguro Lenho,
 Que as crespas ondas de Netuno corta,
 A quem, ó Rei, mais do que a ti te importa,
 Que mísero despenho
 Lhe evites, nesse instante em que se teme,
 Que a quilha rompa, e despedace o Leme.

Entre o furor dos mares
 Quase sem rumo o vejo Soçobrado;
 O do horrído Penhasco em vão cerrado
 A disturbar os ares
 Solta o Soberbo domador dos ventos
 Do África e Noto os ímpetos violentos.

Acode a socorrê-lo,
 Dando-lhe, o Rei, um pródigo Piloto;
 E o leme em parte são, em parte roto
 Ao eficaz desvelo
 Da destra mão de quem seu peso fie
 Ao demandado porto o leve, e guie.

Eu te lembro esse braço
 Do sempre egrégio, esplêndido Noronha;
 Ele acuda a ruína; ele componha
 Os sustos, o ameaço;
 Que tanto pode, e tanto me assegura
 Igual ao zelo, a perspicaz Cordura:

Em uma, e outra prova
 Se deu a conhecer a inteligência
 Deste Espírito; eu mesmo o vi na Cova
 De Pelitrônio, a ciência
 Beber do Sábio Mestre, quando achara
 Emulo seu e que a Deidamia amara.

Tão cheia a fantasia
 Já de ilustres imagens respirava;
 Que nos bem tenros anos ver deixava,
 Que o Céu o distinguiu
 Para aquelas empresas, com que a Fama
 As não vulgares almas honra, e chama.

As aulas de Heliconia
 De repetir seu nome não descansam;
 Já carregado de gemer se cansam
 Nos Templos de Belona
 Os pórticos sublimes, de que pendem
 Claros Troféus, que a sua glória estendem.

Político, guerreiro
 Tão igualmente as máximas unira
 Do Conselho, e do Campo; que se admira
 Por ele o mundo inteiro,
 Ver que esquecida a juvenil vaidade
 Mais se encanece, que verdeja a idade.

Deste pois Braço nobre
 A nau confia, e reparada a espera;
 Do úmido Deus na procelosa esfera
 Não temas que soçobre,
 Que em lisonja as Nereidas conspiradas
 Por entre as Ondas lhe abrirão estradas.

Do múrice mais fino
 Tintas as cordas, do [ébano] mais belo
 Lavrado o mastro, ao cândido desvelo
 Do obsequioso destino
 Se cobrirão de flores as antenas,
 E as virações respirarão serenas.

Do corál arrancado
 Verde negros Tritões tecendo a amarra,
 Prender verás na deleitosa Barra
 O peso desejado;
 Do seio vomitando mais profundo
 As ricas cópias do dourado mundo.

O Topázio precioso,
 A safira, o crisólito, o Diamante,
 Entre a abundância do metal brilhante,
 Ao Trono majestoso;
 À púrpura, ao diadema, eu te asseguro
 Serão tosco ornamento, esmalte escuro.

Porás o duro freio
 À orgulhosa Europa; o adusto Mouro
 Na experiência, inda mais que no receio
 Sempre funesto agouro
 Nos mares achará; tudo vitórias;
 E tudo aclamações, e tudo glórias

Se a combater a fúria
 Dos ventos corres; se das ondas queres
 Parar o insulto; nada mais esperes;
 Aos destroços, à injúria
 Do Lenho acode: Tens do amparo certo
 Em José, em Luís o Nauta esperto!

[Cláudio Manuel da Costa]

A Casa Real do Hospital de Lisboa derrotada quase pelos terremotos e incêndios achou no Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares o seu maior benfeitor nas obrigações que exerceu de Mordomo-mor dos Presos.

SONETO

Essa Casa aos gemidos costumada,
 Habitação da dor, e do tormento,
 Acha em vós um tão novo fundamento,
 Que quase pula do que há sido nada.
 Primeiro dos incêndios abrasada,
 Vira em cinza o elevado pavimento;
 E mal cobrava humilde um breve aumento
 Quando dos terremotos foi prostrada.
 A tudo põe reparos a piedade
 De Vosso Coração: ó como o explica
 A agradecida voz dessa Cidade!
 Na mesma ilustre ação se verifica,
 Que a mão que ergueu a Casa à caridade,
 Ao vosso nome Templos edifica.

[Cláudio Manuel da Costa]

Restitui-se à Terra a Justiça e se torna fecundo de
Metais o país das Minas

SONETO

Se desde o Seio, onde os seus bens recata
Hoje a Terra nos dá tanto Tesouro,
Direi que torna a nós a idade de Ouro,
Que já fugiu da habitação ingrata.

Quanta cria o Gânge [sic] cópia de prata,
O metal rico do planeta louro,
As finas pedras, tudo é fausto agouro,
Que hoje a felicidade nos retrata.

Nasce tanta abundância (não me engano),
Da Ventura que às Minas lhe tem vindo
Do novo Herói no mando Soberano

A penúria, a pobreza vai fugindo;
Que é força cesse o mal, a injúria, o dano,
Quando Astréia se está para nós rindo.

[Cláudio Manuel da Costa]

Saudade de Portugal e alegria de Minas. Com alusão
ao precioso objeto que se venerou no 25 de agosto
de 1768

Égloga

Orisênio

Glauceste

Lucinda

Glau.

Sei, Orisênio meu, que entre os Pastores,
Que viviam nas margens do Mondego
Eras tu o mais destro dos Cantores.

Oris.

Glauceste eu já cantei, eu não t'ó nego;
Mas onde o gosto vai, onde a alegria,
Onde da minha frauta o doce emprego?

É verdade, Pastor, que noite e dia
Passava, alegre na montanha, e dava
Gosto a qualquer no baile, e na folia;

Salício, o bom cantor, que se prezava
De melhor que algum outro, quem o ignora
Me ouvia, e na contenda não entrava.

Talvez a minha voz branda, e sonora
 Pode fazer que fosse verdadeiro
 O que julgamos fábula algum'hora:

Disse Alfeu que descia desde o Oiteiro
 A ouvir-me o Gado, e que inda entre as
 [pedrinhas
 Parava à minha música o Ribeiro.

Mas onde, ó Fado, mau, guardado tinhas
 Este duro castigo, com que cortas
 Os altos vôos das Vaidades minhas?

As doces esperanças vejo mortas
 De tornar do Mondego à margem bela,
 E de bater da minha Arcádia às portas?

Glau.

Justa razão de suspirar por ela
 Tens, amado Orisênio; eu também vejo
 Quanto ingrata comigo é minha Estrela.

Aqui não é como no fresco Tejo,
 Ou como no Mondego, onde já vimos
 Um e outro Pastor cantar sem pejo.

Ao jeito desta Serra nos cobrimos
 De um bem tosco gabão, qual n'outra idade
 Não trouxe algum; da música fugimos;

Vivemos só da vil necessidade;
 Da luta, jogo ou dança algum Vaqueiro
 Bem livre está de vir que aqui se agrade.

Oris.

Tristes de nós neste País grosseiro!
 Mas ou é isto sonho, ou vai mudando
 De repente o seu jeito aquele oiteiro?

Glau.

Eu estava também já reparando
 Em um clarão que vinha do Oriente
 Por entre aqueles troncos rebentando.

Tudo parece novo já no Monte,
 De nova gala as árvores vestidas;
 Risonha a flor, risonha a clara Fonte!

Que alegres, que formosas, que luzidas
 Vêm descendo umas Ninfas; elas chegam

De mil amantes Sátiros seguidas!
 Mudado o duro peito, em vão se negam
 A Silvano, a Laurênio, e ao bom Meliso;
 E aos seus gostosos laços já se entregam.

- Oris. Se será isto engano; eu lá diviso
 Ua Ninfa (isto é sonho;) ua Pastora
 Que amava um tempo o seu feliz Daliso?
 Lucinda eu vejo vir qual branca aurora;
 Junto ao Tejo vivia a Ninfa bela,
 Inveja sendo de Angerona, e Flora.
 Tecida traz nas mãos ua Capela
 Da Rosa, e lírio, e da açucena pura;
 Ditosa se o Pastor morre por ela!
- Glau. Já de um canto suavíssimo a doçura
 Se deixa perceber: a Ninfa canta
 E os ecos vêm rompendo esta espessura.
- Oris. Quem viu tanto prodígio, glória tanta?

CORO

**Do monte ao prado
 Desce Lucinda,
 E a sua vinda
 Tudo festeja,
 Ditosa seja; pois soube amar!
 Em seu cuidado
 Vive Daliso,
 E faz preciso
 O seu tormento**

Um pensamento, que morta a traz.

- Luc. Engraçadas Ribeiras
 Do cristalino Tejo,
 Se as horas lisonjeiras,
 Que eu passei junto a vós, a meu desejo
 Avivam tanto a imagem do perdido,
 Ouvi, dai atenção a meu gemido.
 Qual outra enfim me vedes
 Da que um tempo me vistes;
 Amor tecendo as Redes
 Prendeu-me o Coração; jamais tão tristes
 Eu pude contemplar aqueles laços,
 Que as cadeias formaram dos meus Braços!

O meu Pastor amado,
Daliso, o meu querido,
Aquele que o seu gado
Trazia tão formoso; dividido
De mim o tem a sorte, ó sorte dura,
Que nunca glória alguma está segura?

A contemplar me ponho
Junto a vós (ó loucura: ó fantasia?)
Se engano foi, ou Sonho
Aquele doce bem, doce alegria,
Que respirava esta alma quando estava
Presente aos Olhos o Pastor que amava?

Vós penhas insensíveis,
Vós Árvores, vós plantas,
Quantas vezes incríveis
Meus prazeres, dizei, ó vezes quantas
Chegastes a escutar? A minha glória
Dizei, se é que inda tendes na memória.

Convosco, ó criaturas,
Mil vezes o meu bem comunicava;
Tu rio, inda o murmurava;
Seu nome nesta penha se gravava;
Ali conserva ainda no horror bronco
O nome de meu bem aquele tronco!

Levou o Fado ingrato!
Levou a estranho monte
Aquele que o retrato
Deixou dentro em meu peito; ao vale, à fonte
Já debalde me queixo, em vão suspiro;
Já nada me consola em meu retiro!

A maioral passando,
Já de outra gente, eu creio
De mim se está lembrando,
Bem como ele também vive em meu seio;
Ó sempre a meu pesar, ditosa gente,
Que o meu Pastor amado tens presente!

Por ele em doce agouro
Verão como se cobre
Igual do trigo louro
O campo ou já do rico ou já do pobre:
Verão como sem susto entre a parelha-
Pastam contente a relva o touro, a ovelha.

Os seus longos montados
 Tão cheios de verdura
 Verão como regados
 Não das chuvas do Céu, não d'água pura;
 Mas como se banhado o campo fosse
 Ou já do branco leite ou do mel doce.

Alegres sempre os dias
 Não terão sombra alguma;
 Fugir as névoas frias
 Verão, e desfazer-se de ua em ua
 As nuvens de chuviros carregadas,
 Que as sementeiras deixam derrotadas.

Contente em sua herdade,
 Contente o povo todo
 No monte, e na cidade
 Não saberá quebrar de qualquer modo
 A fé, quem em vão suspeita o alheio dano
 Na aleivosia, na traição, no engano.

Tudo delícias vejo
 No Ribeirão ditoso;
 Só triste do meu Tejo,
 Ele comigo chorará saudoso,
 Com ele competindo as minhas mágoas
 Nova enchente darei às suas águas.

Cantores

Se os olhos ponho	Passa qual sonho
Na clara fonte	Toda a ventura:
Tenho defronte	Que pouco dura
A imagem triste	Tudo o que é bem!
Do meu prazer.	

Oris. Que é isto, meu Glauceste, onde viemos
 Dar conosco? É do Tejo esta ribeira;
 É este o triste monte onde vivemos!

Glau. Foi, Orisênio meu, sombra grosseira
 Aquela que nos teve tão pasmados,
 Que aos nossos olhos fuge tão ligeira.
 Onde estarão, Pastor, os fiéis montados
 Cheios de leite, e mel, onde sem susto
 Pastam na verde relva os mansos gados?

- Oris. Vamos a ver, amigo, a todo o custo
O Maioral Daliso, esse que agora
Ouves louvar de tão benigno, e justo.
- Glau. Ah quem tão rico de rebanhos fora,
Que de mil recentais lhe apresentara
A mais gostosa dádiva nest'hora?
- Oris. Quem com tal Arte a frauta concertara:
Que dignamente competir pudesse
De Títiro a harmonia bela, e rara?
- Glau. Mas bem que humilde a oferta me parece
Ele é de tal grandeza, que o seu rosto
No pequeno o valor não desconhece.
- Oris. Bem que é tão rude o canto, ele com gosto
Espero que me atenda; pois bem sabe
Que de um Pastor no verso mal composto
Um tão sublime preço enfim não cabe.
- Glau. Não cabe, Herói, não cabe a glória vossa
No humilde canto do Pastor Glauceste;
A cítara de Orfeu, não frauta agreste
Deixai que o nome vosso louvar possa.
Simples Pastor em mal coberta choça
Não se atreve ao que é grande, ao que é celeste
Assaz no rude voto conheceste
O quando cabe na pobreza nossa.
Qual de Mântua o cantor tinha tentado
Erguer o vosso nome, e além da raia
Levar-vos de qualquer em verso honrado;
Mas ó quanto debalde a voz se ensaia,
Se para ser com Títiro igualado
Até me falta a sombra de uma faia?

[Cláudio Manuel da Costa]

Invoca as Musas do País para cantar o nome dos
Ilustríssimos Chefes dos Noronhas e Meneses

SONETO

Ninfas do pátrio Rio, eu tenho pejo
Que ingrato me acuseis vós outras; quando
Virdes, que em meu auxílio ando invocando
As Ninfas do Mondego, ou as do Tejo;

Convosco um eco ao mundo dar desejo
 Maior que o bom Camões; ele cantando
 O valor com que os mares vai cortando,
 Ao Gama lhe ganhou nome sobejo.

Mas vós quereis saber, qual outra estuda
 Alta empresa o meu Canto? Ó quantas vezes
 Ela é digna de Vós, da Vossa ajuda!

Dai-me vosso favor; que entre os arneses
 De Marte, eu louvarei com pena aguda
 A glória dos Noronhas; e Meneses.

[Cláudio Manuel da Costa]

As Artes e as Ciências se prometem feliz adiantamento
 nestas Minas pela aplicação com que as tem hon-
 rado o Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares
 e no muito que se fizeram familiares a sua Ilustrís-
 sima Casa as Musas do Parnaso

SONETO

Desgrenhado o cabelo eu vi que estava
 Co (sic) rosto sobre a mão, chorando um dia,
 A Ninfa que o Parnaso presidia
 E que entre as nove Irmãs tanto se amava.

O claro Deus que o pranto lhe enxugava
 Vendo a justa razão que a consumia,
 Estas doces palavras lhe dizia
 Com que de tanta mágoa a consolava:

— Filha, espera de mim, que aquele louro,
 Que de tua cabeça foi roubado
 Te restitua o Século vindouro;

Para esta grande empresa está guardado
 Um ramo que hoje passa às Minas do Ouro
 Do tronco dos Noronhas arrancado.

[Cláudio Manuel da Costa]

Lembrança dos Heróis da antigüidade que se distinguiram nos breves anos de sua vida: paralelo com Ilustríssimo Senhor Conde de Valadares, e etc.

SONETO

Nos curtos anos de uma verde idade
D'Ásia e d'Europa vencedor se aclama
O Herói da Macedônia, a cuja fama
Treme do mundo a vasta imensidade ⁽¹⁾

Pompeio (sic), dos trinta apenas na igualdade
Sua — a conquista de Cartago chama;
César, que em nobre estímulo se inflama
Obra inda moço ações de heroicidade.

De injúria à glória é certo lhe seria
Da idade depender; que aos grandes feitos
A virtude somente as almas guia;

Mas onde eu busco estes da glória efeitos
Se em José mais que em outro o mundo cria
Um vivo exemplo para muitos peitos.

[Cláudio Manuel da Costa]

PARA TERMINAR A ACADEMIA

Calaram-se as Musas; cessou de todo o harmonioso estrondo das vozes; já é silêncio o que foi melodia, é pasmo, é suspensão tudo o que se dispunha para o Canto. Prosseguíramos sem temor de serem acusados os nossos erros; porque no precioso objeto a quem se consagram estes hinos temos o indulto para a desculpa; mas como deveremos abusar por tanto tempo do generoso sofrimento com que ele nos atende!

Uns gênios educados em um tão bárbaro país, em um país acostumado mais a ouvir os rugidos das feras que a harmonia das Musas, como poderiam produzir cadências que fossem dignas de chegar a uns ouvidos, que se criaram entre a delicadeza, ao concerto? Era temeridade esperá-lo: mas ó que este mesmo desalinho, este mesmo desmancho é em que mais nos afiançamos para devermos conceber a idéia de ver algum dia em melhor sorte trocada a rudeza que nos é tão natural.

(1) *Silecit in conspectu gus V. Mac. S.3.*

Sim Acadêmicos meus; sim adorados, e inestimáveis Sócios. Eu devo desde hoje [auspiciar] às nossas Musas e com felicíssimo asilo: acabou o feio e desganhado inverno que fazia o horror destes campos, eles se cobrem já de novas e risonhas flores; as águas que até [aqui] não convidavam a tocá-las, hoje se nos oferecem muito cristalinas e puras; as névoas se desterram, alegra-se o Céu; povoam-se de engraçadas aves os ares; e apenas há ramo nesses troncos, onde se não escute cantar algum emplumado vivente. Parece que vai fugindo de todo a rudeza destes montes; e que a benefício de uma alta proteção entram as Musas a tomar posse destes Campos.

Com igual fortuna se lamentavam elas, quando compadecido de as ver vagar desconhecidas o Espírito generoso da Rainha de Suécia as recolheu, e lhes deu abrigo no seu magnífico Palácio. Esta foi a que plantou aquele Louro debaixo de cuja sombra se juntassem em Roma os amadores das Musas: Com faustíssimo agouro da sua futura grandeza principiou então a dar passos a renovada Arcádia.

Recebeu ela um peregrino esplendor na proteção com que se dignou a honrá-la nosso Augustíssimo Rei o Senhor Dom João o Quinto da Saudosa memória. A sua Régia mão foi a que regou, e fez fecundo aquele Louro; e ouve a Arcádia Romana não sem veneração e agradecimento o nome preciosíssimo de Pastor Arete.

Ah se o nome de Daliso, que veio hoje indultado do misterioso dia, que consagramos à Pastora Lucinda; se este nome se colocara na frente desta Sociedade amabilíssima com o Soberano Título de Protetor da Nascente Colônia Ultramarina; Quanto igualaremos na felicidade àqueles Pastores da Romana Arcádia? Talvez ela se não envergonhará então de haver repartido para tão remotos climas o esplendor luminoso da sua República.

Seríamos Excelentíssimo Senhor; seríamos muitas vezes felizes se Vossa Excelência honrasse com a sua proteção uma Sociedade de que se deseja polir, para melhor louvar o Soberano nome de Vossa Excelência. Devemos mais a Vossa Excelência do que à natureza temos devido: ela nos produziu, nos criou e nos conserva entre ásperos e intratáveis rochedos; no meio da barbaridade, no seio da rudeza, no desalinho e da incultura.

Se agora por Vossa Excelência se vêem amparadas as Musas, converter-se-ão com maravilhosa metamorfose a barbaridade em polícia, a incultura em asseio, e o desalinho em gala.

Tudo devo esperar daquela nobilíssima, afável, e nunca assaz louvada índole que em Vossa Excelência reconhecemos: Ela nos dá lugar para desde já [auspiciarmos] a época da nossa nascente Arcádia, no dia felicíssimo do seu natalício. Juntar-se-ão desde a maior distância os Pastores alistados; e entrarão com as suas cam-

pinhas, e nomes aqueles que agora se consideram peregrinos. Ó dia pura os nossos júbilos? Ó época para as nossas felicidades?

Parece que já reclinados sobre a relva se deixam ver os nossos Músicos Pastores! As faias mais copadas, os álamos, os pinhos frondosos tecem vegetantes docéis com que da calma se defendam, vagam sem temor pelos campos os [esparcidos] rebanhos; as feras os não perseguem; divertidos entretanto toma **Oriscênio** a fruta para cantar o seu Daliso; **Gluceste** uma inscrição lhe prepara ao nome: mimosas, e sinceras Ninfas tecem coroas de flores para a formosa **Lucinda**: Tudo respira delícia, tudo prazer.

E se para o Caminhante a contemplar o descanso daqueles gênios, uma Letra lhe responde:

Deus nobis haec otia fecit.

Disse.

[Cláudio Manuel da Costa]

LICENÇA

Conde e Senhor se do Helicon a Fonte
Vós me vistes chegar; se em minha ajuda
As Ninfas convoquei do Sacro Monte;
Não é que a idéia estuda
Cantar vossos Louvores; pois bem sabe,
Que um tão alto, tão célebre argumento
Nem do músico Deus na lira cabe,
Nem cabe das Piérides no acento.

À maneira daquele que procura
O rosto ver do Sol; e não podendo
Nele os olhos fitar; de uma água pura
Se serve, e recebendo
Os raios dentro dela, ali o admira:
Assim se empenha, Ó Grande, o meu cuidado;
E qual se lá entre os cristais vos vira
Na Libotra vos busco retratado.

Ali naqueles Gênios vos contemplo
A alma vestida de virtudes tantas,
Quantas estima o mundo para o Templo
Honrar da Fama; e quantas
Digna não foi de ver a idade antiga:
Sabemos que Cipião, Júlio, e Pompeio
Ações obraram de imortal fadiga;
Mas qual ao fim dos seus triunfos veio?

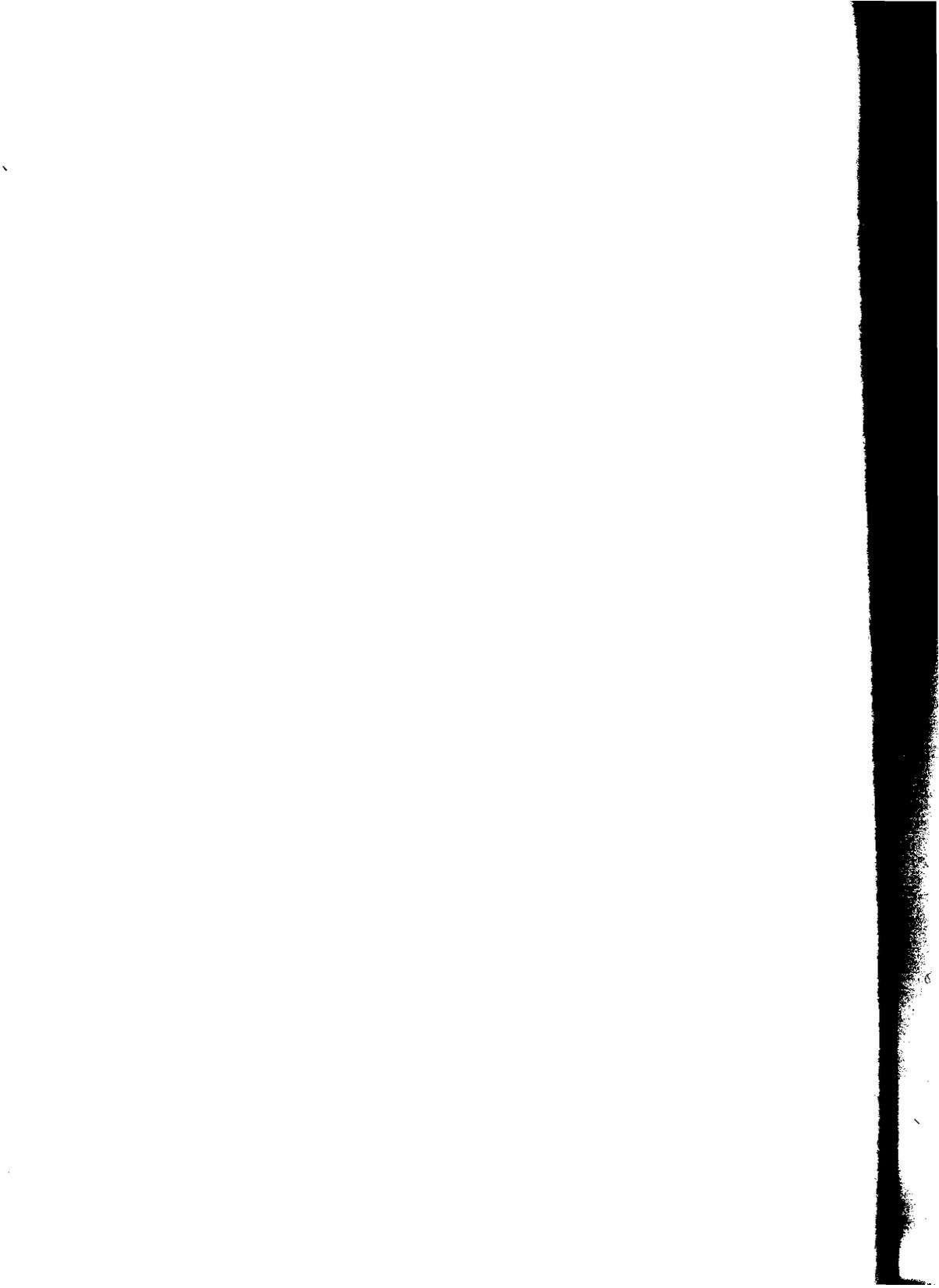
De vícios tanto a vida se manchava
Desses Heróis que aclama Roma, e Grécia,
Que o Louro que cada um se preparava
Talvez a mesma néscia
Vaidade lho murchou: vós sois tão raro,
Tão sólido, tão firme na virtude,
Que inda nos tenros anos sempre claro
Não há desar que o espírito vos mude.

Se pois nas Mitológicas deidades
Se figura a virtude, e os bons costumes;
As vossas imortais heroicidades
Deixai que eu leve aos Cumes
Do Parnaso, onde as Musas repetindo
O nome sempre grande, e vitorioso
Se estejam gloriando, e alegres rindo
De ver que um Filho em vós tem tão precioso.

Prepare-se entretanto a celebrar-vos
Mais digna vós; que a minha tosca idéia
Quando se empenha mais para cantar-vos;
Mais se assusta e receia;
Que em vez do obséquio, ua ousadia exponha;
O vosso nome igual em toda a parte
Em frente a todos os Heróis se ponha;
E vos louve quem logre Engenho e Arte!

[Cláudio Manuel da Costa]

3. **[ACADEMIA EM HOMENAGEM A
BERNARDO JOSÉ DE LORENA] SÃO
PAULO [POR VARIOS AUTORES]
1791.**



ILUSTRISSIMO, ET EXCELENTISSIMO
DOMINO

Bernardo Josepho de Lorena,
Viro in primis Regni Portugalliae Illustrissimo,
Sacrorum Canonum Doctore Sapientissimo,
Scientiarum, Liberalumque Artium Cultori gnaro,
ac ingenuosissimo,

Protectori Militiae indefeso,

Gubernatori, Ducique huius S. Pauli Capitania
Generali Vigilantissimo,

Reuerenti manu offert sequentem Orationem
ex suis subditis humilimus:

Andreas Siluius Gomes



Cum ob affabilem benevolentiam, Luminatissime, Illustrissime, nec non Excellentissime Domine, erga Paulopolitanam Gentem, cui non ut subditae, sed tanquam genitae oculos intendis, omnium corda, candidumque tibi amorem concilies; quis ex nobis in tuis encomiis proclamandis non assiduo versari tenebitur? Nefas inexcusabile, si ita se res non haberet, commiseramus. Ego etiam, licet exiguo constitutus loco, vocem extollere aliquoties exoptavi; ast cum Te superiori omni mea laude acciperem, neque verba amplissima, quibus Te merito exornarem, excogitare possem, voto meo supersedi. Nunc autem hodierna felici die, dies, qua temporum volubilis circulus Beatissimae Annae, Mariae Virginis Matris, Christique peramabilis Aviae, sub fidelium cordibus memoriam reponit, inter Sacerdotium, et Imperium, inter ministros Caeli, et ministros terrae, inter generosam militiam Christi, ac serenam Augustissimae Regnatricis nostrae militiam, unum amorem, unum spiritum, unamque fidem videns: haud difficile collegi, Te, Domine Illustrissime, et Excellentissime, ad hoc mirabile opus tuis refulgentibus virtutibus, clarissimis que a Deo acceptis donis magna ex parte, instante hac Solem nitate, pergere. Qua propter officioso alligatus spiritu ante Te liberis, et invitus sisto: Tiberis quod de Te honorifice loquor; invitus, quod voluntati meae, et promerito praeclaro Tuo exprimendo Ciceronis, et Quintiliani ubertatem, eloquentiamque mihi deesse patet. Si eo praeditum munere me cognoscerem, tunc oratio mea ulterius progrediretur. Attamen fideliter crederis, Deum Optimum Maximum, cujus nutu per vocem Serenissimae, ac Fidelissimae Reginae nostrae Reipublicae Paulopolinae praees, non tam verborum apparatus, quam cordium sinceritati placidae fronte annuere: Timor mentem meam nulla tenus premet; quia sicut Tua super me potestas a Deo venit, ita etiam benignitatem, erga meam simplicem Laudationem ab eo hauries.

Vix discesserat, Illustrissime, et Excellentissime Domine, vix discerrat Illustrissimus, ac Excellentissimus Dominus Franciscus da Cunha Menenses, vel potius dicam, protinus ac Orientales nostrae felicitatis invidentes Illum Vinum nobilissimum a nostris arripuerunt cordibus, Regi superno, ut unum Heroem clarum virtutum nomine sdigeret, qui nos in eadem, ac Ille, dignitate regeret, supplicibus affari praecibus unquam cessareimis. Quid inde? Ille Pater beneficus alto ex Olympi vertice nostras de praeteritis beneficiis grates, simul et juxtas in posterum aspirationes sentiens, nobis altra quod opta-

bamus dedit. Enim vero eiusdem Numinis Providentia Magnifica non solos Lusitanos aura Europaea fruentes eximios, simulque raro obvios, quibus emines, Tui Artimi dotes tenere, de mirarique nolens; nobis ex eadem natione progenitis, et hanc Americae Regionem disitam in colentibus eandem felicitatem juxta aliquod tempus etiam impertiri placuit. Tunc, veluti Phoebi Lurcidus orbis antequam aequoreis procedat ad undis, et icintilantes radios in horizonte detegat, primitus albam Lucem dimittit in terras: sic, Te in populi Paulopolitani Principatum electo, protinus lux Tuarum clara virtutum plagam Paulopolitanam quantocius attigit. Non dum apparueras, iam nobis perspectus eras, et Tuae amplitudinis nomem, tanquam Caelo delapsus medullitus colebamus. Nobismet ipsis etiam de Te Viro Nobilissimo, Sapientissimo, Beneficentissimoque in ductum nostrum assequendo congratulabamur. Quid uero de Tua cum primis suprema, nec non antiquissima nobilitate proferam, quod omnium sub oculis limpissime non extet? Nonne omnibus, te a Sacratissimis exuperantium, et antiquissimorum Europae, maxime Portugaliae, ac Fraucia Regum Soliis originem trahere, pariterque cum Augustissimo Germaniae Imperatore, Romanorum Rege, finitimam consanguinitatem habere, nitidius quam iurare meridiano patet? Nonne cunctis per uia facta illuminatissima, quibus tuorum lucidissima series ascendentium, videlicet Purpuratorum, Ducum, Archiepiscoporum, Marchionum, Episcoporum, Comitum, et innumerabilium praestantissimorum Virorum, Se, Ecclesiam, statusque Regnorum per saepe illustravit? Ubicumque, istos omnes in generationibus gentis suae gloriam adeptos esse, ueridico uindicatur ore.

Quam magnum honorem discursui meo compararem, si natura meum faecundo sinu ingenium oblectaret, ut unicuique ex factis Herorum istorum venerabilium debitas meas laudes adaptarem! Sed quod mihi arduum, Tibi ad manum est; nam ubertas solu modo, et scientia Tua, Domine Excelentissime, qui de Illis natus es, narrandi laudes eorum facundissima nobis documenta dabunt. Hoc enim, cum Reipublicae Scientiarum summum decus, gloriosissimum ornamentum extes, dubio non obumbrari videmus. Ingens uero splendor non paucis ingenuosissimis uiris propter scientias contigit, ast in Te, (parce Domine Excellentissime, nam sic aestuastes amor dictat) ast in Te, cum omnium uirtutes, omnium literae, omnium laudes sancto, et amico faedere copulentur, quomodo non in perpetuas, quasi immortales stellarum ignes, aeternitates fulgebunt? Hinc est quod Potentissima, et Prudentissima Regina nostra tantum sibi Vindicem, Cultoremque Regni sui Optimum animitus praevidens, non solum in illo Lusitaniae Regni amphitheatro clarescere, sed etiam, communi bono consulens, in his disiunctissimis regionibus Te oculis nostris perspectum, Te Magistrum, Te Moderatorem, ac per consequeris nos felicissimos efficere curauerit. Diutamen nobis quod optabamus

distulit; sed sicuti de Te expectato desiderium indies nos tam acertus luncinavit, ita de Te nunc praesente grandium perfusius recreavit.

Felixter, quaterque Paulolitane Popule! Iam tenes, iam vides Illustrissimum, et Excellentissimum Dominum Bernardum Josephum de Lorena: Nomen, quod idem sonat, ac beneficium insigne tibe a Supremo Numine collatum. Quid tibi modo desiderandum superist? Hoc solum tui regiminis aedificio, cujus materia intellectum superat, culmen sublime deerat. Paululum acquiesce mi. Tanquam Moisen, et Aaron, duo Illuminatissimos, Praestantissimosque Sacrarum legum Doctores, per quos abs te procul error auferatur, in sinu tuo contines. Te a sapientissimis Sacrorum Canonum defensoribus, qui uenerabilem huius Ecclesiae Senatum designant, per illustratum uideo. Conspicua utraque militia, nempe Divina, et Regia, moribus religiosa, strenua iussis, instructa ordine, formilabilis hostibus, te circumdat. Juris Justitiae integri, prudentes, simul et mites Praesides in medio tui astant. Nunc ergo agnosca dignitatem tuam, gratulationibus laetare, laetitia exulta, exultationibus gaude, gaudiis requiesce, et pro tantis muneribus rede instanter Altissimo uniuersa uota tua.

Mihi uero, Domine Illustrissime et Excellentissime, in tuis egregiis virtutibus dinumerandis, prae ingenii mei termitate, ultra progredi non licet Utique, si hoc conciperem, manibus Caelum attingere inani studio in sudarem; sed Tuae Magnitudinis splendoribus animam meam reficere sat erit. Idcirco finem dicendi facio. Si ergo meum silentium crimen est, Te propter in hoc nefas aperte decidam, cum supra quam dicere possim maximo peremereas. Tuum dedignatus non es accedere, de hunc sub umbra placidissimae benevolentiae Tuae, ad quam nemo frustra confugit, protegere pergas, quia sicut Principum est eminere ita quoque, tanquam Deo similium, subditis est et bene facere.



ILUSTRISSIMO, ET EXCELENTISSIMO
DOMINO

Bernardo Josepho de Lorena

Huius Diui Pauli Capitaniae

Illuminatissimo Gubernatori Ducique Generali

Praesentem offeri Orationem

Miramus ex Subditis

Andreas Siluius Gomes



Faustissimam huius diei Memoriam, Illustrissime, et Excellentissime Domine, non nisi per Tua Encomia mihi in Mentem uenit celebrare. Cum in argumentum Laudis Tua Illumissima Facta animo meo propono, neno unquam inficias ibit Augustissimam Reginam a me Tuis Laudibus potissimum praedicari.

A Regali enim Beneficentia profluit, ut ueluti fulgentissimum sidus Tu Paulopolitanum Caelum, sicus videmus, illustres. Ergo quando uocem extollimus, ut Summan, quam hic pro Augustissima Regina Nostra tam recte, tam Sapienter, tam que, feliciter geris rerum administrationem, praeconiis celebremus; quid es aliud, quam uelut ad Regium Solium mostras pro Tuis Virtutibus gratitudinis uoces adferre? Quid est, nisi ut Te Ingenio Benignissimo, ac Beneficentissimo ornatum praedicantes, Excelsa Manus, qua uno Principe, ac Duce nos tantis beneficiis coronauit, Amplitudinem Magnificemus?

Hoc uero Tuaea Laudationis amplissimum argumentum inaccessibile tenuitati Meae foret, si ad illa, quae non indigent arte, ut commendatiora fiant, non attineret.

Quis ergo in deliciis non Te habeat, Vir Excellentissime, qui piis inclinationibus refertus, Moribus suauissimis imbutus, imo nec uultus seueritatem indueris, Te Ipsum in Potentia formidabilem unquam apparere fecisti? Quem, si compares, non Tuo [...] statim uultu recreas? Quem non demareres, si dignaris alloquio? Facilem in uisu, blandum in uertis, humanum in correctione, discretum in dispositione, ad beneficentiam pronum, Te assiduo praebere uidemus est. Quis unquam e Tuo Conspectu ob gratiam raro, Teo iure merito denegatam, in Maerore recesserit? Ut uere dicam, a Nemine Te excepto, Mulcandae repusae inuentum arcanum esse scimus.

Quo nunc modo? Quo illustri uerborum splendore? Quibusue eloquentiae coleribus sumum perfectionis apicem, in quem Strenuam Civitatis [...] militiam euexisti, loculenter enucleare queam? Satis erit dictu, Milites sub Tua Politissima nec sit. Acuratissima Disciplina instructos se, suaque facta signabunt; ac per consequens Tuum Amplissimum, Splendissimumque Nomen nunquam delebit obliuio.

In super non minus arduae difficultatis est per ordinem ennumerare graduum dignas Promotionis sub quarum aspectu Bellica Gens Magnos animos in pectore uersans, ad promerenda praemia facibus cor honorabilibus inflammat; cum probe terreat, Te, Domine Excellentissime, et Meritu aquabiliter ponderarē, et merentibus dona per mensuram debitam impertire.

Quo etiam eruditi homines apud Te loco honoris habeantur, noui est opus narrare. Quo modo enim minoris facies in aliis, quod Tu Ipse tam mirabiliter coluisti? Nonne a Tuo Praestantissimo Ingenio Liberalibus Artibus, as Scientiis Mira ditione culto, ueluta fontibus flumina, Mirabilia [...] defluunt, quo ad hujus Reipublicae aconoriam tam faciliter accedunt?

O quae simultates tollis, discordias sedas, iurgia compescis, iras comprimis, diuitias auges, scientias foues, Tu laeta, ac iucunda Pax! Nunc magno ore somanda! Tu in medio Nostri cum Magnifico Lorena sedes! Tuos amaenissimos fructus tutissima securita legimus! Quid amplius! . . .

Appareant, si sint, Reipublicae pertuxlatores otio publico turbinam, ac tempestatem uixis, contentionibus, iurgis, a iidem interfectionibus alibi concitantes: appareant. . . quos si Noster Heros ascipiet, dispergere, dissipare, eradicare, et at nihilum redigere studebit. Ubi loci, sub Nostri Excellentissimi Generalis ditione, obuiam fiet aliquod discrimen, cui, ob nostram tranquillitatem, longe ante Sapientissimis Dispositionibus non prospexerit? Uno uerbo: sub tam Illuminatissimis Gubernatoris, melius dicam, Patris Providentissimi auspiciis, nihil mali nobis unquam cunire potent. Praeterea:

Quis non miretur, ante actis temporibus collatis, de moribus politioribus, quibus nunc populum istum condiri, et ad Munia Civilia Mirabilem in modum parari. . . . Sed . . . quo idea mea pergere intendit? Fortasse Solis Radios facie ad faciam inquirere uelim? Absit ista cogitatio. Mea Orationis ad angusta spatia illud, quod non exiguum uolumem uia capiat, redigere nequeo: ac simul a mea ratione obtinetur, ut, et si ingenio meo illa inesset diuina Ciceronis eloquentia, qua sui Pompei nomen per uirtutum gradus commendatum fecerit; aettamen Meo Heroi nunquam condignas Laudes adaptarem; quoniam semper Major conspicitur, quam praedicari potest.

Quam ob rem:

Illustrissime, et Excellentissime Domine, finem dicendi faciam. Illud autem a Te himiliter precor ut simplicem hanc, rudemque Laudationem, tanquam grati animi mei uocem audias, quam maxima Tua erga me beneficia excusserunt, et in aeternum executient; nam quaecumque dixi, nec ad grates Tibi debitas referendas, nec ad meam Te Laudibus extollendi uoluntatem satisfiendam sufficiunt.

Reliquum est, quod a Te indesmenter precor, ut me, quem semel sub Tua Beneficientia ricepisti, nunquam de Tua Gratia, Patrocinioque recedere sinas.

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo
Senhor

Bernardo José de Lorena,
Governador, e Capitão General
Desta Capitania, e Cidade de São Paulo

Na Academia

Que lhe dedica este Senado da Câmara
no dia, em que se mudam os presos para
a nova Cadeia a 17 de dezembro de 1791.

Oferece

O mais reverente e obsequioso súdito
Salvador Nardi de Vasconcelos Noronha.

Helicônia deidade

Que regeis da Aganipe o coro santo,
E grata suavidade
Nos votos inspirais, regei meu canto,
Ponde tal consonância em minha lira,
Que ser de Orfeu a cítara se infira.

Eu sei que não mereço,

Por mim só, conseguir favor tão alto;
Mas o sublime preço
Do ilustre digno herói com que me exalto,
Quando empreendo louvar seu nobre Peito,
Supre minha indigência meu defeito.

Conseguir árdua empresa

É permissão do Acaso, ou da Fortuna,
Pretender é grandeza:
Esta só glória me será oportuna,
Se me não igualais ao que-imagino,
Quando o subir tão alto me destino.

- Porém, se os engenhosos
 Hinos que dirigis prêmio é devido
 Aos Heróis virtuosos,
 Quem tem mais que Lorena merecido?
 É Lorena o herói que eu louvar venho,
 Devo esperar da voz o desempenho.
- Esse guerreiro infesto,
 Que ao forte Heitor privou da cara vida,
 Assolador funesto,
 Que deixou Tróia a cinzas reduzida,
 Não foi mais digno do cantor ilustre,
 que lhe deu fama eterna, eterno lustre.
- Se por belipotente
 Vos pode merecer um tal cuidado,
 Este é mais excelente;
 Pois, além de magnânimo e esforçado,
 Tem a parte melhor que formar deve
 O Herói que de reger destino teve.
- A paixão dominante
 Pelo público bem, virtude estável,
 Virtude assaz constante
 Do meu preclaro Herói, Herói amável
 Um mérito lhe adquire tão subido,
 Um louvor tal, que a ele é só devido.
- Não consiste a grandeza,
 O poder, a glória, a Majestade
 Em bárbara fereza:
 Por grata mansidão, doce bondade
 É o Herói mais amável, e perfeito,
 Mais digno de atenção, e de respeito:
- O justo, o proveitoso
 O móvel deve ser das ações nossas:
 Sempre é mais glorioso
 Fundar, que destruir povoações grossas:
 Co'os brutos que destraga se parece,
 Co'os Deuses quem alenta e favorece.
- Lorena a Jove imita
 Em seu proceder justo, reto intento;
 Mereça eu pois a dita
 De aqui hoje erigir-lhe um Monumento,
 Por vós délfico Nume inspirado,
 Se desde já não for por vós cantado.

Pois só de vós é digno
E desse coro excelso e luminoso
Aquele Herói divino,
Que o puro céu benéfico e piedoso
Destinou para bem da humanidade,
Para glória imortal da nossa idade.

Que o poder de que goza
Não exercita não em dano alheio;
Sim em fazer ditosa
Esta gente feliz que reger veio,
Expondo-se a um trabalho o mais penoso.
Para dela afastar quanto é danoso.

Pois conhece ser feito
Mais do que para si, para a mais gente,
Para comum proveito;
E que não deve o homem eminente
Preferir o descanso, o prazer terno
As peníveis pensões do seu governo.

Tu cara Paulistana,
Tu que gozando estás dos benefícios,
Regozijosa e ufana,
Entre faustos, benéficos auspícios
De mais completo bem, que inda te espera,
Dize quem mais em te exaltar se esmera?

Não obstante em teu seio
Ter o Céu posto aurífera riqueza
Eu te vi sem asseio,
Sem alinhó, sem pompa, sem grandeza,
Com um pobre penacho mal tecido,
De pés descalços, rosto enfim abatido.

Qual mísera cativa
Que entrega a seu senhor quanto industria,
E com suor cultivada,
Ovelha que a bem de outrem a lã cria
Ouro te vi oferecer nas ricas veias
Só para enriquecer terras alheias.

Outra te vejo agora.
Outras honras gozando, outro respeito:
Vejo-te qual senhora
Teus efeitos dispondo em teu proveito.
E quem produz em ti tal diferença?
Quem dia e noite em tua glória pensa.

Com obras manifestas,
Que Lorena é este herói que te levanta
Tu mesma nos atestas;
Quanto em abono seu já a Fama canta
Comprova-o tu com fatos existentes,
Com esses infelizes pretendentes.

Primeiro o desvalido,
Que procura remédio em seu vexame
Mostra-o já socorrido:
Basta que uma só vez o nome chame,
O doce nome de Lorena amado,
Para feliz tornar seu duro fado.

Mostra o que lá gemia
Submergido entre a nuvem da impostura,
Coberto de agonia
Na prisão rigorosa, já em soltura,
E dizendo, entre a glória que o desperta,
Viva a benigna mão que me liberta.

Mostra a ociosidade,
Fecunda mãe de vícios, de mil males,
Já sem parcialidade:
Mostra inda ao longe em teus frondosos vales
Dos cultores de Ceres o desvelo
Da vil inércia aspérrimo flagelo.

Mostra como a contenda
Trabalham braços mil continuamente,
Sem que ao ócio se atenda;
Ferindo o monte o bosque alegremente,
Descem pesados seixos, grossa trave,
Em carros arrastando o peso grave.

Qual meneia as cruzetas,
Qual o certo nível e a pedra assenta;
Qual move as picaretas,
O pesado martelo, que sustenta,
Com que a pedra desbaste, pule, e entalha,
Para as obras em que hoje se trabalha.

As obras das calçadas,
Do chafariz, e as mais, que se meditam,
Além das já acabadas,
Que a admiração e pasmo nos excitam,
E a Lorena, e seus altos pensamentos
Hão de servir de eternos Monumentos.

Mostra os amplos caminhos,
Tão diversos já do que eram de antes;
Os teus mares vizinhos
Cobertos de industriosos navegantes,
Com os quais os teus gêneros trocando,
Te vás com forças novas alentando.

Essa serra elevada,
Que no cume as estrelas desafia,
E difícil entrada
Ao triste caminhante permitia,
Tornada já em livre e ameno passo
Aonde não se encontra algum embaraço.

As profundadas minas
Pelo impulso das águas escavadas,
Cujas grossas ruínas
São hoje com dispêndio reparadas,
Que os passados descuidos manifestam,
E o teu melhoramento nos atestam.

Mostra os teus edifícios,
Disputando igualdades no opulento
Aos célebres Egípcios;
O soberto real Quartelamento
De adorno singular, forma elegante,
Que do Tempo será sempre triunfante.

Mostra cheias de ira
As beligeras tropas animadas
Desse fogo, que inspira
Belona nas aspérrimas ciladas,
Da fera Erinis bélicos tumultos,
Que fomentam terríficos insultos.

Gente sim belicosa
Mas não para afligir humanos peitos,
Por sede cubiçosa,
Sim para defesa dos teus direitos,
Direitos da Augustíssima Reinante,
E do Altíssimo Deus sumo Imperante.

Mostra o nobre e elevado,
Magnífico edifício: este que vemos
Da casa do Senado,
Em cujo Arquivo nós, nós mesmos temos
Documentos autênticos do zelo
Desse herói, que será de heróis modelo.

Do zelo incomparável,
Com que tudo promove, e auxilia,
Que a ti é favorável;
Pois é certo que tanto não podia
Deste Senado a força assaz pequena,
E tudo vence a sombra de Lorena.

Mostra a fatal cadeia,
Essa temível hórrida clausura,
Do inferno viva idéia,
De viventes, terrível sepultura,
A que irada justiça enfim condena
Das leis ao violador com dura pena.

Sem que essa horrível vista
A idéia excitar possa de impiedade;
Pois quem a pena avista,
Que é só devida ao vício ímpia maldade,
A maldade evitando, evita a pena,
Ou ele o ímpio é que se condena.

Que o castigo, se é justo,
Inventiva não é da tirania:
Por mais que induza susto,
E amarga medicina que alivia,
Fogo que espada chaga cauteriza,
E a impulsos de piedade tiraniza.

Mostra nessa fatal,
Tremenda epidemia que o céu manda,
Por castigo geral
(Porque após de um bem sempre um mal anda)
Quanto de providências tem lembrado
A fazer-se este mal menos pesado.

A bem do que padece,
Entregue a uma total necessidade,
Onde à míngua perece,
Se dispõe o hospital da caridade,
Dando-se outras muitas providênências,
Para evitar da fome as inclemências.

As tropas municiaadas,
Assistidas de pronto, útil remédio,
Quando são assaltadas
Desse horrível contágio que induz tédio,
Enviando-se aos céus sacrifícios,
Para que hajam de ser-nos mais propícios.

Estes heróicos fatos

Ditos com mais verdade que harmonia,
Ou fingidos ornatos,
São produções de uma alma reta, e pia
Que anima de Lorena o nobre Peito,
E toda se desvela em teu proveito.

Por ele mesmo obrados:

Se outro autor alguns mostram na aparência,
Sempre foram lembrados
Por esse herói de heróis, cuja advertência,
Eficácia de obras, zelo e exemplo
São as belas virtudes que contemplo.

Mostra . . . mas onde Musa

Vais terminar teu vôo acelerado?
Teme cair confusa
Em um mar que jamais será sonhado:
De Lorena os louvores, quanto a mim,
É fácil começar, mas não dar fim.

É alheia desta ação,

Em que louvar o nosso herói procuras,
Difusa narração:
Se temerária a tanto te aventuras,
Converte o canto teu em epopéia,
Ou deixa o mais a mais sublime idéia.

[Salvador Nardi de V. Noronha]

Ao Mesmo Precedente Assunto

SONETO

Da Laertes, o Filho portentoso,
Mais que por ter Dardânia desolado,
Se fez no mundo grande e celebrado,
Por erigir Lisboa officioso:

Este do mundo empório majestoso,
Que de mais gente foi sempre invejado,
É o Padrão em que o Nome está gravado
Desse fundador ínclito, e famoso:

Assim claro Lorena, em toda a idade,
Será de vossa glória pregoeiro
O aumento que nos dás, isto é verdade;

Pois de voto não sou eu o primeiro,
 Que promover a aumento uma cidade
 E mais que desfazer o mundo inteiro.

[Salvador Nardi de V. Noronha]

Sobre a Utilíssima Obra do Caminho de Santos —
 Ao mesmo precedente assunto

SONETO

Pré-excelso Lorena generoso,
 Nessa difícil obra, que empreendeste,
 A todos nós bem conhecer fizeste,
 Quanto de utilizar-nos sois zeloso:

É digna aplicação de um poderoso,
 Pelo bem da nação acudir preste,
 Evitar tudo aquilo que moleste,
 Apesar do difícil, e custoso.

Vós, rompendo montanhas, mata espessa,
 Um caminho ampliais, coisa é notória,
 Em que mais a república interessa.

Ela o cômodo tem, vós a vitória;
 Pois quando para nós esse começa,
 Mil caminhos abris à vossa glória.

[Salvador Nardi de V. Noronha]

2.º Assunto: Seus Cuidados Militares

SONETO

Inda quando da paz os dons reparte
 Lorena, a todos de prazer enchendo,
 As mudanças do tempo precavendo,
 Seus desvelos aplica à bélica arte.

E quando o pronto, furibundo Marte
 Suba o seu carro com estrondo horrendo,
 De nosso herói verá acometendo
 Tremular o belígero Estandarte.

Verá em um instante apercebidos
 Esquadrões belicosos, animados,
 De valerosos Chefes escolhidos.

Que quais leões robustos esforçados,
Antes que vacilantes, ou rendidos,
Expondo a vida vejam-se vingados.

[Salvador Nardi de V. Noronha]

O Mesmo 2.º Assunto — Seus Cuidados Militares,
a que se unem os Antecedentes no seguinte soneto

SONETO

Ainda vive Homero esclarecido,
Só porque foi de engenho sublimado;
Semíramis, por ter em seu reinado
Os muros babilônicos erguido.

Por Aquiles Dardânia ter vencido;
Por ter Quirino Roma edificado,
Um e outro há de ser sempre lembrado,
E no pregão da Fama engrandecido.

Eis aqui, grão Lorena, o forte escudo,
Que tão bem oporeis ao esquecimento,
Ao tempo, à Morte que destragam tudo.

As obras que erigis, o heróico alento,
O claro engenho, enfim, o vasto estudo
Vos hão de erguer perpétuo Monumento.

[Salvador Nardi de V.
Noronha]

3.º Assunto: Sua Fidalguia Pessoal, e Hereditária —
Origem da nossa Presente Felicidade

SONETO

Nesses brasões da sólida nobreza,
Que ostentaram teus altos ascendentes,
Tens estímulos fortes, e veementes,
Para essa, que em ti noto, alta grandeza.

Valor, constância, rara fortaleza,
Zelo de Deus, do Rei, amor das gentes:
Compaixão com os fracos, e indigentes,
Oprimidos de mísera pobreza:

Títulos são da verdadeira glória
De que és tu digno herdeiro: esta cidade
Em ti desses heróis guarda a memória;

Pois goza desses bens, e liberdade,
Que, segundo nos mostra a fiel história,
Conferiram os teus à antiga idade.

[Salvador Nardi de V.
Noronha]

Ao Mesmo Terceiro Assunto

SONETO

O ilustre sangue que dos teus maiores
Com glória herdaste, e mais em ti se alteia,
De pura fonte é derivada veia,
Que rega da nobreza as belas flores.

Destas frutos são de altos primores,
Os que em torno de vós hoje semeia
O cetro generoso de Amaltéia,
Com que afasta da inópia os dissabores.

Tu és Lorena a flor do tronco antigo,
Daquele tronco excelso, e generoso,
Que sempre aos infelizes deu abrigo.

Flor gentil, cujo fruto especioso
É o prazer que goza hoje contigo
Este Povo feliz, e venturoso.

[Salvador Nardi de V.
Noronha]

Oração Acadêmica, que em obséquio do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor General Bernardo José de Lorena recitou na Sala maior do Senado da Câmara o Juiz Presidente dela, no dia 17 de dezembro de 1791.

SANTAS LEIS DA GRATIDÃO, EU CONHEÇO A FORÇA, que tendes sobre o meu ânimo. Inclinando-me respeitosamente, eu vos adoro, eu vos obedeço. Ainda que não me considero com as preciosas qualidades de panegirista de um varão tamanho, cheio de virtudes, vejo-me oprimido com o peso dos meus deveres. Hoje dia felissíssimo do nascimento da Nossa Augusta Rainha, a Senhora D. Maria Primeira. Ditoso dia de 17 de dezembro de 1791, basta que nos lembres, para que dos nossos corações reverberando em nossos rostos alegrias, curvados os joelhos, e inclinando sobre o peito a cabeça, eu renda ao Todo Poderoso as graças, por uma dádiva, que só do Tesouro das suas misericórdias podia dimanar, para aumento, e glória do Império Luso. Neste dia não devo dispensar-me de levantar a voz no centro desta erudita Assembléia, para anunciar ao Mundo os infinitos benefícios, que esta República Pauliense tem recebido do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Bernardo José de Lorena, e fazer público o nosso agradecimento.

Se ele não for correspondente à sua grandeza, e merecimento: se o caráter da verdade, que acende no meu peito um ardor divino, e não precisa de artificiosos enfeites para se fazer amável pode alguma vez ser recitado pela boca de um Orador desconhecido, de um Cidadão humilde, que deseja louvar ardentemente a virtude na singeleza da sua frase por não ser verdade no exercício da eloquência Romana, a quem só pertencia formar o corpo de um bem merecido elogio eu posso segurar a Vossa Excelência que não procede da falta de desejo, mas sim de talento para tratar matéria tão sublime como é o do sólido merecimento do seu Governo, por meio da qual tem feito felizes os Povos nos ditosos dias em que vivemos.

Eis aqui o objeto, que me obriga nos transportes de maior júbilo, a soltar animosamente a voz na respeitável presença de Vossa Excelência em nome deste Senado, de quem tenho a honra de presidir, que surpreendido, e transportado de gesto, está bendizendo o nome feliz do Herói, que sabiamente o rege, fazendo soar por toda a parte

os louvores sinceros do ínclito Protetor, que promove a sua felicidade: doces cadeias com que, a obrigação, e o amor, reforçando os vínculos, suavemente me presidem.

Agradecer a beneficência, é entre todas as virtudes a mais agradável a Deus, e aos homens, a maior delas, e a mãe de todas. Mas que Oração singular, e divina não seria necessária neste dia para anunciar a todos os que me ouvem o elevado assunto, que pede o nosso agradecimento? Nesta sublime empresa (a não ser um homem imaginado) só o divino, e eloqüente Demóstenes poderia emendar o erro de quem se atreveu a traçar neste papel o abalizado merecimento, e Fidalguia de Vossa Excelência. Eu dimitti de propósito não falar-lhe nos antigos Títulos, e gentis alianças com as maiores Testas Coroadas de Europa, e com a especialidade a Bragantina, depois de lhe repetir o nome amado, maior que todos os Títulos.

Eu sei que uma, e outra coisa pedia pincel mais delicado, mais fecunda, e eloqüente pena, a fim de fazer eterna a sua memória nos mudos assentos da História da nossa idade. Anima-me porém a confiança de que Vossa Excelência desculpa o meu defeito, e até me está mostrando que insta pela continuação de meu discurso. Provida natureza, quem não adora o teu poder contemplando sisudamente o Varão illustre de quem vou a falar!

Três anos, cinco meses, e onze dias completos de Governo (que passaram como o dia de ontem à maneira da seta despedida) são os que no Templo da Memória a fazem a grande Época da nossa maior ventura. Sim, Excelentíssimo Senhor, permita-me a rara modéstia de Vossa Excelência esta doce linguagem da verdade, pois vivendo em tudo satisfeitas, não invejamos os suspirados tempos de Augusto, esse tirano, que conduzindo suavemente os Romanos à sua escravidão, toda a Roma não falava senão em liberdade; e desprezando com afetação o nome do Senhor, carregava de cadeias o Povo, a fim de eternizar os vãos projetos da sua vaidade, com uma desmedida autoridade despótica.

Ah! e que júbilos não ocupam os nossos corações vendo a dessemelhança dos sistemas de Vossa Excelência, que conhecendo a grandeza de caráter de que está revestido, olha atentamente para a frágil condição dos homens, e fontes dos males públicos, compadecendo-se deles quanto lhe permite o Espírito da piedade, e da Religião. Sistema do meu Herói, grande sistema da Humanidade, que belo, que excelente que vós sois! Vós fostes o Ídolo dos Titos, e Trajanos, podeis zombar dos Neros e Calígulas. Vós tendes por panegiristas a um Dupin, a um Fenelon, a um Bossuet.

Venturosos mil vezes os elevados Progenitores de Vossa Excelência, que pela educação terna lhe encaminharam os primeiros movimentos da sua alma às amáveis virtudes opostas à impaciência, à crueldade, e à vingança. Nutrido nos braços do amor, e vigilância de uma Mãe a mais Religiosa mostrou logo a docilidade de seu gênio, e amável da presença. Em uma palavra, Fidalgo da primeira grandeza de maior agrado, que a Corte Portuguesa tem visto. Ah! que eu vejo nele como em sucessiva primavera, debuxada alegria, que inspira a confiança, anima, e fortalece ao pobre honrado, à viúva honesta, à República inteira. E não foi assim que ordinariamente se formaram pela Providência os Heróis da atrevida Grécia, e vaidosa Roma, que encheram de ilustre pompa as suas magníficas Praças?

A mais Virtuosa, a mais Justa, a Fidelíssima Rainha Nossa Senhora, centro da Nacional felicidade, glória imortal da Lusa Monarquia, confirma toda esta verdade no muito que logo distinguiu os grandes merecimentos de Vossa Excelência confiando da sua alta penetração nos anos juvenis, o Governo desta porção do novo Mundo. Ela conheceu bem os seus estudos, a sua aplicação, o seu zelo, e fidelidade: e para dizer tudo de uma vez, que o meu Herói fora formado em um ditoso instante, e preparado para altas empresas.

O quanto Vossa Excelência tem desempenhado em pouco tempo a Soberana eleição da Nossa Augustíssima Protetora, da Senhora D. Maria Primeira, Nossa adorável Soberana, podem testemunhá-la as calçadas, e pedras de várias ruas da Cidade, que adornam as mesmas. O vistosíssimo Quartel da Legião de Voluntários Reais, a melhor das obras desta natureza de que temos notícia. A casa de Espetáculo Público em que se representa a tragédia, e a comédia, meio muito próprio para rebater a dissolução, e ainda ensinar a Moral. E na verdade, Senhores, quem pode mais eficazmente que a Poesia, mostrar a virtude em todo o seu esplendor, o terrível vício, e as cruéis catástrofes que dele se seguem? Só esta arte divina (aplicada ao seu verdadeiro fim) é que arrasta, e subjugam os corações mais rebeldes. Eis aqui o poder que tem a verdade enfeitada das graças da Poesia, quando queremos representar a um Herói favorecido do Céu.

A lembrança do encanamento, e condução das fontes, obra da maior necessidade para a economia animal, merece o primeiro lugar na nossa estimação. A calçada da intransitável, e bravia Serra de Paranaupiaçava (do Cubatão falo respeitável Assembléia de Principais) primeiro canal do Comércio, que se acaba de segurar; obra de todos os Governos projetada, e só do nosso Herói foi conseguida. Eu vi mesmo antes dela, magníficas pontes de novo construídas, grandes, e levantados terraplanos em lugares a pouco pantanosos. Enfim a grande obra deste Senado, que com tanto desvelo procurou

Vossa Excelência se concluisse para refrigério dos infelizes encarcerados.

A nímia compaixão de os ver a tantos anos amontoados uns sobre os outros, e a quem só o respeito da Guarda Militar fazia sustar nos estreitos limites de uma casa arruinada, eram outros tantos flagelos que oprimiam o compassivo, e amável coração de Vossa Excelência. Eles mesmos serão na imparcial Posteridade eternos pregoeiros de tudo quanto digo, especialmente aqueles, que vendo-se na precisão de apodrecerem nas enxovias por falta do necessário livramento, desatadas por Vossa Excelência as feridas mãos dos pesados, e duros laços, as levantaram sempre para o Céu agradecidos, rogando por quem os libertou.

Nunca para o adiantamento das obras públicas faltou a Vossa Excelência o tempo, e o mais é o dinheiro do seu próprio pecúlio. Em toda a ocasião, e hora tem franqueado a este Senado de todo o Corpo Militar os homens necessários para a inspecção das mesmas, conhecendo como Sábio Político, que não pode subsistir o Estado, senão enquanto nele viver unido o Militar com o Civil, a fim de que todos os súditos se conservem debaixo do Sagrado respeito que devem a sua Soberana, delícias do seu Povo, que sabe distinguir a excelsa virtude, sabe conhecê-la, e premiá-la.

Que mudança de lustre não admiramos todos em tão pouco tempo! No Arquivo deste Senado, nós daremos a ler aos que nos precederam, quanto para o verdadeiro Heroísmo faltou a muitos dos passados Governos. Ali lhes ensinará a rara afabilidade de Vossa Excelência, que a Natureza não dispensou nunca aos Ilustres das Leis da humanidade, principalmente ao Sábio, que em todos os estados conserva a mesma alma, o mesmo sistema, a mesma virtude.

Para modelo de suas ações, nunca Vossa Excelência se lembrou de Carlos na Suécia; nem de Alexandre em Macedônia (diante de quem todo o mundo se calou) conhecendo a temeridade do primeiro, e a ambição do segundo, não sendo outra coisa as suas máximas que roubos conhecidos. Mas que felicidade não é a minha, pois tratando da bondade do meu Herói, graças à minha fortuna que tendo de exaltar aquela, não tenha de contradizer os inimigos da minha causa!

Não foi a vaidade de parecer eloqüente, Senhor Excelentíssimo, quem me ditou este discurso, sim o reconhecimento devido ao benfeitor, dever tão sagrado, que a mesma natureza tem inspirado muitas vezes às aves, e às feras. (1) Nós vemos a Vossa Excelência cercado de imenso trabalho a nosso respeito, vigiando dia, e noite sobre esta

(1) Plínio 1.º 2.º.

Observação: Há várias notas no texto que não foram transcritas por estarem ilegíveis no microfilme.

grande porção de terreno, que compõe o Estado Lusitano: refletindo profundamente, meditando atento, combinando com Nenventon (sic), e outros da sábia antigüidade, que pelos seus raros talentos se fizeram senhores dos costumes, e Leis de todos os Impérios do Mundo. Oh! que imensos são os benefícios que deves nobre, e leal Cidade a esse exemplar de Heróis, que banhando-se de gosto a teu respeito, fez com que se concluísse uma casa de Câmara, e Cadeia tão suntuosa, e magnífica como esta que presenciámos! Sendo devida toda a glória desta obra às suas louváveis diligências, filhas primogênicas das suas virtudes, e brilhantes qualidades.

Não são estas expressões as fiéis provas de todo o esplendor da nossa fortuna, e toda a glória da nossa esperança? Não é este aquele grande Lorena, (oh! de quanta vaidade se enche a minha alma quando vou a proferir tão adorável nome) a quem o Todo Poderoso enriqueceu daquelas sublimes qualidades, que podem fazer feliz o maior Estado? Semelhante àquele Homem Grande que em pouco tempo transformou em Heróis os moscovitas há um século apenas conhecidos na Europa? Aquele que regeu esse vasto, e imenso Império, onde no mesmo instante que a noite cobre de sombras o Oriente, abrasam os raios do Sol todo o Ocidente? Em uma palavra, se Pedro teve a honra de criar homens, o meu Herói os sabe fazer felizes. Ele pode dizer como Osimandias, eu sou Lorena, quem duvidar da minha grandeza, exceda-me nas minhas obras.

Se eu tivesse a indigna baixeza de me calar nesta empresa, onde tudo é virtude, tudo piedade: Se eu não articulasse palavras ingênuas do meu reconhecimento; eu mereceria certamente a censura dos honrados Paulistas, meus amados compatriotas, e de toda esta respeitável Assembléia. Porém eu não receio que me censurem, ou me estranhem de que entrei a fingir similis exquisitos na minha idéia, ou que me cansei em revolver os monumentos da antigüidade. Eu detesto o fingimento. Se eu não tenho a eloquência necessária para falar com pompa do glorioso estrondo de tantas maravilhas: Se a minha Oração não corresponde à grandeza do assunto: Se não posso igualar às idéias das pessoas dotas, que me atendem: Se me faltam pela minha insuficiência aqueles especiosos coloridos de Homero, que deviam realçar a pintura do mais belo retrato de Aquiles: tenho contudo a inocente vaidade de que me explico pela boca do agradecimento, e falo na simples, e desafetada expressão da natureza.

Se a honra do meu Elogio não é tecida do funesto horror das Armas, que tem por objeto agradável o triste espetáculo de ver a terra coberta de cadáveres agonizantes, arrastando os lacerados membros, que valorosamente expuseram ao chuveiro das balas, pedindo por favor que lhes acabem a expirante vida: não é porque ao meu Herói falte o conhecimento dessa terrível, mas necessária

arte da guerra, sim porque o pacífico, e Religioso governo em que vivemos, abraça carinhosamente a Santa Paz, filha do Céu, e dá lugar a que todo o seu desvelo não consista em outra coisa, que não seja a de compadecer-se da aflita Humanidade, e procurar a conservação dos seus semelhantes. Nisto é que tem fundado toda a sua grandeza, e não sobre os Títulos dos seus Maiores.

Sabe Vossa Excelência melhor que todos proporcionar os meios aos mais ditosos fins do Estado, procurando adiantar as plantações, e sementeiras, para que o Comércio (esse ramo que tanto o enriquece como principal origem da abundância das Repúblicas) se aumente nos lucros; por ser aquele, a firme base dos interesses da Nação, e o equilíbrio das Potências. Já não dirão os Naturalistas, e Comerciantes, que o nosso País não produz outras mercadorias que não seja o algodão: eles podem contar no presente ano várias Embarcações carregadas de efeitos da nossa agricultura, enviadas à Praça do nosso maior Comércio. E que espírito rasteiro deixará de conhecer a quem se devem tão sólidos princípios?

Não são estes os deleitáveis anúncios que no dia feliz da posse do Governo de Vossa Excelência foram propostos a este Senado, e mais Expectadores por meio de uma Oração enérgica; que no mesmo ato recitou um Magistrado, (2) revestido da honra da Toga, propondo-nos por Garante das nossas bem fundadas esperanças as suas ilustres qualidades, e preciosíssimos talentos, comprovados em rigorosos exames pelo Areópago da nossa Universidade?

Sim Excelentíssimo Senhor, toda a nova prosperidade devemos hoje ao amor de Vossa Excelência, que conhecendo serem as Armas, e as Letras os dois eixos em que roda todo o sistema do Governo Público, foi preciso aplicar-se primeiro às Ciências, e depois à Tática Militar, para poder criar na Palestra de Palas a muitos filhos de Marte, e pôr as Armas no devido esplendor em que hoje se acham em Serviço da Soberana, e benefício da Pátria, que enobrecida daqueles sentimentos das Nações mais polidas, tem tomado mais ilustre forma, por não ser de menos glória enchê-la de mil felicidades na paz, do que defendê-la do inimigo a fogo, e sangue na horrível guerra.

Nós vimos a brevidade com que recruta, aumenta, e enobrece as Tropas: forma um luzido Esquadrão: confere-lhe vistosos, e tremulantes Estandartes: ricos, e novos uniformes: louva o merecimento: elogia ao soldado expedito, ao Capitão diligente, ao Oficial instruído, e aos Chefes Sábios. Em uma palavra, o primeiro General que nesta Capitania na Testa dos Batalhões, teve a primazia de os fazer manobrar: E que provas mais claras posso eu dar do seu engenho e Espírito Militar?

(2) Miguel Marcelino Veloso, e Gama.

A superior Providência, que entregou a Vossa Excelência o Governo deste Povo, também é certo que o havia de ilustrar daquelas brilhantes luzes com que o homem chega a dominar as Estrelas. Conhece Vossa Excelência, que obrar somente aquilo que fizeram seus ilustres Predecessores, seria não passar de ordinário. Sem abatimento do seu elevado caráter, e Fidalguia, respeita a virtude, honra aos Cidadãos, distingue o Senado, cabeça da República, (de quem Vossa Excelência é alma) ampara os Povos, e trata como filhos os Vassallos que rege. Pelas consternadas faces dos aflitos não correm lágrimas que Vossa Excelência não enxugue podendo. Sensível aos afetos da humanidade, tem certa filosofia, porque se governa que o imortaliza. Vossa Excelência só conhece verdadeiramente o que é quando arranca da miséria aos infelizes.

Aquela Cidade, cujos muros banha o cristalino, e aurífero Mondego, foi a que teve a honra de ilustrar a Vossa Excelência no Direito Público, Civil, Natural, e das Gentes, onde se aprende a importante máxima de dar a cada um o que é seu. Neste animado painel, eu vejo que o silêncio de tão nobre congresso, não só realça a força do meu argumento, mas até me dispensa de produzir outro à cerca da vivacidade, e progressos que Vossa Excelência fez nestas Ciências. E com razão, porque as Estátuas, as Medalhas, e Quadros do seus Ilustríssimos Ascendentes: os cristalinos espelhos que adornam o seu Gabinete (eu posso fielmente atestá-lo) são os Livros de melhor critério: com eles calcula Vossa Excelência o tempo: mede todo o Universo: e nas diferentes Línguas que fala, conversa com todas as Nações do Mundo.

A reverência com que se prostra diante do Santo dos Santos, o respeito que conserva desde a sua infância às Leis da Santa Igreja, e seus Ministros, claramente nos admoesta, que o primeiro caráter de um bom Político, é a sua Religião, ainda no meio de uma brilhante prosperidade. Finalmente, Senhor Excelentíssimo, não é a infame lisonja, esse terrível vício, que nunca infeccionou a minha língua, a que me obrigou em nome do Povo Pauliense a levantar a voz no meio destes festivos aplausos; o amor, e lealdade de um verdadeiro Súdito, os imensos benefícios, que a Vossa Excelência deve este Senado, pediam que lhe testificássemos a nossa gratidão, e reconhecimento.

Mas agora, Excelentíssimo Senhor, lembrando-me de um dia, que é a Época da nossa felicidade, não deixo de olhar, e atender ao tempo com o rápido giro que faz, volvendo a veloz roda dos anos, arraste aquele triste dia... em que os impreteríveis mandatos da Nossa Augusta Soberana, hão de arrancar a Vossa Excelência dos nossos braços, e escondê-lo para sempre dos nossos olhos. E como

ficarão os nossos corações sem que essa animada Imagem, que sendo única para cada um, o amor a soube reproduzir em todos?

Tantos são os corações, tantas as Aras que Vossa Excelência tem nesta Capitania, e tantos os Templos, quantos os indivíduos. Porém, Excelentíssimo Senhor, estarão os Altares sem efígie, as Tribunas sem deidade, e faltará o Simulacro onde sobeja o incenso? Compadeça-se Vossa Excelência de nós, recordando-se desta nossa vindoura situação; e permita-nos que para lenitivo da nossa eterna saudade, coloquemos hoje mesmo neste Capitólio o verdadeiro Retrato de Vossa Excelência, enquanto não recorremos a Sua Majestade, que nos conceda esta distintíssima graça: Ele nos servirá de aliviar a nossa pena, e enxugar as nossas lágrimas na sua ausência, já que nos é impossível gozarmos por dilatados anos o Original; e conhecerão os que depois de Vossa Excelência vierem governar-nos, que assim como Vossa Excelência foi o primeiro em encher-nos de multiplicados benefícios, também é o primeiro a quem este Areópago levanta este adorável Busto: e ficará deste modo, sendo eternamente para nós, mais que Tito para Roma as nossas delícias. Aplaudi Sábios ao nosso Herói com os vossos discursos: Oradores com os vossos eloqüentes elogios: Poetas com os vossos harmônicos cantos; celebrai as ações deste singular varão, levando seu Nome das Ribeiras do Tamandataí, (sic) (3) às frescas margens do celebrado Tejo, Mondego, Douro, e Lima.

Disse.

[A.G.V.]

(3) Pequeno Rio, que circula a Cidade de São Paulo, pela parte do Nascente.

FALA COM QUE SE TERMINOU A ACADEMIA NOBILÍSSIMOS, E SAPIENTÍSSIMOS ACADÊMICOS

Nunca a vaidade achou porta mais franca para entrar no meu coração, do que hoje. Não é uma gravíssima matéria de tentação para a minha jactância, Ilustríssimos, e Eruditos Sócios, não é um estímulo para o meu desvanecimento, ver-me presidir em uma Assembléia, em que os Alunos que têm orado são os mais cultos, e o amável objeto de que tendes falado é o mais sublime? Vós me julgastes digno deste lugar onde só devia entrar o dom de falar bem, uma locução majestosa, imagens belas, pinturas naturais, em uma palavra semelhante a vós.

Esta na verdade é uma daquelas funções que basta para fazer um homem glorioso. Eu não tenho brasões, eu não tenho Timbres, eu reconheço em mim uma total penúria de títulos de que me jacte. Porém quanto estimo eu não tê-los para não desprezá-los agora! Se os tivesse certamente os abandonaria desde esta feliz hora, pois desde hoje, eu só deverei contar por matéria da minha glória, a honra que me resulta de presidir-vos em uma Sessão em que vindes aplaudir as estimadíssimas ações do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Bernardo José de Lorena.

Mas com que justiça vós não fazeis recomendáveis, habilitando-vos cada dia mais para os louvores que todos vos consagram! Mordaz inveja, ainda que aguces o ávido dente, debalde pretendes eclipsar a glória de tão ilustres Acadêmicos, que penetrados do verdadeiro espírito do Patriotismo, procuram immortalizar a honra do Pauliense Império. Nós vimos agora, Senhores, pendentés das vossas bocas como estivemos presos, mais arrebatados ainda do que aqueles que seguiam a voz do Músico Tebano. Que majestade de expressões, que viveza de imagens, que discreta economia de tropos, e de figuras não concorriam nos vossos discursos, para que embebidos em nossos corações nos transportassem as almas! Tudo são frutos da vossa aplicação. Tudo são golpes que dais para formares a preciosa estátua, que no Templo da Memória levantareis aos vossos nomes. Não me corrompe o veneno da lisonja. Tão baixo afeto não se gera no meu

ânimo. É o meu agradecimento quem me guia: é a cândida verdade. Mal podem ser reprecendidas as minhas expressões, ainda que desinfetadas...

Disse

[A.G.V.]

ODE ENUNCIATIVA

Ousado Amor de Pátria, que inspiras
A meu peito em ardor que me transporta,
Tu me seguras nas robustas asas;
Não vás precipitar-me.

Que eu vou porém mandando os escrutínios
Abrir das Musas onde estão seladas
As coroas de Glória imarcescível
Que ao nosso herói destinam.

Minha trêmula mão desconhecida
Não era para empresa tão sublime,
Como o carro de Apolo já não fora
Para as mãos de Faetonte.

Mas tu me acenas, mostra-me o caminho
Porque devo subir, ao teu império
Quem pode resistir, eu te obedeço
A todo o risco Amor.

O êxito feliz, o desempenho
Da nobre ação do teu milagre pende:
Algum raro fenômeno se veja;
Mostra o teu poder.

Ilustríssimo herói condecorando,
Padres conscritos de ambos os Senados,
Presidente e mais Arcades silêncio:
Eis surge o grão problema...

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo
Senhor Bernardo José de Lorena,

Donde resulta mais Glória?
De ser Aluno de Marte, ou de Minerva?
Considerado Herói pelas Armas,
Ou graduado nas Letras?

O Secretário da Academia A.G.V.

ORAÇÃO PROBLEMÁTICA

Em obséquo

Do

**Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor
Bernardo José de Lorena
Governador e Capitão General desta
Capitania de São Paulo.**

ENTRE AS NOBRES E BRILHANTES

qualidades que completa, que venturosamente esmaltam, e adornam os Heróis, há sempre uma, que parece decidir sua maior glória. A Providência que prepara as grandes almas desde que nascem, para serem depois a admiração do mundo, e dos tempos ilustrados, parece que de propósito previne os seus corações daqueles dons, e prerrogativas, que hão de constituir o caráter das suas vidas. Uns serão conquistadores, serão o terror dos Povos, e dos seus inimigos, como Davi: outros na bonança da paz farão admirar a sua sabedoria, e grandeza, como Salomão.

Fale, publique, e confesse essa florente, essa fecunda Mãe de ínclitas, e famosas personagens, a Grécia, digo, que deu Leis à razão, e que a fez amável? Ela levantou Pórticos, e erigiu Estátuas a Solom, e Licurgo; a Sócrates, e Péricles; ao mesmo tempo também cortou os virentes Leivos para cingir as frentes dos esclarecidos vencedores de Salamina e Maratênia.

É difícil, é difícil achar um homem a quem a natureza revista ao mesmo tempo destes dois singulares dotes, valor nas Armas, e discrição na pena. Porém vós o reconheceis agora, Senhores, e nós achamos este homem raro na Pessoa do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Bernardo José de Lorena, sobre quem a Onipotência soltou os diques de suas graças para formar os dotes do seu corpo, e fecundar com sábio conselho os de seu espírito. A cultura em um engenho vivo, e penetrante, fez os seus naturais prodígios. Não foi obra do tempo, a quem longos, e cansados anos dão o ser, e firmam o vigoroso tronco; foi produção da admirável natureza, que em poucos dias logo se esmalta de galhardas, e vistosas flores. Qual terreno

naturalmente fecundo, que com pouca diligência, sem fadiga, nem suores, enche de agradável prêmio o destro, o perito cultor que o defende do rigor do vento, e infectas tempestades. Deste modo se formou o homem eloqüente, o Jurisconsulto profundo, pela vivacidade de seu espírito fácil, e vasto nos conhecimentos do Direito Público, Civil, e Natural, igualmente versado nas Artes, e belas Letras, consumado em todas as Histórias a que ajunta as virtudes morais, e políticas com muitos exemplos raros, vantajosos, edificativos.

O estudo das ciências tanto curiosas, como úteis, fê-lo grande. A Arte de Euclides, que forma Guerreiros, e Filósofos, habilitou-o para usar do compaço, medindo a extensão deste globo, combinando as suas diversas distâncias, as gerais propriedades do mundo extenso, reduzindo a um cálculo fixo as noções abstratas daquele importante estudo. A profunda meditação da álgebra mostrou-lhe a infinita multiplicação dos números, e a redução do infinito tão útil a um bom Guerreiro, para combinar terrenos, e as vantagens de um acampamento. A Arquitetura militar, a Pirobologia, ou ciência dos fogos, o faz completo. Dois empregos, que parecendo entre si diametralmente opostos pela vastidão, e diversidade dos seus princípios, ele os reúne em grau tão eminente, e elevado, que não precisa a balança de Atsréia para lhe conhecer o excesso. Este é o ordinário sucesso dos grandes homens.

Daqui se originou excitar-se o decantado Problema, de onde lhe resulta maior glória, se constituído Herói pelas Armas, ou graduado nas Letras?

Aqui venho, Senhores, aqui sou trazido para pugnar a favor das Armas, mostrando que resulta maior glória, constituído Herói por elas; que o graduado nas Letras, ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Bernardo José de Lorena. Quem pode repetir sem alvoroço este ilustre, este augusto nome! Quem pode lembrar-se da felicidade que gozamos sem romper em públicas confissões da benéfica influência do seu felicíssimo Governo!

Se eu me atrevo a formar, circumspecto Auditório, na vossa presença o seu Elogio, deveis antes imitar a minha gratidão, do que acusar a minha temeridade. Eu conheço que não deve minha mão grosseira traçar a pintura de Alexandre unicamente reservada para o pincel de Apeles. Eu conheço que se a admiração ordinariamente nasce da ignorância, para se admirar o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Bernardo José de Lorena é necessário ser tão sábio, como ele mesmo. Mas o Patriotismo que me inflama, o entusiasmo, a que tem levado os meus pensamentos o nobre amor da Pátria, me dá novas forças para romper o silêncio, a que me devera reduzir o temor de falar diante de uma Assembléia tão respeitável. Porém seja o menor dos cidadãos o que forme o seu Elogio, para que se

conheça que os benefícios, que da sua clemência tem recebido, e espera a Pátria se deixam sentir ainda dos que menos possuem os talentos necessários para estimar a sua verdadeira grandeza. Eu principio.

É bem certo, que as Monarquias sempre estimaram mais um General esforçado, que muitos Ministros doutos. Não há emprego tão magnífico, e tão honroso, como o daqueles, que seguem os militares Estandartes. A glória que eles adquirem pelas Armas, é muito mais elevada, muito mais superior a que se pode conseguir nas outras profissões, pois é alcançada à custa da saúde, das forças, do sangue, do aprazível sono, do amável repouso, da mesma estimável vida.

Pouco é necessário advertir para conhecer, para acreditar esta verdade. Quem pode duvidar dizia Cícero a Sérgio Sulpício a favor de Lúcio Lucínio Murena, quem pode duvidar, que para conseguir o consulado, vale tanto mais o merecimento, e glória militar, do que a fama do Direito civil? Tu vigias de noite, para cuidares nas respostas que hás de dar aos que te consultam: Murena para chegar com o Exército a bom tempo aonde pretende: a ti despertate o canto dos galos; a ele o som das trombetas: tu compões um arrazoado; ele forma um exército: tu acautelas a teus consultores; ele que se não tomem as Cidades, e Arraiais: ele entende, e sabe, como se hão de remover as tropas inimigas; tu como se hão de desviar as águas da chuva: ele ocupa-se em ampliar os limites da República; tu em os governar: (enfim a dizer o que sinto) o merecimento militar é superior a todos os mais: ele foi o que deu o nome ao Povo Romano; ele o que grangeou glória para esta Cidade; ele o que obrigou o Universo a obedecer a este Império; todos os negócios civis, todos estes nossos excelentes estudos, este louvor, e indústria do foro, se acolhem a tutela, e amparo do valor militar; assim que há qualquer suspeita de guerra, logo se calam as nossas Artes. Que vivas imagens, que expressões tão enérgicas do Orador Romano!

Com efeito, que coisa mais bela, e formosa, que coisa mais nobre, e ilustre, do que aquela, de onde procedem as honras, os títulos, e os filhamentos? A Milícia dá as vitórias, e os triunfos; dela procedem as famílias, os nobres apelidos, os honoríficos brasões, e o ter por insígnias os castelos, as torres, as fortalezas, que conquistaram as Lanças, e as espadas com que venceram, as Bandeiras, e Estandartes, que tomaram aos inimigos. Tudo memórias, tudo troféus de esclarecidos e gloriosos Progenitores.

Por ventura não deram as Armas todos estes bens da fortuna aos Heróis da antigüidade, aos Capitães da Grécia, e aos Imperadores de Roma? E que outra coisa, se não as Armas, consagraram ao eterno templo da memória os Heróis da Gentilidade, os Gigantes da forta-

leza, e os Atlantes do valor, como foram Alexandre, César, Pompeu, Aníbal, Marcclo, Cipião, Heitor, Viriato, e outros quase inumeráveis?

As Armas foram a causa de se inventarem grandes empregos, ofícios nobres, e altas Dignidades, como em Roma as de Imperador, Cônsul, e Ditador, tribuno de soldados, e Mestre dos Cavaleiros. Em Portugal as de Duque, Marquês, Condestável, e depois outras mais próximas como são as de General, Marechal, Brigadeiro, Coronéis, Tenentes Coronéis, Sargentos Mores, e Capitães.

As Armas foram a origem dos Impérios. Com as Armas conquistaram os Romanos tantos Reinos, Províncias, e sujeitaram tantas Nações que havendo começado de limitados princípios, vieram a fazer-se Senhores do maior Império do mundo. Da mesma sorte principiaram os outros Impérios, como o dos Assírios, o dos Medas, o dos Persas, o dos Gregos. Com as Armas ganharam os Varões mais insignes em valor honrosos prêmios, como as Estátuas na Grécia, e as Coroas em Roma. Porém não vamos indagar pela antigüidade expressivos exemplos dos maravilhosos efeitos, que das Armas resultaram às Nações estranhas; porque no nosso Portugal se nos oferecem à contemplação mais singulares, mais venturosos sucessos.

Não foi com as Armas, que o Senhor Rei D. Afonso Henriques, ganhou aos Sarracenos a terra que possuímos? Rompendo impávido por nuvens de agudas setas, escalando intrépido soberbos inacessíveis muros; fazendo tremular as nossas triunfantes Bandeiras sobre as preciosas ruínas de cinco coroadas frentes; cortando, e lavrando para si com sua mesma espada o absoluto, e independente cetro, que empunham os seus legítimos sucessores? Não foram as Armas que nos sacudiram o jugo, defenderam, e conservaram a nossa liberdade na prodigiosa Aclamação do Senhor Rei D. João o quarto? Trazei à memória a honra Portuguesa? Quantos louvores lhe dá a fama! Quantas riquezas tem adquirido ao Reino com seu valoroso braço! Quantas conquistas tem dado ao mundo! Quanta matéria às Histórias! Quantas vitórias aos nossos Estandartes! Quantos Impérios ao nosso domínio! Quanta glória ao nome Português! Comproven, comprovem esta verdade às quatro partes do mundo; que em mais Mundos, se os houvessem, se assinalara seu valor mui conhecido.

É tão grave o uso das Armas, que os maiores Imperadores acharam, que só era emprego digno de suas Pessoas. O Imperador Trajano mandou que lhe chamassem Soldado, chamando aos seus Comillitões. Júlio César tinha por seu maior brasão este mesmo Apelido, como refere Sexto Aurélio, e Eutrópio. O Magno Alexandre mandou que todos os seus vassallos o nomeassem da mesma sorte, como afirma Lamprídio. Constantino o Magno se prezou tanto disto, que de nenhum atributo, e nome mais se honrava, que de Soldado como diz Amiano Marcelino.

Que objeto de occupação há mais nobre, do que aquele, que é a honra, o vínculo, o apoio mais firme da grandeza dos Soberanos, e da ventura dos Povos? Não se conservará um Estado, uma Província, nem permanecerá uma Cidade, uma Vila, um Lugar, se carecerem de Presídio de Soldados. Se não houverem Soldados, e Capitães valerosos, quem coibirá que se não atropelem as Leis? Quem repelirá os acometimentos domésticos? Quem resistirá aos insultos dos contrários, ousados, e atrevidos? Quem os rebaterá dos mouros? Quem desbaratará, se faltarem soldados aparelhados para desfazer os enquadros opositos, oferecendo a vida aos manifestos perigos da Guerra? Quem livrará a Pátria já descaída, dilacerada, bloqueada, e reduzida ao último fim, se o férvido soldado lhe não acudir, amparar, socorrer, e restaurar?

Logo a Milícia é sem dúvida mais necessária, e de maior glória, que esta ciência do Foro. É o seu exercício permitido, e tão louvado; mas também muitas vezes preciso. Porque os Monarcas, Tutores do sossego público, conservadores das Leis Divinas, e humanas, lhes é necessário tomar Armas para domar por força delas a(s) vontades daqueles, que abusando da sua benignidade, são perturbadores da paz, e quietação de um Estado.

Esta foi a causa, porque o Senhor constituiu, e deu Juizes, ao seu Povo, depois da Conquista de Josué, para que por Armas resistissem aos inimigos, que procuravam privar aos Israelitas a posse do País prometido. Estes eram os motivos, que tomava Davi, vingar as injúrias, assegurar aos pacíficos, e defender o seu Estado. Isto mesmo é o que da parte de Deus mandava Jeremias aos Reis de Israel, dizendo-lhes, que livrassem aos aflitos da sua opressão, e miséria, se queriam que Deus os perpetuasse largos anos em seu Reino, e que seus descendentes gozassem, e fossem herdeiros de seu Real Cetro.

Se reduzem a três gêneros as causas legítimas da Guerra. 1.^o quando se faz para defesa das Leis Divinas, ou humanas, da Pátria, e dos homens, como por tão justa causa, pelejaram valorosamente os Macabeus. 2.^o para corrigir, e refrear as injúrias feitas a Deus; e aos homens: ou para castigar aos que impedem injustamente coisas que pertencem ao bem comum.

Por estas causas mandou Deus tomar Armas ao seu Povo, ensinando-lhe a Arte da Milícia; e como havia de pelejar contra os de Benjamim, que eram os da cidade Gabaá, para vingar a injúria, que fizeram ao Ancião, que hospedou ao que vinha de Belém, e caminhava para Silo, aonde estava a Arca do Senhor. 3.^o para recuperar o que injustamente se tem tomado, ou seja, honra, fama, e fazenda, ou para as defender. Assim o praticou o Patriarca Abraão, para livrar a seu sobrinho Ló, e aos seus bens. Grande é na verdade

a glória, insigne e merecimento dos Alunos de Marte, que não concebem projetos que não formam idéias, que não tenham por alvo a geral felicidade.

Com as Armas conseguiram imortal fama muitos varões, cujos nomes estariam hoje nas trevas do esquecimento sepultados. Quem fez tão célebres a tantos Capitães Portugueses, como os Almeidas, Albuquerque, e Sousas; os Meneses, Castros, e Silveiras? As Armas. Quem fez tão nomeados em todo o Orbe os Pares de França, os de Inglaterra, e os Cavaleiros da Távola Redonda? As armas. Se os grandes sujeitos de valor, e os assombros das Armas não se fizessem no Mundo famosos com as suas vitórias, ninguém lhes saberia os nomes.

Entre os Antigos foram sempre tão estimados os Varões excelentes na Guerra, e dotados de glória militar, que entre muitos Heróis, apenas se acharia um, que não seguisse as Bandeiras de Marte. Tanto agradou aos Sábios, que dos capitães mais valorosos, ou de suas ilustres façanhas, compuseram escritos admiráveis, como os Historiadores orações Encomiásticas; os Retóricos orações Panegíricas, e os Sequases de Apolo Poemas laudatórios.

Nada disto diz Cícero a Sérvio, nada disto se acha nessa tua Arte. Primeiramente, que merecimento pode haver em uma ciência tão singela? Que só se ocupa em coisas tão módicas, que quase parece se entretém só em pontos, e vírgulas? Em segundo lugar, ainda que os nossos antigos admiraram esta profissão, hoje que o seu segredo é sabido, ninguém faz caso dele, e o despreza. . . Pelo que, com ser eu um homem ocupadíssimo, se me irritares em três dias me farei Jurisconsulto. . . O Soldado hórrido é amado, e da vossa profissão ninguém se lembra. . . Sendo isto assim, Sulpício, parece-me, que deve ceder o foro à Campanha, o descanso à Milícia, a pena à espada, a sombra ao Sol, e dar-se enfim nesta Cidade, o primeiro lugar àquilo, que a fez dominante em todas.

Com a evidência de motivos tão poderosos, e com a confirmação de tantas, e tão multiplicadas provas, quem deixará de ficar convencido, e confessar, que não há emprego tão magnífico, tão honroso, e de tanta glória, como o daqueles, que seguem os Militares Estandartes? Qualquer preocupação contrária a estas verdades, a estas terminantes, e tão justificadas razões, ficará totalmente desvanecida, se levantarmos os olhos para o nosso clementíssimo General, para aquele Astro de Paz, e de abundância. Herói justo, Pio, Magnífico, Pacífico, ornado de virtuosas qualidades. Eu bem pudera, Senhores, recordar-me dos grandes fastos dos seus números, que ilustraram a Pátria com as Armas; vestir seus antigos arneses, empunhar suas espadas invencíveis; também lembrar-vos suas gloriosas vitórias, e sem sofisticos discursos, sem valer-me de nome equívocos, que toda

a magnificência, e esplendor, que há debaixo do Céu, é reunida nos seus Augustos Ascendentes. Poderá declarar-vos, que eles deram grandes Coroas, as firmaram nas testas dos Soberanos; venceram Reinos; conquistaram Impérios; suspenderam os mais feros transportes da ira, e ambição de Nações inteiras; ilustraram muito dilatadas Províncias; humilharam inimigos costumados a triunfar; que da própria, e vizinhas Monarquias, foram defesa, e o melhor lustre: pudera enfim referir-vos, que em suas veias circula o sangue dos maiores Príncipes; que muitos Avós seus foram os Salomões dos dias passados, que encheram de assombro a todo o mundo. Porém basta para seu único brasão, e glória (para não falar nos antigos e multiplicados exemplos, que me oferece a História Portuguesa) lembrar-me de que é Precaríssimo Descendente do Senhor D. Nuno Álvares Pereira de Melo, Duque de Cadaval, e de sua Ilustríssima consorte a Excelentíssima Senhora D. Margarida de Lorena, crédito de Portugal, e pasmo de todas as Nações. E quem teve a felicidade de ser ilustre produção das Esclarecidas Casas dos Duques de Lorena, e de Bragança, felizmente Reinante, um gloriosíssimo resumo de tão Antiquíssimos, e Augustíssimos Progenitores, não pode deixar de reger pelos ditames de Minerva, o valor de Marte. Que duplicada glória lhe resulta de unir em si estes dois distantes, e dificultosos extremos? Pois como Mestre nas Aulas de Minerva, e como General nas Palestras de Marte, sabe ensinar a distinta, e Luzidíssima Tropa, como há de evitar o perigo para alcançar o triunfo, e como há de prever o precipício para não arriscar a vitória. Ela em Militares assentos lhe tece não menos o grande Elogio de seu General, que de seu generoso Pai. Os cidadãos possuídos de um devido reconhecimento, levantam a voz, e comigo dizem

Por vós as Leis florecem,
E a ditosa abundância
Entorna os seus tesouros sobre a terra;
Do seu antigo assento
A pigra ociosidade se desterra.

Vós tendes o maior nome,
Pois que vistes pelo mar profundo
Dar Leis ao novo Mundo,
Em remoto hemisfério,
Alma Real digníssima de Império.

Disse.

De José Vaz de Carvalho.



PROBLEMA

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor General de onde resulta mais glória? Se como Aluno de Marte, ou se como de Minerva, Constituído Herói pelas Armas, ou graduado nas Letras.

Tendes já ouvido a Glória imortal, que ao nosso esclarecido Herói resulta da profissão das Armas, em que ele pela Tática militar, amor dos Soldados, vigilância, zelo, asseio, e cômodo das Tropas é contemplado como um dos maiores Chefes do Mundo, como uma inabalável Coluna da Monarquia. Contudo, em razão de ofício, e mesmo em obséquio à verdade eu vou fazer ver, que é maior a Glória que lhe provém de ser Primogênito filho de Minerva, que de Aluno de Marte.

Se eu o igualara; não digo bem, se eu ao menos trilhasse seus avançados passos nas Aulas de Minerva; se cuidadoso procurasse imitar este Nobre e Singular modelo, que não sem pasmo meu, os derramar um claro e imortal Luzimento nos férteis e risonhos prados da já reformada Coimbra: Se eu enfim por algum princípio pudesse merecer a honra de ser contemplado entre os Sábios; só assim ilustres companheiros, só assim é que eu dignamente podia encher o cargo, com que hoje me honrastes; só assim poderia eu com satisfação mostrar-vos, que nada há de grande, de maravilhoso, de sublime debaixo desta abóbada celeste sem o auxílio das ciências; que tudo estaria sepultado em trevas, e que o mesmo nome dos mais abalizados Heróis jazeria sepultado, se lhe não desse esplendor, a Luz das Letras.

Vós, sócia inseparável da Justiça, vós capital inimiga da mentira, cândida verdade, vós guiareis o meu discurso; vós sereis o único, mas o inabalável fundamento dele.

E vós Luz da razão, porção celeste, faísca da Divindade, vós sois quem distinguís o Homem dos brutos; vós, só vós podeis abrir as portas do verdadeiro Heroísmo. Esses idólatras do ócio, desprezadores das Ciências, que sem princípios, sem conhecimentos ao menos do **justo**, e do **injusto**. Só constituem sua glória no estrondo das Armas: trazendo a todos ao Carro de Seus Triunfos o mesmo Juízo, a mesma Normal Razão; esses que desembainhando a espada; ou seja por ambição, ou por defesa, têm feito hábito de impávidos

derramar o Sangue humano; esses monstros, monstros destruidores de seus semelhantes, que cercados de máquinas destruidoras, trazem consigo o horror, a carnagem, a desolação; não são esses, os verdadeiros Heróis. As mãos, as ensangüentadas mãos do Sangue humano debalde procuram receber as palmas, que no Templo da Memória se preparam para os Heróis da Verdadeira Glória. Qual inocente infante, que se agita correndo após da própria sombra, e que quanto mais corre mais ela se empenha em fugir-lhe, assim nunca conseguiram a Glória do Heroísmo os que as procuram fora do caminho da Sabedoria.

Por isso, meus senhores a Glória que provém ao Nosso Ilustríssimo e Excelentíssimo Herói do exercício das Armas, seria nenhuma, se não fosse alumada pelo clarão das Letras: Semelhante ao noturno Planeta, que só alumina o Orbe com Luzes emprestadas, e que nos deixa em um abismo de trevas, quando pela interposição da Terra; elas lhe faltam, assim não pode luzir o Guerreiro sem o Farol das Ciências.

Os Egípcios, de quem aprenderam os Gregos, e depois os Romanos conheceram tanto a solidão desta verdade, que não sendo permitido a um cidadão ter dois ofícios, a ocupação do estudo das Leis, e da Política era comum a todos: eles não queriam Soldados que só soubessem derramar Sangue. Logo, não deveis exigir maior prova para concluirdes comigo, que é maior a Glória proveniente das Letras, do que das Armas.

Tem sobre a face da Terra aparecido Heróis, que sem jamais ter afiado a espada, elas foram pelas Ciências, Colunas do Estado, e Benefitores da Humanidade. Porém um Guerreiro que surdo à voz da Razão, só ouve a dos Tambores que o convidam a derramar Sangue; que costumado ao reflexo das Armas, volta sempre o rosto à Luz das Letras; este Guerreiro, verdadeira imagem do brutal o impetuoso Marte, nunca jamais pisará a Terra, se não para devastá-la, destruí-la.

Lançai, Senhores, um golpe de vista sobre as histórias, antiga e moderna, vós vereis mil exemplos do que vos tenho dito. Vereis que o mesmo Grande Sesostris, a quem os monumentos Egípcios puseram na immortalidade, não foi digno de seus louvores: ele não fez mais que interromper a doce paz, que durava a 128.300 anos. As rápidas conquistas, com que em nove anos fez gemer Jerusalém, com que penetrou pelas terras dos Índios mais longe do que Hércules, e do que Alexandre, a Carnagem, e o Sangue que derramou desde o Gânges até o Danúbio: o temor que espalhou nas três partes do Mundo até então conhecidas; os Carros do seu Triunfo arrastados pelos Reis vencidos, e por fim o suicídio, não foram Heroísmos, foram excessos a que o levaram uma cega ambição, uma espantosa soberba, filhas da ignorância, frutos de um século de barro.

Vereis Alexandre, depois de ter conquistado o Mundo, recolher-se à Babilônia mais como um Deus, que como um Conquistador: mas igualmente vereis, que no meio dos mais vastos desígnios que algum Mortal jamais teve concebido, ele morreu na primavera de seus anos, coberto das mais tristes imagens da confusão, prevendo as desordens em que deixava seu Império, e sua família; tristes despojos de sanguinolentas vitórias, que se não deveram àquela Arte militar, e àquele valor governado pelo juízo, e pela sabedoria. A memória destes Heróis existe como a das pestes, dos aluviões.

Vereis a um tempo Cipião Emiliano reduzindo a montão de ruínas a guerreira e comerciante Cartago; e o Cônsul Mamio arruinando de todo a mais aprazível, e mais bem adornada Cidade da Grécia, falo da desgraçada Corinto, de quem ele, sem conhecer o preço, roubou as suas incomparáveis Estátuas.

Vereis, que o Imperador Trajano, apesar da eloquência, com que Plínio o immortalizou, não foi mais que um destruidor da espécie humana, desde o Oriente até o Ocidente.

Vereis modernamente a populosa e rica cidade de [...], que apesar de sua inocência, foi com muitos de seus habitantes engolida de abrasadoras chamas. O fogo, soltando-se das prisões em que o retém a Natureza, ateado da ímpia mão do General [...], imprimiu ali toda a sua abrasadora atividade. Vereis... mas para que demoro com estes funestos exemplos? Eu posso convencer-vos com os mesmos fatos, de que vós mesmos sois todos oculares.

A superior instrução da milícia o Amor das Armas, com que o nosso Excelentíssimo Chefe se tem feito respeitável aos olhos do Mundo, e com que neste mesmo nosso remoto País tem feito aparecer a mais completa Legião, que o Mundo tem visto, não são os princípios verdadeiros da nossa felicidade. Não seria completo este mesmo valoroso Corpo de Tropas, a sua subsistência seria onerosa ao Povo, os Soldados seriam insolentes aos Paisanos, os oficiais mal escolhidos: em uma palavra, tudo seria desordem se não alumiasse ao Chefe a Luz das Letras. Logo a maior Glória só se deve às Letras, porque sem elas não existiria a Glória, que provém das Armas.

Essa mesma grande obra dos novos Quartéis, cuja arquitetura mostra em quatro ângulos aquela nobre simplicidade, e aquela grandeza que enche o entendimento; obra, que sendo por todos os princípios maravilhosa, eternizou o Nome de seu Autor, é filha das Letras. A Política, a instrução das Finanças, o Amor dos Povos, o Bem público em todas as suas partes, e até o Cálculo e Geometria, concorreram para ela. Não é um Guerreiro, é só um homem de uma superior instrução, um homem raro, singular e grande quem podia em tão breve tempo fazer com tão pouca despesa, sem o menor

vexame dos vassallos. Uma obra de tanto preço, tão útil à soberana, tão útil a vossa [Pátria], em que se beneficiou a tantos particulares vexados, com que até os mesmos encarcerados, que nela trabalharam voluntariamente e alegres, receberam o benefício da amável Liberdade.

Ó Alma, Grande Alma superior a tudo! Tantas roxas mãos a pouco desatadas de pesadas algemas, quantas eu vejo levantadas ao Céu pedindo a conservação de seu Benfeitor, são outros tantos Padrões da vossa Glória. Vós, Senhor, só vós nascestes para fazer despertar a triste humanidade em um País, em que ela era tão pouco conhecida!

Vede, Senhor, eu vos mostro, vede a Polícia desta Cidade, as suas Calçadas, vede o reparo das ruínas, refleti na obra da primeira necessidade a elevada obra do Chafaris. Olhai como está aberta a Porta do Comércio, a estrada de Santos; obra, que julgando-se sempre superior às nossas forças, foi em breve tempo concluída, sem despesa nossa.

Aquela soberba, e descalsvada serra, que impedindo ali o passo ao Oceano, curvada sobre ele, arroja de seu úmido seio tremendos rochedos contra as ondas que a combatem, que servindo de inacessível muralha aos inimigos de nosso País, apenas nos dava dificultosa passagem; que nos fazia tribulários até a vida de alguns homens, que ali desgraçadamente pereceram. Cujas descancaradas carnes jazendo insepultas eu vi confundidas em montões de ossos de infinitos animais quadrúpedes que ali morriam; aquela serra, onde serrando-me os olhos uma tormentosa noite, ora rolando entre penedos soltos, ora sumergindo em lama, eu vi quase chegado [...] fatal da minha existência; aquela mesma serra, horror antigo dos viadantes, é hoje, Senhores, a mais cômoda, a mais fortificada estrada, que nós temos. Ela só, basta para levar aos séculos futuros a Memória deste Grande Herói.

Vede a Agricultura, base fundamental desta Capitania; vede o Comércio, que a anima, e que faz a riqueza do nosso País. Dois anos há com pouca diferença, que os frutos desta Capitania escassamente chegavam para a sua subsistência. Quando o nosso Benfeitor se propôs a fazer carregar o primeiro Navio, todos cremos, que ou não sairia à Luz este Comércio, ou nos faltariam os necessários gêneros. Mas, que vemos hoje, Senhores? Eu vejo que cheia de abundância a minha Pátria, dos restos temos um grosso Comércio com evidente utilidade nossa. Extinguiu-se a inércia, cresceu a Lavoura, animou-se o comércio, aumentaram-se as exportações dos gêneros, e tudo gira com a mais bela ordem.

O Porto de Santos, chave importante desta Capitania que há tantos anos gemia [...] da mais melancólica e pálida pobreza, já é

animado do Calor do Comércio. Os seus habitantes libertos já da miséria, arrojando ao Mar toda a preguiça, cultivam as terras; já nos seus semblantes aparece aquele ar de alegria que infunde a geral felicidade.

O Grande Abixeovits [...] que mereceu de Voltaire os maiores e justos elogios por ter mudado a face da Rússia, tirando-a da confusão, do seio da Barbaridade, consumiu nesta grande obra não menos do que um Longo Reinado. Eu porém Senhores vejo felicitada a minha Pátria em um só instante: a sua transformação foi repentina. E se ao nosso Benfeitor só pelo benefício resulta a maior Glória, quanta não lhe resultará de o fazer com tanta prontidão, com tanta pressa?

E qual é, Senhores, o verdadeiro princípio de tanto Bem? É por ventura o fio da espada quem tem lavrado a terra, e dirigido o Comércio? ou será acaso o sangue humano que derramado em torno do nosso País a ferro e fogo tem feito vegetar os nossos frutos? Não, meus senhores, a sabedoria, e não uma vulgar sabedoria é quem forma o plano geral da nossa felicidade. Qual fonte perene, que correndo apressada; ora salta penedos que a embaraçam, ora minando-os por baixo, vai sempre incansável fertilizar os Prados, e saciar a sede dos mais ávidos Campos; assim a Sabedoria, por todos os lados espalhada, sem se exaurir aumenta os benefícios da Natureza; ao mesmo passo, que as armas, inda levantadas em defesa, não se afiam se não com horror da Humanidade.

E sendo, além disto, máxima importante dos maiores Políticos, que aquele que sabe conservar e fazer firme um Estado tem achado um mais alto ponto de Sabedoria, do que aquele, que sabe conquistar e ganhar batalhas. Segue-se que a Glória do Ministro Político, que desvia a guerra é maior que a do General que ganha a Vitória, e que por isso é maior a adquirida pelas Letras, que a ganhada pelas Armas.

Sim, meus Senhores, por mais que pense e que ancioso indague, eu não descubro outro princípio da nossa felicidade. Não é o Braço forte de um filho de Marte: a poderosa Mão deste Grande Político, deste espírito perspicaz, deste gênio Criador, deste que dentro do seu Gabinete, rodeado somente de escolhidas [...] estuda de noite o modo de nos beneficiar no outro dia, é quem unicamente merece o maior Louro, é quem consegue a maior de todas as Glórias.

Ali é, Senhores, que remontando-se ele pela História ao meio do Universo, vê em um só ponto os estragos da Guerra, e os frutos da prudente Sabedoria: vê que apesar da voracidade dos tempos, existe ilesa a clemência daqueles Grandes homens, que honrando o Século em que existiram, felicitaram a Pátria, e a humanidade. Destes escolhe

o nosso Excelentíssimo Herói alguns por modelo; em cuja rigorosa imitação a uns há de igualar, a nenhum ceder, e avantajar-se a muitos.

Alívio, que sendo a Natureza tão fértil em produzir Guerreiros, e fazê-las aparecer na flor das armas, é ao mesmo tempo escassa e vagarosa em formar um homem capaz de evitar as desordens do Mundo, e de fazer venturosa a humanidade. Ali mesmo viu, que a Capital do Mundo, a Escola dos Sábios, a Pátria de tantos Heróis, a mesma Roma, tendo no decurso de Sete Séculos dado a Luz uma numerosa Cópia de Guerreiros, que encheram o Mundo de Seu Nome, que oprimiram a terra com o peso de Suas Armas, que fizeram transbordar o Tibre, e que mais de uma vez laceraram a própria Mãe, que lhes deu o Ser, e atravessaram o peito da Pátria com aquela mesma espada que ela lhes havia dado para sua defesa, conta um só Numa Pompílio, que recebendo com uma Mão o Cetro, fechou com outra o Templo de Jano, fazendo gostar aos Romanos todas as delícias de um Governo Sábio. Ali enfim viu, que o nome de **Antonino Pio** ficou sendo a delícia do Povo Romano só pela importante máxima, que como herança deixou a seu filho, que valia mais salvar a um só cidadão, do que derrotar mil inimigos.

Eis aqui os raros Heróis, que ele se propôs imitar: eis aqui como das Letras ele tira os frutos da sua maior Glória: eis aqui porque torno a afirmar, que a Glória proveniente das Armas é inferior àquela.

Presumis por ventura, Senhores, que o Régio Sangue, que com afluência lhe circula as veias, herdado de tantas testas coroadas, ou que o vigor de uma florescente adolescência foram os estímulos de seguir as Bandeiras de Marte, e de querer por este modo brilhar a face do Universo? Não, meus Senhores, eles desde os tenros anos só se propôs a ser útil a Soberania, à Pátria, e à humanidade. Pelos altos conhecimentos adquiridos nas Aulas de Minerva viu, que estava hábil para conseguir aqueles honrados fins. Mas, para que por todos os lados visto, fosse raro, singular, e Grande, a mesma Minerva lhe fez ver, que ele não devia ignorar a prática da Milícia, porque se a Luz das Letras muitas vezes ofende os olhos do feroz Guerreiro, nunca os filhos de Minerva tiveram as mãos pesadas para a defesa da Pátria.

É assim, que de um mimoso filho de Minerva se formou um iluminado Guerreiro. É por isto, que dentro da mesma Luzidíssima e guerreira Legião de Voluntários Reais se acha tanto homem instruído, que no mesmo exercício das Armas se distinguem pelo clarão das Letras: Sim, porque nada opera com tanto vigor no coração das Tropas, como o exemplo dos Chefes, que as animam.

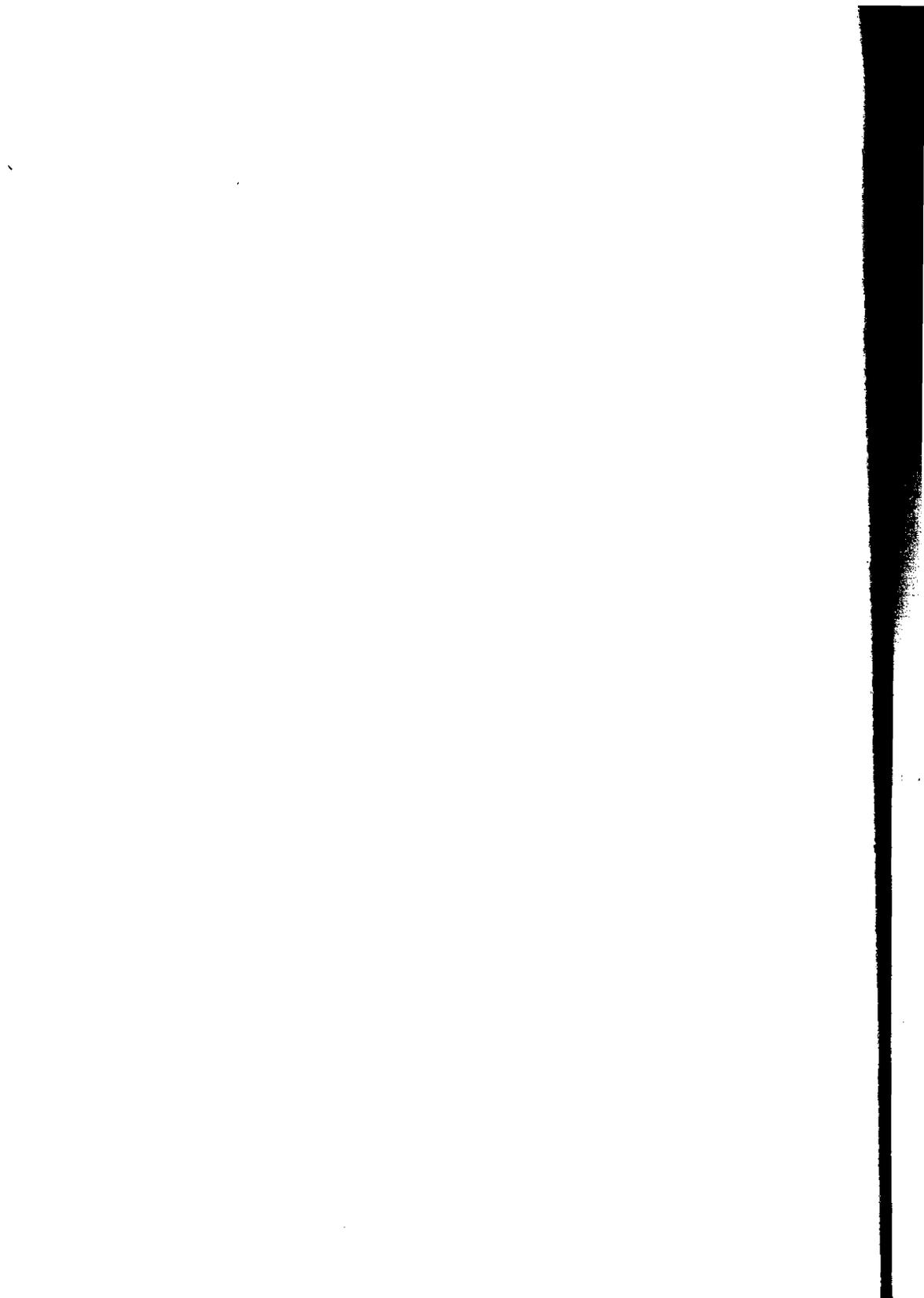
Por isto enfim é, Senhores, que ao mesmo tempo que vemos os seguidores de Marte versando as Aulas de Minerva, vemos os

mesmos que se destinaram às Letras, alistados de baixo dos Estandartes da milícia. Eis aqui um novo, mas utilíssimo método de fazer florescer uma Província, um Reino: é assim que com mais facilidade as Armas defendem as Letras, e estas iluminam aquelas. O Icto destinado no tempo da Paz a explicar a Lei da Soberania a livrar da Calúnia ao inocente, e mesmo a defender os Direitos de NUA Nação, esse mesmo também é hábil para desembainhar a espada em defesa das Pátrias Lares.

Roma, depois de ter visto, que o formidável partido de Catilina mais se arruinou pela eloquência de Cícero, que pelas Armas de Caio Antônio seu colega; também viu em diferentes séculos, que os seus Ictos, fechando a coleção das Leis, pegavam na espada, e munidos de autoridade Pretória, ou consular, iam sujeitar novas Províncias ao seu Império. Ela viu, que o seu mesmo César, ocupado umas vezes como Icto em defender os Romanos, outras em decidir litígios, não teve frouxos os braços para fazer a sua Pátria a mais útil conquista, que até então havia conseguido, sujeitando ambas as Gálias ao Poder dos Romanos, quando a eles foi enviado com autoridade Consular.

Se pois toda essa iluminada Milícia, de que ao Nosso Excelentíssimo Herói provém tanta Glória, é fruto das Letras a que se applicou, eu podia livremente concluir, que todas as suas Glórias só tinham verdadeira origem nas Ciências. Mas ligando-me ao Problema dado, pelo menos todos concordareis comigo, que maior Glória lhe resulta quando o contemplamos Aluno de Minerva, que quando o vemos seguidor de Marte. Glória esta, Senhores, tanto mais durável quanto é firmada sobre a mais sólida base, tanto mais verdadeira, quanto é diferente daquelas, que se firmam sobre os inconstantes pela volúvel roda da Fortuna.

[Frei Francisco de São Carlos]



1.º Assunto Acadêmico

Sua paixão pelo bem público, demonstrada

Em tantas obras úteis,

Magníficas

Em um Governo Suave.

2.º Assunto Acadêmico

Seus cuidados militares

Pela pública segurança,

Provados

na destreza das nossas Armas,

Exercitada,

Pelo exemplo do seu Comando.

3.º Assunto Acadêmico

Sua Fidalguia Pessoal Hereditária,

Origem

De toda a presente felicidade.



CANÇÃO — 1.º ASSUNTO

Não canto aquele que pensou da guerra
O fulminante raio
Aos últimos confins levar da terra
Sem horror, sem desmaio,
Que não incensa a Musa Americana
Heróis da Grega, mas da Mantuana.
Calíope sagrada, tu me assiste
Com frase harmoniosa,
Qual aquela, que do Latino ouviste
Na tuba sonora,
E nos meus versos tanta força inspira.
Que um pio Enéias meu herói se infira.
O herói que eu canto, em suas veias
Pulsa o nobre sangue
Dos que tremer fizeram as ameias
Da Mauritània exangue;
Porém que herdando tanta heroicidade
Da paz somente adora a Divindade.
Fastosa Roma, os tempos suspirados
Dos Césares, e Augustos,
Que em o teu Capitólio assinalados
Em mármore, e bustos,
Deixar quiseste por maior memória,
Devem ceder ao nosso tempo a glória:
E tu ó Paulicéia, ó Pátria amada,
Que gozas a ventura
De ser tão somente governada
De Tito na doçura,
Sacode o teu cabelo agora ufano
Co vistoso penacho Americano.
Conserta as belas roupas aljofradas
Há tempo flutuantes,
Deixa velas de ouro recamadas,
Topázios, e brilhantes;
Que este obséquio é devido ao grão Lorena,
Que te rege no amor, na paz serena:

Se algum dia os teus filhos resolutos
 Em tempos mal seguros,
 E a despeito dos bárbaros mais brutos
 Vagantes Palinuros
 Dos sertões descobriram altas minas,
 Mostrem-nas hoje dentro das campinas;

Verás, que gloriosas recompensas
 Lhes guarda o bom Lorena:
 Olha as obras magníficas imensas,
 Que em teu regaço ordena;
 Há o aqueduto, as ruas, e os caminhos
 Livres de abrolhos, livres já de espinhos.

Olha quanto lhe deve este Senado
 Por tua segurança:
 Não tens já que temer, tens arrojado
 Em África u'a lança:
 Tens os réus em custódia, em casa forte,
 Descansa Astréia à sombra de Mavorte:

Olha como por ti aos Senadores
 Honra tanto, Paulicéia,
 E neles te dedica os seus amores,
 Pensando na alta idéia,
 Que a um composto não ama antes despreza
 Quem de honrar-lhe a cabeça não se preza.

[Frei Francisco de São
 Carlos]

IDÍLIO

Fugi, fugi do lago pantanoso
 Fiéis pastores, à plácida corrente,
 Vinde ver deste rio obsequioso,
 Que sempre corre para o mar contente.

Aqui forma u'a límpida cascata
 Por entre pedras alvas, cristalinas,
 Ali fora das margens se desata,
 Inundando florestas e campinas.

Daqui na superfície vai levando
 As flores belas e a folhagem verde,
 Pelo fundo dali vai arrastando
 As areias de ouro, de que um grão não perde.

Tudo vai conduzindo agradecido
Para o mar que elevando-se às estrelas
Choverá as fontes, de onde tem nascido;
Olhai, Pastores, que lições tão belas.

Fugi do bosque umbruso, emaranhado,
Habitação de pássaros noturnos,
Aonde o Sol não haja celebrado
Nos cânticos suaves e diurnos.

Vinde assistir no vale delicioso,
Onde o grato cantor da bela Aurora,
No gorgueio celebra harmonioso
A benéfica luz, que tanto adora.

Este o livro, que a Mestra Natureza
Na escola da razão nos abre a todos;
Porque da gratidão, da mor beleza
Nos encantemos, por tão vários modos.

Enfim, Pastores, vinde agradecidos
Na flauta pastoril, na doce avena
Cantar os benefícios recebidos
Do generoso ínclito Lorena.

Do nosso maioral, por quem florescem
No próprio inverno as nossas sementeiras;
Por quem fogem, por quem desaparecem
Tantos males de nós, destas ribeiras.

Por quem nossos rebanhos defendidos
Dormem longe do aprisco, e do rafeiro,
Sem receio de serem perseguidos
Pelo faminto lobo carniceiro.

Por quem a clara Fonte, destinada
A saciar-nos a sede, já murmura,
No meio da carreira começada:
Fonte de mel, e fonte de doçura!

Por quem reina a abundância a Alegria,
A Paz (a doce Paz) com firme assento,
Por quem faz co'as virtudes harmonia,
Por quem respira o bom contentamento.

Quem tanto bem nos faz, quem mais intenta
Tanto exige de nós, tanto merece;
Que o mal se reprovado não se aumenta,
A virtude louvada sempre cresce.

Assim o velho Anfriso despertava
 Aos Pastores, que vira adormecidos,
 Quando já cada qual se levantava
 Demonstrando, que estavam persuadidos.
 Mas por dar-lhe um sinal mais evidente
 Do quanto da razão se penetraram,
 Ao som da sanfonina em continente
 Estas quatro cantigas entoaram.

Cantemos, cantemos
 De Lorena a glória.
 Vamos por memória
 Seu nome gravar.

No bosque, na selva
 Nas altas colinas,
 Pedras cristalinas
 Vamos procurar.

Delas lhe lavremos
 Um padrão luzente,
 Qual não possa a gente
 Mais belo encontrar.

Veja o caminhante,
 Que ao Senhor Lorena
 Nossa rude avena
 Soube eternizar.

E querias disfarçado em salineiro,
 Sórdido interesse,
 Introduzir-te da Câmara vendeiro,
 Meu herói te conhece,
 General, Cidadão no Capitólio
 Não quer contra o seu povo um monopólio.
 Olha como das suas próprias rendas,
 Por não ser oneroso,
 Dos que podem excita as oferendas
 Político, e brioso,
 Sem vexame do pobre, e sem conflito,
 Que mais fariam Marco Aurélio, e Tito?
 O guerreiro Alexandre muito embora
 Corra após da vitória,
 Que se o Mundo já sabe, e não ignora
 O que se acha na História,
 Por loucura terá, por fanatismo
 Esse, que pretendeu falso Heroísmo:

Porque em u'a palavra as belicosas
 Nações desbaratar,
 Impérios, e cidades populosas
 Destruir, arrasar,
 Tão longe está de ser Heroicidade,
 Que é bárbara ação filha da impiedade;
 A verdadeira glória não consiste
 Nas produções do acaso,
 Que no útil das ações é que ela existe

Segui Senhor o plano do Governo
 Que tendes ideado,
 Que essas obras vos dão um nome eterno,
 Por elas sou mandado
 Pela Pátria erigir um Monumento...
 Mas que!... vós recusais grato intento!... (4)

Duvide embora César elevar-se
 De Roma em o Senado,
 Mas não duvide Lorena eternizar-se
 Por este Magistrado,
 Que aqui Austros não sopram, sim Favônios,
 Aqui Brutus não tem, sim tem Antônios...

Rica pompa de mármore lustroso,
 Bronze resplandecente
 Não brilha, não atrai a quem glorioso
 É mais preeminente
 Nas virtudes, de que troféus levanta;
 E dentro do seu peito as acalanta.
 Canção vai ser estátua ambulativa,
 Que o mundo gire, e na memória viva.

[Frei Francisco de São Carlos]

SONETO

Caminhante, que paras aturdido
 A vista do prospecto, ou da fachada
 Dessa obra gentil, sobre a calçada
 Por que ficaste, dize, suspendido?

(4) Depois de concluída a grande, e utilíssima obra do caminho da serra e Cubatão querendo o Senado desta Cidade levantar no alto dela um padrão com a inscrição do seu nome

Receias perguntar desconhecido,
 Se da tropa, que vês ela é morada,
 Porque a vês tão distinta e levantada;
 Qual um Régio Palácio esclarecido?

Nela tens o quartel de Voluntários
 Mas se pasmas à vista da beleza,
 Toda igual de seus ângulos contrários;

Que farás se contemplas a viveza
 Desses Raios da Guerra, ou Belisários
 Produção de Lorena. Ah! que grandeza! . . .

Ao 2.º Assunto.

[Frei Francisco de São Carlos]

SONETO

No exercício das Armas ao semblante
 Da Guerra, ainda na Paz acostumando
 Se vai, um general que manobrando,
 Em figura se põe beligerante:

Que a Disciplina Militar prestante, (5)
 Não se aprende, Senhor, fantasiando;
 Mas vendo, tratando, e pelejando;
 Como vós praticais da Glória amante.

Segui a empresa, que é de vós bem digna,
 Que assim foi, que um Meltíades famoso
 Um Temístocles dera a Salamina;

Assim é, que um Esquadrão brioso,
 Parapeito de Rocha diamantina,
 Em São Paulo deixais bem glorioso.

[Frei Francisco de São Carlos]

AO 2.º ASSUNTO

Que montam os Leões as Águias puras
 Se a ignavia branda lhe perverte a idéia,
 Cante o grande Pereira na "Ulisséia", (6)
 Que montam átrios, carros e pinturas:

(5) Camões, Lus., C. 10, 8.ª 153.

Ao 2.º Assunto.

(6) Uli. C. 7. 8.ª 83.

Ao 3.º Assunto.

Que as famosas imagens, e esculturas
Da grã nobreza, que lhe engrossa a veia,
Afrontam ao que imbele não se ateia
No ardor; em que chamejam as figuras.

O bem, Senhor, que tendes na memória
Gravado este sublime documento,
Há de dizê-lo a Paulistana História;

Pois que sem dormir um só momento
Sob a herdada grandeza, a tanta glória
Sobrepujais, com próprio luzimento.

[Frei Francisco de São
Carlos]

A POLIDEZ

Poema

Lucem redde tuae, Dux bone Patriae,
Instar Veris enim, vultus ubi tuus
Afulsit; populo gratior it dies,
Et soles melius nitent.

Horacio, L. 4 id. 5 ad Aug.

Já não restam na América vestígios
Dessa antiga, feroz barbaridade,
Que u'a ignorância estúpida influía
Com despótico arbítrio; dissipou-se
A densa névoa escura, que ofuscava
Todo o esplendor nativo dos brilhantes,
Que fecunda produz no seio imenso:
Já reina a Polidez: graças a Lísia,
Graças à Estrela Augusta, que a ilumina.

Vejo nestes confins do novo mundo
Já assentada a posição da Pátria,
Que nos deu ser em o terrestre Globo.
Já sabemos da sua Latitude, (7)
Do Equador quanto dista ao Meio-dia:
De Leste a Oeste, que tem de Longitude, (8)
Do grande Meridiano dos Franceses,
Da ponta ocidental da Ilha do ferro.
Já sabemos o quanto se levanta

(7) 23. g. 33. 15

(8) 331. g. 24. 30

Sobre o nível do Mar, seu grão terreno: (9)
 E ainda mais, o quanto aqui declina
 Do verdadeiro Norte, a vária Agulha
 Já temos muito bem analisadas
 Suas águas saudáveis, cristalinas:
 Partículas bem pouco heterogêneas,
 Deixaram velas, quase elementares.
 Dois gênios raros, grandes, incansáveis
 Discorrem sem Máquina Aerostática,
 Pelo ar imenso, de que quase a um tempo
 Com a Esfera, e compasso à terra descem,
 Por medir-lhe os limites, que descrevem
 Em lindos Mapas, belos, excelentes.

A par destes eu vejo outro Talento (*)
 Voltando a terra e abalando os montes:
 A fazer conduzir de mor distância,
 Por força não, que por Engenho, e Arte:
 Ele aplaina os caminhos ao comércio,
 E conduz novas águas à Cidade,
 Esgotando da hidráulica os recursos
 Ele rege, e dirige as belas obras
 Com o lápis na mão, delineando
 Primeiro as proporções, primeiro a planta;
 Em papel, ou madeira demonstrando,
 O que pretende construir em pedra.

E vós, quem sois, varões assinalados, (*)
 Que tendes ao redor Turba Guerreira,
 A quem ouro no azul, e prata vertem? . . .
 Vós lhes ditais a disciplina exata
 Da ciência, que resolve, e que decide
 Da sorte dos Impérios; os segredos
 Da Tática sublime, a segurança,
 A boa ordem nas Marchas, a cautela
 No escolher campo, e assentar barracas,
 Abrir fossos, levantar trincheiras,
 Formar redutos, construir padraços
 Com incrível presteza, assegurar-se
 Defensável à vista do inimigo.
 Vós lhes ensinais no ardor da guerra
 A avançar, retirar, e pôr assalto (?)
 Com a espada na mão talar muralhas
 Intrépidos, valentes, resolutos

(9) 300. br. Port.

(*) As notas não são legíveis.

A morrer pela Pátria, ou a salvá-la.
 Assim foi, que educaram os Romanos
 O Raio abrasador, que devastara
 A bilingüe Cartago; deste modo
 Os Gregos, os Heróis da Maratônia.

E a vós que em longa Toga flutuante (*)
 Ostentais, um caráter respeitoso,
 Que amor excita com temor suave.
 Vinde abrir-nos as portas do Senado.
 O Mundo girem vistas do edifício,
 Cuja bela fachada prende, e encanta,
 Que tem por base as Cunhas de Meneses, (10)
 Por coroa, os remates de Lorena. (11)
 Vinde abrir-nos as portas do Senado,
 Glória de dois Heróis e glória vossa,
 Aonde nos ditais as Leis sagradas,
 Que ignorou Solon, não viu Licurgo
 Em Atenas, Esparta, ou magna Grécia;
 Que seguram a Paz, e que protegem
 Ao inerme Pupilo, e a Donzela,
 A Viúva honesta, o Cidadão honrado,
 As Leis Municipais, que nos defendem
 De insultos, de roubos, e assassinos,
 A cuja sombra o lavrador contente
 Multiplica as Charruas, e os Arados
 Que promovem nas terras a abundância,
 Depois Navegação, e mais Comércio.

Mas que Jovem ilustre se levanta
 A quem se humilha a turba circunstante
 Desses nobres Varões abalizados...
 Ah! sim... já reconheço o Régio Dedo, (12)
 O Gênio criador, que conduzindo
 De remotas regiões Sábios diversos,
 Consigo trouxe as Artes e Ciências,
 A militar Política das Armas,
 A Polidez Civil, a Urbanidade,
 Que reina em toda a parte. A Hipocrisia,
 E o cruel Fanatismo, desterrada
 A mole Estupidez, nem mais se atreve
 Soltar ao longe um mal distinto ronco.

(10) O Ilustríssimo, e Excelentíssimo Frei Francisco da Cunha Meneses.

(11) O Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Bernado José de Lorena.

(12) O mesmo Senhor General.

Pedro grande, assim dizem, transtornara
 Nas Rússias em Heróis aos Moscovitas,
 Ilustrando co'a força do seu gênio
 Sua Pátria, que fez tão conhecida.

Por isso eu já diviso u'a Matrona (13)
 Vestida em brancas roupas, que escurecem
 A candura da Neve, abrir um Livro,
 Que repousa nas costas encurvadas
 Do anoso Tempo, que nele adiciona
 A esses fatos, que já tem narrado,
 Os presentes, que a América vai vendo,
 E com grave Eloquência vai narrando.

Com ela vem belíssima Donzela,
 A que tantos rodeam brancos Cisnes,
 Volátil Nume, que de azul ceeste
 Recamado de Estrelas traja ufana;
 Eu a vejo de louros coroada,
 Traz na testa u'a faixa radiante,
 Na mão Tuba argentina, e Lira de ouro,
 Com que canta aos Heróis, e os eterniza
 Muito além da prescrita, e dura meta,
 Levantando-lhe aos Astros, fama, e glória.
 Já ouço ressoar a Aônia Tuba,
 Que embocando Calíope Divina
 Deixa tudo em silêncio adormecido;
 As bravas Ondas e os bramantes Euros,
 Os rios, fontes, ecos retumbantes,
 Larga Jove do Néctar derramado
 Pela undosa barba, e do seu Plaustro
 Nem sabe Apolo se prossegue o giro:
 A outras filhas da memória em roda
 Os diáfanos ares vão rompendo,
 Doces hinos cantando aos pés do Trono,
 Do Trono, aonde brilha o simulacro
 Da Rainha imortal, da Majestade,
 Amor; Delicias, Esperança, e Glória
 Do Brasil mais polido, que celebra
 Neste dia, seu dia Natalício,
 Em que um povo se apinha reunido,
 E com vozes de prazer doce alegria
 Levanta as mãos ao Céu, a quem dedica
 Puros incensos, e oblações votivas.

(13) A História.

(14) A Poesia.

Ó dia fausto! dia memorando!
 Scrão (sic) com pedra branca assinalado
 Em Portugal, no Algarve, na Etiópia,
 Na Pérsia, no Brasil, cá nas Conquistas.
 Ó se acaso um feliz destino dera,
 À frente do Senado Paulistano,
 Voar aos Pés do Trono imediato,
 Esse Lábaro Real firme arvorando;
 Soltando a voz canora, assim diria,
 “Esta, que eleva, cópia peregrina,
 “Paulicéia, Senhora, em honra vossa,
 “Bem que as virtudes retratar não pode,
 “Que são do original realces belos,
 “Vós, Senhora, vós, Princesa Augusta,
 “Deveis olhá-la com serena face,
 “Como um belo Padrão significante
 “Dessa, que herdamos, pura Lealdade
 “Que de vossos avós os Amadores, (15)
 “Como Buenos guardaram, quando a Espanha
 “Procurava iludir-nos com fantasmas;
 “Com o esplendor da nossa Urbanidade.
 “Glória imortal de vosso grão Reinado,
 “Cuja bela, e feliz hipotipose
 “Co de Augusto emparelha, antes o excede;
 “Pois que nele surgindo em competência
 “Mil Vergílios vos pintam aos ouvidos,
 “Um Apeles vos canta nas pupilas.”

Disse.

[Frei Francisco de São Carlos]

1.º Assunto

SONETO

Nova forma, Senhor, nova figura
 Estais à Paulicéia dando altiva
 Já a vereda de escolhas mil nociva
 Na planície oferece a formosura.

(15) Amador Bueno foi aquele honrado Paulista, que no tempo em que sacudimos o jugo de Espanha proclamava “Viva o Senhor Rei D. João IV” quando pela plebe ignorante, seduzida, e enganada pela política dos Espanhóis, que aqui se achava, e tal não podiam sofrer, o aclamaram Rei, o que ele constante recusava, fugindo com a espada na mão e sempre gritando as palavras acima. É tradição constante.

Ali o triste templo da amargura
 E dos olhos soberba perspectiva
 Aqui marmórea fonte arroja esquiva
 Em líquidos cristais a linfa pura

A gente de Mavorte que à defesa
 Se destina, já tem terreno grato
 De cômodo espaçoso na largueza

Mas quando não encante o aparato
 Desses padrões perpétuos da grandeza
 Em vós tem a Cidade todo ornato.

[Frei Francisco de São Carlos]

Ao mesmo

SONETO

Recreie ao peito infame a crueldade
 Da brava mão guerreira destemida
 Que a mim prazer mais doce me convida:
 Eu amo a paz, eu louvo a Sociedade.

Ver os muros cair d'ua Cidade
 A fogo a sangue a fumo reduzida
 E ouvir a voz que sai enternecida,
 É cena que desonra a humanidade.

Se vós alto Senhor com fulminantes
 Golpes não assolais a natureza,
 Triunfos se vos devem mais brilhantes.

Vencestes corações, e nesta empresa
 Os vencidos ficaram mais amantes,
 E o combate mostrou maior destreza.

[Frei Francisco de São Carlos]

Ao mesmo

SONETO

Um povo é semelhante ao mar irado
 Indômito, inflexível, insolente:
 Mudável no conceito, e injustamente
 Crimina a mão que às Leis o tem atado.

Se o mando obra justiça, é mui pesado
 Se deixa o crime impune é indulgente
 Se se vale da indústria, é imprudente:
 Não se pode de todos ter agrado.

Só vós grande Senhor, com arte incrível
 Os extremos unistes de um projeto,
 Que vai tocar o reino do impossível.

Pois no vosso governo, sábio e reto
 Soubestes grangear, coisa indizível?
 De gênios desiguais, igual afeto.

[Frei Francisco de São Carlos]

Ao mesmo

SONETO

Imperar com justiça e ser amado
 Governar com brandura, e ser temido,
 É projeto de si tão desunido
 Que jamais se verá confederado.

Em nada o homem vive consolado,
 E o compõe um humor tão desabrido
 Que no justo, se dá por ofendido
 E no brando se torna confiado.

Mas o ilustre Lorena é tão discreto
 Que atingiu o mistério da igualdade
 No equilíbrio fatal dobrando, ereto.

Pois rege de tal sorte esta Cidade
 Que justo concilia o nosso afeto
 E afável não desonra a Majestade.

[Frei Francisco de São Carlos]

Ao mesmo

SONETO

Entre férreos grilhões preso, e seguro
 Suspira o delinqüente desvalido
 Aguçando o punhal do seu gemido
 A estreiteza cruel do cárcere escuro.

Sentistes bom Lorena, e o sangue puro
 Que o peito vos inflama esclarecido
 Determinou da mágoa condoído
 Dar ao réu novo asilo, menos duro.

Remata-se a estrutura; e o triste passa
 A sentir no pesar menor violência
 E a lograr na prisão mais larga praça.

E para vossa glória alta Excelência
 Beijando está nas aras da alegria
 Os troféus que erigiu vossa clemência.

[Frei Francisco de São Carlos]

Ao mesmo

SONETO

Inclinaí por um pouco paciente
 O esplendor que acompanha o exercício
 Conte mais a modéstia um sacrifício
 Enquanto a língua explica o que a alma sente.

Em vós a Natureza largamente
 Os tesouros abriu do benefício:
 Em vós despositou o Céu propício
 Sangue ilustre Alma grande peito ardente.

Em vós ser compassivo, é natureza
 Em vós descobre alívios a desgraça
 Em vós encontra o mérito largueza:

E se o indigno vos acha a mão escassa
 A mercê lhe negais com tal destreza
 Que é mais doce a repulsa, do que a graça.

[Frei Francisco de São Carlos]

2.º Assunto

SONETO

Caminhe o peregrino fatigado
 Pelo bosque seguro do perigo;
 Repouse o Camponês ao doce abrigo
 Da rústica choupana descansado.

Do seu tesouro o riso descuidado
 Não reccie as ciladas do inimigo.
 Ninguém traga o punhal duro consigo
 Porque é inútil na paz viver armado.

No respeito das armas recolhemos
 Doces frutos de paz, e de bonança,
 Que ao destro General tanto devemos:

Mas quando nos faltara esta esperança
 Em seu ardente amor, sempre teremos
 O mais forte broquel da segurança.

[Frei Francisco de São Carlos]

Ao mesmo

SONETO

Quando aceso o semblante forte, e irado
 Moveis as tropas com sutil destreza,
 Quem não vê retratada a gentileza
 Do valor, que no sangue vem herdado.

Nem sempre ao mundo assombra o peito
 [honrado
 Que produz com trabalho a natureza,
 Porque da paz a sórdida moleza
 A muitos tem no Lete sepultado.

Se armasse a guerra o braço invicto
 Maior número de Heróis na Lusa História
 Em livro d'ouro restaria escrito:

E a vós tocava parte desta glória
 Pois se campo vos falta pra o conflito
 O valor vos sobeja pra Vitória.

[Frei Francisco de São Carlos]

ODE

Alado pensamento
 Aonde sobre as penas estendidas
 Mais rápidas que o vento
 Me levas a beijar palmas Luzidas
 Que a voraz foice de Saturno duro
 Não pode sepultar no Lete escuro?

Em bases d'ouro fino
 Descansa a majestosa arquitetura
 E o templo adamantino
 Em colunas, emblemas, e escultura
 Da destreza é troféu; no sólio brilha
 De Titã, e da terra a loquaz filha.

Ali ilustres peitos
 Estão dos fortes lusos esculpidos
 Ali os claros feitos
 Em lâminas de prata oferecidos;
 Ali combates, hórridas batalhas,
 Escudos, elmos, Capacetes, malhas.

Envolto em negro sangue
 E coberto de pó, de pó honrado
 O forte peito exangüe
 Entre pálidas ânsias desmaiado
 Exala extremo alento, sacrifício
 Honroso à Pátria, ao Rei, ao Céu propício.

Ali distinto altar
 Rico emblema apresenta de diamantes
 Que se via espalhar
 Clara porção de luzes rutilantes
 Tão acesos os raios despedia
 Que as estrelas do rosto cegaria;

Debuxa alta figura
 De horrendo aspecto, a face carregada,
 Coberta da armadura
 De escamas d'aço fino interchaçada
 Na mão o férreo escudo, e na viseira
 Escrito. Dom Nuno Álvares Pereira.

Brandindo a lança dura
 Os batalhões cerrados do inimigo
 Já rompe; e irado jura
 Ao leão das Hespérides castigo
 Leva impávido a morte a toda parte
 Correio do pesar, seta de Marte.

Qual raio turbulento
 Que trissulco as sulfúrias nuvens fende
 E em rápido momento
 Estala, brame, fere, queima ofende;
 Tal dano, que ao forte Ibero armado
 Fazia o fero Nuno arremessado.

Sustenta o áureo trono,
O trono Lusitano flutuante;
Nas mãos do próprio dono
Firma intrépido a vara dominante;
E com ele reparte o sangue, e as glórias
Das pelejas campais e das Vitórias.

Da espada ao forte peso
Cai por terra a falange Castelhana
É o rosto em chama aceso
Treme o Artabro, pasma o Guadiana;
Enfim nas obras mostra o Nuno forte
Que a glória só se alcança aos pés da morte.

Este o trono brilhante
Dos Heróis claros ramos de Lorena.
Caminhar mais avante
O pudor da modéstia não me ordena:
Mas claro está que de leões guerreiros
Nascer não podem tímidos Cordeiros.

[Frei Francisco de São Carlos]

OITAVA

Se alguém negar a força da paixão,
Que temos pelo nosso General
É louco; e bem merece a descrição,
Que os filósofos dão do irracional.
Pois é tão forte a nossa inclinação;
Tão patente o amor, e tão geral,
Que a fim de o engrandecer ninguém receia
Meter-se hoje por gosto na cadeia.

De Frei Francisco de São Carlos.



COLEÇÃO DAS OBRAS

Que se recitaram
Na Academia,
Que o Senado da Câmara desta Cidade
Dedicou,
Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor
Bernardo José de Lorena,
Governador,
E Capitão General da
Capitania de São Paulo,
De 1791 a .,
Faustíssimo dia dos anos
Da
Rainha Nossa Senhora,
Em que se concluiu
A importantíssima Obra
Do Senado
E
Nova Cadeia



1.º Assunto — Sua Paixão pelo Bem Público, demonstrada com tantas Obras úteis, magníficas, em um Governo Suave

SONETO

Não só nestes meus Patrícios Lares
De tua Alta Virtude, Alta Nobreza,
De quanto te fez grande a Natureza
Ouço teus vivas ressoar nos Ares;
Nesses mesmos colímbricos lugares,
Onde habita das Ninfas a beleza,
Das Ninfas do Mondego com certeza
Eu vi Minerva levantar-te Altares.
Se este pobre País vejo abastado
Tua instrução também vejo notória:
Aqui deixas teu Nome eternizado
Nestas obras que deixas por memória;
Porque em cada projeto executado
Erigiu-se um Padrão de tua Glória.

[José Arouche de Toledo]

CANÇÃO

1.

Não vou cantar de Corações guerreiros
Ímpias proezas, bárbaras vitórias.
Os Heróis verdadeiros
Não são os que desejam torpes glórias,
Nem os que o sangue dos mortais aflitos
Bebem na guerra atroz, e nos conflitos.

2.

Entre os Grandes Heróis, Herói primeiro
Peito de Marte, espírito de Apolo
Um prudente Guerreiro
Que o Céu nos enviou lá de outro Pólo,
Digno de submissão, digno de afeto.
É só de meu Louvor, o digno objeto.

3.

Musa, tu que em suave melodia
 Cantaste alegre em plácido sossego
 Lá onde nasce o dia,
 Onde correm as águas do Mondego
 Por entre a matizada e fértil erva,
 Que honra pisando a imortal Minerva.

4.

Canta da Sábia Deusa o filho amado,
 A quem fez Grande a Sábia Natureza;
 Que por iluminado
 Mereceu, que na Atenas Portuguesa
 Na multidão de sábios singulares
 A mesma Deusa lhe erigisse Altares

5.

Quando a Fortuna quis, Senhor que eu visse
 Teu Génio Superior sem artificios,
 Então comigo disse:
 Se tu foras dar Leis a meus Patrícios,
 Já não temera de Netuno a guerra;
 Eu tornaria a ver a Pátria terra.

6.

Já então eu previa quanto vejo
 Alegre a fantasia me acenava
 O mesmo em que o desejo
 Em benefício da Pátria se ocupava.
 Eu a via encher-se de riqueza
 Arrojando os grilhões da vil pobreza.

7.

Via a Tirana Injustiça espavorida,
 Fugir, rangindo os dentes de raivosa;
 De negro véu vestida
 A monstruosa fera venenosa
 Arrojar-se nas hórridas cavernas
 De Radamanto nas prisões eternas.

8.

Via a Pátria banhada em alegria,
 Favorecido Apolo, honrado Marte:
 Via . . . mas que via?
 Via Ceres nascer em toda a parte;
 Via renascer a Idade de Ouro,
 Ondear pelo Campo o trigo louro.

9.

Com obras aumentar uma Cidade
É mais que destruir o Mundo inteiro.
Matar com impiedade,
Do lavrador queimar pobre celeiro,
Conquistar apartados Povos Rudes
Maravilhas serão, mas não virtudes.

10.

Só Tu, digno de Estátuas de Alabastro
Digno do Bronze, que os Heróis distingue;
Luminoso Astro,
Só a tua virtude não se extingue:
Teu Nome fugirá do esquecimento
Enquanto houver no Mundo entendimento.

11.

Não contente com tantos benefícios
Formoseias a Pátria dos Paulistas,
Com Nobres Edifícios,
Com obras úteis nunca deles vistas,
Com obras que te tecem a Coroa,
Que as Aras formam, com que ao Céu se voa.

12.

Este o Caminho único da Glória
Com que te ilesas do poder da Morte;
Que ao Templo da Memória
Não entram os Heróis de outra sorte;
Porque os Homens co'os Deuses se parecem
Só quando a Humanidade favorecem.

13.

Os Patrícios, Senhor, que estando ausentes
Voltam agora a ver a Pátria amada,
Gostosos e contentes
De ver formosa, bela, iluminada,
Louvam nas obras teu ilustre Nome
Que o Tempo gastador nunca consome.

14.

Um no chafaris todo se eleva,
Outro admira ver tanta calçada:
O gosto a todos leva
Dos Quartéis a Obra sublimada
E juntos ressoar fazem teus vivas
Com palavras de júbilo excessivas.

15.

A triste solidão, grosseiro trato
 Na Pátria não encontram, que algum dia
 (Ó que sistema ingrato!)
 Apesar da paixão se conhecia.
 Eles confessam com sinceridade
 Que de Aldeia a fizeste uma Cidade.

16.

Se a memória de Tito inda hoje dura,
 Se Altares lhe erigiram os Romanos,
 Se inda com ternura
 Seu Nome é venerado entre os Humanos,
 É só porque julgou perdido o dia
 Em que algum benefício não faria.

17.

Se de teus imortais Antepassados
 Existe o Nome no Pregão da História,
 Não é porque alentados
 Conseguiram de Marte imensa glória;
 É mais porque seguiram como herdade
 Benefícios fazer à humanidade.

18.

Ó ditosa Província Paulistana,
 Que vês na Mão do Herói que te domina
 A força soberana
 Daquela, a quem o Tejo a fronte inclina,
 Daquela, a quem do Mundo as quatro partes
 Abatem seus guerreiros Estandartes;

19.

Vem alegre com fêrvidos louvores
 Vem cantar de Lorena teu Patrono:
 Coroada de flores
 Gratas vozes entoa em seu abono:
 Faze ver, que inda existe intacta e pura
 Dos antigos Paulistas a candura.

20.

E eu enquanto, Senhor, houver alento
 Enquanto o sangue circular no peito
 Este débil talento
 Somente empregarei em teu respeito
 E tanto cantarei teu Nome egrégio,
 Que suba a minha voz ao Sólido Régio.

[José Arouche de Toledo]

2.º Assunto — Seus cuidados militares pela pública
segurança, provado pela destreza de nossas armas,
exercitada pelo exemplo do seu comando

Não receies, ó Lísia, em teus Castelos
A feita dos Heróis esclarecidos,
Que no Grande Lorena renascidos
De virtudes já tens muitos modelos.

Os Nunos, Viriatos, Castros, Melos
Estão só neste Herói reproduzidos,
E os que no Mundo são tão conhecidos,
Quanto honraram a Pátria em feitos belos.

Entre os Grandes Heróis é respeitável,
Como filho de Heróis que ao Mundo deram
Um brado de constância formidável

Pois de fortes Leões Leões se geram;
E pela natureza invariável
Nunca os filhos das Águias degeneram.

[José Arouche de Toledo]

OUTRO

Quando em Campo fazeis vossos soldados
Nos perigos da Guerra exercitar-se;
Quando em côncavos vales redobrar-se
Ouço os Ecos dos bronzes inflamados

Vejo em frente, no centro, e pelos lados
De Júpiter a fama apresentar-se,
Do coração das Tropas desterrar-se
O volúvel furor dos desalmados;

Pois se Marte por chefe vos elege,
A Deusa das Ciências Sábia Mestra
Vos alenta, ilumina, vos protege,

Que Tropa não tereis tão sábia, e destra,
Se ao lado tendes quem dirige e rege
Tanto a Douta, que a bélica Palestra.

[José Arouche de Toledo]

OUTRO

Tem produzido o Mundo Heróis famosos
 Que gravaram seu Nome em toda a parte;
 Uns seguindo as bandeiras do Deus Marte,
 Outros de Apolo os passos luminosos.

Mas progressos fazer tão vantajosos,
 Ser perito em uma e outra Arte,
 É dom que só convosco se reparte,
 Dom, que os louros vos tece gloriosos.

Mas quando a vossa Tropa manobrando
 Ao Mundo e à Soberana tanto agrada,
 Quanto sois Sábio e justo no comando:

É porque já vos vai na Márcia estrada
 Os tropeços Minerva desviando
 E fazendo brilhar a vossa espada.

[José Arouche de Toledo]

3.º ASSUNTO — Sua Fidalguia pessoal hereditária,
 origem de toda a presente felicidade

SONETO

Ainda Portugal não existia,
 De Henrique ainda França não contava,
 Nem no campo de Ourique convolava
 O enxame de Moiros a porfia;

Quando a vossa Vetusta Fidalguia
 As Espanhas inteiras governava,
 Quando o cetro em Leão já empunhava
 D. Ramiro (16) dos Povos alegria.

Desses Régios Avós sois descendente
 Que salvaram das mãos da impiedade
 A lacrimosa Pátria descontente.

Vós sois deles modelo na verdade;
 Porque deles herdastes igualmente
 Com o Sangue a Virtude, a Heroicidade.

[José Arouche de Toledo]

(16) D. Ramiro 2.º Rei de Leão, que desassombrou a Espanha da invasão dos Mouros na célebre batalha de Clavígio. Memória dos Grandes Feitos dos Excelentíssimos Marqueses de Tavora Nobiliarquia Portuguesa. Cap. 45. Monsieur de Laclède. Tom. 2.14. p. 250 na impressão de 1781 em Lisboa, na sua **História de Portugal**.

CANÇÃO

1.

Abre Musa veloz as brancas asas
No vastíssimo plano de meu Canto.
Tu Calíope grata que me abrasas,
Que este meu Coração comoves tanto
No harmonioso som da doce Lira,
Ensina-me a cantar a Heroicidade
E dignos versos a teu vate inspira:
E tu Déléfico Deus, Loura Deidade
Infunde à minha Lira o assento grato
Que deu a Anacreonte a bela Erato

2.

Eu vou cantar a ínclita Ascendência
De Lorena, e o sangue esclarecido,
O Régio Sangue, que com afluência
De seus Régios Avós tem recebido
Remontemos o vôo, ó Musa grata,
Dos Céus deixando o líquido caminho
Dos Astros a morada de ouro e prata,
No lugar, que é dos Deuses mais vizinho,
Para ver de mais perto tanta glória
Chegaremos ao Templo da Memória.

3.

Em turbilhão de eternos resplendores
Longe dos fortes furibundos ventos,
Que infundem nos mortais tristes horrores
Abalando da Terra os fundamentos;
Dos Raios longe, horrissonos trovões,
Que p'la mão de Vulcano fabricados,
Das condensadas nuvens em vulcões
Pelo irado Tonante são vibrados:
Na morada dos Deuses mais amena
Os maiores veremos de Lorena.

4.

Ali na multidão desses Heróis
Que a Pátria coroaram de vitórias,
Que da luz da razão sendo faróis
Conseguiram no Mundo imensas Glórias;
Acha-se um D. Ramiro, que sentado

Sobre um Trono de Luzes, tem na Mão
 O Cetro que dos Pais havia herdado
 O importante cetro de Leão.
 Este o Augusto Tronco, em cuja rama
 Florescentes Heróis colheu a Fama.

5.

Este o Rei, que salvou os Lusitanos
 Do implacável furor de Abderramã
 Violadas se viram p'los Tiranos
 As filhas, a mulher, a própria irmã.
 Vós, que as Lágrimas vistes Portuguesas,
 Que as enxugastes, Serras de Clavígio,
 Também viste do Rei fatais proezas;
 E em memória de tão grande prodígio,
 Ali viste que os Deuses tutelares
 Ao Monarca erigiram mil Altares.

6.

Ali um Condestável aparece
 Um D. Nuno (17) que a quatro soberanos.
 Sempre pisando aos pés o interesse,
 Fiel serviu desde os tenros anos.
 Este ramo florente e tão fecundo
 Do claro Tronco da imortal Bragança,
 Imortalizou Seu Nome cá no Mundo
 Umaz vezes co'a Toga, outras co'a lança;
 Umaz vezes na bélica assembléia,
 Outras fazendo inveja à mesma Astréia.

7.

Este das garras do Leão Ibero
 Salvou de Portugal a liberdade,
 Liberdade que o Monstro horrendo e fero
 No tempo lhe usurpou de sua orfandade.
 Vós Províncias da Beira e do Alentejo,
 Vós que o vistes lutando em toda parte,
 Que o vistes defendendo o Pátrio Tejo
 Já dando inveja, já vaidade a Marte,
 Contareis deste Nuno a imensa Glória
 Enquanto neste Mundo houver memória.

(17) O Excelentíssimo Senhor D. Nuno Alvares Pereira de Melo, 1.º Duque de Cadaval.

8.

Um Herói Ancião para outro lado
Se faz ver rodeado de Alta Glória;
De Alvor primeiro Conde (18) que alentado
Levou de Montes Claros a vitória.
Que deixando do Ibero as mãos quebradas,
Faz que as águas do Indo cristalinas
Obedeçam às ordens dimanadas
Do rico Império das sagradas Quinas
Da verde rama a Febo consagrada
A vencedora frente tem coroadá.

9.

Junto o Mancebo está que em tenros anos, (19)
Ao lado de seu Pai, robusto e forte
Nunca o rosto voltou aos graves danos
Dos mortíferos campos de Mavorte.
Co'o braço esquerdo que ferido mostra,
Qual de Marte na guerra raio ardente,
Fere, mata, rompe, prostra
A qualquer que enrostar-lhe ainda intente.
Tal é o ardor, que a mocidade alenta,
E em que o ilustre sangue o brio aumenta.

10.

Em diferentes Altares do áureo Templo
Os Silveiras estão, esses Silveiras
Que de valor nos deram raro exemplo
Do inimigo rompendo-lhe as fileiras.
Ali vem um Fernão (20) que já cansado
De triunfar, sempre guerreiro e forte,
À violência cedeu de foice armada,
Deixando a vida por despojo à morte.
E em defesa da Pátria e da coroa
Ganhou as Asas com que ao Céu se voa.

(18) O Excelentíssimo Senhor Francisco de Távora, 1.º Conde de Alvor.

(19) O Excelentíssimo Senhor Bernardo Felipe Néri de Távora 2.º Conde de Alvor.

(20) O Excelentíssimo Senhor Fernão da Silveira que faleceu na batalha das Linhas.

11.

Mas já sobre as Estrelas refulgentes
 Que dos Deuses sustentam as moradas
 As palmas e os louros 'stão pendentés
 Pra outro novo Herói já preparados.
 E este aquele Sousa esclarecido (21)
 Do Rei 3.^o Afonso, ilustre Neto,
 Que em brenhas de sertão desconhecido,
 Do Monarca observando Alto Decreto,
 Do ouro descobriu os ricos veios
 Que a terra encobre nos profundos seios.

12.

Porém, ó Providência ainda estes Prados
 Dos olhos vertem líquidos chuveiros,
 Inda exalam gemidos magoados
 Da dor intensa ternos pregoeiros.
 A Parca, a cruel Parca forma o tiro;
 Lângüido fica o corpo, o pulso engrossa:
 Ele aqui dá o último suspiro.
 Honram seus ossos esta Pátria nossa,
 Que nem sempre o iníquo Fado adverso
 Sepulta a todos no lugar do berço.

13.

Basta, Canção, que mais dizer pretendes?
 Fecha o rápido vôo, não prossigas:
 De tão Altos Heróis, que mal comprehendes
 Que poderás dizer por mais que digas?
 Deixa o canto a outra Musa mais sonora,
 E enquanto cessa a mal limada pena,
 O peito admira, em que a Virtude mora,
 Admira as Virtudes de Lorena,
 Vergôntea ilustre, ramo florescente
 De tão Augustos troncos descendente.

José Arouche de Toledo

(21) O Excelentíssimo Senhor Francisco de Sousa, a quem foi prometido o título de Marquês das Minas quando as veio descobrir: mas falecendo em S. Paulo, a mercê só se verificou em seu Excelentíssimo Neto.

Serenissimo Principi D. Antonio
nuper in Lucem edito

EPIGRAMA

Aurea nunc aevo consurgunt saecula nostro:
Nunc quoque de solis roscida mella
cadunt.

Hic nobis recti datus est moderatur, et aequi;
Tulciat ut Regni pondera fortis Atlas.

Hoc duce prosperitas sic longa pace fruatur,
ut Patrem Patries cernere possit Orbis.

D.V. et C.

[Michael Marcelinus e Gama]

Magnatibus e quibus preuenit
Illustrissimus ac Excelentissimus Dominus
Bernardus Josephus de Lorena.

EPIGRAMA

Non titulis. Dominique tuae data. Maxime
[Principe,
Munera, sed meritis, Iudice Rege, tuis.

Quid memorem innumeras Victorum praemia Lauros.
Maestres loties quas meruere Tui?

Saepe luces fuerant quorum defensa laborum
Emptaque saepe ficet sanguine nostra salus.

Quid memorem? Cum sint Veterum tua facta maiora:
Illis multa debes, plus tamen ipse tibi.

D.V. et C.

[Michael Marcelinus e Gama]

D. Illustrissimus ac Excellentissimus D.

B	ER	N	A	R	D	US
.
.
.

Belliger in Campo Mavortis Doctor Ephebus,
Clarissimus in Orbe micat, Charus in Urbi regit.

Illustrissimo ac Excellentissimo Domino
Bernardo Josepho de Lorena
hujus Paulipolitanae dictionis Gubernatri
Ducique Generali.

EPIGRAMA

Hunc sibi uult Pallas, sibi uult Astrea: fatentur
esse suum, pariter praelia quaeque mouet.

Esse suum probat ista, suum tamen altera clamat,
Ista suo pugnat nomine, et illa suo.

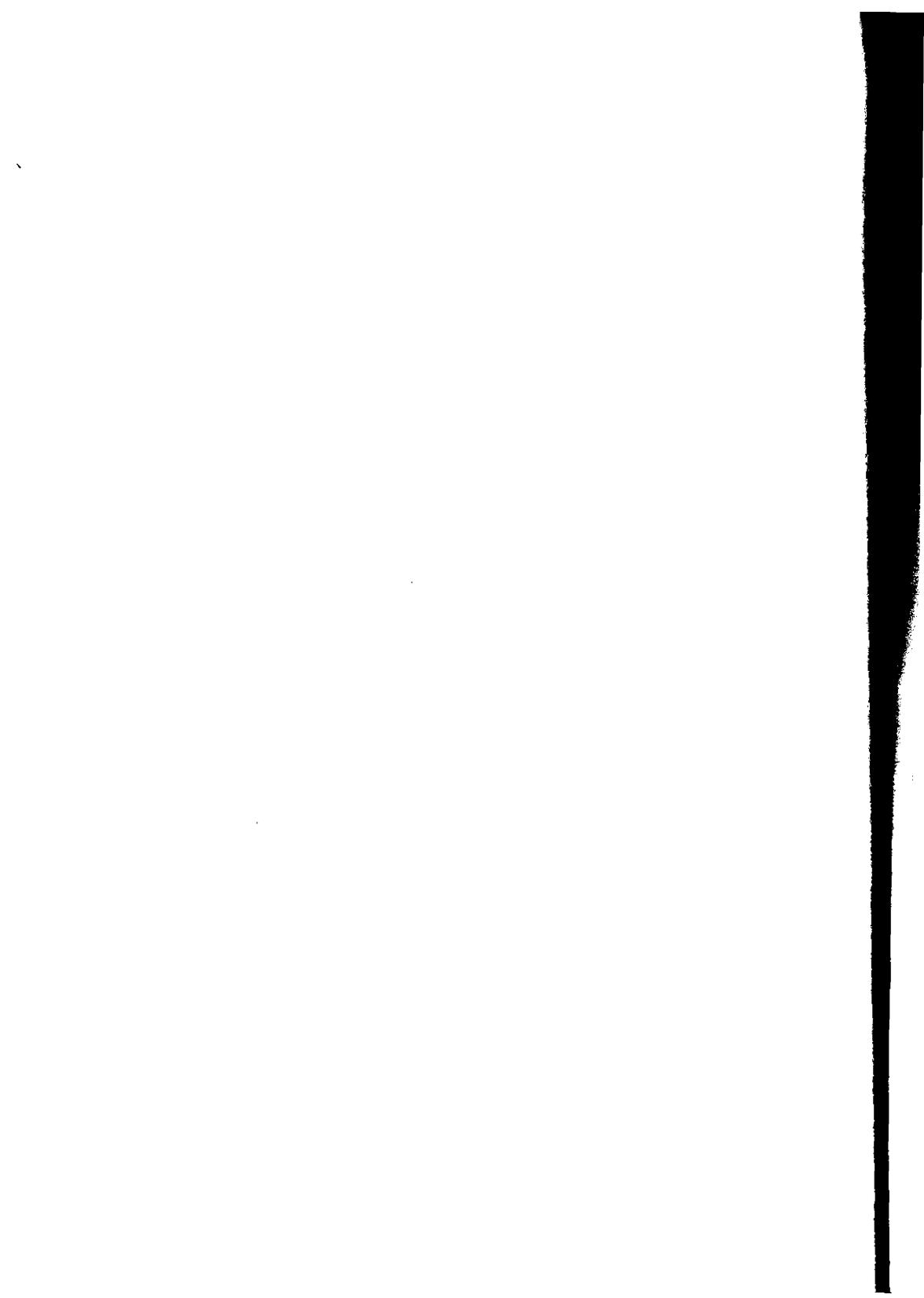
Hic superat pietate Numas, probitate Catones.
Hic quoque praeponit commoda nostra suis.

Felices, populi, fortunatique Coloni!
Felices tantum qui meruere Patrem!

D.V. et C.

Michael Marcellinus e Gama.

4. **TRISTES EFEITOS DO AMOR DRAMA
EM QUE FALAM PAULICEIA, A PRU-
DÊNCIA, E A DESESPERAÇÃO [...]
POR UMA ANÔNIMA [...] SÃO
PAULO, 1797.**



TRISTES EFEITOS DO AMOR

DRAMA

EM QUE FALAM

Paulicéia, a Prudência, e a Desesperação

Na figura de uma Fúria

Por uma Anônima, e Ilustre Senhora

da Cidade de

São Paulo

1797



Etc, etc

.....et me solers, si forte negabit.
Ingenium, facient amor et natura Poetam.
Vanierii Praedium Rusticum. Lib. I.

Prudência, e Paulicéia

Prud.

Triste, triste Paulicéia
Levanta a trêmula voz,
Invoca aos Numes Supremos,
Que pode ser, que movidos
Da tua fatal ruína,
Trocando em glórias as ânsias,
Possas ditosa aclamar-te.

Paul.

Em vão clara amiga intentas
Alívio dar a meus males:
A minha ruína é certa;
Tudo está vaticinado.
Ó quantas vezes banhada
No mais doloroso pranto
Em tua amável presença
Diante do Altar de Jove
Não me tens visto prostrada,
Suplicando que o meu Bem,
Meu Protetor, meu Amado,
Nunca dos meus ternos braços
Fosse por força arrancado?
Mas, ai de mim! Duro Fado!
Nume Supremo atendei
De Paulicéia os queixumes:
Se por infeliz não era
Capaz de tanta ventura,
Por que sem Dons me mostraste?
Seus predicados sublimes
Aquelas raras virtudes,
Que por oito anos foram
Delícias de Paulicéia,
Hoje farão (que tormento!)
A minha fatal tragédia. — **Chora.**

- Prud. Paulicéia enxuga o pranto,
 Chega-te a mim, Prenda clara,
 A ouvir os doces conselhos
 Que pode dar a Prudência.
 Esse Herói, por quem suspiras,
 Essa Jóia inexplicável,
 Por Jove foi destinado
 Para fazer venturoso
 Outro Povo desgraçado.
 E se os Decretos do Céu
 Nos são, Paulicéia, obscuros,
 Deves tu prudente e Sábia
 Moderar os teus queixumes.
 Não sou Paulicéia amada
 Tão frouxa, que desconheça
 As ajustadas razões
 De teu pranto inexorável;
 O Céu enfim determina:
 Tu Paulicéia constante,
 Abraçando seus ditames,
 Deves dobrar-lhe os joelhos:
 E longe de enfurecer-te,
 Faze que a voz da Saudade,
 Rompendo esses ares densos
 Toque a Celeste morada,
 Que abale teu justo pranto
 As abóbadas d'Olimpo.
- Paul. Não mais amada Prudência.
 Já teus Conselhos sublimes
 Impressos nesta alma tenho:
 Vai-te fiel Companheira,
 E faz a mesma assistência
 A meu Claro Benfeitor.
 Tu sabes, sem que te explique,
 Esta dor se lhe é sensível.
- Prud. Pois Paulicéia, constância.
- Paul. Com os auxílios de Jove
 Espero a sua assistência. — **Vai-se a Prud.**
Paulicéia só
- Paul. Sagrado Nume, defende
 Meu amado Benfeitor;
 Pois se de mim o divides,
 Sempre na minha alma existe.

E tu feliz Mariana
 Que tal ventura hoje gozas
 Levanta as tuas colunas
 Das Cinzas desta Cartago;
 Pois mais que as douradas minas
 Vale o Claro resplendor
 Com que das hórridas trevas
 Sairás à Luz do dia.
 Permitam os Sacros Deuses
 Que tu ingrata não sejas
 A tanto Bem, tanta Glória.
 Porém o peito me avisa
 Que este meu Herói preclaro
 Não a de achar em teu Seio
 As ternuras de minha alma.
 Mas que confusão é esta... — **Assustada**
 Vejo turbado o Horizonte,
 Abalando-se os rochedos...
 Até a Esfera Celeste
 Parece que se desfaz...

**Aparecem relâmpagos entre
 os quais sai uma Fúria.**

- Fúria. Não te assombres, Paulicéia,
 De ver-me em tua presença:
 Eu anunciar-te venho
 O último precipício,
 Que dará fim a teus dias:
 Chegou, Paulicéia triste,
 Chegou a hora tremenda,
 Que tantas ânsias e sustos
 Ao teu Coração custavam.
 E tu ficas como imóvel?
 Assim, ingrata, pretendes
 Despedir a quem te adora.
- Paul. Sabe o Céu quanto me custa
 Esta triste despedida:
 Mas as vozes da Prudência
 O meu Coração penetram.
- Fúria. Se tu Paulicéia foras
 Amante, como anuncias,
 Nunca a Prudência teria
 Altar em teu peito nobre;

Mas o que chamam prudência
Não é se não vilania.
Hás de tu com os teus Olhos
Ver o teu Objeto amado,
Roubado por mãos estranhas?
E a vista de tal perigo
Darás à Prudência Ouvidos?
Ou, Paulicéia, não és
Aquela, que d'antes eras,
Ou no teu coração frio
Extinta ficou a chama,
Que voraz te consumia.
Assim Cruel Paulicéia
Te esquecem os benefícios?
Não te lembras que já foste
Das Gentes o vil desprezo?
Hoje que és populosa,
E que nada invejar deves,
De Lusitânia as Grandezas,
Pois o **Lorena** incansável
Quis igualar-te com ela?
E quanto a ponto te vês
De perder esta Grandeza
A novo Poder passando
Pretendes sobreviver?
E não corres apressada
Ao último precipício?
Donde estão ó Paulicéia
Os teus antigos Caprichos?
Anuncio-te a Sentença,
E ficas inda indecisa?
Não descobres Paulicéia
Um mortífero instrumento
Com que te prives da vida?

Paul.

Ó mais que Nume Supremo
Só tu prevenir soubeste
De Paulicéia a Cegueira.
Não, Paulicéia não é
Tão fraca como presumes:
Tem valor, e tem destreza
Para obrar qualquer ação,
Que eternize a sua glória.
Mas tu não ouves Amiga
Que triste rumor se sente?

- Fúria. São de Bernardo as pisadas,
Que já se ausenta apressado.
- Paul. Foi-se o Cruel; que tormento!
E quem isto me assegura?
- Fúria. Eu que sou das Fúrias todas
A Divindade primeira.
- Paul. Pois se Divindade és,
Ajuda-me a surpreender
Um ingrato, que me deixa.
- Fúria. Será frustrado esse empenho,
Pois neste mesmo momento
De ti para sempre foge.
- Paul. De mim para sempre foge!
O tirano assim me deixa!
Não atende os meus suspiros!
- Fúria. Atende, e sem alma parte
Por cumprir o seu Destino.
- Paul. Pois eu delirante e Cega,
Como amante arrebatada
Corro a lançar-me em seus braços.
Espera amado Senhor
Detendo-te um só momento,
Porque Paulicéia aflita,
Em lágrimas mil banhada,
Brada aos Céus, que as rochas duras
Unido-se umas às outras
Te neguem livre passagem,
Té que meus trêmulos passos
A ti me possam levar.
Porém, se de Mariana
O termo tiver tocado,
Neste punhal cravarei
Meu peito desesperado. — **Vai-se.**
- Fúria só. Agora que triunfei
Da minha rival Prudência,
Veja a fraca Divindade
De Paulicéia as ruínas;
E com dor, terror, e espanto
Reconheça por Deidade
Das Fúrias a Irmã primeira;
E não se atreva imprudente
Afugentar meus vassallos,

Que as cegas Leis publicadas
 No meu furioso Reino
 Não dão asilo à Prudência. — **Vai-se.**
Sai Paulicéia rasgando os véus

Paul. Inda vivo, inda respiro
 Sem possuir seu agrado!
 Inda entre tanta ruína
 Me conserva o Cruel Fado!
 Sim neste Coração terno,
 Que a Seta do seu Amor
 Fez mais estragos que um raio,
 Caia também toda a dor.
 De angústias arrebatada,
 De Saudade delirante
 Segui com tristes suspiros
 Ao meu **Lorena** constante;
 Té que chego a divisar
 Seu Semblante Majestoso
 (Falta-me todo o conforto
 Neste transe perigoso)
 Outro mais feliz Distrito
 Meu Amor tinha pisado;
 O Sangue todo nas veias
 Senti de susto gelado;
 Corro como furiosa
 Para seus passos deter,
 Clamando, **meu Protetor**
 Sem ti não posso viver.
 Ele cheio de ternura
 Atender quis minha voz,
 E suspendeu por um pouco
 Sua retirada atroz.
 Mas os cruéis roubadores
 Se mostram com triste aspecto
 Fazendo-lhe enfim lembrar
 Da Majestade o Decreto:
 Então levantando os Olhos
 Com a voz balbuciante,
 Me diz: Na minha lembrança
 Viverás eternamente.
 De ti, meu Bem, me separam,
 Paulicéia idolatrada,
 Com ternura inexplicável
 Por mim serás suspirada.

Com que susto, e aflição
Não observaram meus Olhos
Aquele piedoso gesto
Da dura dor eclipsado:
Seus Lábios anacarados
Pouco a pouco a cor perdiam:
Faltava-lhe a Luz do dia;
E caindo mortalmente
Em um profundo Letargo
Depositei-o em meus braços.
Mas os meus Perseguidores
Violentamente mo arrancam
Com altas vozes gritando
Esta Prenda já é nossa.
Aqui minha paciência — **Furiosa**
Desemparrada me deixa,
E somente me acompanha
De Tântalo a pena forte.
Ó lá dos negros Abismos,
Fúrias infernais voai,
Este infeliz coração
Parti já, despedaçai:
Porém não, detém-te, espera, — **Delirante**
És tu prezado Senhor
Que tornas a Consolar — **Como querendo abraçar**
Esta aflita Paulicéia?...
Nada encontro entre meus braços...
Eu não vejo mais que o Ar!...
Ó mais do que iníquo Fado! — **Desesperada.**
Ó mais que volúvel roda
Dessa inconstante Fortuna!
Assim [ó] Numes cruéis
Zombais da minha saudade?
Pois a minha heroicidade
Não será mais iludida.
Já do Lago Estígio vejo
Fumarem hórridas águas.
Atento espera, Acaronte,
Que brevemente darás
A Paulicéia passagem:
E este nobre instrumento — **Puxa pelo punhal.**
Meu peito dilacerando
Publicará eternamente
De Paulicéia o Valor. — **Mata-se.**



5. **A GRATIDÃO PERNAMBUCANA AO SEU BENFEITOR [...] DOM JOSÉ JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO [...] OS SÓCIOS DA ACADEMIA PERNAMBUCANA E OS ALUNOS DO SEMINÁRIO OLINDENSE. LISBOA [...] 1808 [...].**



A GRATIDÃO PERNAMBUCANA

AO
SEU BENFEITOR

O EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO

SENHOR DOM JOSÉ JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO, Bispo d'Elvas, em outro tempo de Pernambuco, Eleito de Bragança, e Miranda, do Conselho de Sua Majestade, Governador Interino da Capitania Geral de Pernambuco, Presidente da Real Junta da Fazenda, Diretor Geral dos Estudos, Fundador do Seminário de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda, e Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa,

O.D. e C.

Os Sócios da Academia Pernambucana,
Alunos do Seminário Olindense.

Lisboa,
Ano MDCCCVIII

Na Nova Oficina de João Rodrigues Neves.
Por Ordem Superior.

Excelentíssimo, e reverendíssimo senhor

Os meus Patrícios, e honrados Concidadãos não satisfeitos de confessar em público por palavras, e por escritos os seus sentimentos de gratidão pelos muitos benefícios que de Vossa Excelência receberam, especialmente pelo estabelecimento de um Seminário, único em todo o Brasil, com todas as Ciências necessárias, e Mestres Sábios, e Instruídos para a educação dos que se destinam para o serviço da Religião, e do Estado; Ciências, que eles até agora ou não podiam adquirir, ou que só adquiriam à custa de muitas despesas, e indizíveis riscos das suas vidas, e até mesmo da sua moral, precipitando-se muitas vezes nos abismos, a que está sujeita a Mocidade cega, e fogosa, sem Pai, sem Mães, sem quem a guie, e sem quem a dome; Os (sic) meus Patrícios, digo, cheios de reconhecimento, tendo-me entregado

os seus escritos, para que eu os apresentasse a Vossa Excelência, eu julguei, que os não devia entregar avulsos, e separados, mas sim em uma Coleção digna de ser oferecida pelos meus Concidadãos ao seu Beneficitor. Porém como a raivosa Inveja, inimiga inseparável do merecimento, a qual, assim como a negra sombra, só serve de mais fazer realçar as belezas da pintura, se tinha empenhado em sufocar o desafogo da gratidão dos meus Concidadãos; agora, que este Monstro, que a si mesmo se morde, e se devora envergonhado foge, e desaparece, eu me aproveito da ocasião, para da parte dos meus Concidadãos oferecer a Vossa Excelência esta breve Coleção dos seus escritos, rogando se digne aceitá-los como um testemunho fiel do seu reconhecimento: eu, e eles, sabemos, que o Nome de Vossa Excelência para ser eterno não precisa dos seus Elogios; as obras de Vossa Excelência, as suas grandes ações de beneficência falarão por si mesmas a toda a Posteridade. Mas contudo permita Vossa Excelência, que os seus corações agradecidos levantem a Vossa Excelência mais uma Estátua, que o tempo voraz não poderá destruir, e que nela fiquem gravados os seus nomes, como fiéis testemunhas da — **Gratidão Pernambucana** —; e que eu, que com eles não posso competir no rápido vôo das suas asas, possa gravar no pedestal da mesma Estátua.

Aquele que a Vossa Excelência deve tudo,

O Padre Manuel Jácome de Bezerra de Menezes.

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

Tendo-me eu proposto a fazer sair ao Público os escritos, em que os meus Patrícios louvaram, e elogiaram ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, pelos benefícios, que o dito Excelentíssimo Senhor fez à sua, e minha Pátria; e sendo todos os ditos escritos feitos, e receitados em diversas ocasiões, abraçando diferentes assuntos, conforme eram as circunstâncias, e os motivos, que ocorriam; para maior inteligência, e para que com mais facilidade fossem apresentados aos olhos do Leitor, eu os reparti, e reduzi todos a pequenas Classes, com seus títulos, em os quais dou uma breve notícia dos seus Assuntos, e do seu Objeto.

Por isso debaixo do Número I. página um, se acham as Obras Acadêmicas, feitas por ocasião da chegada de Sua Excelência a Pernambuco.

Debaixo do Número II. página vinte e sete, os Elogios feitos a Sua Excelência pelo seu bom governo tanto Eclesiástico, como Civil, e Político, e pelo estabelecimento do Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda.

Debaixo do Número III. página noventa e três, alguns Epigramas, e Poesias Latinas feitas ao Retrato de Sua Excelência quando foi colocado no Seminário.

Debaixo do Número IV. página cento e sete, algumas Orações anuais Latinas feitas pelos Mestres, e Alunos do Seminário por ocasião do princípio, ou fim do ano letivo do mesmo Seminário. Assim como também debaixo do Número V. página cento e trinta e oito, algumas Dissertações Científicas feitas pelos Estudantes, e Alunos do Seminário nas ocasiões dos seus Exames anuais.

Debaixo do Número VI. página cento e noventa e um, algumas Poesias feitas a Sua Excelência pelos Alunos mais novos do Seminário em o dia, em que Sua Excelência, para assistir à festa de Nossa Senhora Padroeira do dito Seminário, ia passar, e jantar com eles no Seminário, as quais, com permissão de sua Excelência, recitavam antes de principiar a jantar (que neste dia lhes mandava dar sua Excelência) diante de todo o Concurso não só dos Seminaristas, mas também de muitas Pessoas de Qualidade convidadas por Sua Excelência para assistirem ao jantar, o que Sua Excelência lhes permitia para que eles tivessem ocasião de ir fazendo aparecer os seus talentos, e se fossem acostumando a falar em público; as quais eu ajuntei nesta Coleção não para que competissem com as outras em sublimidade, mas sim para dar uma pequena idéia dos talentos, de que abunda aquele País; pelo que confio em que o Leitor me desculpará este procedimento.

E ultimamente debaixo do Número VII. página cento e noventa e cinco, Poesias feitas na despedida de Sua Excelência, quando tendo sido reeleito por sua Alteza Real para Bispo de Bragança, e Miranda partiu daquela Capitania para a Corte de Lisboa em treze de Julho de mil oitocentos e dois, depois de ter governado por tempo de três anos.

Eu sinto, que alguns dos escritos dos meus Patrícios, que eu conheço, certamente de muito merecimento não apareçam também nesta Coleção por se terem perdido, não sei se por algum inocente roubo, que me fizessem, ou porque talvez se confundissem com outros papéis na passagem de Sua Excelência de Pernambuco para Lisboa.



N.º I

Poesias feitas na chegada do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho a Pernambuco, indo para Bispo, e Governador Interino daquela Capitania em 25 de Dezembro de 1799. Etc. etc. etc.

EXCELENTISSIMO, AC REVERENDISSIMO

D.D.

**Iosepho Ioachimo A Cunha Azeredo Coutinho,
Parnambucensi Episcopo, et ipsius Prouvinciae
Gubernatori, Seminarii Olindensis Fundatori,
Artium Moderatori, Consiliario Regio,**

Humiliter Offert

Emmanuel dos Reis Curado.

CARMEN BUCOLICUM

Mycon.

Tyrsis, Chromis.

Adsis, et nostro adspira nunc, Musa, labori,
Aureus ut rapiat totum me furor, et ultra
Plectra humiles quamuis nom surgant nostra
[myricas,
Et quae tum subter salices Tyrsisque, Chromisque,
Dum errant in siluis iungendo forte sub aestrum
Magnos mille boues, siluis, et mille bidentes,
Florentes aetate ambo, et cantare periti,
Ad responsuras dicebant carmine rupes.

Tyr. Spargit flore uiam, campos et spargit lauris,
Pompa uenit, laeto florescat germine terra,
Rector in urbe Mycon, nobis est Pastor in agris.

- Chr. Rustica si Musa argute tua spirat auena,
Et uox si uincit cantando numina ruris,
Carmina tu primo cane, mox Chromis altera dicet,
Prima Mycon sit materies, sit et ultima nobis.
- Tyr. Triste procella rati, nebulae florentibus hortis,
Triste lupus stabulis, mendaces piscibus hami,
Grando satis, et iuste Mycon, sine te omnia nobis.
Tristia nunc ueniunt, abeunt nunc tristia nobis.
- Chr. Ut decori uites ulmis, ut collibus uuae,
Ut gregibus tauri, sunt et sua cornua tauris,
Tu decus omne, Mycon, semper spes ultima nobis.
- Tyr. Aurea iam redeunt Saturni tempora prisca,
Atque nouo surgunt iam tecta relicta tot annos,
Frondescunt siluae, nostro ueniente Mycone,
Sunt testes coryli, colles, sunt flumina testes.
- Chr. Iam plectrum tangit Phaebusque, nouenque sorores,
Siluani, Fauni, ducunt Driadesque choreas
Ninpharumque chori, nostro ueniente Mycone.
- Tyr. Da, formose Mycon placido tua munera uulto,
Dona sacrata mihi mense in ueniente Decembri,
Muneribusque faue Tyrsi tu numine plenus;
Si coeptisque meis fuerit fortuna serena,
Ipse tibi calathis carpam inter gramina flores,
Aut lectos sertis iungam, uel carmina grata
Cum puero Iola, uincit qui Pana canendo,
Dicemus, nomenque tuum tollemus ad astra.
Talia cantabant pueri, cantumque fouebant,
Cum Sol decedit, terras cum quaerit et imas,
Caeruleis nigrum nox tum caput extulit undis,
Pastorum et pinu calami pendere uidentur.

Ao mesmo Senhor

**Ecce uenit Praesul uiduae gratissimus urbi:
Iam gaudet uotis illa potita suis.**

Sidronlus Hossehius, **lib. 3, Eleg. 6.**

ELEGIA

Axe sub occiduo, tangit quem Brasila turba,
Hic Restaurator natus, Olinda, tuus;
Hic Restaurator Studiorum, Praesul et ille,
Qui probitate pia nunc tibi tanta facit;

Qui tibi tanta facit natus non exterus, imo
 Brasiliae pascit Brasiliensis oues;
 Ut pascat uittatus oues, Europa, sed aegre;
 Culta tibi cedit, quem cupit illa sibi
 Multi heu! Multi luctus iamiamque parantur
 Europae, exultans quum tamen ipsa fores:
 Orphanus hic plorat, plorat spoliata marito,
 Nec pudet hic sparsis exululare comis;
 Patrem moerentes omnes discedere clamant
 Communem, auferri sic sibi tanta bona.
 Interea properat Praesul se credere ponto,
 Mox nautae properant soluere uela citi,
 Hermes et subito alatus descendit Olimpo,
 Haec memorans illi, cui paret unda maris:
 Dormis, an uigilas? Crudeles aequora uenti
 Uexant, et salsi nunc salit unda maris;
 Ecce tibi commissus adest, Neptune, uirorum
 Maior, ne dicam, Rector, et ipse Prens;
 Ergo age uentorum nunc, o nunc murmura seda,
 In ponto magnus Iupiter ista iubet:
 Tum omnia Taenarius circunspicit, omnia uersa,
 Rupibus arbitrio concidit unda suo;
 Iam uideo ut pelago Praesul se credat aperto,
 Undis ut placidis sedula puppis eat;
 Si rapidum spectes proscissa per aequora cursum,
 Est Domino, dicas, ipsa superba suo.
 Astraque si spectes, uideas caelestia signa
 Pura docere malum qua sueretur iter.
 Magnos et scopulos, et saxa latentia pandit
 Blanda maris facies; omnia tuta patent;
 Doridis hinc natae, Delphini corpora pandi
 Adnatant alacres, in speciemque chori;
 Laetitia magna in ponto sunt Numine ponti
 Ut maris Arbitro quum Tetis alma uenit.
 Dum ratis in cursu est, dum turgent lintea, nobis
 Inspira laetos, Sancta Camaena, modos:
 Fama uolat classi praeiens aduentat Olindam,
 Omnibus et laetum dicit adesse diem,
 Quem celebrare iuuat, magnisque inscribere fastis,
 Illo Iosephus namque uidendus erit;

Namque uidendus erit, Pietas cui maxima dextram
 Armat, cui Nemesis pectus, et aequa Fides;
 Luciadum ille decus, summis heroibus ille,
 Qui sunt adspecti, praestat, Olinda, tibi:
 Nuntia dum laetam uolitans pennata per urbem
 Percurrit uerbis his aliisque uias,
 Ecce uenit Praesul uiduae gratissimus urbi:
 Urbs et laetitiae pandere signa cupit.
 Sunt hilares pueri, pueros comitantur et ipsos
 Patres, et matrem laeta puella suam;
 Omnes hinc tentant uultus diffundere laetos,
 Praesulis hinc omnes ora uidere uolunt;
 Cymbala iamque sonant; festis micat ignibus aer;
 Plaudit, io, locuples, ipseque pauper, io;
 Pompa triumphalis, currus de more parantur;
 Lactantur flores, undique floret iter;
 Compita laetus ego uideor iam cuncta uidere
 Turmis tam multis ipsa negare loca.
 Quid facitis, fieri prohibet Talia Praesul,
 Talia nam dicit displicuisse sibi,
 Solarique decere suam nom angere gentem:
 Patris, ni fallor, nam aliena refert.
 Nam Parnambucenses quum uexasset egestas,
 Ne redeant, ipsi, tristia saecla, pauent;
 Tristia saecla pauent, quum anonna grauescere coepit,
 Curaque quum magni nom erat ulla mali;
 Ast postquam, ut Rector, sistit Iosephus in illis,
 Omnia, quae fuerant, tunc abiere mala.
 Ut tenuit Parnambuci Moderator habenas,
 Prouidus ille metum ponere saepe facit;
 Mox uarios, multosque Mineruae reddit alumnos,
 Quos caperes, Mauors, tam male, dure, tibi.
 Essent quum mores illi quoque maxima cura,
 Candida quod Pietas puraque grata fuit,
 Mentem, quam cepit Patrum ueneranda Tridenti
 Turba, capit, qua unquam sanctor ulla fuit.
 Ponere nempe domum, omnis ubi instituitur ad aram,
 Qui cupti esse pius, Praesbiter esse sacer;
 Noscat ubi rerum, qui uult cognoscere, causas;
 Discat, quo uirtus, quo ferat error atrox;
 Et quantum Natura queat faecunda creare;
 Quot populos, mores orbis habere solet;
 Omnes et discant, durent ut facta per annos,
 Chartis ut uiuant alta loquela docet;

Linquere res tandem Diuina Scientia paruas,
 Et mentem cogit quaerere saepe Deum.
 Iosepho, ut maneant nobis haec, Numina faxint,
 Laureolam cedat Pax ut amicam suam:
 Artes ut uigeant, currant ut saccula laeta,
 Dent, multos annos ut numerare queat.

Franciscus Salesius dos Reis Curado
Eclesiasticus Oriundus de Igaráçu.

Ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Pernambuco, do Governo Interino, Fundador do Seminário Episcopal da Cidade de Olinda, do Conselho de Sua Majestade, Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Peruenit Pastor, ualidae mansere bidentes,
Cessauit terror, terga dedere Lupi.

ODE SALUTATÓRIA

Salve Pastor amado,
 Ao mundo maravilha,
 Em cujo peito está depositado
 O virtuoso Dom, que eterno brilha;
 Em ti sempre se veja
 Firme Coluna a Igreja,
 Que o Céu, que a nosso bem nunca descansa,
 Em ti fez suscitar nossa esperança.

Por esta Aldeia entrando
 Clemente a vista espalha;
 Àquela ovelha escuta estar balando.
 Que mil rodeios numa hora atalha;
 A esta, que da ronha
 Sente a mortal peçonha,
 Passando, por não ter zeloso Guia,
 Sem da fonte beber sequer um dia.

Repara o teu Rebanho,
 Como está destruído!
 A quem o Lobo com furor estranho,
 Com dente estragador tem investido;
 Por adustas campinas
 Fazendo mil ruínas
 Semeando mortífera fadiga,
 Qual monstro, que assolou Tebas antiga.

Numera (não te espante
Caso tão lastimoso)
De lângüidas ovelhas o restante,
Que evadiu a seu ímpeto raivoso;
Cheguem aos teus ouvidos
Os seus ternos balidos;
Pois qualquer delas pelo humilde estado,
Inclina o colo ao jugo mais pesado.

O Céu, cujos Arcanos,
Em Concílio Divino
Mostram-se inexplicáveis aos humanos,
Nos recônditos selos do Destino,
Que a vital meta envolve,
Delibera, resolve,
Que a tua vinda a este amplo Hemisfério
Inclua em si recôndito mistério.

Se exceder me permite
Um sentido profano,
Com gigânteos passos o Limite,
Que assinala o Divino ao ser humano;
Tem própria semelhança
Pelo dia, e esperança,
Em que se contemplavam nossos dias,
À tua vinda a vinda do Messias.

Gemia a humana Gente
Em grilhões do pecado,
Dos Profetas corria amargamente
Pelas faces o pranto amiadado;
Patriarcas aflitos
Davam ais infinitos;
Mas eis que o Deus eterno, piedoso
Lhes faz surgir o bem mais precioso.

Tal, Senhor, te contemplo,
Que em tanta desventura,
Do Messias tomando o Santo exemplo,
A todos vem trazer dita segura:
Velho, mancebo, infante
Com ânimo constante
Firmados no presságio verdadeiro
Em ti esperam ver novo Luzeiro.

Oh! Como a fantasia
Na idéia me apresenta
A sentida expressão, que proferia
Já este, e já aquele na tormenta,
Justo Céu, que tardança,
É esta na bonança!
Trazei aquele em quem só esperamos
O Santelmo feliz, que desejamos.

Eis que surge ligeiro
Nas madidas campinas
Com prenhes asas pássaro rasteiro
Cruzando as crespas ondas Netuninas,
Soberto, impavesado
Solta o espantoso brado,
E suscitando em todos alegria
Dos tímpanos o estrondo o ar feria.

Ah! Que a expressão me falta,
A Musa serpenteia
Sobre o rasteiro pó, bem que mais alta
Devia procurar pomposa idéia,
Se descrever intento
O gosto, o movimento,
Que nos seus corações todos sentiram,
Quando incautos o teu semblante viram.

Aquele perguntava,
Este é o Prelado,
Por quem só Pernambuco suspirava?
É este, um Ihe responde, que adornado
De Veste roçagante
Mostra no seu semblante,
Em quem brilhar a compaixão diviso,
Um agrado celeste, um doce sorriso.

Viveremos contentes;
Eles assim diziam,
Mil cultos Ihe façamos reverentes,
Que por si nossas súplicas se expiam;
Pois que com sua vinda
Nossa tristeza finda,
E parece que o Céu justo permite
Que ele ao nosso penar ponha limite.

Aquela mão eterna,
 Que a Máquina sustenta,
 Que num leve acenar tudo governa,
 E que os insetos mínimos atenta;
 Copiosa influência
 De Celeste Clemência
 Derrame sobre ti, que te aparelhas
 Só a nutrir as plácidas ovelhas.

Empunha, mas não tardes,
 Piedoso o teu Cajado,
 Pois o rebanho é lícito, que guardes
 Por altas ribanceiras espalhado;
 Como prudente o manda
 Pastar a relva branda,
 Pois a cândida lã, que nele cresce,
 Ao teu serviço único oferece.

De frutos, que deseja
 Teu ânimo Constante,
 Como pio Cultor da Santa Igreja,
 Tu poderás colher cópia abundante;
 Lançando a mão serena
 Sobre o Cajado, acena,
 Que verás o teu leve movimento
 Prontos, o pobre, o grande, o opulento.

Antônio Lourenço da Silva

Ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Pernambuco, Governador Interino, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, Diretor dos Estudos, Instituidor do Seminário de Letras da Cidade de Olinda, e Sócio da Academia das Ciências, etc. etc. etc.

SONETO

Quatro vezes o Sol já tinha entrado
 Os doze Signos da Celeste Esfera,
 Pernambuco fiel suspira, e espera
 Pelo que é Luz (1) do Mundo destinado:

(1) Matth. V. 14.

Ligeiro pensamento (2) Objeto amado
 Dos nossos pensamentos acelera, (3)
 As verde-negras vagas Deus modera,
 Que respeitam um peso tão sagrado!

O Enviado de Deus melhor, que Jonas (4)
 Sem precisar baleia, que o arroje
 Vem succeder aos Sócios de Barjonas:

Ditoso Pernambuco, já desd'hoje
 De gosto exultas, de prazer blasonas!
 Já o bem aparece, o mal já foge!

Pelo Padre Manuel de Sousa Magalhães.

Ao mesmo Senhor

SONETO

No dia, em que nasceu o Sacrossanto
 Bispo (1) das nossas almas, nesse dia,
 Chegou o nosso Bispo: Ó que alegria!
 Enxuga, Pernambuco, enxuga o pranto.

Por ele o Mundo suspirava tanto; (2)
 Nosso País por este assaz gemia;
 Dos lábios dele o leite, (3) e o mel corria;
 Este traz da brandura o doce encanto.

Rompe as correntes vis, (4) em que forcejas!
 Inda, Jerusalém, suspiras! Inda
 Não sacodes o pó? (5) Que mais desejas?

Vem, Cristo do Senhor, consola Olinda!
 Vem em nome de Deus! (6) Bendito sejas!
 Que imensos gostos! Que ditosa vinda!

Do mesmo Autor.

[Padre Manuel de Sousa Magalhães]

(2) A nau, que conduziu a Sua Excelência Reverendíssima.

(3) A presteza, com que aportou nesta vila.

(4) Jon. III. 3.

(1) I. Petr. 25.

(2) Isal. XLV. 8.

(3) Cant. IV. 11.

(4) Isal. LII. 2.

(5) *Ibidem*.

(6) Luc. XIII. 35.

Ao mesmo Senhor

SONETO

Quando aparece aos homens Humanado
 O Ungido de Deus, Deus infinito,
 Aparece também nesse Distrito
 O Ungido de Cristo venerado:

No dia, em que Jesus é empossado
 Do nome (1) e do poder com sangue escrito,
 No mesmo dia (seja Deus bendito!)
 Tomas posse, JOSÉ, do teu Bispado.

São tais auspícios nossa segurança:
 Vem para nós Deus feito Criatura;
 E tu vens como Cristo à sua herança.

Nossos bens nestas posses Deus segura:
 Com a sua fundou nossa esperança,
 Com a tua firmou vossa ventura.

Pelo mesmo Autor.

[Padre Manuel de Sousa Magalhães]

Ao mesmo Senhor

SONETO

Hoje (graças aos Céus! hoje faz anos
 Inda a nossa lembrança o testemunha!
 De opressão longo tempo nos dispunha
 Ao resgate dos Bêlgicos tiranos!

Por vós todos, fiéis Pernambucanos,
 À elegante frente o excelso Cunha
 Cinge da Mitra, o áureo Bago empunha;
 Gratifica ao Senhor dos Soberanos;

Seus Ascendentes nas fatais desgraças
 Dos Oitacazes são restauradores:
 Vós sois dos Triunfantes Nobres raças,

(1) Merito sane dum circumciditur puer, qui natus est nobis, Saluator, uocatur, quod uidelicet ex hoc iam coeperit operari salutem nostram immaculatum illum pro nobis sanguinam fundens, etc. etc., S. Bern., Sermo I, De Circumc.

Ele, e Vós descendeis dos Benfiteiros;
 Ele entoe por nós a Deus as graças;
 Demos nós ao Pastor dinos louvores.

Pelo mesmo Autor.

[Padre Manuel de Sousa Magalhães]

Ao mesmo Senhor
 ODE PINDARICA

Estrofe

De Pan a Frauta, a Cítara canora
 De Anfião, ou de Orfeu a doce Lira,
 Eu não invejo agora;
 A minha Musa a muito mais aspira,
 Canto mais elevado
 Bem merece o objeto sublimado.

Anti-estrofe

Alta matéria, forma relevante
 Da Hierarquia o Chefe augusto, e sério
 Merece que se cante
 Nas dez cordas (1) do Mítico Psautério!
 Deixarei tudo pasmo!
 Profetas, dai-me o vosso entusiasmo.

Epodo

Tu, Discípulo amado,
 A quem o véu se rasga do futuro
 Depois do recostado (2)
 Do Cordeiro de Deus no peito puro,
 Alcança-me a energia
 Da Fonte eterna da Sabedoria.

Estrofe

Lá de Patmos (1) no ermo Águia Divina
 Do Sol imenso arrosta os resplendores.
 Desce da Cristalina
 Esfera, um dos Celestes Compreensores
 A Trombeta (2) soprando
 Pelo côncavo globo vem troando.

(1) In decachordo psautério, Psalmo XCI. 4.

(2) Ioan. XXI. 20.

(1) Apocalip. I.

(2) Apocalip. I. 10.

Anti-estrofe

Um simples som não forma ele somente,
 Forma também artículos velozes,
 Com que o Onipotente
 Faz entender-se por humanas vozes:
 Fere o ar o estampido
 Como de muitas águas o ruído. (3)

Epodo

É como a lâ nevada (4)
 Sua madeixa; os olhos chamejantes; (5)
 Traz na boca uma espada
 De dois rígidos gumes penetrantes; (6)
 Brilha o seu rosto lindo
 Bem como o Sol no apogeu luzindo. (7)

Estrofe

Vem de roupas talaes revestido; (8)
 A zona de ouro o cinge até os peitos;
 Qual em forja (1) o incendiado
 Aurícales; assim são seus pés perfeitos;
 Na destra sete estrelas (2)
 Sustenta tão pesadas, como belas.

Anti-estrofe

A seu corpo gentil rodeiam sete (3)
 Candelabros de ouro (ó pompa augustal!)
 O Águia se submete
 Prostra-se (4) aos pés, e tímido se assusta...
 Mas ah! Que eu mais receio...
 Forma um tropel de idéias novo enleio!

(3) *Vox illius tamquam uox aquarum multarum. Ibidem, 15.*

(4) *Ibidem.*

(5) *Ibidem.*

(6) *Gladius utraque parte acutus. Ibidem, 16.*

(7) *Facies eius sicut sol lucet, in uirtute sua. Ibidem.*

(8) *Vestitum podere, et praecinatum ad mamillas zona aurea. Ibidem, 13.*

(1) *Pedes eius similes aurichalco, etc. Ibidem, 15.*

(2) *Ibidem.*

(3) *Ibidem.*

(4) *Et cum uidissem eum cecidi ad pedes eius tamquam mortuus. Ibidem, 17.*

Epodo

Ofusca novo eclipse
 Meu pensamento. . . As Luzes também cegam!
 Profundo o Apocalípse
 Em vão os Sábios a explicar se entregam.
 Que aos grandes Magistérios
 Tantas palavras têm, (5) quantos mistérios.

Estrofe

Onde estou? . . . Eu discorro? . . . Ou eu deliro?
 É esta Olinda? Ou Patmos solitária?
 Eu canto, ou eu suspiro?
 Neste degredo, ou Pátria imaginária
 Candelabros, e Estrelas!
 Quem ditoso será que possa vê-las

Anti-estrofe

Muda-se a cena. . . Ah! não se engana a vista!
 Outro igual espetác'lo compreendo!
 Sagrado Evangelista,
 Julgo que o que já viste, eu estou vendo;
 Eis o Anjo Adorado;
 Eis aqui está dos Céus o Enviado.

Epodo

A Olinda, a Soledade (1)
 Pela palavra vem do Eterno Verbo
 Dar da mesma verdade
 Testemunho no tempo mais acerbo! (2)
 Vem o maior dos Sábios!
 Digo o seu nome. . . Quero honrar meus lábios.

Estrofe

JOSÉ! . . . Ó Nome digno do sujeito!
 Ó Grande Herói, que o Nome desempenha!
 Encha o nosso conceito;
 Venha como José; benigno venha:
 Venha José no povo
 Qual Anjo Tutelar do Egito novo. (3).

(5) Tot habet Sacramenta quot uerba. Heronim., Epist. ad Paulin, Presbyt.

(1) Antonomasia com que se exprime a deserta Olinda, e o Palácio da Soledade distante dela.

(2) Alude não só à calamidade da Igreja universal, mas ainda à de Pernambuco, etc., etc.

(3) Genes. XLI. 40.

Anti-estrofe

Faça vir com prudentes invectivas (4)
 A seu menor Irmão, e goze ufano
 Com expressões mais vivas
 José, seu Benjamim Irmão germano;
 Ambos são medianeiros,
 Ambos a glória são dos Brasileiros.

Epodo

A pronta vassalagem
 Pernambuco te rende como deve,
 O Alto Personagem,
 Cujos cabelos pouco adorna a neve!
 E qual Mestre das gentes
 Luzes trazes nos olhos refulgentes!

Estrofe

De lírio a cor, talaes vestimentas
 Bem mostram, para todos quanto vales!
 Ao povo representas
 A flor do Campo, (1) e Lírio dos Conval[es],
 Da túnica o vestido (2)
 Te indica de Jacó José querido.

Anti-estrofe

Eu te adoro Pontífice eminente,
 Do Enviado de Patmos viva cópia,
 De Deus Vice-gerente;
 Eu vejo com o Profeta a minha inópia; (3)
 Ah! se eu qual João agora
 Como és Núncio de Deus, teu núncio fora.

(4) *Ibidem*, XLIII.

(1) *Ego flos campi, et liliū conuallium. Cant.*

(2) *Diligebat Ioseph super omnes filios. — Fecitque ei tunicam polymitam. Genes. XXXVII. 3.*

(3) *Ego ulr uidens paupertatem meam. Ieremias, etc.*

Epodo

Mas ah!... Que o frio medo
 Me fere o coração, me turba a mentel...
Alenta-me, Azeredo;
Se sobre mim não pões a mão potente (1)
Se tu me não levantas,
Prostrado estarei sempre às tuas plantas.

Pelo mesmo Autor.

[Padre Manuel de Souza Magalhães]

Ao mesmo Senhor
 ODE PINDÁRICA

Estrofe

Cinjam embora os elmos emplumados
 Os Campeões valentes;
 Pelejam guarnecidos, e adornados
 De escamosas lóricas refulgentes;
 Vibrem os reluzentes
 Açacalados Púnicos alfanges;
 Prostrem por terra as Marciais Falanges.

Anti-estrofe

A fronte eu cinjo só do verde louro,
 E aptando os destros dedos
 Vou ferir sobre o peito a Lira de ouro:
 Cantarei o Maior dos Azeredos;
 Abrandarei rochedos
 (Se o poder conseguir humano canto!)
 Estro imortal, que me arrebatas tanto!

Epodo

De ardor santo inspirado
 As falsas divindades não invoco;
 O meu Herói sagrado
Matéria é de Coturno, e não de soco (2)
 E basta o seu sorriso
 Para dar-me os esforços, que preciso.

(1) *Posult dextram suam super me dicens: Noll timere. Apocalypsa. II.*

(2) *Cam., Lusiad.*

Estrofe

Lê nos Anais o Padre venerando
 De Pernambuco a História:
 De uns estudos com outros descansando
 Se deixa surpreender da nossa glória;
 Na póstuma memória
 Ver reviver os fortes que venceram,
 E morrer outra vez os que morreram.

Anti-estrofe

Em quase cinco lustros a arrogância
 Dos Bêlgicos tiranos
 Exasperavam nossa tolerância!
 Dispícai-vos, leais Pernambucanos,
 De tanta afronta, e danos
 Os nomes abatei em todo o mundo
 De Henrique Hus, Princh, e Segismundo.

Epodo

Nas guerras, nas Conquistas
 Vencem os Lusos, nossos Reis despendem.
 Vitórias mais bem vistas,
 Do que dos nossos, que espontâneos rendem
 Pela Pátria querida
 As possessões, o corpo, o sangue, a vida!

Estrofe

João Fernandes, Vidal, Henrique Dias
 São três raios na guerra
 Obrando todos três as bizarrias,
 Que o seu valor heroicamente encerra.
 Tudo prostram por terra;
 Vão contra Segismundo que comanda
 Tanto ardor militar da fria Holanda.

Anti-estrofe

O Recinto vistoso dos Prazeres
 Foi centro da Campanha;
 Onde obraram recíprocos deveres
 Desesperada a raiva, e a fúria estranha;
 Vence o valor sem manha:
 Henrique Hus confuso se retira;
 Coxeia Segismundo; Brinch expira.

Epodo

O pequeno regato,
 O qual também Jordão se denomina,
 Exprimiu o retrato
 Com sangue vivo da fatal ruína;
 Mas turvo o seu espelho
 O Jordão se tornou em mar vermelho.

Estrofe

Guararapes fatais, dos altos cumes
 Erguendo as calvas vistas
 Os fulminantes meneados gumes!
 Funestos ululados bem ouvistes,
 E os ecos vão dos tristes,
 Que respondendo às aflições internas
 Retumbavam nas hórridas cavernas.

Anti-estrofe

Tu, General dos Esquadrões Celestes
 A tua voz levanta;
 Tu, que de tantos dotes te revestes,
 Ao Senhor dos Exércitos decanta,
 Altos hinos lhe canta,
 Canta por nós, Compreensor da glória,
 Nossa restauração, nossa vitória.

Epodo

A vitória se aclama:
 No Campo de cadáveres juncado
 O prazer se derrama:
 Rende as graças o exército prostrado
 A essa Mão Divina
 Que as nossas mãos a pelear ensina. (1)

Estrofe

Tu, Excelso Varão, tu, Alma bela,
 Tantas proezas lendo
 Felicitas a nossa Clientela
 O Cajado gostoso recebendo,
 Todo tão nosso sendo
 Pelo amor, pela Pátria, pelo emprego.
 Ah! Com que gosto a proferi-lo chego!

(1) Qui docet manus meas ad praelum et digitos meos ad bellum. Psalmo-
 CXLIII. 1.

Anti-estrofe

Rejam embora as rédeas do Governo
 Os Magnates capazes;
 Mas não venham as fúrias lá do averno:
 Tu sabes, esplendor dos Oitacazes,
 Que, quais dragões vorazes,
 Formam do estrago alheio a própria dita
 Muitos, que a Pátria arroja, e o mar vomita.

Epodo

Ó como os Céus propícios
 As suas bênçãos sobre nós derramam!
 Nos faz mil benefícios
 Esse, a quem Pai os Brasileiros chamam!
 O Príncipe, que amamos
 Nos deu o bom Pastor, que hoje gozamos!

Pelo mesmo Autor.

[Padre Manuel de Sousa Magalhães]

N.º II

Poesias feitas em Elogio ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, pelo seu bom Governo, não só como Bispo de Pernambuco, mas também como Governador Interino daquela Capitania, principalmente pela fundação do Seminário de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda no ano de 1799.

SONETO

De Alexandre as vitórias não invejo,
 Nem de Trajano, e César a grandeza:
 De Hércules, e d' Ayace a fortaleza
 Não me excita nesta alma um só desejo.

De quanto há grande, que no Mundo vejo
 Nada pode abalar minha firmeza,
 Seja de Creso, ou Midas a riqueza
 Seja o esforço dos Heróis do Tejo.

Novos transportes já minha alma sente
 À vista das virtudes, que pondera
 Do Prelado entre todos excelente.

Neste dia plausível só quisera
 Por louvar Azeredo sabiamente
 A cítara de Homero: Ó quem ma dera!

**Pelo Tenente-coronel Francisco de
 Brito Bezerra Cavalcante.**

Ao mesmo Senhor

ODE

Desce, Verdade, da Celeste esfera,
 Vem influir-me, vem, ó tu Virtude;
 Enche de luzes a minha alma rude,
 Enquanto louvo Arão, que o Céu nos dera!
 Só teus influxos quero,
 As Musas não invoco, nem espero
 Me influam portentosas;
 Porque enfim são Deidades fabulosas.

Só tu, Verdade Eterna, altas verdades
 Poderás inspirar-me em sonoro,
 Sublime canto, que do Herói famoso
 Demonstre suas belas qualidades.
 Musas não podeis tanto,
 Deixai que influam só neste meu canto
 Essas filhas do Céu
 Donde o bem, que gozamos descendeu.

Viúva a Igreja, que Jardim deixara
 Magoada em sua ausência, e lacrimosa,
 Leva preces à Esfera luminosa,
 Em que pronto remédio ao pranto achara.
 O Deus Onipotente,
 Que os Céus, que o Mundo rege sabiamente,
 Um Pastor nos destina,
 Cuja Eleição somente foi divina.

Augusta Filha de JOSÉ Primeiro,
 O Príncipe Reinante, o Filho Augusto
 Daquela, que sustenta a todo o custo,
 Imaculado o Trono do Cordeiro
 Divinas inspirações
 Sentiram nos seus Régios Corações
 Que logo produziram
 A melhor eleição, que os séculos viram.

Não és tu depravada Simonia,
Que mil danos na Igreja tens causado,
Quem na eleição do Ótimo Prelado
A mão dirige da Imortal MARIA.
A virtude é somente
Que a Rainha moveu da Lusa gente,
Como se manifesta,
A Mitra dar-lhe, que lhe adorna a testa.

Mitra, e Báculo insignes respeitáveis
Dos que podem abrir as portas Santas
Da Celeste Sião, Sião que encantas
Por prazeres somente imagináveis.
Quantas vezes sois dados,
A quem jamais merece os sublimados
Distintivos famosos
Devidos aos Heróis, aos Virtuosos!

Prelado excelso, tudo se te deve
De justiça por teus merecimentos,
És Sábio, és Patriota; os teus intentos
São, que tenhamos quanto Atenas teve.
Um Sábio verdadeiro,
Que mil provas tem dado ao Mundo inteiro
De seu grande talento,
Só pode executar tão justo intento.

Alegrai-vos, fiéis Pernambucanos,
Vinde ao Herói render adorações,
Mais digno de alta rima, altas Canções,
Que os Heróis Gregos, que os Heróis Romanos.
Patrício fervoroso,
Que offrece os seus talentos generoso,
Que tem a seu cuidado
Criar úteis vassallos ao Estado.

Tudo isto são efeitos singulares
Das grandes luzes, que sua alma encerra:
Os rumos da virtude jamais erra,
Fiel a quem criou os Céus, os Mares
São só projetos seus,
A honra do seu Rei, e do seu Deus,
Que adora fielmente,
Qual outro grande Rei da Hebréia Gente.

Pernambucanos, um governo cheio
 Vereis de glória, aplauso, e de excelência:
 Vereis, em vão mordendo o duro freio
 Reprimida a ambição, muda a insolência.
 Vereis enfim guardadas
 As Leis, que da razão foram ditadas:
 As regras da piedade
 Da santa paz, da cara liberdade.

Pelo mesmo Autor.
 [Francisco de Brito Bezerra
 Cavalcante]

Ao mesmo Senhor, segundo assunto

ODE

Canoras Musas, que do monte santo
 Aos Cantores influís sublimes versos,
 Que Heróis pintam com seu divino canto,
 E a natureza em quadros mil diversos:
 Prestai-me essa harmonia,
 Divina Clio, e Vós também, Talia,
 Com que cante o Prelado
 De Pernambuco tão famigerado.

Respeitável Pastor, ramo preclaro
 Da nobre Estirpe dos Heróis valentes,
 Que por seu marcial esforço raro
 São a glória imortal das Lusas gentes.
 Destas almas famosas
 Foi que herdaste, Senhor, as portentosas
 Virtudes, que ilustraram
 Esses, que assim da morte se isentaram.

Daquela Ilustre, e clara descendência
 De Cunhas, de Coutinhos tão famosos, (1)
 Nasceram os Varões, que a preeminência
 Sustentaram dos Reis mais gloriosos:
 As Quinas Lusitanas
 Eclipsaram as Luas Africanas,
 Portuguesas Falanges
 Passaram inda muito além do Gânges.

(1) Vasco Fernandes Coutinho, Donatário da Capitania do Espírito Santo, um dos Ascendentes do nosso Prelado.

Nunca lereis a universal História
 Dos que de Marte afrontam os horrores,
 Que nela não vejais a vossa glória
 Nos vossos imortais Progenitores.
 Seja na dura guerra,
 Ou na dourada paz da Lusa terra,
 Lá ganharam o nome,
 Que o tempo gastador jamais consome.
 Não julgueis que são fábulas sonhadas
 Quanto ouvistes de seus Progenitores,
 E das grandes ações de seus Maiores
 Em corruptas histórias conservadas:
 Vêde os altos padrões,
 Que lhes erguem os Freires, os Camões;
 O Inclito Bueno (1)
 Que podia ombrear co'immortal Peno.
 Longe, longe de mim as provas feitas,
 Da grandeza, e da sua heroicidade
 Pelos fatos da escura antigüidade,
 Que sempre de erros mil serão suspeitas.
 Os Pais, Avós, Parentes
 Desta raça de Heróis preeminentes
 Inda os estamos vendo
 No Brasil, e na Europa florescendo.
 Vede o grande Rangel, (2) Pai adorável
 Do meu Herói, que obtém da Majestade,
 O perdão para os seus, e a liberdade
 Desse jugo d'Aseca insuportável,
 Um Conde de Arganil (3)
 Pasma da Europa, glória do Brasil:
 Outro grande Doutor
 Da Régia Autoridade o Defensor.

-
- (1) Amador Bueno, natural da Cidade de São Paulo, Ascendente do nosso Prelado, o qual sendo aclamado Rei pelo Povo, declarou, que a Coroa pertencia ao Senhor Rei D. João IV, e que por ele daria a vida; e com efeito conseguiu, que o Povo jurasse fidelidade ao seu legitimo Soberano. V. *Memórias para a Capitania de São Vicente*, pág. 130, n.º 176 até 184.
- (2) Vej. o *Ensaio Económico sobre o Comércio de Portugal, e suas Colónias*, Part. I. Cap. V, Nota 15. ao § 10, pág. 47.
- (3) O Ilustrissimo, e Excelentissimo Senhor Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, atual Reitor, e Reformador da Universidade de Coimbra, Tio do nosso Prelado; e o Ilustrissimo Senhor João Pereira Ramos, Desembargador do Paço, Procurador da Real Coroa, e Senhor de Pereira, Tio do nosso Prelado, bem conhecido pelas suas Letras, honra, e desinteresse com que serviu aos seus Soberanos, e à Pátria.

Não, Claro Cunha, o teu merecimento,
Tua grandeza, o teu sublime nome,
O tempo gastador jamais consome
Porque tem na Virtude o fundamento.
Para veres erguida
Estátua, que eternize a ilustre vida
Não precisas ornar-te,
Nem de alheias virtudes ajudar-te.

São teus únicos foros, teus braços,
As letras, a prudência, a probidade,
Que o foram já da ilustre heroicidade,
Dos Trajanos, dos Titos, dos Catões;
A quem eternizaram
As sublimes ações que praticaram,
Pois a herdada nobreza
Sem virtude não pode ser grandeza.

Idéias tão rasteiras, de tais cores
Não nutrem, como a tua, as grandes almas,
Que brasonem dos louros, e das palmas,
Que alcançaram seus Inclitos Maiores.
Tuas palmas brilhantes
Tecem tuas virtudes elegantes;
São teus os florescentes
Timbres, escudos dos portais pendentes.

Tens prudência, justiça, temperança,
Vasta sabedoria, fortaleza,
Probidade, constância e inteireza,
Seja na tempestade, ou na bonança.
Eis aqui quanto basta
Para tua memória não ser gasta,
Ser eterno o teu nome
Bem apesar do que tudo consome.

Olinda, bela Olinda, alta Cidade,
Já passaram séculos de ferro
Destruir vem o Pai da Pátria o erro,
E as máximas plantar da sã verdade:
Vejo nos Horizontes
Raiar a paz, que alegra os vales, montes,
Dias de fausto agouro
Os dias de Saturno a idade de ouro.

Pelo mesmo Autor.

[Francisco de Brito Bezerra Cavalcante]

Ao mesmo assunto

SONETO

Se de Grandes o nome pretenderam
 Esses, que o sangue humano derramaram;
 Se Povos, se Nações aos que pisaram
 Da humanidade as Leis, Padrões ergueram.

Se palmas, se troféus se concederam
 A mil outros, que o Mundo devastaram,
 A muitos, que à vaidade consagraram
 A virtude, que nunca conheceram.

Que coroas, que títulos, que nomes
 Merece aquele, que a virtude adora?
 A virtude, que ó Tempo, não consumes!

Grande Cunha, por quem o Tejo chora:
 O título de Herói manda que tomes;
 Manda a Virtude, que em teu peito mora.

Pelo mesmo Autor.

[Francisco de Brito Bezerra Cavalcante]

Ao mesmo assunto

SONETO

Do Grande Macedônio as portentosas,
 As rápidas vitórias eu não canto,
 À falsa heroicidade não levanto
 Bustos, padrões, estátuas majestosas.

Respeito, adoro, e canto as gloriosas
 Heroicidades de Azeredo enquanto
 Derrama Portugal saudoso pranto
 Por quem sabe exercer ações piedosas.

As letras, e a justiça é o mais antigo
 Brasão, que estima pelas pôr à testa
 De quantos distintivos traz consigo.

Azeredo é prudente; e que mais resta?
 Fiel ao Rei, dos homens o amigo,
 Este o seu Timbre, a sua estátua é esta.

Pelo mesmo Autor.

[Francisco de Brito Bezerra Cavalcante]

Ao mesmo assunto

ODE

Prelado excelso, Cunha respeitável,
São as grandes virtudes, que te adornam
Prudência, humanidade; elas te exornam
De glória a c'roa, que te faz amável.
Mil outras qualidades,
Que somente é que são heroicidades;
Preferem-te aos divinos
Padres da Igreja, Gregos, e Latinos.

Muitas vezes tomando a doce Lira
Eu tenho as áureas cordas afinado.
Em teu louvor eu tenho hoje cantado
Quanto à verdade, quanto amor me inspira.
Concluo finalmente
Que louvado não foste dignamente,
Nem inda engrandecido,
Por faltar-me um estilo alto, e subido.

Aflito por não ter engenho, e arte,
Quais divinos Cantores, que espalharam
Dos famosos Heróis, que eternizaram,
Suas grandes ações por toda a parte.
As nove Irmãs invoco,
Que tornem minha Lira de som rouco
Em Lira altissonante,
Com que as grandes ações de Cunha cante.

Outra vez eu a tomo confiado
Nos divinos auxílios, que ainda espero;
Falta-me Musa do imortal Homero
Mal pode ser meu avô remontado.
São curtos ou meus braços
Sondar não posso os mares, os espaços
Da tua inacessível
Religião, e glória incorruptível.

Pintar nobres ações com vivas cores,
Cantar a heroicidade sublimada:
Essa glória é somente reservada
A divinos, a Dêlficos Cantores.
Os feitos do Troiano,
Do Filho de Laerte Soberano
Objeto foram dino
Do Cantor Grego, do Cantor Latino.

Se estátuas minha Musa levantado
 Ao Claro Herói não tem pela pobreza,
 Pela falta de engenho, e natureza,
 Precisas para o ter eternizado.
 Mostrando-o com o dedo
 De o louvar descobri novo segredo,
 Ninguém há, que não veja
 Nele o retrato dos Heróis da Igreja.

Direi unicamente que o teu nome
 Gravado está no templo da memória:
 Que as ações, que se lêem na ilustre história
 Da tua vida o tempo não consome.
 Que o teu merecimento
 A virtude só tem por fundamento,
 E que inda farás tanto
 Que darás novo assunto a novo canto.

Pelo mesmo Autor.

[Francisco de Brito Bezerra Cavalcante]

Ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom José
 Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de
 Pernambuco do Governo Interino, Fundador do
 Seminário Episcopal da Cidade de Olinda, Diretor
 dos Estudos, do Conselho de Sua Majestade.

ODE

O Peito arroja aos impolados mares,
 Qual velífera nau, Musa rasteira,
 E procurando inóspitos lugares,
 Os panos solta em rápida carreira;
 Sem proceloso aceno
 Vejas o Céu sereno
 Cujá cerúlea cor, sem ter mudança,
 Promete aos nautas próspera bonança.
 Ao mais impenetrável do Tesouro,
 Onde se oculta a Dêlfica riqueza,
 Guiada pelo Deus intonso, e louro
 Entra, enquanto consulto a Natureza;
 Lá, pois careces delas,
 Escolhe expressões belas,
 Sobre quem o discurso o plano traça,
 Cheio de ornato, de pomposa graça.

Fira a minha alma inteligente raio,
Vivas cores me preste a fantasia,
Que a voz, a doce voz no peito ensaio
Para cantar a glória deste dia;
 Dos laços da rudeza
 Solte-se a Natureza;
Pois que com mão ligeira o véu escuro
Faço correr à cena do futuro.

Idoso Velho ali vejo sentado
Num pedestal, o vulto encanecido
Voltando para trás, mostra o passado,
E quanto tem os dias envolvido,
 Por infalível conta
 Longas eras aponta,
Curvados aos teus pés gemem às vezes
Fugazes anos, séculos, e meses.

Acolados mortais vê-se o Destino
Em círculo veloz o pé volvendo,
Que desandando o giro, repentino
Vai d'um, e d'outro a sorte pervertendo,
 Aqui vê-se presente
 Em lâmina luzente,
Armado em campo contra os Holandeses,
O esforçado valor dos Portugueses.

Ditoso dia, dia, em que se viram
Desatados do jugo os Lusitanos,
Cuja aspereza bárbara sentiram
Para opressão maior, para largos anos...
 Mas eis que corre a cena
 Surgindo a paz serena,
E d'um novo caráter se apresenta
Do furor inimigo a Pátria isenta.

Mitigai, Varões fortes, vossas iras,
Que a fraca palidez de vós se esconde...
Porém, rasteira Musa, tu deliras?
Aonde levas teu projeto? aonde?
 De pensamento muda,
 Novas lições estudas,
Que o Cisne, quanto mais os ares fende,
As penas tanto mais o Sol ofende.

Venturosa estação, clima saudável,
Cuja respiração jamais consente
O natural efeito variável,
A corrupção impura, e pestilente;
Lá no assento celeste
Lustrosas roupas veste,
E o teu Pastor à face dos altares,
Qual hóspede, recebe nos seus lares.

Os rutilantes olhos nele fita,
Que verás o seu plácido semblante,
Onde um riso celeste sempre habita,
De um terno coração raio brilhante;
Se acaso do ciúme,
Em ti se ateia o lume,
Dando-lhe os vivas por tamanha graça,
A azul esfera satisfeito abraça.

Olha, repara, como aquele chega
Apressado aos seus pés, ele prudente,
O carinhoso afago não lhe nega,
Efeito só de um ânimo clemente;
Beijar-lhe a mão pretende,
Mas eis que se suspende
Por ver que uma sustém firme o Cajado,
Outra se ocupa no Bastão honrado.

O monstro Centi-língua, que vagando
Surge nos mais recônditos lugares,
Um Varão mais perito, e venerando
Não conta que inda vissem nossos lares,
Nem que um Pastor da Igreja,
Que intrépida peleja,
Ao Cajado fatal tivesse unido
O potente Bastão dos réus temido.

A sua vinda, o dia, em que Dezembro
Se distingüe, mistério em nós imprime . . .
Mas ah! Que me recordo, que me lembro
Que me escutais vós mesmo, Herói sublime;
Musa minha, tropeças?
Tremes? Não enfraqueças
A idéia, que fazes, o respeito
Não te sufoque a voz dentro no peito.

As virtudes, Senhor, que vos adornam,
Debaixo de um sorriso disfarçadas,
Contínuas bênçãos sobre vós entornam
Dos Tesouros das célicas moradas;
 Os vossos nobres feitos
 Traçam em nossos peitos
O plano, onde versar pode constante
Do vosso aplauso o carro triunfante.

Se aqueles, que elogios mil teceram
Aos mentidos heróis da antiga idade;
Vissem inda no tempo em que viveram
De vosso peito a suma heroicidade,
 De sonhadas quimeras
 Zombariam as eras,
De seus feitos ficando o monumento
Soterrados no pó do esquecimento.

Se aquele Grego herói (cujo alto nome,
De bronze em duras lâminas gravado,
O tempo estragador jamais consome)
Saindo a campo intrépido e esforçado,
 Para mais alta glória,
 A presa da vitória,
Que a custo do seu braço conseguia,
Pela mísera gente repartia;

Em vós, sábio Pastor, vemos presente
Espírito maior de heroicidade;
Pois socorreis ao mísero indigente
Abrasado no ardor da caridade;
 Aquele se alentava
 Das vanglórias, que obrava,
Que por dar o alheio tem perdido,
A glória, que vós tendes conseguido.

Eia, pio Varão, virtude tanta
Cada vez mais vegete em vosso peito,
Pois que do vosso nome se levanta
Da caridade um símbolo perfeito;
 De vós, de vós somente
 Diria o que alma sente,
Se bem que às vezes o silêncio tece
O mais alto louvor, que se apetece.

Já basta, ó Musa, pois dos altos mares
 Temos calcado a fúria violenta;
 O rijo vento, os condensados ares
 Nos anunciam áspera tormenta;
 Abraçando a cautela,
 Fujamos à procela,
 Enquanto o tempo favorável dura,
 Vamos surgir ao porto da ventura.

Antônio Lourenço da Silva.

Ao Ilustríssimo, Excelentíssimo, e Reverendíssimo
 Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo
 Coutinho, Bispo de Pernambuco, do Governo
 Interino.

ODE PINDÁRICA

Estrofe

Não lanço as garras, qual leão faminto
 Sobre assuntos alheios,
 Nem em roto baixel afoito intento
 Surcar os mares de procelas cheios;
 Nem as asas entrego ao sutil vento,
 Té encostar à Região flamante,
 Mas cauto, e vigilante
 Medindo a esfera com sublime rapto
 Do mais rasteiro assento as asas bato.

Anti-estrofe

Agora peço aos Vates, que se calem
 Que sacro entusiasmo
 Em contínuo calor me inflama a idéa,
 Impele a todos a silêncio, e pasmo
 Estro maravilhoso, ardente veia;
 Em grossos borbotões límpida enchente
 Correndo diligente
 Da unha, que asselou o fatal bruto,
 Em torno ensopa o campo mais enxuto.

Epodo

Ninfas ligeiras voam
 As fraldas da Beócia, cuidadosas
 Tecem capelas mil, com que coroam
 Os meus Etontes, de engraçadas rosas,
 Ah! que eles, como nunca, se remontam,
 Nuvens pisando, que nos ares giram,
 Anelantes de si fogo respira.

Estrofe

Eis que diviso um monstro, que envolvido
 Em transparente veste,
 Soprando a tuba, arqueia a sombrancelha,
 Estremecendo a abóbada celeste;
 Após dele corusca luz vermelha,
 Que em contínuos relâmpagos fuzila;
 Meu ânimo vacila:
 Antes que o vôo mais subido tome,
 Submisso inclino a frente, ouvindo o nome.

Anti-estrofe

Glória do Grão Davi, José intacto,
 Guarda desse Tesouro,
 Que a terra viu, não como o afigurado,
 Que sobre ela caiu em chuva d'ouro,
 Em ti se vê o bem recuperado,
 Que atropelou aos pés o Pai primeiro,
 Em ti o verdadeiro
 Ramo floresce de Jessé frondoso,
 Qual Varão casto, santo, e virtuoso.

Epodo

Inda que por distante,
 Não chega a divisar a humanidade
 A Essência Divina, que o brilhante
 Astro formou com suma potestade...
 Que me queres, idéia imperceptível?
 Não largo os panos ao ligeiro vento,
 Que o meu baixel empurra violento.

Estrofe

Nativa propensão, realizada
 Por vestígios patentes,
 Em ti, Senhor, se vê no ministério,
 Que os costumes enfreia, e doma as gentes;
 Um discurso perito em vitupério
 Dos que ombreiam a Fé, e a Igreja Santa;
 Tua prudência é tanta,
 Que bem mostra, que em ti ver-se podia
 Outro José, se houvesse outra Maria.

Anti-estrofe

Se aquela, que de amor predominada
 Pelas mimosas graças,
 Que no casto mancebo descobria,
 Armando-lhe sutil manhosas traças,
 Nele tirana resistência via;
 Pois munido dum ânimo constante
 A capa roçagante
 Nas mãos lhe deixa, e apressado foge,
 Temendo que o Senhor de tal se enoje.

Epodo

Essa mesma constância,
 Em ti, Sábio José, contínua habita,
 Pois só se emprega a tua vigilância
 Sobre a Igreja, que intrépida milita;
 E é de crer, que em lance tão custoso
 A mesma resistência experimentasse,
 Se houvesse quem teu ânimo tentasse.

Estrofe

A mão, a Régia mão, que nos governa,
 Que o Cetro refulgente
 Sustenta, com que rege piedosa
 O áureo Brasil, submissa gente,
 Vendo a tua inteireza preciosa,
 Em ti depositou domínio largo;
 Pois este honroso cargo,
 Que em nós imprime suma reverência,
 Realçou de tua alma a preminência.

Anti-estrofe

Sedento avaro, cauto, e receoso
 Os cofres aferrolhe,
 Negue o Oriente as pedras cristalinas,
 Que nas cavernas lúbricas recolhe,
 A terra esconda nas profundas minas,
 O produto fulgente, o feto nobre,
 Que o Colono descobre,
 Regos abrindo o luzido arado,
 Mais precioso dom, mais estimado.

Epodo

Tu que com temperança
 Em propícia estação os campos aras,
 Que de outra mão herdaste, na esperança
 De crestar as frutíferas searas,
 Tu és firme coluna, em quem se estriba,
 Sem que o possa negar a mão suprema,
 O áureo Cetro, o Régio Diadema.

Estrofe

Abre o volume, que girando corre
 O âmbito espaçoso,
 Nele verás discursos fraseados
 Sobre o Comércio, aos Reinos proveitoso,
 Acharás pensamentos delicados,
 (Parto do mais sublime, e douto engenho)
 Sobre o fatal despenho.
 Com que os impérios demolir procura
 O desprezo da lisa Agricultura.

Anti-estrofe

Negra ambição do báratro profundo
 Em sulfúreos vapores
 Batendo as asas, a entornar começa
 Sobre os mortais pestíferos licores,
 Meneando a torpíssima cabeça,
 Os densos ares pavorosa fende,
 Dos cabelos desprende
 Aquele horrível monstro, que na terra
 Dissonante suscita dura guerra.

Epodo

Quer derrubar do império
 A criadora Ceres, solicita
 Dos Alunos fiéis o vitupério,
 A quem a Deusa presta suma dita;
 Desastrada Estação? Quanto diferes
 Dessa idade feliz, em que o inocente
 Metia a mão na boca da serpente?

Estrofe

Mas tu, Sábio José, em quem se apura
 Dest'arte o sumo zelo,
 Desenvolvendo a máxima instrutiva,
 Que em ti forma um caráter mais que belo,
 Em sublime linguagem expressiva
 Divulgas o que tens de proveitoso
 O Comércio nervoso,
 De cujos ramos, sempre verdejantes,
 Colhe o Monarca frutos abundantes.

Anti-estrofe

Em paz serena a decotante espada
 Torne a empunhar Astréia,
 Promulgue sábias Leis no sólio augusto,
 Cujo poder a pravidade enfreia;
 A crua sem-razão, o feito injusto
 Pondere na retíssima balança,
 Torne feliz bonança,
 E traga o férreo século passado
 Após de si o século dourado.

Epodo

Em ti nossa esperança,
 Claro Pastor, verdeja mais viçosa . . .
 Mas ah, que a minha Musa se abalança
 Aos astros, encarando a luz fogosa;
 Basta de vôo, ó Musa, que desde agora
 Do teu Herói, que firme te proteja,
 O nome agora, a mão excelsa beija.

Pelo mesmo Autor.

[Antônio Lourenço da Silva]

Ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Pernambuco, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, do Governo Interino, e Diretor Geral dos Estudos, etc.

ODE PINDÁRICA

Estrofe

Canto sonoro, tuba d'ouro fino
Desejo, minha Musa,
As vivas expressões, o som divino
Do Fulvo Deus intento,
E solto das prisões meu pensamento
Em si conceba idéias majestosas,
De branco lírio, de purpúreas rosas
Nosso Herói coroemos
Ao som dos versos, que ambos lhe tecemos.

Anti-estrofe

Versi-potente raio já me fere,
À maneira dum Vate
Me inspira Délio, o mundo ouvir-me espere
Cheio de assombro, e pasmo;
Pois me promete o sacro Entusiasmo,
Que cintilante na minha alma impura,
Forçoso erguer-me da terráquea esfera,
Té que me obrigue a chama
As áureas portas arrombar da Fama.

Epodo

Lá vejo erguer a frente,
De viçosa Oliveira coroada,
A excelsa Olinda, que se a voz não mente,
Formosa, e linda foi denominada;
Sobre montes soberbos faz ciúme
Ao mais sublime, e levantado cume,
E qual plátano erguido,
Ostenta o colo seu reverdecido.

Estrofe

Sobre seus ombros níveos sustenta
 Effigie soberana,
 Que Herói Religioso representa;
 Ornamentos honrosos
 Inculcam seus projetos virtuosos,
 Um paternal afeto, um doce riso
 Morar em seu semblante bem diviso;
 E por tanta alegria
 É quem completa a fausta Profecia.

Anti-estrofe

Ah! que ela com ardor lhe gratifica
 Esse paterno zelo,
 Que de novo seus lares edifica;
 Pois seu braço potente
 Decrescer fará nela grossa enchente,
 Desejando que aos séculos futuros
 Encarem fortes seus erguidos muros:
 E pelo bem que alcança,
 Té sobre os ombros seus ela o descansa.

Epodo

O Comércio nervoso
 Vê restaurar-lhe a sua alta prudência,
 Fixando por sistema judicioso
 Sobre ela os fundamentos da ciência;
 E em seus recintos, se é ação custosa,
 Verá marchar a gente belicosa.
 Pois o ardor que o doma,
 É fazer que inda a inveje Grécia, e Roma.

Estrofe

Porém que lisonjeira fantasia
 Cerca meu pensamento?
 Não é Olinda, não, Senhor, que eu via,
 Curvada ao peso honroso
 De vossa effigie, objeto majestoso:
 É sim o vosso venerável Nome,
 A quem o voraz tempo não consome,
 Erguido em frase bela
 Sobre o louvor dos Habitantes dela.

Anti-estrofe

Poder supremo, fulminante braço
 Prostra, lança por terra
 Populosa Lisboa em breve espaço:
 Do Trono em que se preza
 Sucumbe demolida a vã riqueza,
 A quem, abrindo gretas toda a terra,
 Parece que fazia crua guerra,
 Em seus eixos rodando,
 E mil vulcões de fogo vomitando.

Epodo

Aqui a sepultura
 Achava aquele, que fugia à morte,
 Ali a semiviva criatura,
 Que intentava salvar-se ao transporte,
 Apressava o estrago, o feio exício
 Em desumano arrojo um edificio,
 E os bravos elementos
 De mãos dadas forjavam mil tormentos.

Estrofe

Aquele, cujo nome a Lísia adora,
 Ainda hoje intacto
 Da corrupção do tempo estragadora;
 Aquele novo Atlante,
 Que sobre os ombros sustentou constante
 Da Lusa Monarquia o peso grave,
 O imortal Marquês, Lustrosa Chave,
 Que por ser peregrina,
 Abrir podia a Porta Diamantina.

Anti-estrofe

Eis que começa a erguer nova Cidade
 Das mesmas cinzas frias,
 Perfeitos edificios na igualdade,
 Diversas oficinas,
 Novas Artes, preclaras Disciplinas;
 Por todo o Portugal seu nome soa,
 Passa ao Hidaspe, além do Gânge voa;
 E com desassossego
 O recebe nas margens o Mondego.

Epodo

Que análogo retrato
 É a esse Ministro vossa Essência?
 Já no zelo da Pátria, já no grato
 Desejo de plantar nela a ciência:
 Qual matutino orvalho a quem os ares
 Envia a banhar secos lugares,
 Tal foi a vossa vinda
 Aos campos secos da fragosa Olinda.

Estrofe

Se por ações heróicas, nobres feitos;
 Voam de pólo em pólo
 As almas grandes, os sublimes peitos,
 Se colhem mil louvores
 Pelas Cidades claros fundadores,
 Se por egrégias obras, que semeiam,
 Os Autores aplausos mil granjeiam,
 Que aplausos não merecem
 Vossos feitos, que a Pátria hoje enobrece.

Anti-estrofe

Do sábio Grego, em quem a Lusitânia
 Teve seu nascimento,
 E feio estrago os muros de Dardânia;
 Posto que leve o nome
 De cem bocas o monstro aonde dome
 Ainda nova zona, estranho clima,
 E sempre em gritos, com que o vôo anima,
 Toque a plaga mais fria,
 Onde talvez mais breve seja o dia.

Epodo

Não é a glória tanta
 Quanta em vossas ações hoje contemplo,
 Pois se ele uma Cidade ergue, e levanta,
 Vós das ciências levantai um templo;
 E se aplauso os alunos lhe conseguem,
 Também o justo aplauso não vos neguem,
 Esses, de quem se observa,
 Que fazeis sacrifícios a Minerva.

Estrofe

O dente anavalhado envista embora
 Do vosso nome a honra,
 Porque prostrado o Bem comum o adora;
 Os zoilos imperitos
 Estudem contra vós mordazes ditos;
 E sobre os eixos da tartárea Inveja
 Vosso claro Esplendor volúvel seja,
 Porque enfim vos defende
 Da Igreja a espada, que da mão vos pende.

Anti-estrofe

Monstro cruel, maléfica serpente
 Entona o feio colo,
 Encrespa altiva a escama reluzente;
 E quanto mais se altera
 A cauda erguendo, mais o ar verbera,
 Em tortuosas roscas sibilando
 Quer investir, de novo o colo inchando;
 Mas eis que espada erguida
 Lhe decepa a cabeça entumecida.

Epodo

Obeliscos lustrosos
 Erga em honra de heróis a gente cega,
 Nele descreva os feitos gloriosos
 A ver se a Fama o tempo não lhe nega;
 E de Saturno aos pés, que os evos pisa,
 Deixe mil invenções em pedra lisa,
 Que em vez d'história vasta,
 Repetir Azeredo só vos basta.

Estrofe

Venturosos Alunos, vossa dita
 Quão se faz invejosa
 Àqueles, em quem sumo ardor milita!
 E quanto vos protege
 Esse Astro, que as venturas sábio rege!
 Astro, que influi no coração preclaro
 Do imortal Azeredo ânimo raro,
 Invencível constância,
 Com que tem sobre as letras vigilância.

Anti-estrofe

Por vós espera, abrindo os ternos braços,
 Qual Mãe saudosa, e cara,
 Para quem tenro filho move os passos,
 Essa áurea Clausura,
 Onde ver-se-á das Artes a cultura;
 Em vossas Liras, não mais doce canto
 Entoai de Azeredo o nome santo,
 Que inertes tendes sido
 Em tecer o louvor, que lhe é devido.

Epodo

Entraí pois neste templo,
 Que se erigiu em honra de Minerva,
 Lá tereis a doutrina, o sábio exemplo
 Desses Varões, que o justo Céu conserva;
 Cujas sutis, e delicadas penas
 Inveja Grécia, Roma, inveja Atenas,
 Que só neles admiram
 Ter cópia os Sábios, que as idades viram.

Estrofe

Eia, estimável Mocidade nobre,
 Na aplicação das letras
 Cada qual de per si progressos obre;
 De vós tímidos fujam
 Prazeres vís, que a mente sobrepujam;
 À preguiça, ao descanso, à covardia
 Não deis em vossos feitos moradia,
 Antes com diligência
 Colhei os doces frutos da ciência.

Anti-estrofe

Sobre os evos alígeros sentado
 Deixai que voe o tempo,
 E o volume vital revolva o fado;
 Que em seus ligeiros cursos
 Perfeitos ficaram vossos discursos;
 Por ordem, e por términos precisos
 Formareis raciocínios e juízos;
 E o século vindouro
 De vós receberá escritos d'ouro.

Epodo

Mas ah! que eu me despenhol
 Um rasteiro animal tanto não suba;
 Musa minha emudece, pois já tenho
 A voz cansada de assoprar na tuba;
 Fitos os olhos sobre a humanidade
 Contempla de Azeredo a caridade,
 A quem por ser o espelho
 Do Heroísmo fatal, dobro o joelho.

Pelo mesmo Autor.
 [Antônio Lourenço da Silva]

Aos Faustíssimos Anos do Excelentíssimo, e Reverendís-
 simo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Aze-
 redo Coutinho, Bispo de Pernambuco, e do Governo
 Interino, etc. etc. etc.

IDÍLIO PASTORIL

Que alegre vem rompendo o claro dia,
 Em densa nuvem de ouro matizada?
 Como rebenta a Aurora destoucada,
 Assinalando o termo à Noite fria?
 Em torno o manso gado
 Nas portas dos casais arrebanhado?
 Que nunca usado enfeite?
 Os Serranos de telas cor de leite?
 Tangendo as frautas rústicos Cantores?
 Juncada a terra d'orvalhadas flores?

A quem se aplicarão, a quem são dados
 Tantos vivas? Bem claro se presume
 Ser Tutelar d'Aldeia, aquele Nume,
 Que a regência conserva entre os cajados;
 Será, se não me engano,
 A chegada de Pan, ou de Silvano?
 Será, se bem medito,
 De Flora, ou de Pomona o sacro rito?
 Ainda mais se aumenta o meu desejo
 A saber a razão deste festejo.

Pastores, que habitais nessas cabanas
Tangendo vossas frautas afinadas,
Que acompanhais com vozes concertadas
Os acentos canoros das Serranas,
 Contai-me, que alegria
Vos convida a tão doce cantoria?
 Mas ah! Que já me lembro,
Hoje, que oito se contam de setembro,
Fazemos Azeredo, alma celeste,
De quem passo a cantar na fruta agreste.

Um Espírito nobre acompanhado
De preclaras virtudes nele mora,
A sã justiça, que no Olimpo fora
Tomar novo aposento sublimado;
 A inocência, a constância
Reinam em sua alma desde a tenra infância;
 De candidez celeste
Eis que em seu Nascimento se reveste,
Que jamais de seus braços o desvia,
Logo que aparece à luz do dia.

Santa prudência nele permanece
Em fixo assento, donde sempre raia,
E sobre todos providência espraia,
Bem como faz o Sol quando amanhece;
 Um sempre honesto riso,
Um majestoso ar, a graça, o siso,
 De cujos dotes nasce
Ter o gesto formoso, linda a face,
Verdejam em seu ânimo sereno
Como sucede ao lírio em prado ameno.

Ah! com ele, que assombro! ainda infante
A caridade provida cresce,
E tocando à razão lhe sucedia
O mesmo, que no campo à flor gigante;
 Tão cheio é de piedade
Que pode espelho ser à humanidade,
 Contra a sorte inimiga
Ao que chega a seus pés constante abriga;
Pois o Céu, Criador que é do Universo,
Nele esgotou mil dotes desde o berço.

Presta atento os ouvidos ao queixume
 Contra os reveses da cruel desgraça,
 O pranto o enternece, a dor enlaça
 Seu coração que é nobre por costume.

Oh! como vigilante
 Ao rebanho conduz a ovelha errante;
 E se acaso imagina
 Que a falta de beber é quem a amofina,
 Obrando o quanto a caridade pede
 Ao pé da fonte vai fartar-lhe a sede.

Uma tarde, em que ao Sol pouco restava
 A esconder suas luzes no Ocidente,
 Por espessas veredas diligente
 O Ilustre Pastor se encaminhava,

Quando ternos balidos
 De uma ovelha penetram seus ouvidos:
 Oh! como ele assustado
 Busca a serra veloz, salta o valado,
 Té que a encontra do lobo assaz ferida,
 De quem apenas escapou com vida.

Que dor! que mágoa! em que pesares fica,
 Observando na ovelha estrago tanto,
 A ela chega, e com desvelo santo
 Remédio salutífero lhe aplica;

Atônito, e absorto
 Com as próprias mãos prestando-lhe conforto,
 A ver se poderia
 Conduzi-la ao curral com melhoria,
 Mas eis que o não consegue, acelerado
 Carrega-a aos ombros, qual Pastor Sagrado.

Vós, Faunos, vós, ó Sátiros silvestres,
 Que das Ninfas gentis sois amadores,
 A cujos sacrifícios os Pastores
 Preparam sempre dádivas campestres,

Nesses bosques incultos
 Cessai de receber honrosos cultos,
 Demiti o cuidado,
 Que tendes de guardar o manso gado,
 Pois o lobo voraz à vista vossa
 Acomete aos rebanhos, e os destroça.

Não é assim José, a quem foi dado
 Poder tanto no Céu, quanto na terra,
 Pois o rebanho que nas grutas erra
 Só com sua tutela anda guardado;
 Seu nome tanto impera,
 Que entre os Deuses Campestres se venera;
 O monte, a serra nua
 Se alcatifam de flores em honra sua;
 A cujo aceno por fatal preceito
 Curva-se o lobo cheio de respeito.

Sempre ditoso rompa no horizonte
 A Aurora neste dia assinalado,
 No roxo carro em círculo dourado
 Mostre aos mortais a diamantina fronte;
 O trono da desgraça
 Derrubado por terra se desfaça,
 Sufoque o seu queixume
 A ave que não sai do dia ao lume,
 Emudeçam os pássaros rasteiros
 Os seus cânticos tristes, e agoureiros.

Serranos que fazeis? soprai comigo
 Nas fistulas de cera conjuntadas,
 Inventai cantilenas concertadas,
 Que se afastem daquele metro antigo;
 O Pastor, de quem canto,
 Ajudai-me a louvar, se posso tanto;
 Exaltai o seu nome,
 A nossa Aldeia nova face tome,
 Pois há muito que todos suspiramos
 Por este dia a quem assinalamos.

Ah! que ontem quando eu estava reclinado
 Junto à fonte ligeira, e cristalina,
 Vendo a corrente que veloz se inclina
 Do cume do penedo levantado
 Sobre os ramos dum freixo,
 Cuja raiz penetra um bronco seixo,
 Com graça, com beleza,
 Emprestada por mão da Natureza,
 O rouxinol cantando prometia
 Nascer ditosa Aurora neste dia.

Dríades, que dos campos sois Tutelas,
Festivas destoucando vossas tranças,
Traçai novas Coreas, novas danças,
Todas vestidas de custosas telas;
Com destros companheiros
Moei ao som da fruta os pés ligeiros,
Em eco doce e brando
Modulai quando fordes as mãos dando,
Que eu, transgredindo entoações antigas,
Repito em seu louvor estas cantigas.

Descei do Empíreo
Prazeres santos,
Os nossos cantos
Vinde ajudar.

De Azeredo
Varão perfeito
Dentro no peito
Vinde habitar.

Tem a sua alma
Dons de virtude,
Que a gente rude
Sabe apreçar.

Não há no mundo
Prenda mais rara,
Quem se esforçara
Para o imitar!

Tem mesma a graça
No seu semblante,
Que o Sol brilhante
Logo ao raiar.

Tem mais apreço
Sua beleza,
Do que a riqueza
Da terra e mar.

Em honra sua
Nós que o amamos,
Depressa vamos
Erguer-lhe altar.

Seus faustos anos
Cantai conosco,
Se bem que é tosco
Nosso cantar.

Formando danças
Venham Serranos
Seus faustos anos
A celebrar.

Vamos, Ninfas, o tempo está propício,
E o rito pastoril lá se prepara;
Já se espera por nós, vamos à ara,
Onde faremos nosso sacrifício,
Que rústico aparato!
Nunca se viu n'Aldeia maior trato!
Que pompa! que festejo!
Das ofertas que levo té me pejo;
Mas para as Almas cheias de Nobreza,
Val mais o coração do que a riqueza.

Uma Ovelha conservo tão domada
Que pondo-se-lhe a mão logo se humilha,
E dentro no curral uma Novilha,
Que inda há pouco do ferro está marcada,
Um tenro Cordeirinho
Que inda procura o maternal carinho,
Tudo isto lhe ofereço;
Bem sei que ofertas são de pouco preço:
Mas sua alma, de quem cópia se tome,
Se conhece a ambição é pelo nome.

Das mais mimosas produções da terra,
Daquela flor, na qual inda recente,
Se converteu de Clio o descendente,
A quem amor urdiu tirana guerra;
De brancas, de amarelas
Eu vou tecer grinaldas e capelas
Com variáveis cores
Eu já parto a enraimar festões de flores,
E convidando a todos os Serranos
Novos festins faremos a seus anos.

Pelo mesmo Autor.

[Antônio Lourenço da Silva]

Ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, XII. Bispo de Pernambuco, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, Diretor Geral dos Estudos.

ROMANCE HERÓICO

Se os antigos heróis sobreviventes
Às suas mesmas cinzas apagadas
Dum pólo a outro pólo conduzidos
Foram da fama nas volantes asas;
Se a sacra apoteose conseguindo,
Apelidados eram com voz clara
Semideuses, Indígetes, Celestes,
Terríveis produções da mente vaga;
A quem melhor, que ao Sábio José justo,
Epítetos seletos se consagram,
Fazendo-se lembrar seu grato Nome
Por onde girar pode a veloz fama?
Dos grandes Azeredos a piedade,
Que igualmente do tronco a Ele passa,
Um nome venturoso, e mais sublime
Por sublimes virtudes lhe prepara.
Deveria chamar-se um Vice-Cristo
Herói, que pelo Ofício a Cristo iguala,
Ficando a Fabulosa Musa infame
Vencida de uma vez da Musa sacra.
Deveria também ser permanente
O Pastor, que as ovelhas tanto guarda,
Que do trabalho seu, do seu cansaço
Outro lucro não quer, que o vê-las fartas.
Deveria por meios muito justos
Ser-lhe da lei da morte a vida cauta,
Por que sempre existisse quem nos desse
O parto espiritual da eterna graça.
Deveria . . . mas onde assim me elevo
Neste ardente furor, que a alma me abrasa,
Se o nome, que lhe intento, lhe é devido,
Se as virtudes, que canto, são-lhe inatas?
A alegria geral, o incrível gosto,
Que os nossos corações tanto avassala,
Lhe ministram o nome venturoso,
Com que os grandes heróis a fama exalta.

Não me recorde, não, do grande Tronco,
 Que brotou tão feliz, egrégia Rama,
 Pois vemos na feliz, ditosa Prole
 As mais nobres ações hereditárias.
 Não canto que dos grandes Azeredos
 Procede dos Coutinhos a Prosápia,
 Pois a Musa cristã cantar não sabe
 Da ascendência dum Bispo a série larga.
 Deve sim com desejo o mais veemente
 Contemplar-lhe a virtude, e as prendas raras,
 Por ser um novo esmalte, que o adorna,
 Mais devido à cultura que às heranças.
 Devem-se os timbres, devem-se as riquezas
 Da Deusa cega à pérfida inconstância;
 Mas a prática nobre das virtudes
 É devida somente às grandes almas.
 Tal se ostenta em José um gênio afável,
 Uma grande prudência, umas entranhas
 Cheias só de piedade, umas mãos soltas,
 Que abertas quanto mais, mais agasalham:
 Um proceder enfim maravilhoso,
 Dês que da Lísia ao vento as velas larga,
 Fazendo-nos julgar não ser acaso
 A série de tão prósperas façanhas.
 Nós vemos que, surcando um mar imenso,
 Parece ter do vento a governança,
 Pois em tão breve espaço pôs-se em frente
 Leste a Oeste da alegre, e mansa barra. (1)
 Té parece do Céu mistério santo
 O dia, em que ditoso em terra salta; (2)
 Podendo com razão ser-lhe entoado
 O verso, que em tal dia a Igreja canta. (3)
 Eu quisera cantar, Prelado Ilustre,
 Com individuação virtudes tantas,
 Se uma Musa mais fértil me inspirasse,
 Se a empresa não fosse temerária.
 Rebelde sempre a voz me desafina
 Na grandeza do assunto a Lira ingrata,
 Pois à vista da empresa, que medita,
 Em vez de ser acorde, então desmaia.
 Quando a Musa se sente enfraquecida,

(1) Gastou trinta e cinco dias de viagem.

(2) Saltou em dia de Natal.

(3) *Benedictus*, etc.

Mais acertada está, se humilde cala,
 Pois não deve tentar empresas grandes,
 Se para as contemplar ciência falta.
 Louco seria enfim, se me engolfasse
 Por mar tão dilatado em frágil barca,
 Sem ver que dos afoitos navegantes
 São seu funesto fim as tristes praias.
 Recebe pois, Pastor Ilustre, e Santo,
 Os pequenos obséquios de minha alma,
 Que, como são nascidos da vontade,
 Me podem desculpar tamanhas faltas.
 Recebe, já que sabes que um cordeiro,
 Que a Deus com puro afeto se consagra,
 Às vezes lhe é mais grato, que as riquezas,
 Que avarento Mineiro desentranha.
 E se tanto emprender meu rude engenho,
 Que subir minha Musa ao Pindo saiba,
 Também te cantarei, posto que rouco,
 Fiado no perdão das tuas graças.

[Sem Indicação de Autor]

SONETO

Há um mês, que a ilustrar-te principia,
 Sábio Prelado, a fama a mais segura
 No meio de amparar a desventura,
 No excesso de extinguir a tirania.

Se o monstro da ambição cruel, e impia
 Arruinar-nos a tanto nos procura,
 Diversa mostrará esta figura
 Do teu sábio Governo a economia.

Teu proceder afável justifica
 Os bens, que há de narrar nossa memória,
 Que a tua proteção fiel indica.

Já Vencedor te canta a nossa História,
 Pois este ensaio teu prognostica
 De famosos triunfos a vitória.

[Sem Indicação de Autor]

SONETO

Havendo de estragar a fonte avara
 De Faraó o Reino antigo, e forte,
 Dos míseros mortais a amiga sorte
 A sábia providência lhe prepara.

Um prudente José com mente clara
 Interpretando o mal lhe atalha o corte,
 Livrando assim os bárbaros da morte,
 Que a mão do fado adverso ameaçara.

Sem haver entre nós outra distância,
 Ouve-se em Pernambuco o mesmo grito,
 E n'outro JOSÉ vê-se igual constância.

Pois se o Egito foi no seu conflito,
 Qual Pernambuco agora, na abundância
 Pernambuco será, qual outro Egito.

[Sem Indicação de Autor]

ODE

Já sobre o sequioso
 De Pernambuco o vasto continente
 Júpiter cuidadoso
 O fresco orvalho lança. Já clemente
 Dó esgotado Brasil na terra feia
 O corno entorna a provida Amaltéia

Já sobre as nuas margens
 Rebenta o bem-me-quer, mimo do prado.
 As ressecadas vargens
 Juncadas de mimoso alcatifado
 Convidam para as lúdicas Choreas
 O venturoso coro das Napéias

Canta, Pernambucano:
 Os reinos de Saturno sim já voltam.
 De Jove soberano
 Os decretos impreteríveis soltam
 Do infalível Destino o fatal freio:
 Têmis desceu do Céu, sobre nós veio.

Furiosa, e tremendo
 Foge Erinis cruel para os infernos,
 Cumprir-se à risca vendo
 Os decretos fatais, justos, e eternos;
 E retorcendo os olhos encovados,
 Rangendo os dentes vai ensanguentados.

Oh! ditoso mil vezes
 O que pode alcançar esta ventura,
 Que há mil dias, mil meses
 De Pernambuco o povo assaz procura!
 Ditosos os fiéis Pernambucanos,
 Que conseguimos tanto em nossos anos.

Retumbe a voz sonora
 Hinos de gosto, Idílios de alegria.
 A multidão canora,
 Rompendo a doce voz a melodia,
 Mostre na doce Lira retumbante,
 O quanto o coração transborda amante.

Ninfas encantadoras,
 Que assim formais as danças, a chorea;
 Sacras habitadoras,
 Que da fonte bebeis Aganipéia,
 A cujas sábias línguas presta Jove
 Um do particular p'ra todas nove;

Tecei de vivos cravos
 Esmaltada de lírio uma coroa.
 Murcharam já os bravos
 Os aguçados cardos. Vem, entoa,
 Venturosa Talia, a voz levanta,
 O sagrado Pastor sim canta, canta.

Mas por que emudeces?
 Julgas que não serão bem satisfeitos
 Os obséquios, que teces
 A nobres corações, ilustres peitos?
 Anima-te, que em vez de um estro pobre
 É fértil a matéria, o assunto é nobre.

No plácido Janeiro
 Público ao mundo se fez seu nascimento, (1)
 Glorioso terreiro,
 Teatro de valor sanguinolento; (2)
 Terra, onde a justiça, e a piedade
 Nunca teve entre si desigualdade.

Nas veias lhe circula
 De piedosos Avós o sangue honrado.
 No peito inda lhe pula
 Dos Pessanhas (3) o espírito elevado,
 Cujas mãos liberais erguem famosos
 De pública instrução claustros piedosos.

(1) Nasceu no Rio de Janeiro.

(2) Quando expulsaram os Inimigos daquela Terra.

(3) O Capitão Mor, e Governador da Província dos Campos dos Oitacazes Domingos Alvares Pessanha, Avô materno do nosso Prelado, que à custa da sua fazenda e da continua beneficência domou a Nação dos índios Oitacazes. V. o *Ensaio Económico sobre o Comércio de Portugal, e suas Colônias*, parte 1.^a, cap. VI.

Com desapego forte

Cede daqueles bens, que a natureza
Lhe fez tocar em sorte, (1)
Projetando outros fins de outra grandeza,
Outros fins de maior progenitura,
Que é do sacro Estado a alta ventura.

Também José se chama

O Pastor, a quem deves tais louvores,
Dignos de eterna fama.
E se do Egito os tristes moradores
Chamaram por José no ardor da fome,
Por quem chamamos nós, tem outro nome?

Essas morais virtudes,

Que tanto o condecoram, não te obrigam
Que de receio mudes,
Que as tuas esquivanças não prossigam?
Eia cantemos, Musa, e ao som da Lira
Harmonia do canto as cordas fira.

Se da Pátria, e Prelado,

Se da tua feliz Genealogia,
Se do Nome a ti dado,
Se das virtudes sãs de uma alma pia,
Se de tais perfeições meu canto dispo;
Baste-te ó Nome só do nosso Bispo.

Pelo mais humilde súdito

José Fernandes Gama

Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José
Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de
Pernambuco, do Conselho de Sua Majestade, etc.
etc. etc.

ODE EPÓDICA

Dignum laude Virum Musa uetat mori.

Horac., *Lib. IV, Od. 8, v. 28.*

Não vos invoco, suspiradas Virgens,
Do Pindo habitadoras:
Mais alta inspiração, mais doce influxo
A mente me arrebatá;
A Filha Augusta da Região Celeste,
A Gratidão Sagrada

(1) Cedeu em seu Irmão o seu Morgado .

É a Musa que me empresta a Lira d'ouro,
Que sobre as áureas cordas
Os dedos me dirige mal afeitos,
Que no peito inquieto
Me acende a chama, e em turbilhão levanta
Fogosos, cândidos Versos
Venerando Pastor, JOSÉ Preclaro,
D'Heróis assombro, e glória
Deixa um pouco a fadiga, em que te engolfas
E às vozes que te envio
Presta benigno sossegado ouvido;
São do teu caro Almeno,
Escuta, e ouve-as com alegria, e gosto
Se a polida Europa,
África, Ásia rica, inculta América
Te amam te respeitam,
Se à Pátria tua abriste amplo tesouro
De estimável riqueza
São, imortal JOSÉ, são na verdade
De louvor digno objeto.
Inda escuto os repetidos Brados
Da Lusa Academia,
Que ufana te meteu sem que o soubesses
Dos Sábios na Palestra.
O excelso Alafões, Cerveira ilustre
Parece-me estar vendo
Porfiar cada um em ser primeiro
Que o parabém te desse
Das famosas Memórias que escreveste,
Escritos tão profundos
Tão recheados de interesses justos,
Que o Reino Lusitano
Com tua pena mais que a heróica espada
Dos Gamas, ou Pachecos
De não sabidos bens enriqueceste:
Té li desconhecida
Às Artes, ao Comércio, à Agricultura
Fonte perene abriste;
Mas eis que nova brilhadora cena
A meus olhos se of'rece;
Em prêmio de serviços tão ilustres
As Pontificias Vestes
A benéfica mão da Nossa Augusta
Aos ombros te coloca:

Então uma outra cena luminosa
A mais alto te eleva;
Constante recusas o que com gosto
Talvez outros aceitem:
Banhado sempre em lutuoso pranto
O dia, e noite passas;
Finalmente venceu-se o teu repúdio
O áureo Báculo empunhas.
Baixa agora do Céu, Santa Verdade,
Por mim pregoa ao Mundo
Altas Virtudes do Pastor sublime.
Com que afável brandura
O seu grande Rebanho escuta atento!
Conta com que cuidado
O torcido Báculo maneando
Faz fugir do Rebanho
O Leão ruidor que jamais cessa
De, com bramidos fortes,
Esfaimado buscar a quem devore.
E vós, ó Mocidade,
Que fugis do mar tumultuoso
Do corrompido Mundo,
Vós, que querendo gozar de Jesus Cristo
Seguis seu Ministério,
Vede que a Instrução já vos prepara
Vosso Bispo Piedoso,
Já do Augusto Príncipe que nos rege
Vos alcança um Seminário;
Para que (como diz o Rei Profeta)
Se instruem os que regem.
Que te direi mais, Sacro Prelado? . . .
Enfim em ti existem
As Virtudes, que Paulo a seu Timóteo
Ensinava gostoso:
Porém entre elas a que constitui
Teu Caráter sublime
A Beneficência é, Mãe das Virtudes
Porque Pio te lembras,
Que não tem lugar lá no Paraíso,
Aquele que ao seu Próximo
Os Ofícios não presta com alegria,
Que prestados deseja
Também lhe sejam pelos mais humanos.
Esta só, largo assunto

Daria à Musa mais sublime, e rica;
 Esta só cansaria
 Os Píndaros, Homeros, Mantuanos:
 Mas eu, Senhor, que posso?
 O peito já se esgota, das mãos débeis
 A Lira me falece:
 Em profundo silêncio submergido
 Ficarei longo tempo:
 Meu grato coração contudo sempre
 Os teus louvores canta.

Por **Manuel da Cunha de Azeredo Coutinho**
Soíza Chichorro.

ODE

I

Calem-se os Vates; surdo hoje ao seu brado
 Não escuto o seu canto;
 Nem da Deusa, que Heróis imortaliza
 A rouca tuba já mé causa espanto:
 A veia se me estala, e a mente avisa
 De Poético fervor estro sublime,
 A Musa não reprime;
 E promete trazer-me hoje de idéias
 Enchentes grossas, cabalinas cheias.

II

Tesouro me franqueia a Natureza
 De não fingidas cores
 Um Quadro traçarei formoso, e belo
 De virtudes farei rubentes flores
 E da língua o pincel para tecê-lo:
 A verdade Objeto a limpo tire
 Que o Mundo admire:
 Pois que eu com mão sutil talhando a pena
 Faço correr o véu, que encobre a cena.

III

Lá de cerúlea cor vistoso campo
 Ribeiro cristalino
 Serpeando ruidoso em torno banha,
 E vai levando ao mar ouro mais fino,
 Que do seu próprio seio desentranha:
 Nas margens alvejando a branca areia,
 Vistosa realceia
 No campo, que juncado está de flores,
 Aves passeiam de mui lindas cores.

IV

E sobre a branca areia está brincado
Menino intonso, e louro,
Que com dourada concha o rio esgota,
E querendo indicar feliz agouro
Salutífero licor no campo bota;
E por fazer correr límpida enchente
Ligeiro, e diligente
Num instante a corrente clara torna
Mil vezes enche a concha, e mil a entorna.

V

Eis em rápido vôo fendendo as auras
Vem pousar junto dele
Branca nuvem de Cisnes à porfia,
Que a todos um igual desejo impele
De beber na corrente, que fazia
O Menino, que nisto só se esmera,
Coroas feitas de hera
Uns lhe trazem no bico, em suave canto
Outros vêm celebrar trabalho tanto.

VI

Daquela parte avulta um verde monte
Que florido, e frondoso
Se mostra por espaço dilatado
Duma vista agradável, mui formoso:
Um Templo está no cimo edificado
Que tanto mais vistoso se apresenta
Quanto mui bem assenta
Com branca, e azulada a cor vermelha,
Qu'ao Iris com a verde se assemelha.

VII

Em azuladas Vestes envolvido
Em torno deste monte
A Esfera demarcando veloz gira
Desde um até se ver noutro Horizonte
Um Monstro, que de si fogo respira.
Tem na destra, um clarim, que emboca às vezes.
Mas basta não te avezes,
Incauta fantasia: o quadro é mudo
Se ficções com louvor confundes tudo.

VIII

De novo rompo o véu, mude-se a cena
 Em cena mais brilhante:
 Em círculo espaçoso se apresenta
 A Brasília terra verdejante,
 E qu'a Esfera insultar soberba ostenta;
 Lá vejo os Oitacazes afamados (1)
 De flores matizados
 Elísios Campos, os que produziram
 Um dos Grandes Heróis, que os séculos viram.

IX

Mas veloz, que os ventos o Paraíba
 Vai precipitado
 Levar a feliz nova ao Oceano,
 Qu'o Céu, cujo segredo impenetrado
 Imperceptível fica ao Ente humano,
 Para glória do Brasil, pasmo do mundo,
 D'Engenho mais profundo
 De Sangue Ilustre, de virtude assento
 Azeredo deitara, qual Portento.

X

Ó dia mais feliz para o Brasil todo,
 Salve, ó luzente Aurora,
 Qu'Indícios tu nos trazes singulares.
 Lá dessa azul morada habitadora
 Vem risonha ventura aos nossos lares,
 Qu'o Destino movendo a roda forte
 Tira propícia sorte,
 Qu'um Ramo d'Azeredo nasceria,
 Que da Pátria Esplendor a ser viria.

XI

Qu'ousado cruzaria os crespos mares
 (Qual Dardânio famoso)
 Qu'era lei, que Herói de tanta fama
 Arrostasse a Netuno proceloso,
 (Qual outro Luso Herói famoso Gama)
 E se a História recordo, idéia faço
 Que a terra é curto espaço
 Para os Heróis, que eternos, se fizeram,
 Que ainda em todo o mundo não couberam.

(1) A rica, e famosa Vila dos Campos dos Oitacazes, situada na margem do Rio Paraíba do Sul, onde nasceu Sua Excelência. Veja Vasconcelos L. 1, Das Notícias das Coisas do Brasil, n.º 49.

XII

Não me engana, Senhor, a fantasia,
 Fiel imitadora,
 Ali vos via já da tenra idade
 Polindo a mente clara, indagadora,
 Qu'abraçava d'então com facil'dade
 De difíceis idéias grande enchente,
 Em que hoje és eminente
 Pois com pena sutil, com língua d'ouro
 Dás ao mundo um riquíssimo Tesouro.

XIII

Tipos grossos volumes copiaram
 Qu'o Globo em torno giram,
 Nos quais máximas novas prescrevestes
 Que os mais retos Discursos produziram,
 E com eles a Pátria enriqueceste;
 Por isso os Pátrios Vates afanosos
 Te louvam cuidadosos,
 Enquanto dos teus lábios apurado
 Corre em grossa corrente o mel corado.

XIV

Debalde a cauta Vesta ocultar tenta
 No seu seio entranhado (1)
 Do luzente metal, pedras de apreço
 Um sobre outro tesouro amontoado
 Quantos d'antes jamais nunca viu Cresso;
 Minerva entorne o corno de riqueza,
 Pois com sutileza
 Sistema d'um Engenho mais profundo,
 Um Comércio faz vir, que abrange o mundo. (2)

XV

Lá dessa Afrosa Terra, e Congo adusto,
 Que no ócio labuta
 No bárbaro furor das Leis impias,
 A que freio só põe a horrível luta,
 Vem cortando em batéis as vagas frias
 Para o áureo Brasil moveis nervosos, (3)
 Qu'aquí laboriosos
 Um do Clima experiente os campos ara,
 Outros colhem dali loura seara.

(1) **Ensaio Económico sobre o Comércio de Portugal, e suas Colónias** escrito por Sua Excelência.

(2) **Discurso sobre as Minas do ouro** por Sua Excelência.

(3) **Análise sobre o Comércio do Resgate dos Escravos da Costa d'África.**

XVI

Olinda, eras tu mesma, a quem eu via
 A fronte majestosa
 Mais, que nunca elevando florescente,
 Com que ostentas soberba, e respeitosa,
 Que esse Nume Supremo Providente,
 Que os selos dos Arcanos desenvolve
 Propício se resolve,
 Em teu bem manda vir o Brasileiro,
 A quem a Europa admira, o Mundo inteiro.

XVII

Desde a Zona mais fria, à mais ardente,
 No côncavo espaçoso
 Fazia ressoar a Deusa alada
 O Nome d'Azeredo Herói famoso,
 Do Trono, onde potente está sentada,
 D'onde o peso sustém da Monarquia
 Ouve a Augusta Maria,
 E d'um mérito tal prêmio maquina,
 Depois a bem d'Olinda ela o destina.

XVIII

C'a Mitra a gentil frente quer cingir-lhe;
 Musa, não tropeces,
 Expressa um rasgo mais da Heroicidade
 Do Cunha, a quem de louro a C'roa teces,
 Junto ao Sólío, que obumbra a Majestade
 A Púrpura enjeita; (1) ó Peito de grandeza,
 Que assim com singeleza
 Indicas ter o adorno mais brilhante,
 Qu'uma Alma bem dotada era bastante.

XIX

Mas quanto, sacro amor da Pátria cara,
 Nos mais Heróicos Peitos
 De mais preço, que as honras não te fazes,
 Azeredo, comovem teus efeitos,
 E depressa aos Paternos Campos trazes
 Qual Filho de Laertes, quem a Fama
 Da Pátria glória chama
 Deixando tão famoso outros lugares,
 Assim vem Azeredo aos Pátrios Lares.

(1) Sua Excelência sendo nomeado Bispo de Pernambuco, recusou a nomeação.

XX

Sente o Tejo da curva Quilha o peso,
 Sobre as linfais campinas
 Lá velífera Nau voas ligeira,
 Que venturas a Olinda não consinas,
 Quando humilde Netuno a vez primeira
 Respeita um Grande Herói, que nunca viu,
 Qu'os dois cargos uniu
 Pois da Mitra cingido sabiamente
 É do Régio Poder Vice-gerente. (1)

XXI

Com que próspera bonança aporta às praias
 Da venturosa Olinda!
 Ó dia memorável, mais pomposo,
 Pernambuco, outro igual não viste ainda
 Depois, que sacudiste tão glorioso
 Esse batavo jugo tão pesado:
 Mas, Musa, do passado
 Não recordes agora, antes esquece,
 Vê como a bela Olinda hoje floresce.

XXII

Vê como teu Herói tão Providente
 No bem só desvela
 Do feliz, do ditoso Pernambuco.
 Olinda das mais longas partes dela
 Um Comércio vê vir de grande suco, (2)
 Sobre montes, e rochas aplanadas
 Espaçosas estradas (3)
 Estão, por onde vem em abundância
 Riqueza imensa da maior distância.

XXIII

Repara como cheio de carinho
 Recebe o indigente
 Qu'a seus pés chega triste, ele o levanta,
 Vê como um satisfeito vai contente,
 Outro lá curva o joelho à sua planta;
 Seu Aspecto, que a testa a Mitra adorna
 De muitas graças se orna,
 Na face brilha o riso, o casto efeito
 Da ternura, que habita no seu peito.

-
- (1) Como Bispo, e Governador de Pernambuco.
 (2) Sua Excelência trabalhou muito para o aumento da Agricultura.
 (3) Sua Excelência mandou abrir estradas por todo o Sertão para a fácil condução dos gados, e viveres para o Recife.

XXIV

Verás nele, empunhando o Bac'lo Santo
 D'áurea Zona cingido,
 E o Potente bastão com desempenho
 Meneando mui reto, e entendido
 (Se a História combinares com empenho)
 Ou um desses Heróis grandes da Igreja,
 Ou a quem Roma inveja,
 Qu'a Olinda d'uma vez Varão tão sábio
 Fez mais, que fez em cinco a Roma Fábio.

XXV

Vê como a Boa Vista exulta ufana
 Pelo Claustro famoso,
 A quem impende o Herói todo o desvelo;
 Dando-lhe sábias regras cuidadoso
 Um Templo planta muito rico, e belo;
 Vê como a disputar a glória passa (1)
 A preferência à Graça, (2)
 Como o Capibaribe ouro carrega
 Qu'o Sócio Beberibe (3) ao mar entrega.

XXVI

Gentes correm das mais remotas partes
 Do Brasil inteiro
 Para ver um Herói, que nunca ouviram:
 Nós mesmos do Sertão lá derradeiro,
 Mal que ouvimos seu nome proferiram,
 Despedimos em vôo arrebatado
 Após do enunciado,
 Às plantas do Herói junto pousamos,
 Onde do bem, que faz participamos.

-
- (1) O Seminário de Meninas, ou Recolhimento de Nossa Senhora da Glória. V. Estatutos do mesmo Seminário por Sua Excelência.
- (2) O Seminário de Nossa Senhora da Graça. V. Estatutos do mesmo Seminário escritos por Sua Excelência.
- (3) Estes dois Rios Beberibe, e Capibaribe, nascendo em distância um do outro, se vêm juntar ao pé da Vila do Recife, e vão ambos desaguar, e fazer foz na barra do Recife; depois de ter passado pelo meio da Vila, e irem fazendo o grande poço, onde a abrigo de um grande Recife ancoram as Embarcações.

XXVII

E tu, que assim soberba te levantas,
 Cidade florescente,
 Quem do vasto Brasil doura primeiro
 Febo quando disporto n'Oriente,
 E que um serás novo luzeiro,
 Que vestirás de luzes mais brilhantes
 As partes mais distantes
 Da Ecliptical América espaçosa,
 Esta parte do Globo tão famosa.

XXVIII

Apresenta lá desse excelso cume
 A Régia, o Monumento,
 Onde eterna será sempre a memória
 Do Herói que lhe pôs o fundamento
 Como firme Padrão de sua glória;
 E lá dentro num Trono levantado
 De louro coroado
 Esteja enfim no mármore esculpido
 Azeredo Imortal, Esclarecido.

XXIX

Do Tâmis, do Tejo, Gânges, Nilo
 Do Tibre, e lá do Indo
 Habitantes do Globo todo inteiro
 Para admirar-te, Olinda, venham vindo,
 O nome em ti respeitem Brasileiro:
 E de todo este vasto Continente
 Concorra a ver-te a Gente,
 Azeredo Esplendor da Pátria chama,
 Qu'eu cantando isto mesmo ensino à Fama.

XXX

Basta de entusiasmo, ardente Musa,
 Os Vates nos esperam,
 É bem, que escutar vamos seus clamores,
 Pois que eles suas Cit'ras não tangeram,
 Enquanto nós cantávamos louvores,
 A Fama, que ligeira a Esfera mede,
 Cantando nos sucede:
 E o Quadro, que será de Lustre à História
 Vamos pô-lo no Templo da Memória.

Pelo Padre Manuel Jacome Bezerra de Menezes.

Ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo da Diocese Pernambucana, e Fundador do Seminário de Olinda.

SONETO

Se de vossos Troféus cantar pudera
A grandeza eminente, o sublimado,
A vós, Sábio José, Pastor amado,
Inaudito elogio eu vos tecera.

Vossa inata bondade quem pondera,
por Divina eleição Bispo Sagrado,
Qual o justo Davi sendo aclamado
Rei do povo Israel, vos considera.

Esta vossa eminência finalmente
Terá prêmio imortal, e vossa glória
Duração sem limite permanente.

Será para maior grau de Vitória
Vosso Nome gravado eternamente
Nos dourados Altares da memória.

O

Seu mais humilde Súdito
Joaquim Lopes de Lima Raimundo

SONETO

Entre os Grandes Heróis da Roma antiga,
Que ocupados de orgulho, e de vaidade,
De pompa encheram a Quirinal Cidade
Depois da dura Marcial fadiga;

Um só, Senhor, não vejo, que consiga
Ombrear com a tua Heroicidade:
Eles foram os pais da crueldade
Da dolosa traição, da vil intriga:

Tu porém, Bom José, que o Mundo espantas
Pelos mil benefícios, que repartes,
Padrões mais firmes para ti levantas:

Sabem do Mundo as mais remotas partes,
Que és o Pai das Virtudes, com que encantas,
Pai de todas as Ciências, Pai das Artes.

[Sem Indicação de Autor]

N.º III

Epigramas, e Poesias Latinas feitas ao Retrato de Sua
Excelência quando foi colocado no Seminário.

Excelentissimo ac Reuerendissimo

D. D.

**Iosepho Ioachimo A Cunha Azeredo Coutinho
Serenissimi Principis Regentis a Consiliis, Paranambu-
censi Episcopo, necnon eiusdem Prouinciae Moderatori,
Nobiliumque Artium Eximio Protectori etc. etc. etc.**

Tu mihi, tu solus, Ioseph, Diuinus habebis,
Qui celso talique loco moderamine tanto
Astraeam sacrae Pietati iungis amanter,
Quin sonti, insontique bono sua praemia desint:
Ergo (magna precor) Tu, Excelentissime Praesul,
Accipe nunc clemens animo haec munuscula laeto,
Inceptis uotisque meis nunc esto benignus,
Ut de Te merito dicam, quae Tytirus olim:
O Melibee, Deus nobis haec otia fecit.

Franciscus Salesius dos Reis Curado.

Iosephus, id est Oh! es pius.

ANAGRAMMA

Quis neget esse Tibi pietatem, Praesul, ab ortu,
Nomine quum ipse sonet OH! bonus Esque PIUS?

[Sem indicação de Autor]

Iosephus, id est Ei Sophus.

ANAGRAMMA

Tu Restaurator Studiorum, Praesul Olinda,
Illi Tu Rector, Solus Elque SOPHUS.

[Sem indicação de Autor]

Ab Excelentissimo, ac Reuerendissimo
Domino Domno
Iosepho Ioachimo a Cunha Azeredo Coutinho,
Ordines Petit Sequenti

EPIGRAMMATE

Da mihi Te facilem, placidumque, Piiſime Praeſul,
 Qui flexo auxilium poplite quaero tuum;
 Non aurum uenio, non quaesiturus honores,
 Munera, parce mihi, nobiliora peto;
 Ut mihi Tute manus imponas, inque ſacratis
 Ipſe uiris numerer, ſunt mea uota modo;
 Inque Gradum, acquiſita mihi quae more iubentur,
 Ordinis ut Sacrae ſcandere rite queam;
 Et iubeas poſco doctos, Doctiſſime Praeſul,
 Qui me perpendant, et mea uerba notent:
 Sique petita ſequar, ſublime ſidera tanga
 Vertice; ſpes et erit tunc mihi fida ſatis,
 Fallax quae reliquis, ſpondens dicebat ubique
 Nocte dieque mihi: commoda ueſtra cano,
 Te quandoque Patrem ſacrabit Maximus Heros,
 Qui tibi quum Praeſul, tum tibi Rector erit.

Franciſcus Salesius dos Reis Curado

Excelentiſſimo, ac Reuenditiſſimo Domino Domino
 Ioſepho Ioachimo a Cunia Aſeredio Coutinio Epiſ-
 copo Paranambucenſi, Regio Conſiliario, Studio-
 rum Directori, et Seminarii Olindeniſis Fundatori.

CARMEN EPIDICTICUM

Nunc mihi laudandum, magno nunc ore canendum,
 Antistes, Nomem, Maxime, Sancte, Tuum.
 Quid uero dignum (quamuis mea uota ſupersint)
 Indoctus, Muſa deficiente, feram?
 Carmine ſi condo, perfecte condere cogor,
 Perfecte pateant, uerba canora ſonent.
 Cuius interdum doctis auferre poetis
 Officium liceat, quomodo caſus agit.
 Tu Venerande, Sacer Praeſul, morumque Magiſter
 Sacrorum, factis Nomen ad aſtra feres:
 Morum, quos renouas non poſteritate peribunt
 Praecones, ſemper fama perennis erit:

Nec poterit ferrum, nec edax abolere Vetustas:
 Contabit laudes aedificata Domus:
 Florebunt artes, studium, doctrina uigebit;
 Pigritiae uero terga reuersa dabunt.
 Lux erit, et sal (ut uere decet esse) sacerdos;
 Instructique uiri dogmata sancta colent.
 Denique quid multis? Facta ne dicere coner
 Ioseph? Cuncta queam dinumerate bene?
 Te iubeat Dominus longos seruare per annos,
 Atque tua tanta nos Bonitate frui:
 Ut, uitae ciuilia Te documenta monente,
 Laeti uiuamus tempus in omne: uale.

Subditorum humillimus
Franciscus de Brito Guerra,
 Aluno do Seminário.

Excelentissimo, ac Reuerendissimo Domino Domno
 Iosepho Ioachimo a Cunia Aseredio Coutinio Epis-
 copo Paranambucensi, eiusdem Prouinciae Guber-
 natori, Seminarii Olindensis Fundadori, Studio-
 rum Directori Regioque Consiliario.

EPIGRAMMA

Quis meritas unquam poterit tibi promeres laudes
 Quas ad dicendas gloria pandit iter?
 Sparsa per externos operum iam fama tuorum
 Conuocat, ut uideant, utque fruantur ea.
 Cum tua te, Praesul, uirtus heroibus aequet
 Ipsa tibi uirtus praemia digna dabit.
 Cum iam tot titulis sis nobilitatus auitis,
 Nunc factis effers nomen ad astra tuum.
 Cum duplici Ioseph Ioachim sis nomine dignus
 Iure tibi debet laus duplicata dari.
 Quam bene nomen inest duplex! quia non satis unum est,
 Quem nouit magnum mundus uterque uirum.

Marcus ab Araújo Costa.

Collendissimo Excelentissimo, ac Reuerendissimo Vir-
tutibus ornatissimo, et Literis Celeberrimo, nec non
Solertissimo Domino Domino Iosepho Ioachimo a
Cunia Aseredio Coutinio Pontifici nostro Parnam-
bucensi, ipsius Prouinciae Governatori, Seminarii
Olindensis Fundatori, Studiorum Directori, Regio-
que Consiliario, etc.

ELEGIA

Praesul hic egregius, qui nobis uenit ab Alto
Candidus, et laetus limina nostra pete,
Hic Virtutis amore, ac nobilitate Parentum
Eminet in primis, nec miser esse potest;
Clarus, uerum humilis, parcus sibi, largus egenis,
Erga alios facilis, nec grauis ipse sibi.
Post hunc Pastorem nobis quam Conditor orbis
Ac, tantum instituit, purpura sumpta fuit,
Condere gymnasium Virtutes culta iuuentus
Mox, ubi, sanciuit, diceret et studia,
Quo Parnambucensi Mundo tradere laudem,
Et Patriae curis utilis esse queat:
Arripere id certe sibi, quod Pastores habetur
Dignius et zelo, uindicat ipse decus.
Pastor enim legis Doctor; fugat ille scelestos
Errores, artes allicit ille bonas.
En faecunda proborum in pectora semina morum
Leniter exemplis inseruisse studet:
Pontificatum non tam circumscribitur ille
Ad bene tractandum, sed generale quoque
Obsequium erga Deum ad pandendum nititur ultro;
Haec excelsa animi sunt monumenta sui
Consilio illustris, quo haud est illustrior alter
Excolit ac rectos rector ipse uiros
Ecce Paterna fides, et Summi Praesulis alma
Integritas, cuius lux celebranda micet,
In pietate Petri sectat uestigia Pauli
Qualis in errorem fortior ensis adest.
Tu memor esto tui nati, Pater optime, posco,
Ut fessum recrees suscipiens famulum.

Proh miserum! hoc fortasse queo me reddere dignum?
Sane ad me ueniet sicut amore tuo;

Ast tot per loca, per terras, per climata uasta
Celsa tua et praeceps gloria uadit iter.

Manuel de Rosário Tavares.

Excelentissimo, ac Reuerendissimo Domino Domino
Iosepho Ioachimo a Cunia Aseredio Coutinio, Epis-
copo Paranambucensi, eiusdem Prouinciae Guber-
natori, Seminarii Olindensis Fundatori, Studiorum
Directori, Regioque Consiliario.

EPIGRAMMA

Iure tibi merita, ueneranda Scientia, laudes,
Te nihil immenso maius in orbe manet.
Haud timeo paruam mundum tibi dicere sedem,
Hunc imples, uincis tempus, in astra subis.
Quid tamem hic uideo? Dictu mirabile! Mundus
Quod uix ipse capit, nunc capit una domus.

Marcos d'Araújo Costa.

Excelentissimi, ac Reuerendissimi Domini Domni
Iosepho Ioachimo a Cunia Aseredio Coutinio, Bra-
siliensis, Episcopo Paranambucensis In Laudem.

EPIGRAMMA

Quis sit, qui Patriam donis tam ditibus implet
Diuite um calamo, diuitemente, suam?
Nonne Solon?... Non; iam Maior quod panditur ipso;
Non Marius?... Titus?... Non quoque; Maior adest.
Pracellit Titos, Marios, ipsosque Solones;
Hos Calamo, Titos et, Mariosque bonis.
Est Patriae Splendor; IOSEPH, Sua Facta patescunt;
Celsior illorum iam Sua Fama uolat.

Cantabat

Francinus Penedensis

Ex Arcadia Paranambucensi.

Excelentissimo, ac Reuerendissimo Domino Domno Iosepho Ioachimo a Cunia Aseredio Coutinho, Episcopo Paranambucensi, eiusdem Prouinciae Gubernatori, Seminarii Olindensis Fundatori, Studiorum Directori, Regioque Consiliario.

EPIGRAMMA

Expectatus adest Caelesti munere Praesul
 En datus, ut nobis Pater, en Spes maxima nostra,
 En dulcius Ioseph, cuius tutamine laeti
 Tempora curremus uitae, curisque soluti;
 Eius nunc, Olinda, colendum Nomen adora,
 Tu iam iam gratare tibi, tua gaudia profer
 Atque Deo primum condignas pandito gratis.
 Clerus, cum Senibus iuuenis quoque cantibus astra
 Festiuis feriant, repleanturque omnia plausu.
 Uiue, uige, dicant, Exoptatissime Pastor,
 O Olindense Decus, spes o fidissima Cleri:
 Primus inexperto studiorum Semine nobis
 Uiue, uige, uiuent, et gaudia nostra uigebunt.
 Te Clerus flexo ueneretur poplite Cunctus,
 Incolumemque Deus te senuet tempus in omne.
 Annuat ut nostris Caeli, terraeque Creator
 Optatis, cuncti noctesque diesque precamur.

Franciscus Gregorius Pereira Façanha.

Excelentissimo, ac Reuerendissimo Domino Domno Iosepho Ioachimo a Cunia Aseredio Coutinio, Episcopo, Ducique Paranambucensi Integerrimo Scientiarum, et Artium Iustauratori, Directori Sapientissimo, Dignissimo.

C. O.

Ioannes Nepomucenus Cabral.

Da mihi Te placidum, dederis in Carmina Vires:
 Ingenium uultu statque, caditque Tuo.

Ovid., Fast.

EPIGRAMMA

Quid mutas, Olinda, uices, quid tempora mutas?
 Laetitiae magnum tollis ad astra sonum?
 Pastoris Nomen Mirabile consonat orbe,
 Et nobis festos efficit iste dies.
 Viue ergo Ioseph: nobis per Saecula uiue:
 Personet, et semper Nomen, Honorque Tuum

CARMEN

Tu Clarus, Rectus, Sapiens, Fidusque Minister
 Principis es, nostris Tu medicina malis:
 Tu petis, atque tenes gratum de Principe donum,
 Artibus ut, cunetis fiat Olinda potens.
 Praesentem ante oculos Te semper habebimus omnes,
 Hac crit aeternum Nomen in Urbe Tuum.

**Ex Scholasticis Seminarii infimus.
 Franciscus de Brito Guerra.**

ENCOMIUM

Imagini Reuerendissimo Domino Ioseph Ioachimo da
 Cunha Olindensis Episcopi subscribendum.

Praesulis effigiem dum cernis, conspice gnarum
 Qui iuuenem atque senem, qui populosque docet;
 Qui sub utroque polo uirtutibus imbuit orbem,
 Et genus humanum pectore amante capit:
 Huic herus ac seruus fratres sunt, diligit omnes;
 Dignior ecquis erit, qui redametur homo?

[Ioseph Yvo Picquet]

TRADUCTION

En contemplant les traits de cet Illustre Prelat, considerez le savant qui forme le jeune homme et instruit le vieillard, le sage qui eclaire les peuples, et inspire les vertus aux habitants de l'un et l'autre hemisphere. Son coeur aimant et genereux embrasse tout le genre humain; pour lui le maître et l'esclave sont des freres, il les chérit tous: qui jamais, plus que lui, meritera d'être aimé de retour?

**Ioseph Iuo Picques Sacerdos
 Rhedonaues triuit, uertit et
 scripsit hos uersus ex animo.**

Ao Retrato do nosso Prelado, no dia, em que foi colocado
 no Seminário Episcopal da Cidade de Olinda.

EPIGRAMMA

Ecce duodecimus, baculo qui innixus amico,
 Ad sacra Olindenses pascua duxit oues.
 Debit hunc numerum merito complere sacratum,
 Qui satis impleuit munus Apostolicum.

**Pelo Reverendíssimo Reitor do mesmo
 Seminário, e Tesoureiro Mor da Santa
 Sé de Olinda José de Almeida Nobre.**

Ao mesmo Assunto
ALIUD EPIGRAMMA

Vultus, quem cernis, tu ne mirere decorem;
Quaerito cor eius noscere, ut obstupeas.
Ars hic si mores cum vultu appingere posset,
Pulchrior in terris nulla tabella foret.

Pelo mesmo Autor
[José de Almeida Nobre]

Ao mesmo Assunto
ALIUD EPIGRAMMA

Hunc Goitacacis genuit, Conimbra poliuit,
Lisbona ornauit, prospere Olinda tenet.
Contribuunt simul Europa, atque America; tanto
Namque uiro mundus non satis unus erat.

Pelo mesmo Autor.
[José de Almeida Nobre]

Ao mesmo Assunto
ALIUD EPIGRAMMA

Ne propere huc spectes: uiua est Salomonis imago,
Quem mundo omnipotens denuo dextra dedit.
Nonne uides, sapientiam ut eligit, et sibi poscit
Cor docile, ut noscat ius dare cuique suum?
Omnia pace regit, facit aurea saecla redire,
Et terras summa prosperitate replet.
Antea non uidit, nec postea, crede, uidebit
Huic alium similem Pontificalis apex.

Pelo mesmo Autor.
[José de Almeida Nobre]

Ao mesmo Assunto
ALIUD EPIGRAMMA

Desine sublimes Ioseph inquirere dotes,
Desine uirtutes enumerare sacras;
Nam dum eius memoras candorem, curam, et amorem,
Iosephus mentis ius habet omne tuae.
Dumque oculis Vir iste tuis, animoque recursat,
Hoc tibi iactura est magna carere Viro.
Fortunis fruior, Praesul quas iste reliquit,
Scire tibi satis est talem habuisse Patrem.

Pelo mesmo Autor.
[José de Almeida Nobre]

Ao mesmo Assunto
ALIUD EPIGRAMMA

Haec est effigies ueri Pastoris: ad illum
Se referat Pastor, qui bonus esse uelit.
Candidus in uerbis, in factis integer, ingens
Iustitiae, ueri, pacis amator erat.
Instituit Collegium, ubi erudienda iuuentus
Auxiliumque bonis artibus omne tulit,
Congrua Canonicis augeri alimenta, perennes
Et procul ad populum currere fecit aquas.
Omnes aequo animo fuit amplexatus: an isto
Alter amabilior Praesule Pastor erit?

Pelo mesmo Autor.
[José de Almeida Nobre]

Ao mesmo Assunto
ALIUD EPIGRAMMA

Huc reuerens spectat: Aseredi illustris imago est,
Qui cauet ingenium nobilitate premi.
Huius non titulis innixa recumbit auitis
Gloria, nec priscis gestit imaginibus.
Certauit magnos uirtute ante ire parentes,
Et uerum proprio ferre labore decus.
Disce tuae non stemma domus praeponere menti;
Ingenium est claro sanguine nobilius.

Pelo mesmo Autor.
[José de Almeida Nobre]

Ao Retrato do nosso Prelado tendo a Bíblia aberta na
mão nas palavras de Salomão no Livro 3. *Reg.*, cap.
3 versículo 9 — *Dabis ergo seruo tuo cor docile, ut
populum tuum iudicare possit, et discernere inter
bonum et malum.*

EPIGRAMMA

Plurima dant huius Nomen monumenta legendum,
Noscendum ast illum sat tibi nulla dabunt.
Hunc licet ex fastis, et fama noscere quaeras,
Maiorem inuenies, quam sua fama, Virum.
Quis sit hic, audito: Fuit omnibus omnia. Nomen
Hoc erit aeternum posteritate suum.

Pelo mesmo Autor.
[José de Almeida Nobre]

N.º IV

Orações recitadas em presença do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo, e Governador Interino da Capitania de Pernambuco no princípio, e fim dos anos letivos, no Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda.

ORATIO ACADEMICA

Coram Excelentissimo ac Reuerendissimo Domino Domino Iosepho Ioachimo a Cunia Aseredio Coutinio, Episcopo Paranambucensi, Seminarii Olindensis Fundatore, Studiorum Directore, ac Reformatore,

Anno MDCCCI

Literario Secundo,

a

Francisco de Brito Guerra, eiusdem

Seminarii Alumno, quinta dii decembris habita.

Si proprium est uiro, Excelentissime, ac Reuerendissime Domine, si proprium est uiro, quantumuis sapientissimo, et eloquentissimo, cui pro concione dicendum est, timore quodam, ac pudore percelli, quanto mihi rectius trepidandum censeo, qui minime cum huiusmodi uiro sum comparandus? Quid timoris, quid uerecundiae, quae denique demissio animum meum occupare debet, cum me in Eloquentiae praeceptis intimo quodam sensu cognoscam, non dico mediocriter uersatum, sed ita initiatum, ut ea uix primoribus labris degustauerim? Quamtopere mihi pertimescendum, atque uerendum credo, siquidem in hunc fuggestum ascendere iubeor, unde quocumque uoluantur oculi, non uulgarem, neque agrestem multitudinem, sed Sapientissimorum uirorum, quos urbs alit, consessum circumspectiunt? Ex uultus pallore, uocisque meae tremore inusitato, quanto me periclitatam, ac diffidentem, tali onere suscepto, considerem, uerissime apparet: quod utinam in contraria uersum uideatur. Nihil quidem grandius, nihil dignius, nihil homini gloriosius, quam illo n loco dicere, ubi maxime delectorum corona cinctus sit, quorum intenti uultus,

secundaque ad murmuratio dicentis animum erigere, atque incendere possit. Mihi autem forsitam hoc miserum sit: uereor enim, ne, si semel initio alicuius dipliceam uoluntati, eam deinceps in tota oratione auersum habeam. Quae animo meo agitans, mecum ipse colluctor, mihimet ipsi uim affero, mirorque, quod me uincere ualeam: ut apud consessum omnium, tantisque uires nobilitatum, artium Professoribus illustratum, quibus ingenii, animique mei infirmitas non ignota; consessum denique (ita mihi liceat) Venerabilis, atque Colendi Pontificis, qui totam istam Domum admiratione, auctoritate complet, Praesentia consecratum, ingenio destitutum, praeceptisque inermis uerba facere audeam. Neque miretur aliquis, quod ad hoc munus obeundum, solo Scholasticorum optimo dignum, in me, nullis suffragantibus meritis, optio incidisset. Sic Magistro lubuit, quo fato nescio. Quoniam uero Magistro obtemperandum est, laureamque non laudis, sed obedientiae, expectari oportet, ad uos conuertor, Collegae mei dilectissimi, uosque etiam, atque etiam rogo, ut orationi meae, licet rudi, et ineleganti non minus obsequentes aures, quam si optimus apud uos orator diceret, praebeatis.

Dicendum est enim de omnibus, quas docemur, disciplinis, de utilitate earum, de attentione ipsis ad hibenda; idque eò ordine, eaque uia, qualis tironem decet: dummodo sciatis non mei conatus esse hoc omnino exhaurire propositum, quippe quod non modo eloquentissimi uires, sed etiam multum temporis exigit. Vos equidem, qualis dit illius sublimitas, quantumque uiribus meis pondus suscipiatur, non dubitatis. Quamobrem, si omnia mihi dicere perpentatum foret latissime spatiando, aut a proposito aberrarem, inaniterque scateret oratio, aut uos taedio afficerem, aut prius deficeret dies, quam dicendi finem facerem. Itaque non tenebo uos pluribus: haec degustanda existimaui: benigne, atque diligenter attendite.

Cum de omnibus, quas is Seminario nostro docemur, disciplinis hodie dicendum sit, non alienum uidetur, ab ea exordium ducere, quam ipsa studiorum ratio praescribit, Grammatica scilicet, cuius non tam origo, nec uetustatis temporibus progressus, etc acceptio, quam nunc necessitas, dignitasque afferenda est. Hoc quamuis per se exiguum sit, et tenue, me tamen adeo perplexum, adeo difficultatibus circumuentum habet, ut nihil possit supra. Opponunt enim multi Latinum sermonem neque necessarium, neque utilem esse, ideoque tempus ab iis inutiliter consumi, qui illi perdiscendo tant operam. Mihi autem de hoc, non quantum mea fert opinio, sed quantum per se ipsam ueritas patet, dicere debenti, bono sensu carere eos fatendum est, qui Latino sermoni utilitatem abnegant. Namque eum omnes artes, ac disciplinas in dies amplificari tam sit rei litterariae gloriosum, quam reipublicae augere opes, et imperium, id absque linguarum primigeniarum Scientia, Latinae praecipue, fieri nullo modo

potest. Quis enim inficias ire audeat, quin Latinis Scriptoribus facta fere omnia, quae olim protulit Antiquitas, conseruata debeamus? Quis in Poetarum, numerum referetur, quin Virgilii, Horatiique fidelissimus sit sectator? Quis Rhetoricam docuit, aut praeclarissimi Oratoris nomen est consecutus, qui Ciceroni, Quintiliano, aliisque Latinis Eloquentiae Magistris totum non debeat? Quis sine Latini sermonis subsidio in Philosophiae ingressus est arcana, aut sublimia Theologiae Mystera Intellexit? Quis denique litterarum curriculo addictus Latinitatis cura neglecta, sapientis, nomen obtinuit? Haec nimirum clauis ducitur, quae nobis Scientiarum thesauros aperit: hoc omnes utuntur limine: haec est facultas, quae aliis lumen praefert: hanc uiam a primis usque ad haec tempora omnes triuerunt Doctores, sic tenellos annos exercuerunt, seque ad sublimiores doctrinas instructos reddiderunt. Ataque non uideo, cur Latino sermoni utilitas abnegetur; excepto autem, si quis desidiam amet, laborem defugiat, aliorumque uersiones tantummodo quaerat, atque capiat; quod et est sapiente indignum, et pluribus erroribus obnoxium. Praeterea quot elegantiae, quot ueneres, ac lepores, quibus animus noster oblectatur? Ac si instare oportet, nonnullos quidem repereriri assero, qui solu Latinitatis studio in magnis doctrinis, uastique cognitionibus pollentes ceteris hominibus plurimum praestant. Non alia tandem ratione Grammaticam in Seminario Olindensi pueri docentur, Statutaque sapientissime ordinata manent, quae de hoc fine assequendo prudentissima praecepta constituunt. Quamobrem uestra interest, adolescentes, qui per labentem annum in Latinitatis studio uersati estis, quique in sequenti adhuc manebitis, animum ab illo non abstrahere, sed potius crebris lectionibus insudare; praecepta omnia iterum atque iterum uoluere; memoriae mandare; summa ope niti, ut linguae peritiam comparantes, ceteris facultatibus aptos uos exhibeatis. Ecce feriarum tempus; ecce uacationis dies: feriamini, uacate a gymnasio, non ab studio uacate. Toto pecore incumbite, me, quas a Praeceptore doctrinas hausistis, inutiles reddatis, aliquore modo parui pendatis.

Hoc etiam loco libet interponere, quoniam a re proposita seiunctum non est, quanti sit ponderis, quantaque utilitatis Gallicae Linguae studio dare. Quid autem affere possum, quod non manifestius pateat, quam ut dicendum sit? Namque si Latinam, quia mortua sit lingua, aliqui reiiciunt, quid de Gallica, quae nostris temporibus maxime uiget, totumque per orbem spatiata est? Caecus sit oportet, aut plane saxeus, qui de eius utilitate dubitauerit. Huc enim deposita reperiuntur nouiter Philosophiae, ac Medicinae inuenta, Eloquentiae uires, rerum omnium humanarum cognitiones, et, ut uno uerbo dicam immensi scientiarum thesauri. Hinc fit, ut non modo utilis, uerum etiam necessaria ducatur, iis praecipue, qui pro sapientiae gloria, pro patriae splendore, ac ornamento laborant. Quanta ergo cura, quanto studio, quanta denique animi alacritate cum ea habenda est, ratio!

In uobis Praeceptor designatur, qui tanti negotii curam suscipiat: dulces percipietis fructus, si ad eius doctrinam serio incumbatis.

Sed non longius progredi licet, si quidem me ad Rhetoricen reuocat propositi ratio; cuius ad limen dicendi tanto timore perfunder, quanto res, de qua dico, sublimior est: Miserum enim iudico, ne dicam turpe, de Rhetorice disserentem nihil afferre posse Rhetorice dignum; artique ceterarum principi illam orationis exilitatem accommodare, quae in aliis rebus uix toleranda uidetur. Nec tamen tacere debeo, ubi facultas haec nostra in quorundam obtrectationes adducitur: quas in primis refutari conuenit, ut eius utilitas in apertius redigatur. Obicere nempe solent Eloquentiam esse, quae poenis eripiat sclestos, cuius fraude damnentur interim boni, consilia ducantur in peius: et his adiciunt, ac enumerant multorum exempla, qui perniciose Eloquentia usi ciuitatum status turbauerint, uel euerterint. Quo quidem modo (ut ait Quintilianne) nec duces erunt utiles, nec magistratus, nec medicina, nec ipsa denique sapientia, in quibus grauissima non nunquam flagitia, ac uenena deprehensa sunt. Cibos aspernemur; attulerunt saepe amittendae ualetudinis causas: nunquam tecta subeamus; super habitantes aliquando procumbunt: non fabricetur militi gladius; potest uti eodem ferro latro. Quapropter qui contra Eloquentiam inuehi solent, non me, qui nullus sum, sed illum; ceterosque in hac arte totius antiquitatis uiros peritissimos aduersos habent. Decendi uero facultas usque es prouecta est, ac in tantam dignitatem perducta, ut quidquid memorare conabor, eam potius ieiuna, et exsucta oratione maculem, quam laudibus amplificem. Referre ne iuuabit, quanta fuisse apud antiquos Eloquentiae dignitas, apud Graecos, nec non Latinos ipsius splendor? Referre ne iuuabit, quales in pacem animos adduxerit? quot bella resciderit? quot miseris in uita periclitantibus subuenerit? quot innocuos homines calumniis eripuerit? quot ciuitates interitu liberauerit? quot tandem heroum facta posteritati commendauerit? Minime; ne forte ab iis reprehendar, qui omnia haec plus, quam ego, sapiunt. Illius ne laudes texere audeam? Hoc uirium mearum imbecillitatis non est; nisi enim uerborum ac sententiarum splendore; nisi rerum ubertate, ac magnitudine; nisi uocis, et gestus dignitate illud exequor, officio abutor, ac nomine tanto; abutor celebritate hac; tempore, loco, patientia praeclarissimi consessus plane abutor. Quid uero? Non opus est luce, quae luce clariora sunt. Haec nimirum omnium artium princeps, uiroque bono dignissima. Hac hominis dotes consummauit Prouidus ille omnium rerum Creator. Vos itaque laudo, nobilissimi Candidati, qui tanta cura, tamque uiuido animo ad hanc facultatem incumbitis. Adsit in dies attentio, augeatur uestra in ipsam uoluntas, studium ostendatur, efflorescat amor.

Neque minus ceteris, quae huic adduntur, facultatibus studium adhibere decet; Poeticae, Chronologiae, Geographiae, nec non His-

toriae, quae inter se, et cum illa quoddam uinculum, et cognationem habent. Quantum homini praestent, nemo quidem ignorare potest; ideoque de illis uelut dictum puto, et ad Philosophiam transeo.

Et si de Philosophia dicere solis Magistris conueniat, alumnoque non aliter putetur, quam si Oceanum ipsum parua, atque fragili nauicula tentare audeat, mihi tamen non sit nefas hoc subire munus. Ac ne ambagibus immorer, aliquid de eius ratione, et sublimitate attingere liceat. Cuius enim est tanta ingenii uis, ac faecunditas ad Philosophiae studium ornandum, atque augendum, ut ne leuiter quidem ulla in parte dicitur? Enim uero Philosophiae studium uidecumque circumspectatur, non nisi ualde praestantia reperitur. Namque, si Logicam consideramus, haec rationem auget atque format, quae sane nihil melius a Deo accepimus. Si Metaphysicam contemplamur, notiones traduntur, causae et rationes minime genericae rerum aeternarum, factarum, et possibilium. Si Physicam intuemur, rerum corporeas causas expedire conatur. Tandem si Ethicam perpendimus, uoluntas humana dirigitur in eligendo bono, maloque fugiendo; quae Deo praestanda officia, quae nobismet ipsis, quae amicis, quis societatis usus, edocemur. Non alia quidem uia, nisi philosophica, ad perfectionis apicem perueniri potest. Solum Philosophiae studium ignorantiae tenebras, quae cum homine innascuntur, plane exterminat; ueritatem patifacere nititur, et, quod operae pretium est, ad beatitudinem perducere nauat. Quid autem erat, cur in numero uiuentium positum se gauderet homo, nisi rationem suam perficere studeret? Paulo minus a reliquis animantibus distaret. Unde non immerito ait Cicero: Philosophiae studium qui uituperat, haud sane intelligo, quidnam sit, quod laudandum putet. Siue enim Medici, siue Iurisperiti, siue (quod maxime interest) Theologi esse uelimus, siue denique ad Poesim, aut Eloquentiam redire, facem ueluti quandam ceteris facultatibus praefert Philosophia; illis se omnibus inserit, magnamque sui partem pro cuiusque necessitate liberalissime suppeditat. Sed cum philosophandi rationes multae, maximeque diuersae sint, nulla est earum, meo quidem iudicio, tam diligenter colenda, si fructum quaerimus institutionis, quam quae ad naturam spectat. Quae enim uis! Quanta sapientia! quam inextricabilis perfectio homini naturam intuenti committitur! Hic uidelicet densas, umbrosasque naturae siluas aggreditur, eius arcana perscrutatur, Creatoris opera uidet, et quam magnifica sint, miratur: alius quilibet homo uelut insipiens non cognoscit ea, uelut stultus non animaduerterit ea. Prouidentiam uero in cunctis, etiam in animalium minimi structura mirari, quae sint uegetabilium systemata, quae rerum omnium creturum ratio sufficiens, aliaque non omnibus obuia; Deum denique Sempiternum, Immensum, Omnisium, Prouidentissimum, Omnipotentem, Ensentium, Causam Causarum, mundani

huius operis Dominum, et Artificem in eius operibus contemplari solo naturae Philosopho conceditur. Et quid de parte illa, quae Chymiam tractare sibi uindicat, afferre conabor? Magistris, et Doctoribus relinquendum est totum, ne forte uituperare uidear, quod laudare nescio. Quae cum ita sint omnia, Collegae mei dilectissimi, quid magis dignum cultu, ac labore ducamus? Quid pluchrius? Quid praestantius? Quid utilius? Ad hoc igitur praestantissimum studium uncumbere decet: et quoniam nihil praeclari sine improbo labore in Republica Litteraria fieri potest, incumbamus toto pectore, totis uiribus, toto animo ad ueritatis studium incumbamus.

Nun quoque non est praetereunda Mathematicae dignitas, cuius me utpote plane rudem, ac inexpertem non uerbis exspatiari decet. Scilicet non desunt, qui saepe enterrogent: non iuuentutem Ecclesiae destinata in angulis, ac triangulis dimetiendis inaniter occupari conuenit? Quibus ego animis tam parcis, et angustis si recte respondere uelim, nihil aliud opus esset, quam ad Euclidem, et Archimodem eos adducere. Non est enim mirabile, si bonum, non desiderent, qui bonum non cognoscunt; ideoque cum his nulla mihi pugna est. Uno tantum dolore afficior, quod ita ingenio, uerbisque destitutus sim, ut Mathematicae excellentiam quamuis ex animi sententia declarem, quantum tamen decet amplificare nequeam. Quid est enim, quod numero, aut figura aliqua constet, quid sono iudicatur, quid luce distinguitur, quid aliquo mensurae genere in toto terrarum orbe comprehendi potest, quod Mathematici iuris non sit? Quid astra, quid planetae, quid caelorum orbis? An haec Philosophus sine Mathematico studio scire potest? Sed ego lactenus laudem nimis exigua Mathematicae tribuo. Mathematica sane una ab incertis certa seiungit, ubicumque sit ueritas, eo accedit; non de secta laborat; libera, soluta, expedita, uti est quidque, sine dubio demonstrat. Aliae fortasse Scientiae in ipsa ueritate haesitent; in hac uero quod inuenit Magister, eodem modo, eademque uia inuenit auditor. Quid ergo est, cur illa Clericis auferatur, qui in summo fastigio collocati prae ceteris mortalibus uirtute, ac sapientia pollere coguntur? Haec summa summarum est; hic rationis humanae terminus; haec meta, quam qui attingit, non ultra procedere potest; huic tandem studio uacare decet, quos Seminarium nostrum educandos, erudiendosque susceperit.

Iamque propositi mei obsequio in Ecclesiasticae Historiae rationem ingressus, silentio potius totum committendum duco, quam inanibus, ac superuacuis argumentis diuagari. Quis enim nesciet eos, qui Christiano nomine censentur, religionis suae mysteria ex unico sacramentorum Litterarum fonte, quae Veteri, Nouoque Testamento continentur, haurire? Quae cum omnes tenere cogentur, Sacerdotes praesertim, quibus maior eorum cura inesse debet, facillime patet, quanta huic studio cura adhibenda sit. Nihil quidem in apertiore est, nihilque

magis controuersiis caret. Ne igitur probata probando immorer, ad Sacram Theologiam, quae orbem claudit ceterarum, transeundum est.

Hic quod in magnis operibus fere accidit, ut ultima quaeque difficillima sint, aut fessis iam uiribus difficilima uideantur, grauiore quandam ratione periclitari debeo. Nam de aliis quidem cum dicerem facultatibus, id unum requiri uedebam, ut cuiusque modi earum dignitas mihi existimaretur, ex animi sententia declararem. De hac uero secundum officium, et grauitatem personae, quam hoc loco sustineo, perinde sermonem habere cogor, ac si aram tenerem. His me difficultatibus praepeditum, prorsusque, auctoritates indigentem, uti tantam, tamque augustam rem expediam, nihil aliud iuuare potest, quam praeclarissimi consessus fauor: cui sane, ut semper, innixus congregiar. Qualis, quantaque sit Theologiae, siue Religionis scientiae dignitas, non est quidem meum uerbis quibuslibet exponere. Siue enim speculatiua, aut dogmatica sit, quae in obiecti sui contemplatione conquiescit, siue practica, aut moralis, quae in moribus informandis occupatur, uariasque de uirtutibus, et uitiiis praeceptiones tradit, per se ipsa manifestissime tenetur. Disciplina augustissima est; ipsum hoc Theologiae nomen diuinum aliquid sonat; parietes ipsi Domus huius sanctissimis uerbis perculsi aliquid animo, ac prope oculis obiiciunt. Est enim Theologia in uehementi quadam altissimarum rerum contemplatione posita, quae hominem totum occupat, absorbet, et a terra quodammodo abripit; nec ullam eius partem auelli patitur, ut in sordibus tam dispari studio uoluetur. Hoc illa proprium sibi uindicat supra reliquas disciplinas ob infinitam meditandi uim, ut nequeat inesse, nissi illis, qui a rebus ceteris aliennissimi sint. Unde si Ecclesiae fastos consuluerimus, plures, qui templis, arisque coluntur, ex Theologis reperientur, quam ex omni litteraria republica. Quinimo uix unus, aut alter ex tota antiquitate recitari potest tam graui digni nomine, ut Theologus appelletur, quin insigni uirtute excelluerit, suamque sapientiam non satis per se firmam probitatis accessione confirmauerit. Verumtamen aliud est Theologum uideri, aliud esse: ac si quis signum sibi aliquod praeberi cupit, cuius ope tanquam Lydio lapide singulos experiatur, uti de eorum moribus inquirat, necesse est: qui, si uitiosi sint, nemini quidem ignoratur, quantopere naturam, atque animam uitia corrumpant; idcirco tam esse difficile uitiosis hominibus in Theologica facultate, quam lippis, et caecutiensibus in pictura praestare. Cauendum est igitur, Collegae mei dilectissimi, ne moribus corruptis huc accedamus, ubi qui non sit optimus, pessimum esse necesse habet. Videte, dilectissimi Theologiae Candidati, Paranambucensis Ecclesiae spes dulcissimae, uidete diligenter, quale, quantumque sit, quod suscipitis; praestandae bonitatis onus, quoties in hanc classem nomina datis. Videte, ac mementote uineae Domini, cuius dispensatores eritis, siquidem in sacerdotium destinamini. Videte diligentissime, atque considerate, quod uobis assumitis,

ut de uirtute, ac religione consulentibus respondeatis. Videte, quantum elaborandum sit, ut statum uestrum perfectiorem reddatis: hanc doctrinam combibite, in succum, et sanguinem conuertite, uñ communi Ecclesiae bono, et uestrae, aliorumque saluti efficacius allaboretis. Videte denique ne in uacuum recipiatis beneficas Pontificis nostri Excellentissimi largitiones. Ille gregi suo prospexit; patriae nostrae consuluit; Seminarium condidit; Magistros creauit uirtute, sapientiaque conspicuos; tot difficultates subegit; caepit aedificare, et potuit consummare. Ille, nos quotidie urget, et exstimulat non iussu modo, quod est Principis, sed, quod est mitissimi Praesulis, impulsu quodam, et cohortatione; addo etiam pene precibus, quod est amantissimi Patris; Ille, inquam, non solum nobis litteras, sed etiam uirtutem, et honestatem assidue, atque diligentissime commendat.

Ruerendissime Praesul, Praesul Excellentissime, qui tam infatigabili cura litteratum cultum promoues: Pastor Bone, qui gregem Tuum non deseris, quinimo eum undique felicem reddere conaris: Princeps Excellentissime, quae magno ingenio praeditus optima quaeque uides, magna prudentia iubes, magna constantia tueris: Princeps, quem ego. . . Sed quibus Te laudibus efferam, aut quid in testimonium gratitudinis praeber ualeam? Accipe sincera omnium nostrum uota, quibus bona bonis, annos annis Vitae Tuae augeri desideramus. Nunquam a pectore nostro Beneficia Tua labentur, alta mente manebunt reposita. Nomen Tuum, quamuis in laminis aureis caelare nequimus, posteritati tamen uoce commendabimus. Viue omnibus, Excellentissime Praesul, uiue nobis, Pater, quae ex Fauore Tuo uiuimus. Faue, quos sub Protectionis Tuae alas confugientes, fauendos suscepisti. Faue illis, qui de longissimis Mediterraneis terminis ad Nominis Tui sonum propius accedunt. Faue denique mihi, qui si male, aut longius, quam decuit, dicendo molestus fui, uehementer doleo, meque dixisse se poenitet: sin autem bene, quod certe non credo, magni quidem duco, ac uehementer gaudeo.

Dixi.

Oratio

Finem Imponens Studiorum
Curriculo Huius Anni MDCC

a

Michaele Iosepho Reinaut,
Episcopalis Seminarii Olindensis Ecclesiae
Historiae Publico Professore.

Quamuis multa, ualdeque ardua mihi undique circumirent pericula, quae Oratorum maximorum, aliorumque in omni scientiarum genere peritissimorum ingenia concutiunt, uires eneruant; debilitant, attamen in huiusmodi tam praestantissimi, sapientissimique Auditorii

conspectu nihil horum uerror, nihil timeo. Quid enim mali sub Te Auspice, Praesul Excellentissime Doctissime, horumceque studiorum per quam maxime Amantissime, mihi poterit euenire? Quid erroris? Quid noxae? Quid obtrectationis?

Oratio nimis proluxa, plurimumue breuis; nulla inuentione plena, multis flosculis, et sententiolis respersa, uenustate non adornata, omni fastu, et ostentatione repleta; puritate, et eruditione carens, uerbosa obscuritate diues, ornatus nimia luxurie abundans; haec pericula, haec sane communia uitia, quae Oratores etiam maximos ambiunt, quibusque uincendis, totum laborem impenderunt, totam operam praestarent, uires defatigarunt, sudaruntque supra modum eximii Eloquentiae, Thetoricesque cultores. Sed quid de tanta eorum sollicitudine, de tanta defatigatione? Cornelio Tacito non satisfacit Tullius; non placet Asinio Pollioni Titus Liuius, nec ipsemet Cicero; Homerum insequitur Zoilus; Virgilio Libros Tiberius Caesar, alioquin non indoctus, ex bibliothecis amouet, nec multum abfuit, quin incendis daret; Oratoribus Graecis Sapientissimis Atheniensibus graues sunt Spartani, ab istisque tamquam concisionis osores criminantur illi; et ne in singulis persequendis uidear inutiliter diffusus, nemo inuentus est, cuius opera, et studia ab omnibus probentur; quinimo si aliquibus placent, et hi admodum pauci, ab aliis, quorum palato non sapiunt, nec ad illorum saluam sunt temperata, uelut insulsa, peregrinaque actutum aestimantur, proscinduntur.

Verum enim uero, Sapientissimi Auditores, quum ignorantiae non sit comes inuidia, sed magnis conatibus inimica semper obuiam fiat, nihil est, ut candide fatear, quod me deterreat ab ista oratione, prouincia sane magna, meis uiribus impar, mihi licet non inuito, reluctanti parce, ut non inobsequens uiderer. demandata. Ignorantia mea, uestraque humanitas mihi pro uindice habentur: hospiti in Grammaticis, in Rhetoricis peregrino, nihil odii, inuidiaeque uestrum confabulo: errores bene multos inuenientis, sed iis tamquam illiterati, imperitiaeque partibus indulgete; etsi aliqua species boni, artisque uideatur, eam non ingenio, sed fortuito inuentam existimate: qua propter omnia mihi erunt lucra, ipsasque emendationes uestras cum gaudio, hilarique animo recipiam, acceptabo. Et cum mihi non liceat linguis omnino fauere, operae pretium me facturum esse putau, si plusquam semel, si semel atque iterum uestris auribus resonare facerem illa uerba Theodosii ad Patres Conscriptos perorantis. = Otio non frui quodam tempore partimur, ne labore uideamur fatigari continuo. = Res attentione uestra haud indigna, nihil impraesentiarum salutaris, nihil iucundius, nihil dulcius.

Vos alloquor, Socii colendissimi, amantissimique Collegae, qui anni pensum expluistis, studiorumque metam attingistis quam feliciter. Me uerba facturum rostra conscendere Vosmet ipsi censuistis:

mei muneris est, hoc aestiuo tempore ualedicere, ferialesque dies Vobis designare. Requiescite, uacate, ferianimi: Deus nobis haec otia facit. Non arcus tantum, non lyra salum, homines etiam quiete uigent, et pracpollent: ad animos reficiendos, ad uires denuo collingendas, otio nos frui quodam tempore patimur, ne labore uideamus fatigari continuo: Magnus sane labor, faecundus, et utilis. Heu nimium! Utinam mihi adesset illa elloquis Ciceronis ubertas, is artis splendor, quo laudes uestras pro dignitate celebrare possem! O felices, terque, quaterque felices ingeniorum perpiscuitates! O beatos, terque, quaterque beatos insolitae litteraturae homines! Capita Caelo digna! Pallade tumentia! Attigistis gloriae uerticem, at ad portum optatum, uariis licet iactati procellis, bonis auibus apuulistis. Requiescite, uacate, feriamini: Deus nobis haec otia fecit. Quae in antiquis solebamus mirari, Auditoris praeclarissimi, ac pene fictitia opinabamur, in doctissimis nostris Magistris reuiuiscere, ac uera esse conspicimus, intuemur. Celebrauere priora illa tempora Iulli Caesaris, Crispi Salustii, Marci Varronis, Ciceronis, et Demosthenis indefessa studia. Quid ergo? Viderunt lububratas noctes, ac insomnes, sudatas aestates, hiemes superatas, labores innumeros, quibus nomen aeternum quasi suo sanguine emunt Triumphales isti, Victores scientiarum isti? Si utraque aequa lance appenderentur studia, criticaque trutina essent libranda, magno reuera pondere haec distarent, ipsique in celebrandis eorum encomiis impares, et sine uiribus se ultro profiterentur. Neminem Vestrum latet, quantum in maximis ponantur ipsorum studia, quantumque lucubrationibus suis profecerit studiosa iuuentus. Ast suspectus grauius, et infensus, nec non et iniurius uobis uiderer, amantissimi Collegae, si ipsa studia uestra praetermissem silentio. Sed quae oratio tam foecunda, quae Phocionis sanctimoniam, Scipionis moderationem, integritatem Catonis prosequi possit? Quae, inquam, tam ampla, quae sapientissimorum Vestrum scientias, et studia exprimere queat? Quae tam feruens, quae non frigida, uideatur? Quae tam uiuida, quae non languida appareat? Votis meis lingua debilis non poterit abunde facere satis; quidquid uero cessauerit ex ore, fama longe, lateque diffusa supplebitur.

Non regnat ille immoderatus nouitatis amor, qui multorum huius temporis animos haud difficulter inuadit: non illa ardentissima sitis, quae ad multa errorum monstra mortalia pectora cogit: non uiget illa quorundam Theologorum imprudentissima lenitas, pietas illa inconsulta, perniciosa benignitas, qua in extirpandis poenitentiae spinis, in tollendis funditus conscientiae scrupulis, ingeniosi, solertes in excogitandis lenociniis, quo peccatores, sarcina licet criminum grauati, commodiorem uitam agere possent, sagaces, et astuti, uiam promittent facilem, securam semitam et tranquillam, ut reddant dulce, quod amarum, formosum et suauem, quod horrendum et putridum est. Non

extat nimius ille rigor, tornua seueritas, qua Theologi multi, ut Rigidissimorum sibi nomen assumant, adeo seueriores morum praescribunt regulas, peccatoribusque terrorem adeo incutiunt, et premunt, ut in desperationem adducti, omnem suae salutis curam abiciant, et aspernentur. Procul a Doctore nostro sapientissimo, a Vice-Directore nostro prudentissimo huiusmodi studia, doctrina nequissima, laquei sinuosi, in quos captare se sinunt tot infelices hominum. Accerrimus defensor, propugnatorque traditionum nostrarum tenacissimus, quid nouitatis in religione, morumque doctrina in illibatam sui mentem *irreperere potuit?* Propriae non innixus prudentiae, suis nihilo indulget affectibus, nec ad lapidem amussim, sed ad amussim lapidem aptare contendit: legem aeternam ad uoluntatem suam trahere formidans, in omnibus, uelut caecus, ipsius ductui se subiicit, se permittit. Quoties enim non uidistis eum grauiter increpare insensatos libertatis insectatores? quoties rigida fronte ipsorum audaciam contunderet, frangere, comprimere, rescare? Ad bene informandos Christianorum mores quis unquam doctrinam moralem adeo rectam, puram, sanam, et illibatam tradidit, proposuit? Sacrarum Scripturarum eruditionem satis superque adeptus, uerborum ac sententiarum copia admirandus, non in Casuistarum auctoritate, sed in uerbis Dei scriptis, et traditis, in Summorum Pontificum Diplomatum, Legi diuinae consentaneam, cupiditati aduersam, pietati, et caritati fauentem, a laxitate morum, et a rigorismo abhorrentem Theologiam suam firmat, statuit, corroborat. Inusitata in docendo perspicuitate, infatigabilis, indefessus, a labore inuictus, quis illum, in suis alumnis, uiribus nunquam fractis et debilitatis, ad maiora studia promouendis poterit aequare? Soci colendissime, requiescito: ad animos reficiendos, ad uires denuo colligendas, otio nos frui quodam tempore patimur, ne labore uideamur fatigari continuo. Requiescito, uacato, feriator; Deus nobis haec otia fecit.

Age fiat, Auditores praeclarissimi, ut a longinquis uelut hydrae Larnae uirulento suo anhelitu agros nostros uberrimos infestantes, ueniant Nouatores multi multique Haeretici appareant, proterius doctrinis suis inconsutilem, Iesu Christi tunicam laniare tentantes. Quid? Num adamantina illa fides subtantis, tamque sapientissimis Magistris iacturae aliquid patietur? Minime gentium. Num Paranambucensis Ecclesia sub tantis, tamque sapientissimis Magistris structa, ullis uentorum turbinibus, ullis undarum fluctibus, ullis nimboribus, tonantibusque procellis iactabitur, illidetur? Haudquaquam minime, omnium. Veniant, accedant, appareant uere nunc Arius Filii Dei consubstantialitatem negans, Sabelius Sacrae Triadis confutator. Macedonius Spiritus Santi Diuinitatis osor, Nestorius geminae in Christo personae assertor: ueniant, accedant, appareant Manichaei, Donatistae, Pelagiani, alterique multi huius furfuris atque farinae Ecclesiae insectatores. Ecclesia

nostra, uelut durissimum saxum in medio maris ullis undarum impulsibus inconcussum, firmissime stabit, permanebit.

Si Iustinum Martyrem, Dionysium Alexandrinum, Alexandrinumque alterum Cyrillum, Athanasium, Hilarium, et Augustinum prima illa saccula non desiderauerunt, qui pullulantes sua aetate errores grassantesque haereses contererent, et exterminarent, nos quoque non desideramus ingenium aliquod subtilissimum, omnigena scientiarum copia instructum, a subdolis haereticorum nugis orthodoxam fidem, uindicans fortissime; non desideramus, non optamus, non egemus, habemus haud dubie. Ecce laborerius noster amicissimus, heros quam eximius, extra omnem ingenii aleam positus, qui immensam eruditionem Theologicam, in uariis Santctorum Patrum operibus dispersam, in intellectu suo amplissimo concludens, quasnam uictorias, quasnam palmas, quosnam triumphos de haereticis non reportabit? Scripturam Sacram sedulo, indefesso labore, nocturna, diurnaue manu adeo euoluit, et discutit, ut uix, ac ne quidem dici possit, quam sit accuratus, quam sit diues, quam sit locuples utriusque Testamenti auctoritatum.

Aduersus Iudaeos, Infideles, et Haereticos non ratiunculis, non uanis, excogitatisque disputationibus, non subtilitatibus nouellis, constans in Traditione ex diuinarum literarum fontibus, ex Summorum Pontificum Decretis, ex Conciliorum Oecumenicorum Canonibus orthodoxa Dogmata asserit, propugnat, tuetur. Et quanto studio, quanto labore, quibus uigiliis illi opus non esset ad perfectissime comparandam spatio uitae tam breui huiusmodi scientiam, ad quam solum attingendam multi etiam senilis actatis magnis laboribus peruenire non potuerunt! Soci colendissime, requiescito; ad animos reficiendos, ad uires demum colligendas otio nos frui quodam tempore patimur, ne labore iudeamur fatigari continuo, requiescito, uacato, feriator: Deus nobis haec otia fecit.

Sed quid de profunditate, eruditionis uestrae, amantissimi Collegae, Socii collendissimi, Fratres in Domino, Michael, et Ioseph, Geometriae, Philosophiaeque Professores sapientissimi? Quid de immensitate studiorum, de scientiarum soliditate, de alacritate ingenii, de sollicitudine, de perenni ardore, de inexhausta discipulorum uestrorum progressus cupidine, et auiditate? Quamquam profundissima uestra humilitas, innataque modestia me linguam continere iubeant, uerba pro ueritate pugnant, et uincunt. Nihil rarius, nihil admirabilius, nihil excelsius. Quis enim Geometriae lineares ductus, Figurarum mensuras, et proportiones, Arithmeticae calculos, et computationes, omnes Mathematicae demonstrationes melius intellexit, et ingeniosius dissoluit? Quis rerum naturas, corporum proprietates, et uirtutes facilius inuestigauit, et cognouit? Quis unquam metallicae concretionis glebas promptus inuenit, elementorum dissolutiones accuratus fecit, machinalem scientiam, legesque mechanicas solidius proposuit,

philosophicas doctrinas incorruptius, subtilius, ventilauit? Quis Dialecticæ modos exposuit, Criticesque regulas profusius edocuit? Quis copulata diuidere, associare, disiuncta definire, ratiocinari, uiam et ordinem discendi, docendique methodum praescribere, tela, armaque diligendi, seu argumenta tractandi, sophismata dissoluendi, quis unquam doctrinas ad omnes scientias comparandas omnino necessarias, non dicam, copiosius, et efficacius, sed magis scienter proposuit, suppeditauit. Heu me infelicem! Non animus meus mihi, sed uerba defuerunt. Quae natura, prodiga plenaque manu, uobis, Professores sapientissimi, sua dona concessit, captui meo imperuia, non posse explicare sermone, uehementer doleo: admirabor, obstupescam. Labores uestros tantummodo, sudoresque multos, quæis ad hunc gloriae uerticem uosmet ipsos extulistis, pro meis uiribus commendabo, laudibus afficiam: sed quid mihi opus ut ea commemorare, quæ nemo non uidet, nemo non laudat, nemo non miratur? Requiescite, amantissimi Collegae, ad animos reficiendos, ad uires denuo colligendas otio non frui quodam tempore patimur, ne labore uideamur fatigari continuo. Requiescite, uacate, feriamini: Deus nobis hæc otia fecit.

Requiescite et uos, Socii celendissimi, Michael, Eloquentiæ Magister eruditissime, Antoni, et Francisce Graecæ Latinaeque Linguae Professores probatissimi, requiescite; uos duros subiisse labores, nec dies, nec horulas, et ne minimum quidem temporis punctum uobis euasisse studiis uacuum, apud omnes est in confesso, requiescite, qui exactissimi amussitati studiis uestris ultimam, extremamque manum posuistis, et ad summum apicem sublimastis. Et quam multa, quam plurima de nobis dicere in deliciis haberem, exoptarem? Sed libenti, prolixoque animo ignoscite mihi, quia solæ angustiae temporis silentium indicare me cogere possint. Naturam ad sola uos genuisse studia, non inficias ibit; ultra fatebitur quisquis praestantes Candidatorum uestrorum progressionem attento, incorruptoque creuerit animo. Requiescite; ad animos reficiendos, ad uires denuo colligendas otio nos frui quodam tempore patimur, ne labore uideamur fatigari continuo: requiescite, uacate, feriamini: Deus nobis hæc otia fecit.

Eia, praestantissimi Candidati, macti estote uirtute, ingenio macti: sollicitudines, defatigationes, uigilantias, aliaque id genus afflictionum, quæ pro uestra instructione sapientissimi Professores haud grauatim, perlibenter susceperunt, inutilia et infructuosa ne reddatis; feriales dies uobis conceduntur non ad ignauiam, non ad ueternum, non ad ludos, non ad aleas, non ad uoluptates; quæ mala, quæ damna ex huiusmodi socordia, et oblectamentis proueniunt, uobis non ignorantur; nihil esse, quo ingenii acies magis hibetetur, ipsi scitis: a gymnasiis uacate, otio nos frui quodam tempore patimur, ne labore

uideamur fatigari continuo; sed non studiis feriamini, ut cum **Plinio** non immerito dicere possimus = O dulce otium, honestum, ac **pene** omni negotio pulchrius et cum **Martiale** canatis ==

Te pia Cecropiae comitatur turba Mineruae,

Te secreta quies, Te Sophos omnis amat.

Praesul Praestantissime, huiusmodi studiorum Fundator uigilantissime, literarum Protector amplissime, et Parens amabilissime, Te deprecor, Te etiam atque etiam rogo, humillime quaeso, et reuerentur imploro, ut largissimas Paterni Tui Amoris Benedictiones super nos **benigne** infundas, ut nos saluos, nos uegetos, nos promptos, nos Tui studio- rumque tuorum dignos ad haec subsellia reducant amplius laudandos, et ut Deum Opt. Max. assidue, et sine intermissione precemur, **Te** incolumem, Te sospitem, Te firmum, Te ualidum seruet, custodiat, protegat, atque defendat, ad nostrum praesidium, ad Scientiarum decus, ad huius Paranambucensis Ecclesiae firmamentum: fiat,

Dixi.

Excellentissimo

nec non

Reuerendissimo Domino

Domno Iosepho Ioaquimo A Cunia

Aseredio Continio,

Paranambucensi Episcopo, Seminarii Olindensis
Fundadori, studiorum Reformatori, atque Directori,
Cyriacus Antonius Arauius,
Eiusdem Seminarii Alumnus,
Orationem Academicam

Per Acto Anno Primo Litterario,

In Ipso Seminario Recitatam

D.O.C.

Opinor uos ego, Excellentissime, ac Reuerendissime Domine, praestantissimique Doctores, necnon Sapientissimi scientiarum, et artium Magistri, et reliqua doctissimorum congregatio scolasticorum; opinor uos ego murari quid, quod inter tot, tantosque in omni scientiarum genere eruditissimos, ego potissimum surrexerim qui neque ingenio, nec facultia, nec eloquentia, nec denique auctoritate sim cum iis minime comparandus: ego tandem, Excellentissime, ac

Reuerendissime Domine, qui per arduum, longissimumque studiorum curriculum uix ingressus sim, in asperrimam reprehensionem fortasse incurrerem, fuisse mihi, audaciam de utilissimo scientiarum negotio, ut omnes ad carum studium ex animo incumbant, inter tot summa, ac diuina ingenia, quae uastissima eruditione, insigni facultate, naturae dotibus, ac denique uirtutibus sibi famam comparauerint, uerba facienda. Quid ergo? Audacissimus ego ex omnibus? Minime. At tanto officiosior, quam caeteri? Ne tantae quidem laudis sum cupidus, ut cum aliis praereptam uelim. Quae me igitur res impulit, ut de huc re concionem haberem, sane fuit Sapientissimi, ac Reuerendissimi Domini Patris Magistri praeceptio, cuius uoluntatis obedire nemper paratus ad atero. Quia, si quis istorum dixisset; quos in praesentiarum adstare uidemus, in quibus plus est ingenii, facundiae, et amplitudinis; si de hoc negotio uerba facerent (id quod certe fieri operae pretium erat) multo plura dixisse, quam dixisset, putaretur. Ego uero etiam si aliquid eorum, quae dicenda sunt, accurate dixerō, nequaquam tamen propter infacundiam, et inscitiam similiter oratio mea exire, atque aliquid in animum alicuius inducere poterit. Deinde, quod caeterorum neque dictum obscurum potest esse, propter eloquentiam, et amplitudinem; neque temere dicto concedi, propter scientiam, et prudentiam: ego autem siquid, diligenter dixerō, uel occultum esse, propterea quod minime sates instructus, et facundia expertus, uel ignosci adolescentiae meae poterit.

His de causis, si in hac dicendi ratione grauioribus utar uerbis, quam natura fert, aut leuioribus, quam res postulat, obsecro te, Excellentissimo, necnon Reuerendissime Domine, uosque praestantissimi, ac sapientissimi doctores, eruditissimorumque turba scolasticorum, qui ad me audiendum in concione adestis, obsecro uos omnes, ut mihi detis ueniam, ignorantiae meae accommodatam, uobis, quemadmodum spero, non molestam.

Homo, enes finitum, ad inquirendam ueritatem, uerumque bonum consequendum a Supremo Artifice destinatus, in omnibus scientiis animi attentione, ac solitudine obiectum dignius inuenit. Singulae nouas uoluptariasque rationes ad eius oculos referunt, quibuscum non solum tot, tantorumque uirorum, qui aeternam sibi famam comparauerint, uestigia implere ualeat, sed etiam aliquid noui, quod humanam cognitionem adaugeat, in lucem prodere. Singulae positae quibusdam principiis, continuataque demonstrationum serie immensas obscuritates, quas secum fert educatio, praecuditiaeque populi, atque sensuum, ne fiant progressus, ex animo dispellunt. Singulae tandem, noua lucerna, quae inter tenebrarum caligines nobis lumen, praebet, Ariadnae filium, quod inter tot, tantorumque errorum, ac penitus insitorum labyrinthum nobis se ducem securius exhibet. Scientiae igitur hominis attentionibus, in quolibet statu constituti, siue publici,

sive priuati; Ecclesiastici, aut secularis; illustris, aut plebei; diuitia, aut inopis obiectum plusquam omnia dignum: obiectum denique, quod in Gentes gloriam, in imperia stabilitatem, in populos felicitatem, in sapientes splendorem acquirit.

Pleni omnes sunt libri, plenae sapientium uoces, plena exemplorum uetustas, quae in tenebris iacerent omnia, nisi litterarum lumen accederet. Quam multas nobis imagines, non solum ad intuendum, uerum etiam ad imitandum, eruditissimorum uirorum expressas Scriptores et Graeci, et Latini reliquerunt! Omnes summos uiros, quorum uirtutes litteris proditae sunt, doctrina nitescere uidemus. Studia (inquit Cicero) adolescentiam alunt, senectutem oblectant, secundas res ornant, eduersis per fugium, ac solatium praebent, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur: quod si ipsi haec neque attingere, neque sensu nostro gustare possemus, tamen ea mirari deberemus, etiam cum in aliis uideremus. Quid corporis dotes? Quid animi facultates? Sine doctrina, minime: alloquitur Tacitus. Quid diuitiae? Quid fortunae? Quid opes? Quid dignitates? Quid honores? Sine sapientiae, nihil: enunciat Caius: quia sapientia a uirtute abesse nequit: quod si profecto ad percipiendam, colendamque uirtutem nihil homines adiuarentur, nunquam ad earum studia se contulissent Praeterea etsi hic tantus non fructus ostenderetur, et si ex his studiis delectatio sola peteretur, tamen hanc animi remissionem humanissimam, ac liberalissimam semper iudicarem. Historia nouimus populos in illis regionibus, a quibus Artes, Scientiaeque absunt, nec micantem fulgorem diffuderunt, omnes stupidos, barbarosque effici.

Hoc est in causa, cur Sapientissimi Legislatores in nouis Congregationibus litterariis constituendis, e quibus studiosa Iuuentus ueri a falso discernendis doctrinam caperet, curam, diligentiamque adhibuere. Haec causa est, quod Phaenices, Graeci, atque Romani, dum studia, Aresque colebant, prospero fortunae statu usi fuere. Hoc certe est, quod in Occidente illi summi uiri, qui e barbarorum manibus immaniumque legionum, quae in summum Orientale Imperium irruere, euaserant, auxilio leuati, atque in honore sunt habiti. Ea est denique causa, quod amabilissimus Pontifex noster Excellentissimus, necnon Reuerendissimus Dominus Dominus Iosephus Ioachimus a Cunia Aseredius Coutinius in hoc constituendo Seminario, aut potius nouis Athenis, ubi Clerus, studiosaque huius felix Diocesis Iuuentus, ut in limpidissimo fonte, perutilia documenta, quae mentibus lumen praebent, haurire possit, ut aliquando ad Ecclesiam, et Patriam usui sit, omnem curam, sollicitudinemque suam collocauit.

Laudibus efferimus dotes Augustissimi Principis nostri, qui ex singularibus suis uirtutibus ad sui populi splendorem pari uoluntate

conferre solum animo intendit, excitando, protegendoque Studia, quae in Religione, et statu robur constituunt. Artes, et Scientiae non saepe in interioribus cubiculis homines attingunt: perrara sunt ingenia privilegiis praedita, quae rerum agnitionem acquirunt, rationem cum Musis non habentia. Aemulationem, ingentem spiritus humani molem ad efficiendos Scientiarum progressus, summumque nomen consequendum mutuam operam efficaciter conferentem non solum necesse est Minerae gymnasiis adesse, sed etiam perutile. In taedio essem, si ad uestros oculos habere uoluisset, quam maximos fructus prae se ferunt Studia, ad hoc taceam.

Nunc habemus, Contubernales, Collegaeque amantissimi, praestantissimos Theologiae Professores, quibus tum in exactissimis Moralibus disciplinis operam dare possimus, tum etiam in fidei puritate, his maxime calmitosis diebus a miserrimis impietatis discipulis, ad monstrorum doctrinam horribilium, quibus Magistrorum nomen, ubi uentibus, tribuunt, exagitatae; qui etiam scriptores ingeniosi, uocantur, phantasia minime uulgari, exquisitoque iudicio praediti, immortalitatis gloriam nominis sui memoria prosequentes: quod ita fortasse fieret, si ipsimet aequo, bonoque animo, mentisque acumine in solidum, ac uerum praeclara, a Patre luminum accepta, firmiter ingenia dicassent; at uero Creatoris beneficiis immemores, inque Patriam suam ingrati. Philosophi elati, uerae Religionis desertores, abiectioe plusquam dignissimi, ad aevi sui calamitatem, innumera-bilesque animas perdendas exorti, quid affectant? Quid aestimationis in uere sapientium mente, cordarumque uirorum sibi comparant, insignibus naturae dotibus abutentes? Sibimet ipsis feliciter blandiuntur memoriam sui nominis in posterum consecrando. Historia autem si rerum gestarum monumenta seruat, quid in posteros? Inflatos absque principiis, constantia, ac systemate fuisse litteratos, fluctuantes semper, semperque ad sanam rationem sensuum, ac uerborum, splendori sacrificandam paratos, historicos incredulos, prauas ideas ex factis inculcantes, fictaque ad quidquid religiosissimi desidendum insipientes, narrabit illa. O tempora! O mores!

Nunc etiam nobis est hic Geometria; ea est, quae ad natiocinia intelligenda, uanasque argumentationes diiudicandas aequabilitatem, ad rerum congruentias prompte agonoscendas, ac diuersas implicatae demonstrationis partes simul amplectendas facilitatem mentibus praebet. Ea est denique, quae primordiis scientificis, ad ea, cum opus sit, subministranda principiis retinendis animos assuefacit.

Schola hic fruimur, qua traduntur notiones, causae, ac rerum rationes, aut creatorum, at aeternarum, aut possibilium, ratiocinandi, et iudicandi methodus docetur: qua uerum a falso discernere, in naturam hominis moralem inquirere; regulas, quibus honeste, et sapienter uitam degere possit, tradere, mundum intelligibilem contemplari, id

est, primigeniarum uires substantiarum, seriem, et ordinem, fines, pulchritudinem, causas et actiuas, et primas item edocetur: qua de animabus, de spiritibus, de Deo, de Religione etiam disseritur: qua denique generatio, propagatio, productio, germinatio, destructio, phoenominaque trium Naturae regnorum: Animalis, Vegetalis, Mineralis, omnia a supremi Artificis prouidentia in finem disposita, in admirationem conspiciuntur. De Philosophia uerba facio. Ea est scientia, quae tot, tantorumque uirorum memoriam consecrauit: Ea, quae principia atque media, et ideo homini maxime necessaria, caeteris subministrat: ea est denique scientia non solum utilissima, uerum etiam iucundissima: ed quod nomen ipsum nobis ostendit: Philosophia, amor sapientiae, ueritatisque studium.

In promptu item Rethoricen habemus, ea est Ars, qua ornate dicere, affectus ad persuadendum mouere, uerbis conuincere, amicos defendere, regere consiliis senatum, populum, exercitum, in quae uelut ducere opposite traditur; ut ait idem Quintilianus, et ideo preutilis conueniensque bono uiro. Et alio loco Cicero. Quid aut tam admirabile, quam ex infinita multitudine hominum existere unum, qui id, quod omnibus natura sit factum, uel solus, uel cum paucis facere possit? Aut tam iucundum cognitu, atque auditu, quam sapientibus sentiis, grauibusque uerbis ornata oratio, et polita? Aut tam potens tamque magnificum, quam populi motus, iudicum religiones, senatus grauitatem, unius oratione, conuerti?

Certe quidem eloquentia: cuius ingeniosi alumni emphaticas narrationes, futes uerborum altercationes, compartiones adactas, uerba translata, anthiteses, hyperbolesque Orientales ex animis abiicientes, exactam artis agnitionem, uerissimam pulchritudinem quam maxime contemplantur.

Sunt denique nobis hic linguarum Cathedrae et Orientalium, et Occidentalium, ut studiosa luuentus plus aliquid gaudii in expositione archetyporum, quam maxime perfectorum, incomparabiliumque uenerandae Antiquitatis magistrorum animis uersare possit.

Hae sunt, Auditores praeclarissimi, aliquae earum disciplinae, in quarum mentionem eruditissima, quae huic Seminario praescriptionis in loco sunt, Statuta incidunt, et a Sapientissimo, Amantissimoque Pontifice nostro, ex suis dotibus laude Dignissimo, ex uirtutibus quam maxime Venerabili, sapientia Mirificentissimo, ac denique ardentissimo scientiarum amore supra modum Inflammato, qui eis propense auxilio est, et ex gaudio colit, accuratissime praeordinata. Eas uerissimum nec mitabilem nationum splendore efficere, eumque esse praestantiam ad rem pertinentem, quamquam, uulgas, quam sit perutiles, Collegaeque Amantissimi, qui inclita ingenia hoc primo studiorum anno in uulgas exire bene fecistis, obsecro, obsteturque in eadem maneat

contentia; de Litterarum cursu deflectere nolitis, a proposito ne distrahatis; in inaepto praestetis; ne tandem hac studiorum uacatione, si uobis Amabilissimi, Incomparabilisque Pontificis nostri beneuolentiam conciliare uolueritis, desuetudine languescere sinatis. His pacis Custos, tenebrarum Extinctor, Litterarum Defensor, ingeniorum Stimulator, promeritorum Aestimator, praemiorum Largitor, uirtutumque omnium Remunerator, Dominus Domnus Iosephus Ioachimus a Cunia Aseredius Coutinius.

Dixi.



N.º IV

Dissertações recitadas pelos Colegiaes, e Estudantes do Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda, nas ocasiões dos Exames anuais, feitos em presença do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho, Bispo, e Governador da Capitania de Pernambuco.

Quae constant supra captum humanum esse ne inuestigato: Si non constant, animum quidem ne despondeto. Sed si sunt inutilia, aut parum utilia, ne diu quaerito, animumque a necessariis ne abstrahito.

Sendo a razão uma faculdade, que com o homem nasce não mais do que como uma disposição para perceber, entender, e raciocinar, ela se vai formando pouco a pouco, e fazendo útil ao homem o seu uso, combinando as primeiras idéias, que os sentidos lhe administram, e multiplicando por meio dos raciocínios os seus conhecimentos, que assim se vão estendendo, segundo o maior ou menor número de idéias, de que a mesma razão se vê enriquecida, sem que contudo chegue a fazer-se capaz de conhecer todas as coisas existentes, e principalmente aquelas, que são sobrenaturais, sobre as quais se contém num certo limite, de que se não faz sem precipício o menor transgresso: porque sendo os sentidos os órgãos primários, por onde nos vêm, ou seja imediata, ou mediatamente, todas as idéias, sobre que se forma, e exercita a nossa razão, podemos sim chegar a conhecer muitas coisas, que imediatamente não estão sujeitas aos nossos sentidos, mas ainda esse mesmo conhecimento será imperfeito sobre a essência real das mesmas coisas, visto que aqueles não só são imperfeitos mas também em pequeno número. Dependendo portanto a razão destes órgãos tão falíveis, imperfeitos, e limitados jamais poderá ser capaz de compreender, não digo todas as coisas criadas, mas ainda perfeitamente alguma delas. Daqui se vê que sendo a nossa razão contida num pequeno círculo de idéias, que nem se estendem a todas as coisas acessíveis aos nossos sentidos, é inteiramente desigual a respeito daquelas que por nenhum princípio natural

podem ser percebidas. Daqui se pode conhecer o quanto é loucura pretender compreender ao mesmo Criador, quando as coisas criadas excedem a nossa capacidade. Daqui, digo, se pode coligir a que abismo de erros nos conduzimos quando pela razão julgamos das coisas, que lhe são superiores; pois que naquelas mesmas, que nos são palpáveis, vemos implicados os nossos conhecimentos.

Pelo que para evitarmos este atentado temos o Cânon que nos recomenda não indagemos as coisas que excedem a capacidade humana: regra esta tão preciosa, quanto é fatal o erro de que nos preserva. Admoestando-nos porém que não pretendamos sujeitar todas as coisas à nossa razão, não nos manda contudo, que deixemos de indagar aquelas, que, por ocultas que sejam, podem muito bem ser descobertas por meios de raciocínios, e experiências; ainda mesmo aquelas de que já temos alguma noção; porque sendo como são imperfeitos a maior parte dos nossos conhecimentos, podem chegar a um ponto mais perfeito à força de muitas indagações: por isso não devemos desmaiar receando que um trabalho, de que nos pode resultar glória, e à Pátria grande proveito.

Como porém hajam muitas coisas, que pela sua insignificância não merecem a nossa atenção, e nos vem a ser inútil o seu conhecimento, sendo mais antes de algum modo prejudicial, porque nos toma o tempo, que poderíamos empregar na indagação de coisas sérias, e proveitosas, não devemos ocupar-nos na sua indagação, para que não suceda, que abstraído o nosso ânimo, e aplicação das coisas importantes, só fiquemos com o conhecimento das frívolas, como muitos, que infelizmente empregaram nelas os seus dias.

Marcos de Araújo Costa,

**Seminário de Olinda, natural do Piauí do
Bispado do Maranhão.**

A muitos parecerei, Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor, e mais respeitável Assembléa, a muitos parecerei temerário por tratar da utilidade da Geografia na vossa presença, na presença de quem tem formado a mais clara, e distinta idéia, de que é suscetível esta matéria; porém se esses mesmos refletirem comigo, comigo convirão, que só poderá falar na presença de quem, como Vós, abrange de um só golpe de vista a terra com todos os seus climas, e mares, compreendidos pelos pontos Geográficos, e que está altamente persuadido da utilidade desta Ciência, poderá, digo, dela falar quem ainda agora com mão trêmula apenas entra a manejar o globo, quem inda não tem dele plantado na imaginação outra idéia, que não seja mais que confusa: e pensais vós, Senhores, que desconfio de vossa atenção, quando trato da utilidade de uma tal Ciência, qual a Geografia,

que não só se faz (como mostrarei com a brevidade que em mim for) útil, e agradável, senão também necessária aos homens de todas as classes? Quando penso eu no quanto tem de agradável esta Ciência, parece-me que tenho à vista o Geógrafo no seu apertado gabinete percorrendo com a maior facilidade os mais arredados países: eu o vejo viajar por mares desconhecidos, apresentar-se às soberbas, e populosas Capitais, e até calcular o número de seus habitantes, mostrando com individuação o berço dos Heróis, que mereceram da posteridade tantas admirações, os lugares onde se tem decidido da sorte de tantos mortais; ele sobe às mais elevadas cordilheiras, ele desce a seus profundos vales; à sua vista aparece o generoso Português, o orgulhoso Espanhol, o jovial Francês, o melancólico Inglês; ele é excitado ao trabalho pelo aplicado Alemão; o Italiano é quem o vai resguardar da excessiva devoção: de um lado descobre a grosseira, e selvagem África, a magnífica Ásia, de outro a rica, a preciosa América; não se lhe ocultam as minas dos mais estimados metais, os jaspes, os diamantes, as especiarias, e as mais produções, que tem repartido a Natureza com os homens de diversos climas, parando surpellido (sic) da cor, estatura, e costumes de seus semelhantes. Porventura não é este um dos quadros, que merecem ocupar a nossa fantasia? Haverá acaso quem duvide da necessidade da Geografia? Digam se é ela, ou não necessária: os Estatutos deste Seminário tão sabiamente ordenados pelo nosso Prudentíssimo Prelado: que outra coisa, senão a sua necessidade, mostra o arranjo desta Ciência entre as aplicações primárias? Não foi esta sempre a ordem, que prescreveram todos os sábios? Esta a disposição, pela qual entenderam todos remediar a falta de conhecimentos, que requeriam as mais Ciências? Digam se é, ou não necessária (sic) esses fatos, que parecem unicamente estar derramados no corpo das Histórias para munir a posteridade de tantas, e tão irrisivas idiotices. Logo que Clemente VI faz doação das Ilhas Canárias a Luís, Conde de Clermont, o Inglês, Embaixador no Estado Eclesiástico, ouve a doação, e persuadido de ter o Soberano de Roma disposto das Ilhas Britânicas cheio de ressentimento deixa o lugar de seu Ministério, ele parte, voa, e chega à sua Corte a noticiar um procedimento de tão funestas conseqüências; o Parlamento, e seu Soberano olharam para o fato de um modo indiferente, e contemplam como efeito de um zelo patriótico igualmente que da falta de conhecimentos Geográficos: e dir-se-á ainda não ser a Geografia necessária ao Político? Ao Político, que indaga os interesses, e pretensões dos Soberanos nos Estados próprios, e alheios? Se Parmenião não fora acompanhado de alguns conhecimentos Geográficos, em vão se esforçaria a coragem de alguns poucos soldados a pôr no Trono de Dario a esse, que se arrogava o título de Conquistador do Universo: Alexandre não seria tão feliz em suas

expedições, se a seu lado não tivesse a um tal amigo, que lhe traçasse o plano para as conquistas: e tu, Dario, não gemerias sob o jugo de teu competidor, se atendesses aos que acertadamente te mostravam para um tal teatro as vastas campinas de Mesopotâmia: eis aqui como é esta ciência necessária ao Conquistador, e mesmo ao Soberano, enquanto deve segurar na testa a Coroa, que lhe cingiram seus vassallos. Sem esta ciência em vão trabalhariam a pôr-nos à vista tantos, e tão interessantes fatos essas penas infatigáveis; as histórias outra coisa não seriam, senão uma inútil exposição de fatos, que sem relação alguma aos lugares, produziriam em lugar de certeza, ignorância, e confusão: os Historiadores com as histórias viriam a sepultar-nos no abismo do esquecimento, fazendo-se inúteis, e enfadonhos aos demais homens. E qual será a mão temerária, que sem auxílios desta ciência se arroje a folhear essas volumosas peças, que com tanto lustre compõem as bibliotecas de nossos dias? Qual será a pena tão ousada, que sem inteiro conhecimento desta ciência empreenda desenhar este grande quadro, em que se vejam felizmente copiados os séculos com seus acontecimentos? Se alguma houvesse, que tal tentasse, as suas produções só seriam lembradas, enquanto dessem maior esplendor às censuras dos imperiais críticos. Quando jamais viram o mar Jônio os antigos Alemães? A grande distância, que mediava, não o proibiria? Aparece porém Ariano, e logo pela sua pena se vê violentado este mar a banhar as praias dos mesmos povos: ele o supõe em outro lugar bem arredado daquele, em que pela natureza fora constituído. Quem, segundo o testemunho de Sabélico, teria bebido as águas, e respirado o ar, de que gozam os Dinamarqueses? Seria o Alemão, o Sueco, o Noruego? Não, Sabélico lançou os olhos para o Oriente, e lá dos confins da Europa traz o Dácio, e obriga-o a contar por pátria aquelas mesmas Ilhas, que contavam os Dinamarqueses; Dácio, e Dinamarca é para ele uma, e a mesma coisa. Felipos não veria tão de perto a Farsália, nem o Hemo a Ematia, se Vergílio, e Floro fossem um pouco mais instruídos na Geografia. Mas para que é cansa-me em numerar defeitos ocasionados pela ignorância da Geografia? Eu tenho mostrado a dependência, que da Geografia tem a História, cuja necessidade há bem poucos dias foi com incontestáveis provas posta aos vossos olhos; sobre elas é que descansa a obrigação, a que estou cingido, de mostrar a necessidade desta Ciência. Quando pois, se viu nesta Província ler uma Ciência tão útil, e agradável? Uma Ciência tão necessária ao Comerciante pela compreensão dos diferentes gêneros nacionais profícuos às suas comutações? Uma Ciência enfim, onde vêm os Agricultores, e Náuticos combinar, e notar as situações dos lugares para a climatização dos frutos, os mares, enseadas, portos, cabos, baixos, e baías? Ela só nos aparece nos dias de um tão sábio Prelado,

que longe de restabelecê-la com o costumado zelo, com que fomenta as demais ciências, no-la vem fazer de desconhecida conhecida, de estranha familiar, alcançando assim ser não Restaurador, porém seu Instituidor.

Francisco de Sales Curado

Em que complacência e gosto, Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor, em que complacência, e gosto não deve abundar o vastíssimo Espírito de Vossa Excelência colhendo os sazonados frutos das searas, que com admirável vigilância sementou, vendo tão frutuoso o seu Pastoral trabalho. Grande a nossa ventura! se igualmente se realizarem em nós as pias intenções, e dóceis esperanças de Vossa Excelência, como até este ponto se há visto. Sim, doutíssimos Professores, eruditíssima Assembléia, passadas as literárias fadigas dos prolixos dias de um ano temos ainda de completar a nossa obrigação, de satisfazer em toda a extensão os sábios Estatutos que prudentemente nos regulam; à vista dos quais o Eruditíssimo, e amabilíssimo Professor, quanto foi possível, quanto o tempo deu lugar sabiamente nos instruiu nos úteis estudos de Geometria, e vem afinal trazer-nos à vossa respeitável presença para à face do Público darmos as provas últimas das nossas escolásticas tarefas, e da aplicação, que havemos feito a esta Faculdade, que sendo quase como a chave das Letras, Mestra da Literatura, Mãe de todos os inventos, elevação dos gênios mais abalizados, objeto somente digno dos raros talentos, e dos engenhos mais vivos, e mais agudos, é também aquela, a que privativamente parece ajustar o sublime, e respeitável nome de **Ciência**, como declara mesmo a etimologia do seu nome: **Mathesis, Scientia, Disciplina**. Esta é que nos oferece hoje toda a matéria do presente ato limitando-se tão somente nos pontos, e divisões, que as sortes nos destinam. Sendo eu pois encarregado de os declarar, e expor, dada primeiramente uma leve noção das diversas partes em que os Matemáticos têm dividido esta grande Ciência, direi finalmente os pontos, em que em cada uma delas se termina o presente exame.

Sendo, Senhores, as Matemáticas aquela Ciência, que tem por objeto toda a quantidade, tudo quanto é suscetível de acesso, ou diminuição, bem se vê o Mundo todo debaixo do seu vastíssimo império, dependente dos seus agudíssimos raciocínios, e seus científicos preceitos. Os grandes Matemáticos, seus constantes Professores indubitavelmente têm mostrado a elevação, e o merecimento à sua preferência nas utilíssimas descobertas, nos espantosos inventos, em que todo o Universo os respeita, e admira. Eles a têm dividido em muitas, e diferentes partes, das quais a primeira é a Aritmética, a qual servindo como de porta a todas as outras, trata só da quantidade discreta, que exprimimos por números: é a ciência de contar; considera

a natureza, e propriedade dos números subministrando sempre os meios mais fáceis de os calcular, compor, dividir, e simplificar. A segunda a Geometria, que versa sobre toda a espécie de extensão, comprimento, largura, altura, ou grossura. Esta, segundo a História, parece teve princípio no Egito, quando o Nilo nas suas maiores enchentes o inundava: ela se subdivide em cinco partes, trata das linhas, considerando somente o comprimento; da superfície, contemplando o comprimento, e largura; dos sólidos medindo todas as dimensões, que pode ter toda, e qualquer extensão, ao que indifferentemente damos o nome de volume, ou corpo. A Geometria comprehende a Trigonometria Retilínea, e a Esférica; aquella determina as posições, e dimensões de diferentes partes da extensão, conhecidas primeiramente algumas delas, devendo ficar todas no mesmo plano, e então dizemos plana, ou retilínea: esta porém, pelo conhecimento anterior de algumas partes da extensão, ensina a determinar as outras, ficando contudo em diferentes, e diversos planos, e então tem o nome de Esférica. A terceira a Álgebra, que tem por objeto dar os meios de reduzir às regras gerais a resolução de todas as questões, que se possam mover a respeito das quantidades, sem que dependa do particular valor de cada uma delas: esta não se limita aos mesmos caracteres da Aritmética, mas usa das letras alfabéticas para assim nos deixar sempre manifesto o modo, e vestígios das operações, representando sempre todas as relações, que se dão entre as quantidades. A primeira parte expõe os princípios do cálculo das quantidades literais, ou alfabéticas, e se diz análise finita, ou Álgebra, ensinando igualmente a sua aplicação à Geometria. Na segunda comprehende o cálculo diferencial, ensinando o modo de descer das quantidades para os elementos; e integral, ensinando tornar dos elementos às suas quantidades. Aqui tomando-se em outro ponto de vista as quantidades, considerando as diversas variações, em que se podem alterar, se forma um novo objeto, e consequentemente outro ramo de Análise de muita utilidade, principalmente nas ciências Físico-Matemáticas, e Mecânica. Eis aqui as principais partes desta Ciência, donde tiram o seu princípio, e fundamento todas as que dela dependem, como a Astronomia, introduzida na Grécia por Tales, Meton, e Eudoxo, cuja perfeição toi buscar ao Egito a Geografia no tempo de Homero, e Heródoto, ilustrada pela navegação, e comércio, especialmente nas grandes conquistas de Alexandre.

Nós porém, que infelizmente faltando o tempo não chegamos aos seus últimos períodos, terminamos na primeira parte d'Álgebra o presente Exame: ou vou expor, e dizer-vos os diversos pontos, em que ele se limita. Conformando-se aos Estatutos o nosso sapientíssimo Professor, fez lançar sortes sobre as divisões, que praticou nas matérias a que nos applicamos este presente ano: elas nos destinaram na Geometria a comparação das superfícies, e o tratado dos planos

desde o número 157 até 203, na Algebra as equações lineares a uma incógnita, desde o número 53 até 73; ficando vaga a Aritmética, sem que nos limitemos a parte alguma dela, segundo se conclui dos mesmos Estatutos, e é de costume. Estes os motivos das vossas perguntas, e das nossas respostas, estes os termos em que se compreende toda a matéria, em que temos a honra de ser por vós interrogados, e benigneamente examinados. Ah e que receio não deve ser o do réu na presença do Juiz, que vem decidir da sua sorte! Justo é pois o nosso temor, e pejo: não espereis portanto de nós respostas iguais à sublimidade, e elevação dos vossos conceitos, e das vossas interrogações; mas esperai-as tão simples como naturais, e próprias de humildes discipulos, que nem apenas têm feito um sensível trilho no extensíssimo Campo das Letras.

Este, Senhores, parece devia ser o termo do meu discurso, os limites de minhas rasteiras idéias, contudo se o tempo não fora tão breve, e a ocasião permitisse demora, eu daria um passo adiante, tocaria inda que muito de leve, falaria suposto que sem energia, mostraria de algum modo a necessidade, e úteis conseqüências das Matemáticas, não ousando mais, do que despindo-me primeiro do amor de Aluno, de tudo que é capaz de causar aferro, confessar-vos com verdade os meus sentimentos, e sem receio declarar as principais razões, que altamente convencem o meu espírito, e me persuadem da necessidade, e utilidade desta suma, profícua, e amplíssima Ciência, que fundando-se em infalíveis evidências, e puras verdades, só é capaz de arrebatrar a nossa atenção, de garantir-nos de ilusões, e escuridades, de tirar-nos de toda a dúvida: eu faria lembrar-vos a inação, e abatimento das disciplinas, das ciências, das artes, e de todo o conhecimento humano, muitas delas inteiramente desconhecidas, o seu esplendor de todo ofuscado naqueles tempos, em que ainda não florescia as Matemáticas; veríeis os fundamentos que elas sempre deram a umas ciências, e os socorros com que adiantaram a outras. As Físico-matemáticas, geralmente a Mecânica, sendo o princípio, e base do seu aumento, e da sua vantagem. Quem jamais faria progressos na Literatura? Quem conseguiria com perfeição os fins, e a maior utilidade das ciências, e dos estudos? Elas não teriam chegado ao seu auge, se o Egito ainda hoje desconhecesse a Geometria, se Tales Milésio, Pitágoras, Anaxágoras, Platão, e Euclides não a tivessem lá excogitado, ou pelo menos cultivado, e ilustrado. As Nações, os Impérios, os Reinos, as Cidades, o Estado, a Sociedade, o Mundo inteiro jazeria ainda abatido na indigência, em que principiou, e jamais conheceria o esplendor, e riquezas, de que goza, não teria adiantado com passo tão largo a sua promoção, e utilidade, e se acaso algum infinitamente e limitado desse, com que trabalho, e dificuldade sem o útil invento das máquinas, grande socorro das Matemáticas? A Hidrostática, a Física, a Química, a Filosofia, a

Geografia, a Astronomia, toda a Arquitetura, e boa ordem dos edifícios, e da Navegação, a Escultura, a Grafis, (sic) quero dizer o Desenho, a Pintura, e a Mecânica: tudo enfim, tudo se deve em grande parte à Geometria; a esta Aristóteles deve o nome, Platão a fama, Arquimedes a reputação, Newton o triunfo, e a sua imortal memória; a Grécia, e Atenas seriam ainda desconhecidas, se Tales, Eudoxo, e Fateas não as ilustrassem, e instruissem; quem jamais fez admirável a Alexandria? Quem lhe deu o nome de asilo das ciências, senão Eratóstenes, Hiparco, e outros grandes Matemáticos? Quem jamais ignora a decadência, e frieza, em que estiveram as ciências no longo tempo quase de 2000 anos desde Pitágoras até Cartésio, que nos veio ensinar a admirável aplicação da Álgebra à Geometria, e desta à Física. Feliz descoberta de uma utilidade indizível, que ditosamente vem animar os sábios, e levar as ciências por breves, e fáceis caminhos ao seu auge, ao grau, em que hoje as vemos, e respeitamos! Já não quero lembrar a ordem, sistema, método, clareza, e evidência das Matemáticas; nem é preciso mostrar-vos, que só a Geometria é capaz de dispor com perfeição a nossa mente, dar método, e ordem aos discursos, arranjar idéias, ligar com destreza raciocínios, estabelecer princípios, deduzir legítimas conclusões, e remontar-nos ao mais alto conhecimento, de que naturalmente seríamos capazes; nela pois se encontram os melhores fundamentos para bem filosofar, e descobrir as verdades, nela se adquire a Lógica mais pura, e mais sã, que muito longe de amontoar, e confundir regras, se ocupa toda em facilitar-nos, quanto é possível, a prática delas; em uma palavra, encontram-se outras muitas razões, e infinitos motivos da sua utilidade. Eu seria demasiadamente extenso se intentasse expô-las, e indiscretamente ir-me-ia precipitar no terrível abuso da vossa atenção, e benignidade. Permitti-me ultimamente, em consequência do que acabo de dizer e verdadeiramente se deve entender, permiti-me uma expressão simples, e sem figura; a Geometria é a mesma Ciência em que devêramos dar os primeiros passos na República Literária: **Studia ordinato. Ea praecedant, quae aliis lumen praeferunt**; tal era o sentimento dos grandes gênios da Antigüidade, de Platão, de todos os Acadêmicos, que no magnifico portal dos seus ginásios ofereciam ao Público esta inscrição: **Nullus Geometriae expers intrato.**

Não acrediteis jamais, Senhores, sinceramente vos falo, que eu tivesse em vista, e nem tentasse em razão de Aluno fazer elogios à minha Faculdade, fundando atrevidamente a sua apologia na ruína e abatimento de todas as outras, mas apenas muito de longe dar uma pequena idéia do merecimento, distinção, e preferência, que de justiça se deve à Geometria, o que presentemente todos os Doutos confessam, e nem algum o nega. Eu acabo já, mas que haverá quem me embarace, quem me obrigue a calar, e deixar em silêncio a grande

felicidade da nossa Pátria, e obrigação em que devem estar os nossos Concidadãos? Do mesmo modo pois, que a Grécia deve tanta glória, e fama aos Sábios que a ilustraram, Atenas aos Legisladores que a aumentaram, Roma aos grandes Imperadores que a defenderam, aos Máximos Pontífices que a distinguiram, aos famigerados Oradores que animaram a sua República, e Jerusalém a Esdras, que a reedificou; semelhantemente, e nada menos Parnambuco deve a sua glória, e plausível estabelecimento das Letras, a sua fama, o seu crédito, todo este aparato, uma nova Universidade fundada na sua Capital mesmo quando existia em total indigência, e desprezo, tudo deve ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho nosso Humaníssimo Pontífice, que felizmente governa a Igreja Olindense, a quem de rigoroso direito, e justiça devemos todos uniformemente tributar infinitas gratificações, e agradecimento eterno.

Em que sem merecimento, Sumo Melquisedeque, tive a honra de falar na vossa presença respeitável, jamais me esquecerei de implorar o vosso grande patrocínio, e cheio de reverência pedir a [a]bençõeis (sic).

Tão indigno e humilde súdito

José Antônio.

ELOGIO

Os prazeres, benigno Professor, as glórias, os transportes de alegria, que presentemente dominam o meu espírito, e o ardente desejo, que tenho de dizer coisas dignas de me fazerem admitir no número dos vossos Alunos; sobre o grande objeto, que como um peso imenso faz curvar meus ombros; são os justos motivos, que tenho de lançar mão da árdua empresa, a que me abalanço, e à grandeza do assunto, que vou propor.

Este grande assunto, vós bem sabeis, que são os virtuosos feitos de um Prelado Sapientíssimo, de quem tenho a honra, e glória de me mandardes falar; julgando nele um proveitoso ensaio da Arte que exercito, que sendo-vos tão estimável, não deixará de merecer a vossa docilidade.

Sim, eu vou falar deste Herói, deste grande Herói, ornado de todas as virtudes, Cristãs, Morais, e Políticas, como o atesta a persuasão universal, e eu quereirei mostrar, se a cândida verdade me inspirar idéias brilhantes, sublimes pensamentos dignos deste grande objeto; dando-vos bem a entender, que não é a glória vã dos meus estudos, não é o esplendor estéril de falar na vossa presença, não é a desvanecida lisonja da política; quem me incita a solenizar as ações

virtuosas de um Preludo Respeitável. É, sim, a virtude, que sabe caracterizar os progressos dos Príncipes, a virtude que sabe fazer em séculos os seus nomes recomendáveis, a virtude que sabe imortalizar os seus passos em benefício dos homens; esta é, Senhores, esta é sem dúvida quem vai no dia de hoje formar o Elogio do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Bispo Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

Vós, eloquentíssimo Professor, Instruídos e Respeitáveis colegas, prestai-me benévolos as vossas atenções, que não pretendo dizer coisa que não seja digna de tão inteligente Assembléia, dos nossos Estudos, ainda dos nossos ouvidos.

Sim, Senhores, sempre tem feito Época na História dos séculos as ações heróicas dos Príncipes, dos Soberanos. Estes Grandes se imortalizam pelas ações dirigidas ao bem da Humanidade; pelos socorros que repartem com aqueles, que se acham cercados da impossibilidade; pelos grandes úteis que edificam a favor do Público; pela virtuosa benevolência com que nos elevados Tronos atendem ao grande, ao pequeno; pela poderosa mão com que favorecem as Letras, as Artes, as Ciências.

E que, Senhores! Que ações destas ainda não sobram ao nosso Excelentíssimo Bispo Governador? Ele não tem sido aquele, que tem trazido aos nossos dias o último limite até onde pode chegar a virtude? Não tem sido aquele, que pelos seus sábios, e virtuosos feitos, tem estabelecido uma Época que será eterna? Não tem sido aquele, que desde a sua feliz promoção, se entrega ao bem da Humanidade? Não tem sido aquele, que com prudência, e piedade favorece aos necessitados? Não tem sido aquele mesmo, que tem feito monumentos a favor do bem Público? Não tem sido aquele único, que suspendeu nesta Olinda o profundo esquecimento em que viviam as Letras, as Artes, as Ciências, restaurando-as para os nossos dias, para os nossos vindouros? Não tem sido aquele primeiro, que entre os Possuidores da Mitra de Pernambuco, tem feito a imensidade de ações virtuosas, que, por não ser extenso, deixo sobre a discrição das vossas memórias, sobre a recordação das vossas notícias?

Só me ocuparei com aquelas que presentemente mais nos arrebatam, com aquelas que a cada instante se praticam entre nós, como vereis lançando as vistas para qualquer dos lados; aumentos que em tão pouco tempo a todos tem admirado; copadas ramas das Artes, das Ciências, que secas estavam (como bem sabeis) em um total abandono; e todo seu fruto era o medonho estado em que jaziam sepultadas em uma escura ignorância.

Qual não foi o incansável zelo, com que este grande Benfeitor trabalhou para mudardes de sistema, e reparar tantas, e tão grandes ruínas que trazem após si a total decadência das Letras? O primeiro

entre o número sem conta de esforços que fez para estabelecer esta felicidade aos Pernambucanos, acha-se exuberantemente provado nos sábios, prudentes, e escolhidos Professores, que benévolos, e docilmente nos comunicam as luzes das Ciências, desejando por meio delas o aumento da nossa instrução.

A mais evidente prova da sua sabedoria, e grande amor com que zela o bem deste Bispado, se acha profundamente gravada nas nossas lembranças, deduzida desde aquele dia 16 de Fevereiro de 1800, em que magnanimamente fez criar nesta Cidade a pia, e presente obra deste Seminário, de cuja sombra nós fomos os primeiros alunos, onde confessamos ter encontrado a mais sólida felicidade.

Não haverá quem não admire o decoro desta observância, não haverá quem ignore o ser sábio quanto tem de útil ao bem do homem; não haverá finalmente quem reprove os nossos projetos em busca deste bem: conhecendo que o ser sábio é o melhor dote que pode possuir o homem; é o alicerce das suas virtudes; sim, o ser sábio é decidir das dúvidas, que de contínuo embarçam ao homem, desgostando-o de si mesmo, enquanto não acha quem o dirija, e encaminhe nas trevas que o envolvem; o ser sábio, é ilustrar-se por si mesmo, sem necessidade destes acidentes que enobrecem só enquanto dura a convenção, que os homens fazem entre si; enfim o ser sábio, é o que se acha de melhor neste mundo, e o que mais ajuda, e faz ser feliz no outro.

Exultai de prazer, Pernambucanos! Combinai o pretérito com o presente! Chamai, chamai os vossos distantes, ainda Países diversos; que venham a Olinda, venham admirar a sábia conduta de uma boa educação! Que penetrem o íntimo do seu Instituidor, e o verão cheio de si, animado das grandes luzes da sabedoria de que é dotado, manejando os mais árduos negócios do interesse público, prescrevendo a mais bela, e importante máxima a favor deste mesmo Bispado.

Já deixo em silêncio a Magnificência para os Templos, a Clemência, a Piedade no zelo da Justiça; o amor, e ternura com que trata o Eclesiástico, o Secular, e o Regular: a prudência, e eleição de promover as Freguesias: a caridade para os pretendentes: em uma palavra a virtude, e generosidade para as recompensas. Lembro-me só de que sendo as delícias do Sacerdócio, veio também a sê-lo desta corporação, em que não só aprendemos a servir a Deus, e à Igreja, como a obsequiá-lo, respeitá-lo, estimá-lo, que assim devemos, utilizando a todo este feliz Bispado, e a nós principalmente, que em um dia esperamos dele todo o nosso benefício; e por anos as nossas felicidades.

Que heróica! Que singular! Bela, e santa educação se nos não prepara, amantes Colegas! à sombra de um Seminário, cujo Estatuto é um sublime modelo de máximas virtuosas; deduzido das sagradas

mãos de um Prelado que fará eterna glória de Pernambuco. E que vantagens? Respondei, respondei, felizes Pernambucanos; que vantagens tão grandes não se seguem desta virtude a benefício dos vossos Patrícios? Participa-se das Letras, animam-se as Artes, exaltam-se, realçam-se as Ciências, que são os primeiros movimentos da Razão.

Mas ah, Senhores! Que campo tão dilatado, que heróica ordem de novos fatos, e idéias brilhantes se me recordam desde o fundo da minha alma! Não é possível escrever em particular, e no breve círculo deste discurso tantas virtudes. Eu abusaria das vossas paciências, e seria desfigurá-las se pretendesse debuxá-las com o meu grosseiro pincel; mas em poucas palavras vos darei a entender a mais diminuta parte da grandeza que me ocorre.

Atendei, qual não seria a alegria, e contentamento do nosso Augusto Soberano, o Clementíssimo Príncipe Regente nosso Senhor, aquele Monarca, que tendo o especial dom de conhecer, escolheu para nos governar, para nos ordenar a um Azeredo, que tem aumentado com a grandeza das suas virtudes as nossas felicidades.

Pensai, refleti! Qual não seria o prazer do nosso Príncipe, quando aos seus ouvidos a notícia, de que já se achavam restauradas as Letras em Pernambuco, e fundada a memorável obra de um Seminário no meio do seu Estado, conhecendo que tudo é dirigido para utilidade do Reino, para maior glória, e exaltação da Coroa, para aumento, e felicidade dos seus vassallos Portugueses; tudo ordenado, e distribuído pelo virtuoso, e inteligente José, seu particular escolhido?

Oh! quanto, quanto não devemos ao nosso Soberano! protestando-lhe com os mais solenes votos à face do Universo, e dos altares um ardente amor, uma eterna fidelidade, pedindo ao Deus Imortal, Ótimo e Máximo, que lhe prospere, e dilate a vida por tantos anos, quantos lhe desejam os grandes votos dos vassallos Pernambucanos, para continuação e perpetuidade de todos os fiéis Portugueses.

E vós, ó virtude boníssima de um Prelado! Virtude que tem sido a admiração da nossa Pátria! Vivei, governai anos dilatados, o Tempo vos respeite enquanto a Fama vos desenha bronzeadas estátuas de uma eterna memória!

Virtude que não se compara! Tu só, tu só soubeste inspirar no nosso Bispedo um caminho de virtude, um sistema pacífico de Ciência, no meio do horror, e consternação geral de tantos contrários.

Virtude que não se compreende! Tu só, tu só tens o precioso dom de te apresentares à testa de tantos Súditos Benigno, Afável, Generoso, Forte, Justo, Pio, Magnífico, Constante.

Vós, ó Colegas afortunados, bem tereis percebido, que de nenhuma sorte nas minhas forças cabe encher o Elogio a que me propus. Nos meus talentos débeis, na minha balbuciente pronúncia não cabe exagerar, e amplificar a Virtude.

Estudai-a, observai-a, contemplai-a no respeitável semblante do nosso Prelado; estudai-a no Governador de Pernambuco; estudai-a no Benfeitor deste Seminário; estudai-a no Restaurador das Letras; estudai-a por último no Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

Disse.

Manuel José Rodrigues da Silva.

Depois de recitadas as mais brilhantes peças de eloquência, Reverendíssimo, e Sapientíssimo Padre Mestre, depois de recitadas as mais brilhantes peças de eloquência, depois de admirada a sublimidade dos mais férteis engenhos, venho eu ultimamente mais que nunca perturbado, falar daquele mesmo Herói, cujas virtudes tão sabiamente se tem elogiado.

Ah! e como poderei desempenhar tão árdua empresa, se intento temerariamente louvar um Príncipe, cuja grandeza, por qualquer lado que a vejo, me assombra, se como fraco Pigmeu me atrevo a submeter os ombros a um peso, com que vergarão os mais robustos Gigantes? Eu conheço que o seu elogio pede outros anos, outros estudos, e outros talentos, que a fortuna, e a natureza mesquinhas me negaram.

Mas quê? Sujeitar-me-ia antes a tão covarde recio, do que à obediência que vos consagro, e ao respeito que devo a este Herói? Quando todos os Condiscípulos entoam os seus aplausos, só eu guardaria silêncio, porque a minha voz não iguala o Canto dos Cisnes? Antes persuadindo-me que por isso mesmo serei mais digno da vossa indulgência, e que a pobreza de engenho, e simplicidade de estilo concorrem mais para a grandeza do meu Herói, por isso mesmo que são menos suspeitas, levanto já sem medo a débil voz, e avanço a preposição tão elevada, qual é = as Virtudes deste Príncipe no Governo Civil e Eclesiástico; objeto por si mesmo tão importante como digno das vossas atenções.

Não podemos ter um argumento mais palpável, nem prova mais evidente da Sabedoria divina, não podemos conhecer o amor e piedade do Onipotente, nem de outra sorte mais justamente admirar a bondade do Criador, do que pela inalterável ordem em que conserva o seu povo, dando-lhe os mais justos e santos Diretores.

Os antigos Patriarcas Abraão, Isaac, Jacó, segundo a natureza, que consolações, que doce paz não derramavam no seio de suas famílias? Salomão quem mais sabiamente fez a felicidade do seu povo? Josias, Josafá, Ezequias, que mais justos Reis? Mas para que é recorrer à antiguidade? Que testemunho mais autêntico do que aquele Herói, debaixo de cuja mão Pernambuco presentemente respira? Debaixo de cuja direção ele floresce, e se aumenta?

Ah! que felizes não somos na proteção do Senhor, que nos deu um Chefe perito, um Pastor prudente, e vigilante, um Pastor digo, que é o asilo da verdade, apoio da inocência, que é a defesa da Religião, modelo da probidade, coluna da Justiça, Herói da santidade, que é... mas faltam-lhe as expressões, escurecem-se as idéias, não sei dizer o que penso; porém eu concludo, eu acabo enfim de dizer tudo, dizendo o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

Este grande nome só forma um elogio completo, ele só pronunciado nos dá as idéias mais sublimes de justiça, e santidade, e sem carecer de mais louvores ele só enobrece a tão grande Herói, ele só finalmente dentro do estreito tempo do seu governo nos oferece provas incontestáveis das suas grandes virtudes; porque se o consideramos como um Chefe político, os benefícios com que de dia em dia nos vai enriquecendo, em altos brados estão mostrando a política e civilidade companheiras da sua sabedoria, e prudência.

Sim, quem há neste Continente que se atreva a negar a retidão, e inteireza do seu governo? A que culpado faltou já o castigo? A que inocente a justiça? A que aflito o patrocínio? A que necessidade a providência? A que lei a observância? Em que funções do bem público se não tem mostrado diligente, benéfico, e liberal?

Se o olharmos como um Pastor Eclesiástico, com que vigilância não vagia sobre as suas ovelhas? Com que afabilidade não trata igualmente o rico, o pobre, o grande, o pequeno? Quem já viu alterar-se o seu espírito senão contra o vício? Quem em todo o gênero de virtudes não descobre nele exemplar para seguir, modelo para imitar? Quando deixou ele de desempenhar o Evangelho exemplificando o seu povo? Além disto que argumento mais concludente, ou que prova mais certa do seu grande zelo, do que a criação, a útil criação desta Casa? por meio da qual confirma novos doutores em Israel, cortando a cabeça ao terrível monstro da ignorância, que soberbo havia arrastado ao carro do seu triunfo até os Ministros do Santuário.

À vista disto haverá quem se atreva negar esta verdade? Quem não dirá que na sua pessoa renasce o Moisés escolhido para o governo dos Hebreus, ou para melhor dizer o justo Arão, a quem o Onipotente entregou a prodigiosa vara do seu poder?

Por ventura o Mundo inteiro não adorará, não respeitará seu nome, lendo seus sábios e imortais escritos? Por ventura... mas até onde querem ir minhas fracas expressões?

Eu, Senhores, cansaria, se entrasse no difícil projeto de individuar todas as ações, e virtudes deste Herói, e reduzi-las a certos períodos de uma breve descrição; seria o mesmo que se louco intentasse esgotar em pequena concha o Oceano imenso.

Elas não só pedem outra extensão, que a história suprirá, mas também panegiristas, que excedendo na eloquência aos Cíceros, aos Esquines, aos Pércles, aos Demóstenes, possam desempenhar tão sublime argumento. Eu, portanto deslumbrado com o clarão do seu resplendor já emudeço, contentando-me somente com o Céu dilate por anos infinitos a vida de um Pastor tão Sábio, Vigilante, e Compassivo.

Francisco Gonçalves Ferreira Magalhães.



DISSERTAÇÃO
SOBRE A HISTÓRIA
EM EXAME PÚBLICO
POR
MANUEL DOS REIS CURADO,
Porcionisa do Seminário de Olinda,

Considerando eu muitas vezes, Ilustríssimo e Digníssimo Prelado, e Respetabilíssima Assembléia, considerando eu muitas vezes, o quanto árduo, e perigoso seja dissertar sobre qualquer matéria diante de homens eruditos, onde pela variedade de engenhos qualquer discurso lhes não merece atenção, faltam-me as forças, desmaio: porém caindo em mim a sorte de dissertar sobre a História, julguei ser indecoroso tirar os ombros à determinação magistral, apesar de conhecer os meus pequenos talentos; e ainda que o meu discurso não tenha aquela beleza, e energia, que o poderia fazer agradável, contudo suprirá ao sublime a superioridade do meu objeto, a História, essa Ciência, que é tão útil, e tão necessária ao homem, que jamais poderá alcançar o nome de verdadeiro sábio, e desempenhar o dever, o caráter de homem de bem, sem que esteja nela profundamente instruído.

É mais útil, e mais agradável ao homem aquela ciência, que prescreve regras, fornece modelos, e instruções ao mesmo tempo, que ornando seu espírito de todos os conhecimentos, de que é capaz, mostra-lhe princípios de honra e probidade para o fazer bom Cidadão; certamente a nenhuma pertence mais este caráter, do que à História, essa Ciência da Religião, dos fatos, dos usos, dos costumes; este mapa, que põe debaixo dos olhos carcomidos e mirrados fatos desde o mais remoto século da Antigüidade, para que refletindo sobre eles desabuse seu espírito, e adquira o respeitável nome de homem de bem, fazendo estancar e sufocar o abuso, e a ignorância, a superstição, o espírito de partido; sim, Senhores, ela, ela mesma é que dá o gosto da verdadeira glória, que inspira o amor à pátria, e motivos de a bem servir, que ensina a preferir o bem público ao particular, que nada mostra senão o dever, nada estimável senão a exatidão, e equidade, nada consolante senão a aprovação das gentes, nada mise-

rável senão o vício, nada que mais o intimide, do que o juízo durável e incorruptível da posteridade. Acaso não é ela, que faz distinguir a verdadeira da falsa Religião, ver o aumento ou decadência das Repúblicas, dos Impérios, com que política subiu ao Trono este Monarca, com que proceder decaiu aquele outro, que comércio tem enriquecido, ou empobrecido as Nações; a origem, os progressos, a ruína das Ciências, das Artes; que Sábios, que Capitães, que Reis têm havido; circunstâncias as mais instrutivas, e interessantes, que formam tão vastos, e profundos conhecimentos? O grande espaço dos séculos, o conhecimento do gênero humano é o termo das nossas indagações, a maravilhosa variedade os sucessos, que tantas vezes mudaram a face do Universo, em uma palavra os objetos, que a História lhe põe à vista têm correlações mais íntimas com ele mesmo; o homem ignorando-as estaria, como estrangeiro, na sua pátria; não conheceria a humanidade, e por consequência as luzes lhe faltariam para conhecer o destino, que o une aos seus semelhantes. Na verdade não há algum erro, alguma preocupação nociva, de que a História não possa preservar-nos com a descrição das loucuras, que desviaram, e perderam aos homens. Porventura há algum vício, de que não pinte multidão de exemplos, a deformidade, e as consequências? Alguma virtude, cujo amor não inspire, consagrando a memória das pessoas virtuosas? Alguma circunstância única da vida, para a qual não se apliquem utilmente as suas lições? Que combinações de idéias, que conhecimentos proveitosos não alcança pelas suas reflexões? Que emenda surda não recebe para seus desordenados costumes pelo motejo, e repreensão do vício? Que fadigas, que erros, que desassossegos, que contradições não teria o sólido o crítico Jurisconsulto, se a História não houvesse enchido o seu entendimento de conhecimentos, notícias, origens das Leis, e disposto seu espírito para distinguir, equilibrar a justiça com a equidade que nelas se acham misturadas. Em vão o incansável Filósofo faria indagações sobre a natureza, se a História não lhe mostrasse o caminho; em vão trabalharia curvado sobre os Códigos o pio Teólogo em buscar a genuína inteligência, se a História lhe não cortasse os espinhos, de que abundam. Que homem haverá desde o Trono dos Reis até o gabinete do Filósofo, que diga ser inútil ao seu estado a História? Cícero a denomina luz dos tempos, monumento dos sucessos, testemunha fiel da verdade fonte da prudência e norma dos bons costumes; e Sêneca escola comum do gênero humano. Que elogio maior lhe poderei dar, do que o que lhe deram estes grandes homens? Plutarco nos ensina, que o velho Catão, esse austero Censor, cujo nome e virtude tanta honra causou à República Romana, não procurou outra escola para a instrução de seu filho, senão um livro de belas histórias dos grandes homens, esses antigos modelos da probidade e virtude, persuadido

ser ela a escola do bom gosto, da moral, cujo principal efeito é dissipar as falsas preocupações, que bebidas com o leite vão sufocar a semente da virtude, e produzir a do vício. Finalmente é ela, quem multiplica as idéias do homem, e as faz mais claras, mais distintas pela representação da verdade, e do que não merece senão desprezo, e indiferença, desenterrando do grande montão da Antigüidade para guia, e modelo, os homens os mais esclarecidos, e mais sábios, que passando por um exame rigoroso de tantos séculos, de tantos povos, e sobrevivendo à ruína de tantos Impérios, vem a merecer por todas as idades seguintes em comum sentimento serem os Árbitros soberanos do bom gosto. E para que me é necessário passar mais tempo a provar a utilidade e necessidade da História? Não são estas razões assaz bastantes para persuadir a sua necessidade? E Vós, Virtuossíssimo Prelado, Grande Melquisedeque, não fostes aquele mesmo, que no plano dos vossos estudos, segundo o sentimento de todos os doutos, pusestes esta grande Ciência entre as preliminares, ante-vedo, que sem ela caminha o homem com passo débil para as mais Faculdades? Sim, Vós, Vós mesmo fostes, que tendes em Pernambuco debruçado a tortuosa face da triste ignorância pela instituição do vosso Colégio, eterno monumento do vosso Zelo, da vossa Benignidade, fazendo brilhar as Artes, e as Ciências, principalmente a História, única escola da Moral, e da Virtude.

Conhecendo o homem, Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor, conhecendo o homem a necessidade, que tem de aperfeiçoar o ser, de que o fez digno o Supremo Criador, deve contar-se entre as suas obrigações a cultura da sua razão, por isso mesmo que como ente racional se distingue dos brutos; e logo que não a cultive, apresenta-se pior que eles. Se refletir o mesmo homem nos disparates, e contradições, a que fica exposto pela falta da perfeição da sua razão, tornará a si, e dará uso às faculdades da sua alma. A razão, se bem que corrompida pela primeira culpa, contudo distingue o bem do mal, e depois de ilustrada é bastante para reger ao homem naquelas coisas, que não são superiores à sua capacidade. Ilustra-se a nossa razão na investigação da natureza, e no que está sujeito aos nossos sentidos; e como nenhuma outra Ciência tem por objeto a contemplação de todas estas coisas, senão a Filosofia, por isso mesmo que é o estudo da verdadeira Sabedoria, segue-se que a Filosofia é que aperfeiçoa a mais nobre faculdade da nossa alma. É bem patente o que dela tem dito a Antigüidade; a mesma experiência tem dado a ver os saudáveis frutos que colhem, os que cultivam esta tão necessária Ciência a quem a mesma Sagrada Escritura exalta com o nome de Sabedoria. Nada nos é mais preciso, do que a preparação do nosso entendimento para bem discorrermos, o estabelecimento de princípios verdadeiros, donde se sigam legítimas conseqüências, e

ultimamente fixarmos o termo até onde as Leis das Sociedades, de que somos membros, nos permitem o livre exercício das nossas ações; e como seja este o principal objeto, sobre que versa a Filosofia, tanto Racional como Moral, daqui se conhece a necessidade, que dela temos. A matéria do nosso exame oferece-nos uma grande prova da sua necessidade; porque principiando pela Lógica, vejo no Liv. I o Capítulo IV, que trata sobre os erros, que nascem dos afetos, no Livro IV o Capítulo IV do modo de conhecermos os erros dos Livros, a sua genuidade, e integridade, e no V o Capítulo IV sobre as formas de raciocinar; na Metafísica na Parte III o Capítulo IV sobre os Atributos Morais de Deus, e da origem do mal, e o V da Religião que se deve a Deus em geral; na Ética finalmente na Parte IV o Capítulo I sobre as formas da República, e do sumo Poder, o III do cuidado do Imperante a respeito do entendimento dos Cidadãos, o V sobre a necessidade, jocundidade da vida, e sobre a honra dos Cidadãos, conhecimentos bem dignos de ocupar a mente humana, e que bem mostram, que o Filósofo não tem por principal fim, senão a indagação da verdade, e por isso faz todos os esforços por passar o seu entendimento das idéias simples às mais sublimes, e abstratas, e por adquiri-las sempre clara, e distintamente, a fim de dar à sua vontade um diretor suficiente. O homem que enche a idéia de Filósofo é superior aos outros, porque pela sua mesma razão conhece a bondade, e maldade das ações, não segue as opiniões populares, despreza as vaidades, não se contenta com ver as coisas, mas procura os princípios delas, dá ultimamente a razão, discorrendo pelo mais bem excogitado modo, reprime os fatos excitados além da razão, e abraça aqueles que são regidos por ela; o seu espírito, como livre, não penetra as coisas acanhadamente, mas atreve-se a romper caminho por entre os labirintos, e enredos de contradições, e afinal não fica como estúpido, admira as obras do nosso Criador, vê o nexa das coisas criadas, investiga todas aquelas, que não são superiores à razão humana, tem sempre presente os seus ofícios, trabalha por conformar as suas ações com as Leis, tem a sua alma imbuída nos conhecimentos gerais, e particulares pertencentes à vida Civil, e Moral, tendo sempre por objeto o promover o seu bem, e o dos seus semelhantes. Não me seja necessário fazer uma fiel enumeração dos caracteres do Filósofo, e nem trazer à lembrança algum desses Heróis passados: em o Nosso Excelentíssimo Prelado, o Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho temos um vivo retrato do verdadeiro Filósofo; porque logo que a Divina Providência o destinou para Bispo de Pernambuco, as suas primeiras vistas foram o promover o bem dos seus súditos, e tendo bem presentes os ofícios de Imperante, e a necessidade em que estava o mesmo Pernambuco de conhecimentos tão indispensáveis, e úteis à República, obteve de

Sua Alteza Real que se realizassem as suas primeiras idéias, fazendo erigir um Seminário, obra tão recomendável nos Concílios, a prova mais evidente de um Espírito elevado, enobrecido de ricas idéias, e que não discorre, senão de um eminente modo, e o remédio mais saudável que podia aplicar à usurpação, e à ruína total, a que estava sujeito o mais apreciável dom do homem. Objeto este que por si mesmo tem sido bastante para fazer sair as cores ao rosto aos arrogantes, e soberbos defensores da ignorância, e discípulos da frívola razão, e que embora tenha servido de manjar à faminta senha da mordacidade, e a esses inimigos do bem público, e desconhecedores da necessidade, e utilidade das Ciências: contudo deverá ser o monumento que conduza até os vindouros séculos o seu zelo, e Pastoral cuidado. E queira o Onipotente abençoar as vossas Pias Intenções, e fazer com que os vossos trabalhos sejam proveitosos, apresentando ao vosso Bispo Ministros que sirvam de glória à Igreja, e de aumento à Pátria, o principal, e único fim, que pretendeis.

Francisco Gregório Pereira Façanha.

Não tendo nós, Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor, não tendo nós outros livros, por onde adquiramos o verdadeiro conhecimento de Deus, e dos seus Atributos, senão a Escritura, e a Natureza, não devemos fazer uso só de um, lançando no esquecimento o outro: portanto não pareça ser coisa estranha de um Eclesiástico aplicar-se ao estudo das Ciências naturais, por isso mesmo que os seus fins concorrem para o nosso maior bem, aperfeiçoam as faculdades da nossa alma, e o estado externo, além de excelentíssimas na variedade das coisas de que tratam. Porquanto por meio das Ciências naturais passamos a considerar no interior a íntima natureza, estrutura, ordens, fins, causas de todas as coisas, e particularmente o mesmo Deus, por cuja contemplação, e possessão tão somente somos benaventurados. São assaz úteis por isso que pulem as artes necessárias à vida humana, e nenhuns estudos há, que mais aumentem a capacidade da nossa alma, do que os das Ciências naturais, e que com eles se destrua dos nossos ânimos aquela admiração, e horror supersticioso, de que nos achamos afetos. Não há uma só parte destas Ciências, que com razão se possa chamar um estudo de simples recreio, ou de mera especulação, mas sim um estudo por necessidade; porque ainda que os entes animados, que fazem o objeto do nosso exame, e que se tratam na Zoologia na Classe V, pelo seu diminuto volume, mereçam tampouco o nosso apreço, e contemplação, que os reputemos pelos mais baixos na ordem dos entes animados: contudo por estes mesmos princípios são dignos da contemplação, não digo de qualquer Filósofo, mas do Filósofo Eclesiástico. Porquanto como animados gozam uma superioridade real, e são ainda mais nobres

que o luzeiro da manhã, e o da noite, e são melhores que o ouro, e que a prata; por isso mesmo que receberam do Todo Poderoso um sopro de vida, não concedido aos inanimados. A singularidade dos seus órgãos, e do seu mecanismo interior, e a pequenez do seu volume realça infinitamente a Sabedoria do seu Divino Artífice. O mesmo Santo Rei Davi os fez dignos da sua contemplação, e absorto, e extático nas belezas que lhe ofereciam, fez subir às Tribunas do Altíssimo este patético, e anagógico epifonema = **Quam magnifica sunt opera tuae, Domine, omnia in Sapientia fecisti: impletæ est terra possessione tua.** Que prazer não conceberia a minha alma, se ornada da necessária capacidade se atrevesse a propor ainda mais às vossas presenças, quanto sejam necessárias, e úteis estas Ciências aos mesmos Eclesiásticos, e ao maior bem das Sociedades: elas que desde a sua origem sempre foram tratadas pelas almas mais grandes, (sic) e que as tem esforçado a passar pelos maiores trabalhos, consumindo os seus dias nas interessantes descobertas, que afinal vêm a suavizar as suas fadigas, e fazer que sejam caracterizadas por suas apaixonadas, e amantes do bem público. Entretanto supra a minha falta não só a sua História, senão a mesma experiência naqueles Países onde elas têm chegado ao sumo auge de perfeição: e passo a indicar os outros dois pontos que nos restam da matéria do nosso exame. A Botânica vem toda, e as quatro Classes Monandria, Diandria, Poliandria, e Monaldelfia, e na Química e Tratado VII sobre o Fogo, e o VIII sobre a Matéria da Luz. A necessidade, e utilidade da Botânica é por si mesma manifesta, pelos grandes progressos, que ela tem dado à Sociedade; e como tenha já tratado em geral das Ciências naturais, não me seja necessário tratar com especialidade dela. Na Química fornece-nos um grande argumento a sua mesma definição; porque como seja a Química aquela Ciência, que nos manifesta a íntima natureza de todos os corpos do nosso Globo, que determina o número, e as propriedades, de que eles se compõem, e que ensinando-nos de que modo estão estas unidas entre si, descobre ao mesmo tempo os meios por onde se podem desunir, e compor-se novamente, segue-se necessariamente que não só é interessante pela grandíssima utilidade que dela se tira, fazendo com que os produtos naturais nos sejam maiormente proveitosos, senão porque por meio dela os nossos olhos, como observadores, vão distinguindo objetos, que ainda não foram escritos na tabela dos conhecidos, e que hoje possamos coerente, e plenamente explicar as causas de muitos fenômenos, sobre as quais desconcordavam antigamente os Físicos. E nós, Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor, que fomos dignos da vossa compaixão, e sobre quem aplicastes as vossas vistas Pastorais, devemos por isso mesmo ser gratos aos vossos benefícios, e esforçarmo-nos no estudo não só das outras Ciências, mas também das naturais, que conduzistes para o nosso país, onde os seus mesmos nomes se desconheciam. E o nosso

Bom Deus conserve a Vossa Preciosa Vida, para que as elevéis a tal ponto de perfeição, que venham a servir do maior bem à nossa Pátria, sendo todo este devido a Vós, que mereceis ser caracterizado por seu apaixonado, quais os Soberanos da Europa, por onde sou obrigado, como o Célebre Klein a prognosticar os maiores avanços nestas utilíssimas Ciências: visto que os Soberanos fazem delas as suas delícias. — *Historiae naturalis scientiam in deliciis habent, qui summam in mundo potestatem tenent.*

Francisco Gregório Pereira Façanha.

Sem pretender, Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor, sem pretender, nem ainda imaginar com rudes expressões engrandecer o objeto de que temos de tratar, e que ainda mesmo aos engenhos mais férteis parece não dever um completo elogio, eu me proponho tão somente a proferir o que me subministra o amor, e a inclinação que Ihe concebo. Sim, Senhores, é a História Natural de que falo; é esta grande Ciência a que tem feito aparecer a ordem admirável de todos os entes que cobrem a face do nosso Globo, e que nos representa o vasto Império da Natureza como dividido em três grandes Reinos, Mineral, Vegetal, e Animal; ela a que dando-nos, para assim dizer, uma nova vista faz ver, e observar os ordenados passos com que a mesma natureza prossegue sem o menor salto desde os entes os mais inertes até o mais perfeito deles que é o homem; ela a que nos mostra estes três grandes Reinos como subdivididos em diferentes Repúblicas; ela a que tem feito distinguir a maior parte dos entes que ornaram o maravilhoso Teatro da Natureza; ela em uma palavra a que tem merecido a atenção e aplicação dos homens mais sábios do Universo. E se com efeito as Ciências se fazem objetos dignos da nossa aplicação, pelo que elas têm de úteis ao progresso dos nossos conhecimentos, e às comodidades da vida social, que outra alguma merecerá mais as nossas fadigas, do que a História Natural, que a todas essas comodidades une um grau superior de agradável? Lancemos a vista para qualquer dos ramos em que ela se divide, e não precisará mais para aparecer esta verdade: aí encontraremos a base fundamental da Medicina, da Agricultura, e do Comércio: logo pode concluir-se que ninguém é mais útil ao Estado que o Filósofo Naturalista. Se olharmos porém para o delicioso do seu objeto, descobriremos um vastíssimo campo de maravilhas sem número variadas, objetos infinitos de profunda meditação que arrebatando o nosso ânimo o elevam a uma firme persuasão de um Deus Criador do Universo, a admirar a sua incompreensível Sabedoria, e a manifestar a sua glória. Quem pois senão o Filósofo Natural poderá mais profundamente indagar todos estes objetos? Quem, senão ele poderá observar de mais perto as pasmosas obras da Natureza? Quem enfim

se não o Filósofo Naturalista poderá proferir com o devido peso as palavras do Rei Profeta. = **Quam ampla sunt opera tua, Domine! Quam sapienter ea fecisti! Quam plena est terra possessione tua!**

Que direi pois da Química, aquela parte da Ciência Natural, que os grandes talentos têm elevado a um auge quase incrível de perfeição? Para dizer de uma vez, sem o socorro desta todas aquelas seriam inúteis, e não passariam de um trabalho mais agradável, que proveitoso. Pois tendo esta por objeto manifestar a íntima natureza dos corpos, e determinar o número, e propriedade de cada uma de suas partes, sem o conhecimento dela, podemos dizer, que teríamos nas mãos os tesouros, e ignoraríamos o seu uso.

Eis aqui o que as limitadas idéias que tenho destas grandes Ciências me permitiram dizer. Eu passo a declarar os pontos em que temos de ser examinados em cada um dos seus ramos; na Zoologia temos a Ornitologia ou tratado das aves; na Botânica todo o objeto deste tratado; e na Química o tratado X do ar atmosférico, e o XI do ar vital. Deus queira que desempenhando nós as fadigas do nosso Sábio Professor, correspondamos de algum modo ao zelo incansável do nosso Benfeitor, do nosso Pai, do nosso Excelentíssimo Prelado.

Marcos de Araújo Costa.

AO EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO
SENHOR DOM JOSÉ JOAQUIM DA CUNHA
DE AZEREDO COUTINHO,

Bispo de Pernambuco,

ELOGIO

Pelo Colegial

FRANCISCO DE BRITO GUERRA

Princípio

Confesso, meu Caríssimo Mestre, confesso, que desde que bebo a vossa sã doutrina, e me honro com a especulação dos vossos respeitáveis preceitos, ainda não tive ocasião de temor, nem motivo algum de perplexidade, como me acontece hoje, sendo-me por vós ordenado tratar das inefáveis virtudes, de que se orna o Augustíssimo Nome do Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Nosso Excelentíssimo Prelado. Sim, este quadro parece devia ser delineado por vós, e por outros Sábios, a quem não fossem ocultas as belezas da Eloquência, e que como tais soubessem pintar com bem vivas cores, e dar o devido valor às insignes, e sempre memoráveis Virtudes deste Integérrimo Personagem. Eu porém, com quem a natureza quis ser tão mesquinha, negando-me toda a preciosidade dos seus dons; eu que apenas tenho superficialmente tocado os primeiros rudimentos d'arte; eu que sou a exceção dos vossos bem aproveitados Alunos, e por consequência o ludíbrio da vossa Aula, poderei porventura tecer um tal Panegírico, sem que deixe de precipitar-me no abismo dos meus erros? Não certamente, não poderei. Tomar pois sobre a debilidade de minhas forças tamanho assunto, e arrojarme a este atentado, não pode deixar de ser temeridade, é querer profanar o sagrado da Eloquência, e afeiar com o grosseiro de minhas expressões, e baixeza dos meus pensamentos as altas, ilustres, e sempre preciosas Virtudes de um Excelentíssimo Prelado. Mas onde estão os deveres da obediência, aquela Virtude, a que sempre anhelei como a um dos principais dons do Céu? Longe de mim já todo o receio: embora me exponha eu à crítica dos maldizentes: embora me assinem o temível epíteto de temerário: seja embora notado: eu devo

satisfazer aos invioláveis preceitos do meu Padre Mestre, quando estes principalmente se dirigem a tão justo, e a tão santo fim. Portanto principiarei, do modo que me permitir a minha rudeza, a tratar deste Excelentíssimo Prelado, e no meu pequeno, e rasteiro discurso farei ver em suma as suas altas, e virtuosas ações. Santa Verdade, vivifica a minha fraca idéia, e ministrai à balbuciência da minha língua o socorro, que lhe é indispensável para falar de uma matéria tão importante, tão sublime, e tão delicada.

Quando o rebanho Pernambucano se achava suspirando pela vinda de um vigilante Pastor, que o viesse saudavelmente apascentar, e dirigir pelas máximas da Virtude: quando a mesma República amargamente lamentava a falta de um Chefe, que a administrasse com zelo, honra, e desinteresse; quando se via, como abatido o Clero, afrouxada a Religião diminuído o estudo das Letras, e quase extinta a Virtude: quando finalmente se achavam todas as coisas em um caos, em um profundo pélagos de desordens: dignou-se a Próvida Onipotência de sobre tudo lançar as suas apiedadas vistas, e de decretar, que a tantos, e tão grandes males viesse ocorrer, e remediar um Príncipe da Igreja. Ah! E que Príncipe, que Prelado deverá ser esse enviado pela Onipotência para remédio de um povo afligido? Não há dúvida que Ele se deve diferenciar muito dos demais. A Onipotência é incapaz de errar. Ela portanto não se havia de enganar na escolha do Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. Aqui temos o Prelado, que nos foi enviado por Deus; aqui temos o Remunerador dos males, que eram o motivo dos nossos prantos, e clamores; aqui temos um novo Moisés, que nos veio libertar do jugo, sob que gemíamos. Ele não só é Bispo, Pastor, e Pai; é também General, é um Ministro a que é cometida a jurisdição Civil, para castigar a malícia dos que nos suscitam os males, dos que nos fazem violência, dos que nos maquinam morte. Ele é adornado de todo o gênero de Virtudes, já não falo daquelas, que só poderão redundar em seu benefício particular, mas daquelas que tendem meramente a utilizar ao público, a encher de consolação as suas ovelhas. Sim, com quanta razão me não atrevo eu a afirmar, que Ele é adornado de todo o gênero de Virtudes? Vejo a suma afabilidade, com que trata os seus súditos, as civis, e amorosas palavras, com que os admoesta, deixando-os por este meio, tanto corrigidos, quanto obrigados a uma perpétua veneração. Vejo a sua Caridade incomparável para socorrer aos pobres tendo as suas sagradas mãos sempre abertas, já para os abençoar, já para lhes deitar no seio grossas esmolos. Vejo o incansável cuidado em apascentar o seu Rebanho, e em fazer-lhe administrar o saudável pasto. Vejo o seu ardentíssimo zelo em aumentar o estudo das Letras, a sua ansiosa aplicação a fazer propagar a Virtude. A justiça, e a clemência para

administrar as Funções do seu Ministério, lhe são como inseparáveis, e se bem digo, lhe são inatas, da mesma sorte que outros quaisquer dons. Não o ensoberbecem as honras, em que se vê constituído, pois que estas lhe são hereditárias. A Mitra, que a muitos já tem servido de causa originária para produzir a soberba, para fomentar o despotismo, nele se vê produzir bem contrários efeitos. Mas, até onde chegarão as minhas palavras para acabarem de significar as grandezas que realçam o Senhor Dom José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho? Eu, apesar de um grande estudo, não as saberei dizer, quanto menos numerar. Ele é uma fonte de Virtudes inexaurível é um Oceano de portentos, seja-me permitido assim dizer. Vós, ó Pernambucanos, quando foi que tivestes um Prelado igual a este? Vós, ó República Civil, quando foi que vos vistes administrada por um Herói Sagrado? Quando foi, que vos considerastes isenta de extorções, de ignomínias, de crueldades, e de usuras? Dizei, quando possuístes os vossos bens com menor susto, livres da opressão, e da inveja? Eu me persuado, que nunca possuístes tão santa paz, como agora. Eu vejo, que a justiça se vos administra sem trabalho, sem custo, e sem valimento. Portanto, não digo com razão, que este Prelado possui todas as Virtudes, e que é revestido de todos os dotes, que o podem immortalizar? Não me é preciso falar das nobres ações, com que aumentou o Lustre de sua Prosápia, e realçou o nome de sua Pátria. Não faço menção dos seus agigantados progressos na Universidade de Coimbra. Calo os grandes Lustres, com que adornou a Real Academia das Ciências, de que era Sócio. Passo em silêncio o nome, e grandíssimo crédito, que grangeou em toda a Cidade de Lisboa. Tudo isto finalmente deixo de tratar, pois temos mais próximos argumentos da Magnanimidade, Zelo, e Caridade do Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. Onde falo eu? Não é por ventura dentro desta Casa, neste Seminário, entre estas paredes, que Ele apesar de tantas, e tão custosas fadigas fez erigir para asilo das Ciências, e Virtudes, estabelecendo-a como uma fonte manancial, onde viesse beber a mocidade para se formarem Sacerdotes dignos, Varões sábios, para aumento do seu rebanho, e civilidade da sua República? Que mais autêntico exemplo, que mais evidente prova da Grandeza, da Extensão de Zelo, e das Virtudes do Nosso Prelado? Que mais claro espelho das suas Virtudes? Que maior documento das suas boas intenções? Eu portanto sem receio me atrevo a afirmar, que Ele é possuidor de todas as Virtudes dignas de um Prelado. Ele é Sábio, Pródigo, Civil, Justo, Clemente. Nele tudo é sublime, é santo tudo. Eu afirmaria (sendo-me concedido assim) que ele é digno da immortalidade. A sua Vida seja dilatada por tantos anos, quantos são os nossos votos sinceros.

Disse.

Achando-me entre vós, Felizes Pernambucanos, e gozando convosco da especial mercê, que do Onipotente recebestes em um Prelado, justo, e virtuoso o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, é justo que eu também aplauda as suas virtudes. Eu conheço, que o meu fraco engenho é incomparavelmente inferior a estas, e que jamais as poderei, não digo, ornar com louvores, mas nem ainda numerar: bem sei, Pastor Sagrado, que às demais virtudes, além do novo cúmulo, que diariamente lhes ajuntais, acresce mais a de quererdes antes obrar, do que ouvir os vossos louvores. Nem ignoro, Felizes Pernambucanos, que louvando eu o vosso Pastor de nenhum modo vos poderei deixar satisfeitos com as minhas rudes palavras; e que olhareis para mim como para um ignorante, que sem conhecer as belezas que requer um quadro, ousa tentar o fundo do seu desenho: mas este mesmo ardor, que me obriga a meter os ombros a tão árdua empresa me faz menos reparável a temeridade, que cometo: Estendei portanto além das minhas toscas expressões a perspicácia dos vossos entendimentos, e contemplai convosco as grandezas deste insigne Herói, que eu só sirvo de excitar nas vossas imaginações.

Se muitos, e inumeráveis Heróis, que por nenhum outro motivo mais se entregaram a admiráveis ações, do que arrebatados da imoderada ambição de remontarem a sua fama, e de deixarem plantados os seus nomes; se muitos, e poderosos Magnates, bem que entregues a um injusto exercício do seu poder, têm sido exaltados com tantos elogios pelos ânimos servís dos aduladores; não será porventura verdadeiramente devido um louvor sincero a um Herói piedoso, que levado da natural bondade bem longe do amor vaidoso da glória mundana não cessa de beneficiar não só àqueles que lhe são súditos, mas ainda aos que buscam a sua proteção? Não será devido um louvor sublime a um Pastor Sagrado, cujas ações virtuosas são fundadas na justiça, e que totalmente esquecido do próprio interesse vigia sobre a felicidade dos seus? Certamente que sim; mas quem o poderá dignamente fazer? Quem haverá tão cheio de eloquência, cujos termos sublimados possam compreender a grandeza das suas virtudes? Porém que digo? Não é preciso que sujeitemos os nossos sentidos a expressões, que por mais enérgicas que sejam, jamais nos poderão dar delas perfeita idéia. Elas dão de si mesmas uma prova evidente: consideremos cada uma de per si, e veremos, que são nascidas de um coração naturalmente bom: nelas descobriremos a generosidade daquele ânimo, que é a fonte de donde manam; (sic) daquele ânimo, digo, que costumado a coisas grandes, e guiado de uma bem formada índole desde o berço, então se enche de prazer, quando a sorte lhe faculta meios por onde possa exercitar a sua bondade. E como um bem oportuno não prezaste, Sábio José, o seres Príncipe da Diocese Pernambucana,

que necessitada de um Pastor prudente, sábio, e virtuoso, que a pudesse reformar, e levantar da decadência, em que se via, hoje sente a frequência dos teus benefícios? Tu mesma, ó Feliz Diocese, que já hoje clacas o jugo, debaixo de cujo peso algum dia te vias oprimida, não testemunhas isto mesmo, que eu profiro? O teu bem, a tua felicidade tem sido o ponto invariável sobre que o teu Pastor benigno tem fixa a sua vista; este o único objeto dos seus sentidos desde que a sorte te fez ditosa com a justa eleição de tal Pastor, dando-te já desde então mui fortes testemunhos do seu amor para comigo. As amorosas vistas do seu zelo, que ainda antes de gozares da sua respeitável presença, já derramava sobre ti, deves a fundação deste Seminário, uma das bases mais fundamentais da tua felicidade, onde agora vês uma nova educação da mocidade, a nova plantação das Ciências que com tanta dificuldade adquiriam poucos em diferentes Países; onde finalmente verás, como prado ameno, produzir flores um campo, que dantes se via abafado dos abrolhos, e espinhos. Ao seu paternal cuidado deves a nova casa, e estatutos para amparo, e criação das virgens, e das órfãs. Tudo enfim lhe deves; pois tudo se reveste de um novo colorido. Em lugar das trevas que te cercavam, sentes hoje brilhantes luzes, que te alumiam: as Letras se restauram, a educação se renova, os costumes se reformam; o pobre encontra o seu amparo, o órfão o seu Pai, o desvalido o remédio. Estas são, Pastor Sagrado, as ações heróicas, que servirão de asas à vossa fama, com que segura da vil maledicência voará a remotos Países; estas as altas colunas sobre que durará eternamente a memória do vosso nome; estas as respeitáveis, e mais amáveis virtudes, que vos farão sempre desejado do vosso rebanho, no qual vos conserve o Onipotente por dilatados anos, para a sua feliz prosperidade.

Disse.

Marcos de Araújo Costa.

Que esperais de mim agora, douta, e Ilustre Assembléia? Que eu remonte minhas idéias sobre essas épocas antigas, e revolvendo as volumosas páginas da História, vos recorde aqueles ínclitos Heróis, cujas ações tem decantado a fama pela vastidão do Universo? Não; eu venho delinear os imortais aplausos daquele, que floresce a nossos olhos no presente século; daquele, que por direito é digno de nossos elogios; daquele. . . eu digo duma vez, do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. Ah! que transportes de alegria me fere o peito, quando recito seu respeitável nome! Bem sei, que o pejo, que a trepidez, e que a ignorância, surgindo de dentro de mim mesmo, me privam de eu beber em a natureza imagens vivas para fazer por-

tentoso o quadro, que vou delinear; porém me não engana a esperança, que o desgosto, que me pode resultar da minha desconcertada linguagem, e esterilidade do meu engenho, há de achar lenitivo na vossa benevolência.

Envolto eu na questão se o nosso Prelado se faz mais recomendável pela Ciência, ou pela Virtude, apesar de conhecer o quanto nele brilha a Virtude, contudo vou mostrar, que a sua Ciência ainda o faz mais respeitável: o que vereis na resolução deste problema.

Sim, senhores, ninguém duvida, que o nosso Prelado é imbuído em todos aqueles conhecimentos que mais caracterizam o homem, e que o desejo insaciável da Literatura começou logo nele a brilhar naquela idade, em que as idéias do homem se envolvem num labirinto o mais contrário aos justos procederes, em que nem ainda o decoro da grandeza pode sustentar as furiosas rédeas das paixões; esta mesma é em que ele começa a resplandecer; porque ainda bem não tem rasgado o tenebroso manto, que lhe ofusca as luzes da razão, quando nela já se admira uma natural propensão para as ciências, sendo semelhante ao grau Evangélico, cuja misteriosa pequenez esperançava o aumento, que o devia levantar sobre as mais altas plantas, e de cujos frutos salutíferos se haviam (sic) manter as aves do Céu.

Para ilustrar os dons, que a sábia Natureza tinha providamente sobre ele derramado, rompe, quebra, e dissipa os mais fortes embaraços. Já as empoladas ondas do Oceano furioso, que só deveriam ser surcadas da ambição, o não impedem; já o amor dos ternos Pais, e da cara Pátria, que têm não sei que força de atração sobre os corações, o não traem. Ah! que penetrante saudade lhe não fere o mais recôndito de seu amante espírito! Porém o amor da sabedoria é tanto mais intenso, que lhe excede a pena, e é somente que lhe suavisa a mágoa. Parte enfim para Coimbra.

Eis que chega a esta célebre Universidade, não demora seus louváveis intentos; começa logo a carreira das belas Letras, aspirando só tocar a meta da perfeição, qual impávido General, que deseja na fronteira do belicoso, e magnânimo exército cingir a frente de verde louro. Correndo pois com agigantados passos faz tão vantajosos progressos, que todos o louvam, admiram todos. Já sabe destramente desenvolver os sagrados Cânones, em que se forma Licenciado; já é um fiel Intérprete das Escrituras Santas; já mede o tempo, calcula os astros, conversa com a natureza dos entes criados, já finalmente... mas para que me demoro em nomear-vos todas as Ciências do nosso Prelado? Se por efeitos, se conhecem as causas, vede os efeitos, e admirareis a causa. Vede as sábias providências, que dá sobretudo, quanto pode aumentar a glória do nosso Príncipe, e os nossos inte-

resses; vede as suas decisões como são filhas da sabedoria, vede o sábio Estatuto, que compôs, revolvei suas páginas atentamente, e conhecereis ser parto do mais fecundo, e elevado engenho; vede enfim pelas brilhantes luzes de seus conhecimentos dar ele, o que nunca outro jamais se atreveu nem ainda prometer. Sim, quem jamais se atreveu prometer, quanto mais erigir nesta Cidade um Colégio Literário, em que os entendimentos que jaziam envoltos no negro caos da ignorância, se desenvolvem para as luzes do conhecimento? Um Colégio, onde à vista de exemplares Diretores se purificam os corações, que devem algum dia oferecer ao Deus de Israel os votos dos homens? E quão sábia foi a eleição, que teve, de tão doutos Professores, que tão beneficentemente têm gotejado sobre vossos entendimentos os frescos orvalhos de suas exuberantes doutrinas! Não são todas essas coisas efeitos de uma causa científica? Só quem conhece bem as matérias, é quem pode avaliar seus proporcionados emportes, e entende bem das Ciências, quem tem uma interna complacência de as comunicar e fazer com que se percebam suas utilidades, e como o nosso Prelado com um zelo incansável tem excogitado todos os meios lícitos para fazer desta antiga Grécia uma nova Atenas, claro está, que lhe servem de base fundamental os mais sólidos conhecimentos. E quando ele pretende fazer fixo, e durável o estabelecimento de tão douta obra, que obstáculos se não opõem? Quantos, e quantos... mas quê? Suspendam-se os rasgos do meu pincel, reprima-se a expressão: eu não devo fazer dum elogio particular uma invectiva pública. Só sei, que apesar desses fortes embaraços ele tem piamente posto em prática seus sábios, seus justos intentos. Vós mesmos, que me ouvis, ilustrados Colegas, já não estais colhendo de tão bem fundada semente aqueles frutos, que depois de sazoados vos hão de servir de manjar delicioso?

Ah! Senhores! que Ciência haverá mais digna de ser eternizada? Exaltem-se embora os Platões, os Demóstenes, os Aristóteles, que nenhum deles merecem (sic) tanto louvor, nem glória tanta; pois a fama voadora daqueles murchando as asas caíram d'alto, uma vez que fenecesse a memória dos humanos, e roesse o tempo as páginas de sua história: porém o dente da corrupção não mastigaria jamais o nome do meu Inclito Herói; pois o mesmo mudo silêncio decantaria seus aplausos, os bem fundados alicerces deste luzido Seminário lhe serviriam de eternos monumentos.

E qual é que o tem immortalizado tanto, a sabedoria, ou a virtude? Bem conheço o quanto nele resplandece a virtude; confesso ingenuamente que é de um ânimo benéfico, e reto; vejo que essa torpe, e faminta ambição, que tanto inquieta os míseros humanos, nunca achou agasalho em seu espírito, que ele reparte liberalmente a renda anual do seu Episcopado com esta pia obra do Seminário, e com todos aqueles, que arrostam a desprezível face da indigência; vejo,

que a todos escuta com atenção, e que o seu gabinete não é como o Santuário do Templo de Jerusalém, onde só se podia entrar com ornamentos pomposos, e vestidos magníficos; vejo-o finalmente, qual outro Elias, ser um perfeito zelador da Lei do Onipotente. Porém, Senhores, quem é que lhe administra essa mesma virtude, não é a sabedoria? Não é a sabedoria quem encaminha, quem regula a virtude, e que lhe serve de imóvel coluna? Quantas vezes a virtude por lhe faltar esta sábia condutora passou a um diverso estado, a um estado deplorável? Em uma palavra toda a sabedoria supõe virtude, e eu posso contemplar aquela sem esta; pois se abro os Sagrados Códigos, leio, que são vãos aqueles conhecimentos em que não há ciência a respeito do Altíssimo: donde concludo, que havendo sabedoria, há também virtude; e por isso reputo-se por vã, e por funesta ignorância a ciência dos Honórios, dos Luteros, dos Calvins, por isso mesmo que por ela se afastaram daqueles fins, para onde nos conduzem os verdadeiros conhecimentos, adote-se, e engrandeça-se a sabedoria do nosso Prelado, por ter dela feito um tão acertado uso, e se ter feito entre os homens mais distinto, do que se faria só pela virtude. E se ainda duvidais, que a sabedoria não caracteriza mais o homem, do que a virtude, equilibremos esta com aquela em uma reta balança, e vereis para onde pende o fiel. Por ventura aqueles, que cultivaram os ásperos desertos, sabendo somente conduzir-se a si, aumentaram a glória de Deus, e propagaram a sua Religião tanto, quanto os Saulos, os Agostinhos, os Jerônimos, os Ambrósios, e outros, que pela sua sabedoria não somente se conduziram a si, como também encaminharam a tantos? E qual é, Senhores, que faz o homem mais recomendável, não é a sabedoria? Não é esta mesma, a que tem adquirido para o nosso Prelado aqueles distintos caracteres, que mais costumam elevar o homem a um grau superior de perfeição? Não foi ela que o fez empunhar o poderoso bastão, que tão sabiamente tem manejado, e que lhe cingiu com a Sagrada Mitra a veneranda frente para glória sua, e felicidade nossa? O que tudo provado, devo necessariamente concluir, que a sua sabedoria o faz mais respeitável, do que a virtude. E eis aqui resolvido o meu problema.

Agora só me resta convidar vossos ânimos para que a passo firme sigais a sabedoria do nosso amabilíssimo Prelado, que tanto se esmera em imbuir-vos nas Ciências, e cujo amor, e ardente zelo se faz credor da mais grata recompensa. Se vossos progenitores trabalhassem para vos deixar herdeiros de dourados cofres, bens, que comumente à maneira de sombra fogem, e desaparecem, não vos mostrariéis gratos ao seu cuidado? Quanto maiormente não deveis recompensar ao nosso Prelado, cuja vontade é deixar-vos possuidores das Ciências, bens, que vos não de acompanhar fielmente até o fatal momento da sepultura? Ele não quer em recompensa vossas preciosas jóias, suspira sim pelas assíduas aplicações aos vossos estudos. Sede

pois solícitos em adquirir estes dotes suspirados, que vos acumulam tantas prosperidades. Mova-vos para isso a afetuosa benevolência do nosso Benfeitor, mova-vos a esperança do prêmio, mova-vos enfim a glória, que vos há de resultar, de serdes distinguidos entre os mortais, nunca contendendo por amor da pompa, quais outros Sofistas Gregos, sem applicando os vossos conhecimentos a um justo fim.

Ó vós, benigno Prelado, Prelado excelso, aceitai estes pouco agradáveis frutos de meu engenho estéril, que, apesar de ter sido regado com os chuiveiros copiosos do zelo, e sabedoria do meu ilustre Professor, não tem produzido mais, do que espinhos, e abrolhos: recebei-os somente como humildes incensos da minha gratidão. Bem conheço, que a minha curta esfera não é capaz de abranger dentro de si os vossos avultados elogios, a cujo peso vergariam os mais alentados ombros. Quanto mais que os vossos aplausos não necessitam de pregoeiros; pois o vosso nome respeitável, tendo já vagado Cortes populosas, e remotos climas, estampado já existe na memória dos humanos, já tem estabelecido um ponto fixo, donde se contaram idades sucessivas, e correrá essa feliz época até se consumarem os séculos. Quando porém se completarem as últimas profecias, que começarem a estalar, e mover-se os pólos; quando esta pomposa máquina do Universo se reduzir a infrutífera, e inabitável; quando finalmente se escurecerem todas essas glórias, que só hão de gozar duma immortalidade relativa, então já o vosso nome celeberrimo pelo bom uso, que fizestes da vossa sabedoria, estando impresso no Livro indelevel do Onipotente resplandecerá idades sempiternas.

Manuel Tomás Rodrigues Campelo.



N.º VI

Poesias feitas em louvor do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha d'Azevedo Coutinho, Bispo, e Governador Interino de Pernambuco pelos Colegiaes mais novos do Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Olinda, em o dia da Festa de Nossa Senhora Padroeira do Seminário a 8 de Dezembro, à qual Sua Excelência assistia todos os anos, e passava este dia no Seminário com os Colegiaes.

Não digais, que merecia
Levar eu alguns açoites,
Por vir dar-vos Boas-noites
Neste lindo, e claro dia.
Mas disse-me, que faria
Vendo eu aqui ao entrar
Tantas estrelas brilhar?
Se vi o Céu tão estrelado,
Não julguei ser acetado
Senão Boas-noites vos dar.

Pelo muito que uma rosa
Convosco é parecida,
Outra deve ser trazida
Por direito, e lei forçosa.
Não vedes quão gloriosa
Ela entre espinhos floresce?
Isto mesmo o que acontece
À vossa vida estimada,
De mil espinhos cercada
Mais gloriosa parece.

A Rosa, que a primazia
Tem das flores majestosa,
É a primeira que goza
Do festejo deste dia:
Vem cingir com bizzarria
A vossa Fronte sagrada;
Mas pasmando admirada,
A vossos pés já se prostra,
Na mesma cor, que ela mostra
Se corre de envergonhada.

Flor, que de roxo se veste
Com os sinais de martírio,
Julguei seria delírio
Deixá-la eu como agreste.
No Estatuto lições deste
Da vida Religiosa;
Não pode esta ser ditosa
Sem algum martírio d'alma
Logo a todas leva a palma
Esta flor misteriosa.

Aqui vos trago uma flor,
Que sem ser espiritual,
É aos Anjos muito igual
No nome, graça, e esplendor,
Eu não sou adulfador,
Venho dizer com certeza,
Que como sois na pureza
Angélico em vossa vida,
Esta flor vos é devida
Por força da natureza.

De prazer, e alegria
A vossa frente se orna,
E pelas faces entorna
Lindas flores neste dia.
Mostrando com primazia
Que vós, ó santo Prelado,
Não precisais ser ornado
Por nós agora de flores,
Porque vós entre os Pastores
Já sois de flores c'roadado.

[Sem indicação de Autor]

SONETO

Favorável me sede, Herói sincero,
 Ilustre Salomão, justo Prelado,
 Pois bem longe da idéia de ilustrado,
 Dos Alunos menor me considero.

De desejo cingido, e ser austero
 Em pronto executar vosso mandado,
 Submisso, qual Isaac sacrificado,
 Do exame hoje o duro golpe espero.

Com tal apreensão, minha fraqueza
 Se apodera de mim, e desfalece
 Toda minha alma cheia de tristeza.

Mas não; minha esperança reverdece,
 Vós sois José, vós sois minha defesa,
 Vossa presença só me fortalece.

Um dos Seminaristas examinado na presença
 de Sua Excelência.

[Sem indicação de Autor]

SONETO

O Dia de mais gosto, e alegria,
 O dia de maior festividade
 Para esta estudiosa Mocidade
 É este da Conceição de Maria.

Sobre os Livros todo o ano ela gemia
 Para ter da aprovação felicidade,
 Vós, Senhor, com a maior liberalidade
 A todos premiastes neste dia. (1)

Eu posto que pareça descontente
 Por ficar aqui feito Minorista,
 Assim mesmo ainda vivo alegremente.

Do meu prêmio não hei de pedir vista,
 Peço a Deus que a vida vos aumente,
 Feliz sou eu em ser Seminarista.

Antônio José do Paraíso.

(1) O nosso Prelado deu Ordens Sacras neste dia a vários Seminaristas.



N.º VII

Poesias feitas na despedida do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo, e Governador de Pernambuco, quando tendo sido reeleito por S. A.R. para Bispo de Bragança, e Miranda, partiu daquela Capitania para a Corte de Lisboa, em 13 de Julho de 1802, depois de ter governado por tempo de três anos.

A saudosa Despedida de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, tendo sido Bispo nesta Diocese, e Governador Interino nesta Capitania de Pernambuco.

SONETO IMPROVISADO

Desgrenha, ó Musa, o teu dourado crino,
Cobre de espesso véu teu rosto esbelto,
E nas asas da dor, pesar mais certo,
Baixa desse lugar, monte divino.

Não em pomposo estilo peregrino
Cantes de teu Maior, Pastor completo,
A infausta Partida, o seu trajeto
Pelo vítreo aposento Netunino.

Em metro humilde rompe dolorosa
Entre crebros suspiros, soluçando,
A tua justa queixa lastimosa:

E dize, quando a Náu vires voando
Sobre a alta campina salitrosa:

Adeus, Josino, adeus: ah! e até quando?

**Por Frei João Batista da Purificação,
Religioso Corista em o Convento de São
Francisco do Recife.**

A Profundíssima dor, que sente Pernambuco na tristíssima ausência do Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho, seu muito digno, e saudoso Prelado.

ODE

Desfaze os olhos teus em triste pranto,
Teus cabelos desgrenha impetuoso,
Pernambuco gentil;
De funéreo véu, de negro manto
Cobre a face magoada, e doloroso
Suspiros mil a mil
Exala do teu peito amargurado,
Qu'a gemer, e chorar estás julgado.

Despe o rico vestido, esse ornamento
Com que ostentas a tua formosura,
Toma a lúgubre veste
Em sinal de profundo sentimento
Da Tristeza mortal, que t'amargura,
Chora enfim, que perdeste
Uma Jóia de preço inestimável,
Um Bispo, um General incomparável.

Quis a sorte mostrar-te alegre o rosto,
Com afável sorriso t'oferece
O prazer perdurável;
Mas oh! quanto depressa em teu desgosto
O enganoso prazer desaparece!
Inconstante, mudável
Volta a face infiel; já com presteza
Sobre ti vem a pálida tristeza.

Já de ti se apodera a dor aguda,
Teu repouso tranquilo desordena
Mortal melancolia;
Oh! como em breve tempo foge, e muda
A brilhante fortuna! em triste pena
Se converte a alegria!
Um Patrono fiel, Pastor Sagrado,
Pernambuco infeliz te é roubado.

Ou tu nunca da sorte mereceras
 Um só meigo sorriso, ou permanente
 A fortuna te fora;
 Costumado às desditas, não gemeras
 Nas delícias feliz, foras contente;
 Não sentiras agora,
 Não choraras de todo inconsolável
 A perda de um Herói irreparável.

Tu perdeste um Pastor sábio, prudente,
 Um Pontífice casto, um Pai piedoso,
 Do teu bem vigilante,
 Um Herói benfeitor (1), que diligente
 Procurava fazer-te glorioso,
 Que com mão abundante
 Sobre ti tantas graças (2) derramava,
 E mil Bênçãos saudáveis te lançava.

Era o seu coração dócil, e terno,
 Liberal, generoso, compassivo,
 Benfazejo, abrigante
 No difícil manejo do Governo (3)
 Sábio, esperto, fiel, inteiro, ativo,
 Verdadeiro, constante . . .
 Oh! que tudo perdeste, e só te resta
 O gemer uma perda tão funesta.

Quantas vezes não viste o seu desvelo,
 O seu zelo indefeso em procurar-te
 O remédio, o abrigo
 Contra o mal da penúria (4), e do flagelo (5)?
 Quantas vezes solícito em salvar-te
 Do mortal Inimigo (6)?
 Mas, ó dor! que perdeste num instante
 Um Amigo fiel, um Pai amante.

Não o viste político, prudente
 Entre a Turba infiel (7), que o ladeava,
 Suportar com brandura
 A calúnia do vil maledicente,
 Inda ao mesmo Ofensor (8), que o procurava
 Receber com ternura?
 Sempre igual na virtude da paciência
 Sofrer o Povo (9) rude com prudência.

Muitas vezes o viste condoído
 Da miséria, do crime, do pecado,
 Outras vezes o viste
 Inclinado ao perdão, compadecido
 Perdoar o delito (10) confessado:
 Mas se a Lei lhe resiste,
 E perdoar não deve totalmente
 Com brandura castiga (11) o delinqüente.

Algum dia faltou à caridade,
 Ao socorro do Próximo indigente?
 Não o viste piedoso
 Socorrer a geral (12) necessidade
 Da pobreza, e da honra juntamente?
 Acudir mui zeloso
 À Viúva infeliz (13), desconsalada,
 Ao pupilo, à Donzela desgraçada?

Pernambuco infeliz, quanto perdeste!
 Ou terrível cegueira t'oprimia,
 Ou mui grande pecado
 Contra Deus, contra os homens cometeste,
 Pelo qual pagarias algum dia;
 Já te vês castigado,
 Penetrante aflição, cruel tormento
 Te duplica o pesar, o sentimento.

Tens bastante razão, justo motivo
 De chorar tanto mal amargamente,
 Tu perdeste a ventura,
 Seja ao menos teu pranto o lenitivo
 De uma dor tão cruel, que o peito sente:
 Mas na triste amargura
 Humilhado respeita a Providência,
 E mil votos lhe presta de obediência.

(1) Além dos muitos benefícios, que Pernambuco recebeu do Excelentíssimo Senhor Bispo, recebeu o maior dos benefícios na criação de um Seminário para a educação, e instrução da mocidade, que nas suas Aulas aprendem de Sábios, e Virtuosos Mestres Gramática Latina, Retórica, Poética, História, Geografia, e Cronologia, Geometria, Filosofia Racional, e Moral, e Física com os seus diferentes ramos da História Natural, Teologia Dogmática, Especulativa, e Prática, História Eclesiástica, Liturgia, Canto, e finalmente Desenho.

- (2) Sua Excelência concedeu muitas Graças e Indulgências a várias Igrejas da sua Diocese nas festividades dos seus Padroeiros, e todos os anos duas vezes dava a Bênção Apostólica a todos os seus Diocesanos.
- (3) Foi sua Excelência em qualidade de Governador da Capitania de Pernambuco sempre imparcial, muito pronto, e muito ativo para os despachos, e bom regime do Governo, muito zeloso do bem público, e da Fazenda Real, e sempre constante nas suas maduras e prudentes resoluções.
- (4) Sendo Sua Excelência Governador da Capitania de Pernambuco, padeceu esta uma grande penúria, e total falta de mantimentos principalmente de farinha, e carnes, ocasionada da terrível seca, que assolava o País. Ele deu todas as bem ajustadas providências para aliviar o grande mal da fome, facilitando a importação das farinhas das Capitánias vizinhas, animando os Lavradores para a cultura da Mandioca, e favorecendo os Criadores de gados para que sem maior vexame os trouxessem à Capital.
- (5) Tendo os Negociantes de Pernambuco representado sinistramente a Sua Alteza Real, que os Escravos vindos de novo da Costa da África podiam existir dentro desta Praça do Recife, sem perigo de pestilência, e infecção geral dos Povos daquele Continente, foi o Mesmo Augusto Senhor servido mandar, que se não observasse a quarentena já estabelecida para os ditos Escravos: mas Sua Excelência zeloso do bem público, e tocado da íntima dor de ver grassar a peste das bexigas, escorbuto, etc. por toda a Praça, e Capitania com grande destruição dos Povos, e consequentemente do Estado, representou a Sua Alteza Real a falsidade do requerimento daqueles Negociantes, e os males gravíssimos, que se originavam da falta da execução da quarentena: e o Mesmo Senhor foi servido de novo mandá-la observar.
- (6) Tendo Sua Excelência, como Governador de Pernambuco, Aviso do Ministério para fazer munir, e guardar a Capitania de algum acoметimento dos Franceses, que aprisionavam os nossos Navios, e ameaçavam ao Brasil, o fez com tanto acerto, e providências, que em breve tempo conseguiu estar o negócio bem disposto, e tudo em ordem de defesa.
- (7) Muitos dos que freqüentavam o Palácio de Sua Excelência, assim Eclesiásticos, como Seculares, e que se inculcavam por amigos, e apaixonados, eram infiéis, e fingidos; mas Sua Excelência, não obstante conhecê-los, lhes correspondia com mais, e mais beneficios.
- (8) Se alguns dos seus declarados inimigos o buscavam para lhe falarem, ele nunca se lhes negou, antes como um Pai amoroso os recebia com a face alegre, e lhes falava como a seus filhos.

- (9) Nas audiências públicas, que em qualidade de Bispo, e Governador dava aos Povos, mostrou sempre a brandura, e benignidade do seu coração, sofrendo com muita paciência os importunos, e deixando a todos obrigados a sua afabilidade, e amor com que lhes falava.
- (10) Sendo acusados perante Sua Excelência vários Eclesiásticos de alguns delitos, e excessos contra a boa vida, e costumes, ele se compadecia muito das misérias dos seus súditos frágeis, e mandando-os chamar à sua presença, com Paternal amor os corrigia: e aos que confessavam os seus delitos, e pediam humildemente o perdão com propósito de emenda da vida, ele benignamente os absolvía, e lhes perdoava os crimes, e pecados, applicando-lhes os saudáveis remédios para evitarem a reincidência.
- (11) Se alguns dos sobreditos Eclesiásticos criminosos se formavam processos pelo Juizo do Foro, e segundo as Leis Canônicas deviam ser castigados com as penas proporcionadas aos seus delitos, Sua Excelência cheio de compaixão lhes moderava as penas, fazendo ver, que se como Pai se compadecia das misérias dos seus filhos, como Juiz não podia faltar à Justiça.
- (12) Foi admirável a grande liberalidade com que Sua Excelência repartia os seus dinheiros pela pobreza de toda a sua Diocese. Mandando visitar o seu Bispado, determinou aos seus Delegados, que dos dinheiros pertencentes à sua Câmara Episcopal, dessem esmolas às Igrejas pobres que não tivessem o preciso ornamento para com toda a decência se celebrarem o Sacrificio da Missa, e mais Officios Divinos; e distribuissem também pelos miseráveis indigentes das suas Repartições esmolas proporcionadas à necessidade, e estado de cada um. Além desta grande obra de misericórdia exercitada em todo o seu Bispado, abriu na Capital o cofre das Obras pias, e dele fazia repartir com os pobres ao pé de duzentos mil réis todos os meses. No seu mesmo Palácio muitas vezes com a sua própria mão deu innumeráveis esmolas aos necessitados, que recorriam à sua piedade. Nas vésperas da sua partida para a Corte, fez repartir pelos Recolhimentos das Mulheres, pelas Igrejas pobres da Cidade de Olinda, e Vila do Recife, Hospitais, Pobres chamados da Ribeira, e Presos da Cadeia pública, avultadas esmolas.
- (13) Sua Excelência como Pastor vigilante, e zeloso da salvação das suas Ovelhas, como Pai piedoso, e compadecido da Orfandade socorreu com mão liberal a muitas pessoas pobres, que estavam a perigo de mendigar, e ainda mesmo a algumas pessoas nobres, que por via de empréstimo recorreram a Sua Excelência, perdoou liberalmente as somas emprestadas. Fez recolher ao seu Seminário Episcopal de Olinda a alguns Rapazes pobres, que mostravam aptidão para as Letras, e metidos na Classe dos Seminaristas do número, os socorria com repetidas esmolas para os seus vestidos. Também fez recolher aos Recolhimentos da sua Diocese várias Donzelas, e Solteiras pobres, a quem socorria com as esmolas competentes para a sua sustentação.

De todos os fatos referidos nestas notas o Autor da Ode foi testemunha ocular.

Pelo Secretário de Sua Excelência.
**O Reverendo Padre João Pereira Rodrigues
d'Alcântara.**

Aos Faustos anos do Excelentíssimo e Reverendíssimo
Senhor Bispo de Pernambuco, Eleito de Elvas.

ODE

Dignum laude Virum Musa vetat mori.
Hor. L.IV. Od.VII.

Estro sublime, por quem Nume o Vate
Dispõe da Glória, e seu caudal tesouro,
Desce da etérea luminosa Estância,
Em minha mente pouza.

Vem animar a esmorecida veia,
Qu'a ímpia Doença, precursora d'Atropos,
Quase extinguiu de todo, e definhou-a
C'o bafo macilento.

Apaga-me da mente, inda assombrada,
Os vis Espectros, e as visagens feias,
Com que a precoce Parca veio olhar-me,
E cortejar-me o leito. (1)

Nela me ateia em durador incêndio,
Divina chama, criadora de hinos,
E no arrojo do Vate se conheça
Teu poderoso influxo...

Sonho?... ou delírio?... o corpo se me veste
De leves plumas!... Já no chão não piso!...
Novo Ícaro, rompendo o etéreo golfão,
Darei meu nome às águas?...

Não. Mais seguro que o Dedáleo Moço,
Em Apolíneo Cisne transformado
Afoito os ares cruza, e me abalanço
A visitar os Astros.

Deixo as Cidades... Já diviso as praias
Do Bósforo bramidor... do Arcturo as plagas...
Além me assoma o Cáucaso... lá alvejam
As Líbicas areias.

(1) O Poeta tinha então escapado de uma doença gravíssima.

Já vou transpondo acumuladas nuvens,
Atrás me fica o Sol, e os Orbes todos,
E o Têrreo Globo, em átomos envolto,
Um ponto me parece! . . .

Céus! que silêncio nesta plaga reina!
Assustador trovão aqui não brame,
Nem silvando serpeia o improbo raio,
Que desce contra as torres. . .

Cá vejo um Templo, antigo, e majestoso!
À porta uma Donzela em simples traje! . . .
Conheço-a, é a Virtude. . . Ela me acena!
Salve, imortal Deidade.

“Entra este Templo, que é da Glória o Alcaçar,
“Que aos Heróis claros, e aos divinos Vates,
“Que seus imortais feitos celebraram,
“É franca a entrada dele.

“De cá não se ouve murmurar o Letes,
“Aqui não chegam da Calúnia os tiros,
“E o Tempo retrocede, e o Fado curva-se
“Ante estes sacros pórticos.

“Com indeléveis caracteres de ouro,
“Nestes sagrados pórfidos gravados,
“Verás os Nomes dos Varões prestantes,
“Que honram a Pátria, e o Mundo.”

Eis piso o umbral do Templo, respeitoso. . .
Aqui de Tito o Busto está, e o nome,
Aqui vejo de Sócrates o Busto,
Que candura respira!

E não deve estar longe o que eu procuro
Do grandioso Azeredo o Busto nobre;
É hoje o dia, em que nos foi cedido
Para enlevo dos Sábios. . .

Ei-lo aqui. . . ei-lo aqui. . . Fazem-lhe corte
Da vera Sapiência os Gênios graves;
Assomos de imortal ressumbram nele. . .
Salve, ó Busto glorioso.

Que honrosas letras vejo extasiado
 No diamantino pedestal gravadas!
 "As Musas não consentem que feneça
 "Varão digno de encômios!"

**Gaudet enim Virtus testes sibi iungere Musas,
 Carmen amat quisquis carmine digna gerit.**

O menor, e mais obrigado dos servos
Manuel de Araújo Lemos.

Aos Anos do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor
 Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho,
 Bispo d'Elvas, etc. etc. etc.

ODE

Quem Virum, aut Heroa, lyra, uel acri
 Tibia sumes celebrare Clio?
 Quem Deum, cuius recinet iocosa
 Nomen imago?

Horat. L. I. Ode XII.

Vem, Musa, Protetora da Virtude,
 Acode ao brádo do afanoso Vate,
 Este último trabalho me concede,
 Sorrindo-te me assiste.

Sem teu almo favor, sem teus influxos,
 Que pode a audaz progênie de Japeto?
 O ditoso mortal tu divinisas,
 Em cuja mente ferves.

Tu lhe entregas as chaves do Futuro,
 Os tesouros da Glória tu lhe entregas,
 E nos conselhos do supremo Olimpo
 Tu lhe fazes ter parte.

Por ti seus olhos de incansável vista
 Os véus penetram, que o Destino encobrem;
 Os bens, e os males, que a existência bordam
 Primeiro ele os conhece.

Por alta influência, que a ti só deve,
 Ufano a Eternidade sonhorea,
 E furtando-se à sorte dos humanos
 C'os Numes emparelha.

Por ti é dado preservar do Olvido
O sublime Varão, honra da Pátria,
Que as Letras preza, que a Virtude incensa,
Protetor dos talentos. . .

Que é isto, ó Musa! . . . aonde me arrebatas? . . .
Ao venerando Alcaçar da Memória?
Escusas, proque sei que lá reside
Esse, a quem louvar quero.

Coutinho, que hoje a ditar veio o Mundo
Com brilhantes talentos, com virtudes,
Faz parte da Assembléja veneranda,
Que ali respeitam Fados.

Sua Alma, onde reina a Filosofia
Tão pura como em Sócrates reinara,
Cá na esfera das Letras brilha tanto,
Como o Sol na dos Astros.

Manuel de Araújo Lemos.

FIM.

6. **A UNIÃO VENTUROSA DRAMA COM MÚSICA PARA SE REPRESENTAR NO REAL TEATRO DO RIO DE JANEIRO NO FAUSTÍSSIMO DIA DOS ANOS DE SUA ALTEZA REAL [...] POR ANTÔNIO BRESSANE LEITE [...] 1811 [...].**



A UNIÃO
VENTUROSA



A
UNIÃO VENTUROSA
DRAMA COM MÚSICA
PARA SE REPRESENTAR NO REAL TEATRO
DO
RIO DE JANEIRO

NO
FAUSTÍSSIMO DIA DOS ANOS
DE
SUA ALTEZA REAL

O
PRÍNCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR
OFERECIDO
POR
ANTÔNIO BRESSANE LEITE.

NA IMPRESSÃO RÉGIA
1811.
Com Licença de S.A.R.



ATORES

América	Joaquim Lapinha	
Gênio Lusitano	Maria Cândida	
Gênio Americano	Francisca de Assis	
Tempo	Antônio Ferreira da Silva	
1.º Capo do Coro	Luís Inácio	ambos músicos da
2.º Capo do Coro	Gerardo Inácio	Capela de S.A.R.
Coro de Americanos		
Americanos que acompanham a América, e que não falam.		

MUTAÇÕES DAS CENAS

- 1.^a **Vista de montanhas, planície com bosque.**
- 2.^a **Templo da Memória.**

As Cenas, máquinas, decoração, e modelos dos vestuários é tudo da invenção de **Manuel da Costa**, Pintor, e Arquiteto do mesmo Teatro.

O Vestuário é de **João Correa**, Alfaiate do dito.

A Música é de **Fortunato Maziotti**, Compositor da Câmara, e Capela do PRÍNCIPE REGENTE N.S.

Autor do Drama, **Antônio Bressane Leite**.



AO
PRÍNCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR
DEDICATÓRIA

Eu sou Luso, Senhor, leal quais foram
Meus honrados Avós, guardo no peito
O puro amor, e fé, que eles juraram,
E que eu jurei também ao Luso Sólido.
No mesmo berço, em que eles me embalaram,
Por ilustres virtudes bafejado,
Desvelado embalei meus filhos caros:
E apenas divisei seus tenros braços
Capazes de brandir a nobre espada,
Ufano os conduzi de Marte ao campo,
Onde à frente das filas Lusitanas,
Tocando as Quinas, empunhando o ferro,
Com os Olhos no Céu, ao Céu juraram
Constantes dar a vida, dar o Sangue
À cara Pátria, ao Rei, e ao Ser Supremo.
Oxalá que o seu sangue o preço fosse
Da vitória, com que os Céus enchessem
De Padrões imortais o vosso Império.
Enquanto ternos ais Lísia saudosa,
Despida de seu fausto, aos Céus mandava,
E sobre férreo trono o vil engano
De leis cruentas lhe manchava os lares;
Enquanto os caros Lusos desarmados,
Ao som dos duros feros, que arrastavam
Juravam sobre as aras da Constância
Dar a vida por Vós, salvar a Pátria;
Eu sempre proclamei, por via oculta,
Vedada aos olhós dos cruéis tiranos.
De mostrar não perdia um só momento
O sagrado dever d'um Luso honrado:
Até que raiou nos nossos horizontes
O dia desejado, e de mais glória,
Que tem enobrecido os Lusos fastos.

Heróis Britanos, que escolheu Mavorte,
Modelos de valor, e de amizade
Nossas duras cadeias despedaçam.
Sobre as torres de Lísia libertada
Com que glória tremulam as sacras Quinas!
Sobre as asas de amor enchia os ares
O vosso Nome em turbilhões de vivas;
Então eu fiz subir à Lusa cena,
Em nobres cantos, gratos elogios
A bravura das três Nações unidas.
Hoje, Senhor, que o meu feliz Destino
Me arrojou venturoso às plantas vossas,
E que é chegado o Dia, o grande Dia,
Em que por nosso bem baixaste ao mundo,
Por lei do meu amor teci o Drama,
Que humilde vos offereço: a minha Musa
De todo me deixou, mal viu a empresa
De pretender cantar tão alto assunto,
Que só o louro Deus cantar devera:
Roubou-me o estro, natureza, e arte
Só me deixou o amor, que é quem me inspira
A mão benigna de varão Ilustre,
Honrado, e sábio, que vos ama tanto,
Que dirige, e regula o fausto augusto,
Com que Zeloso abrilhantais as Aras,
Donde sobem os puros sacrifícios,
Com vossos votos, a entrar no seio
Do Grande Rei dos Reis, que impera em tudo;
Foi quem a frente me c'rou de glórias,
Quando, Senhor, de Vós obtive a graça
De eu poder elevar meu pobre Drama,
Rasteiro, e pobre em tudo, às plantas vossas.
Nele quero, Senhor, mostrar ao mundo
Quanto os vassallos vossos vos adoram.
Nas puras aras do Amor mais puro,
Quanto Vós os amais terno, e benigno;
Que vos amam leais, porque são gratos;
Que vós os adorais, porque sois Justo.
Se o Céu me conceder, que um só momento
Vos agrade, Senhor; dê a ventura
Quanto dar pode a seus adoradores,
Que eu mais não quero para ser ditoso.

ATO ÚNICO
CENA PRIMEIRA

Vista de montanhas, pelas quais vêm descendo os Americanos em admirações dos prodígios, que observam; e ao som do retornelo dão volta ao Teatro, que representa uma vasta campina: Coro concertante com as duas principais pessoas do dito Coro.

CORO

Dizei-nos, ó Céus, que Nume,
Para vencer nosso Fado
Deixando o Sólido estrelado
Vem entre nós habitar.

1.º Capo No terno canto
 Da turba alada,
2.º Capo Nos doces risos
 Da madrugada,
Os dois Meiga alegria
 Tão calmo dia
 Vem bafejar.

CORO

Dizei-nos, ó Céus, que Nume,
Para vencer nosso Fado,
Deixando o Sólido estrelado
Vem entre nós habitar.

1.º Capo Em novos quadros,
2.º Capo Rindo a natura,
Os dois Nossa ventura
 Nos vem mostrar.

CORO

Dizei-nos, ó Céus, que Nume,
Para vencer nosso Fado,
Deixando o Sólido Estrelado
Vem entre nós habitar.

Descem os dois Gênios em um grupo de nuvens, e cantam o seguinte:

DUETO

Gênio Lusit. O Tempo, que os bronzes come
Gênio Americ. De quem quanto existe pende
Ambos A cadeia, que nos prende
 Jamais poderá quebrar.
Gênio Lusit. Ó que união tão ditosa!
Gênio Americ. Ó que glória, que ventura!
Ambos Sinto n'um mar de ternura
 Meu coração palpitár.

Gênio Americano

Mensageiro, do Deus, que os bons premia
 Baixamos sobre vós, Povos ditosos.
 Eu sou o Sacro Gênio, a quem foi dada
 A glória de reger vossos Destinos.
 Sim, Povos do Brasil, vós que n'outra'hora.
 A cerviz inclinando à negras aras,
 Só cumprireis as leis, que vos ditavam
 Do Báratro horrendo as ígneas Fúrias;
 Que a par das feras por incultas brenhas
 (Menos feras que vós) em sangue humana
 Tingieis da Ignorância os grilhões duros,
 Enquanto pelos cumes de altas serras
 Não vistes tremular as Lusas Quinas;
 E por Lusos Heróis, que eternos vivem
 Da Memória imortal no Templo eterno
 Em honra ao Céu, ao Rei, e à Fé sagrada
 Calcando p'rigos, afrontando a morte,
 Vencendo de Netuno a fúria brava,
 Nos vossos lares, venturosos lares
 Deram ao Grande Deus cultos sagrados.
 Sabei, ó Povos, com que glória o digo!
 Que por lei, que firmara a mão do Eterno,
 Na glória, que gozais sois mais ditosos,
 De quantos hoje habitam o vasto globo.
 Sois de tanta ventura devedores
 Ao Gênio Tutelar do Luso Império.

Gênio Lusitano

Amados Lusos meus, tão alto Nome
 Hoje vos manda dar o Céu Sagrado:
 Eis o prêmio do amor, com que nos braços
 Constantes sustentais o Augusto Trono
 Do Invicto JOÃO, o Terno, o Justo.
 Tanto deveis ao Gênio, que no berço
 Em suaves chuveiros copiosos
 Vos influíra ufano o amor mais puro
 À Pátria, ao Trono, à Lei, e ao Deus Eterno.
 As Ciências, e as Artes, que em vós moram
 Tem enchido de pasmo o mundo inteiro.
 Na Atenas Lusitana vossos nomes
 Em eternos Padrões estão gravados.
 Vosso valor nos campos de Mavorte
 Cr'oado se acha de imurcháveis louros.
 Cumpre a grandes virtudes, grande prêmio:
 O Céu vos premiou, o Céu é justo.
 O Grande Rei dos Reis, que os Reis exalta,
 Que abate Cetros, e que eleva Tronos,
 Esgota os Cofres do Poder imenso,
 Do refulgente Sólido vos envia
 Nas asas níveas d'um sorriso brando
 O PRÍNCIPE, que rege o Luso Império,
 O PRÍNCIPE melhor, que há tido o mundo.

TODOS

Que prêmio! Que ventura! Que Sob'rano!

Gênio Americano

O Tito Lusitano, que separa
 O instante infeliz dos que respira,
 Em que com mão piedosa não arranca
 Das garras da indigência um desgraçado;
 O nosso caro amor, JOÃO excelso
 Neste Dia feliz, que o Céu bafeja
 Em que os olhos abriu, à luz do dia,
 Atento ao nosso bem ao Empíreo manda
 Amantes preces, que o Amor lhe inspira.
 Em retos turbilhões os astros coram,
 Rompem os espaços, pelo Céu se entranham,
 Eis chegam ao Coração do Nume Eterno,
 Que do Sólido estrelado ufano ordena;

Que ao Império, que a Afonso fora dado,
 Que em tempo algum jamais será vencido,
 Se de uma vez em laço estreito
 Da América feliz o Império novo;
 Que os dois Impérios sejam um só Império,
 Que os dois Gênios se unam num só Gênio,
 Que um só laurel lhe adorne as altas frentes.

TODOS

Ó que união Feliz! Ó que ventura!

Gênio Lusitano

Enquanto sobre as asas refulgentes
 De amorosas canções, de ternos Hinos
 Pomos os corações agradecidos;
 Digamos com a fé mais excessiva
 O PRÍNCIPE REGENTE

TODOS

Viva, viva.

Ao som do retornelo faz o Coro duas alas no meio do
 Teatro, ficando os dois Gênios na frente, que com
 mãos, e rostos levantados ao Céu cantam o seguinte

HINO

Concertante com o Coro

A DUO

Recebei, ó Sacro Nume,
 Votos de amor, e amizade:
 Conservai-nos por piedade:
 Dos bons Reis, o Rei melhor.
 Como os Vassallos o amam
 Ama os Vassallos, que rege:
 Piedoso Nume, protege
 Um PRÍNCIPE todo amor.

CORO

Conservai-nos por piedade
 O PRÍNCIPE, o nosso amor.

A DUO

Os degraus do Luso Trono,
 Por virtudes sustentado
 Beije o monstro agrilhado,
 Que é do mundo usurpador.

CORO

Conservai-nos por piedade
 O PRINCIPE, o nosso amor.

CENA II

Sai a América em um carro majestoso puxado por
 Americanos; o Coro, e os Gênios a vão receber, e
 descendo do carro, diz

América.

A ninguém mais do que eu, Gênios Divinos,
 Pertence a alta glória deste Dia,
 Dia, que o Deus imenso consagrara
 Ao maior dos mortais, ao nosso Augusto,
 Para nele unir meu vasto Império
 Em laços ternos ao Império Luso.
 Quanto aos Lusos Heróis sou devedora,
 Que sem temer a morte, em frágeis lenhos;
 Por mares até ali jamais trilhados,
 Tocando o abismo, topetando os astros,
 Arrostando o furor de ímpias procelas,
 Sem pavor os meus lares penetrando,
 Ao facho aceso da Razão Divina
 Das trevas da ignorância me arrancaram!
 Quanto sou devedora aos Reis Augustos,
 Que com mão majestosa abrilhantaram
 A Régia C'roa, que me adorna a frente.
 Quanto devo a JOÃO, ao digno Neto
 De tão altos Avós, Heróis quais eles!
 A cada instante as vestes me enriquece,
 As magnas vestes, que vaidosa estendo
 Por meus vastos limites, que resistem
 Ao choque horrendo de empolados mares.
 Que glória! Filhos meus, já somos Lusos.

Cumpre-nos defender o Luso Sólido:
 Eu à frente de vós marcho vaidosa,
 No peito levo o amor, no braço o alfange.
 Ou vencer, ou morrer, Filhos amados,
 Sem brio, sem valor a vida é nada.
 Baqueie de uma vez no Averno horrendo
 O monstro enganador, que assola o mundo.

ARIA

Concertante

Ao Campo, Filhos, às armas,
 O Clarim nos chama à glória:
 Preso ao carro da vitória
 Morda os grilhões o traidor.

Defendei, ó Sacro Nume,
 Deus Potente, defendei
 O nosso adorado Rei,
 O nosso amado Senhor.

Caia por terra o pérfido
 Exangüe o monstro estale,
 Seja o ai final que exale
 Troféu do Luso valor.

CORO

Defendei, ó Sacro Nume,
 O nosso amado Senhor.

América

Caia por terra o pérfido
 Exangüe o monstro estale,
 Seja o ai final, que exale
 Troféu do Luso valor.

Gênio Lusitano

Atento a tanto amor, virtudes tantas,
 Que com glória do Céu, prazer do mundo
 Fervem nas vossas almas venturosas;
 Pelo poder da minha Divindade
 Quero mostrar-vos da Memória o Templo.

CENA III

Sai o Templo

América

Mas que Gênio fatal de aspecto feio
Para nós se encaminha! eu gelo, e tremo!

Tempo

América feliz, Gênios Sagrados,
Vós Povo o mais feliz, de quantos rendem
Infalível tributo ao meu Império:
Sabei que o Tempo eu sou, que aos feros golpes
De meu fero fatal ninguém resiste,
Que do Cedro robusto a coma abato,
Que levo às nuvens o mimoso arbusto,
Que altas serras reduzo a fundos vales,
Que das planícies formo erguidos montes,
Que os colossos, pirâmides, os muros,
Os templos, obelisco; tudo, tudo
De uma vez acabei, deixando apenas
A memória aos mortais, de que existiram.
Hoje por lei do Céu, ó lei! ó glória!
Paro (o que nunca fiz) no veloz giro,
E cheio de prazer, nadando em glórias
Venho a cumprir a lei do Céu Supremo.
Curvado com o peso das virtudes
Geradas de JOÃO no terno peito;
Neste Dia maior dos dias todos,
Que ao seu feliz Natal é consagrado,
Ufano as coloquei no Eterno Templo.
Semi-Deuses, e Heróis vêm recebê-las,
Pasmam os Grandes Avós, os Heróis pasmam,
E n'um mar de alegria, arfando em glórias,
Alçando as mãos ao Céu; ternos inundam
Do pranto mais gostoso as cãs honradas:
Tendo-lhes tributado incensos puros,
Vão com elas em mil festões pendentes
Adornar-lhe o Espaldar do Etéreo Sólido.
Cumprida a lei está, aos pés do Augusto.

Já os grilhões quebrei, grilhões, qu'atavam
 Seus Impérios ao meu terrível carro,
 Que unidos hoje nos mais doces laços,
 Livres do meu furor, já são eternos.
 Gozai em doce paz as altas glórias
 Do Dia dado ao Semi-Deus dos Lusos,
 Com que do Empíreo a mão do Onipotente
 Adorna as vossas frentes venturosas.
 Desta sorte premia o Ser Supremo
 Os vassallos modelos dos vassallos
 O PRÍNCIPE, que é dos Reis modelo.
 Esse monstro, a quem nutre sangue humano,
 Que só a vil traição levanta altares,
 Que unidos às fúrias do Averno horrendo
 Quer afogar em sangue o vasto Globo;
 Esse gigante enorme, que parece
 Quer escalar o Céu, calcar os astros;
 Vosso escravo será, de JOÃO Invicto
 O carro há de puxar, baixando a frente.
 De venenosas serpes coroada:
 Até que aos golpes de meu tremendo ferro
 Caia o Tirano sobre o Orco escuro,
 E o nome do cruel seja lançado
 Sobre as aras fatais do esquecimento.
 Gozai a doce paz a fresca sombra
 Das virtudes, que o Sólido lhe sustentam.
 Eu me aparto de vós, cortando os ares
 Vou meu giro formar de estragos cheio.
 Porém que sinto ó Céus! Que mão Divina
 Me prende as asas, e me tolhe o vôo!
 Três vezes me equilíbrio, mas três vezes
 As frouxas asas sacudir não posso!
 Que fera, justo Céu! . . . mas já compreendo
 Amplia a lei o Deus, que a lei ditara;
 Manda o Supremo Ser, que neste Dia
 Não se escute gemer um desgraçado,
 Que hoje o mundo todo em paz repouse
 Sem sofrer do meu jugo o peso enorme.

América

Vamos, ó Filhos meus, em ternos hinos
 Seu Nome colocar além dos astros.

CENA ÚLTIMA

Templo da Memória ornado de estátuas de Heróis, e no fundo um erguido Trono sustentado pelas Virtudes, no qual se verá o retrato do PRÍNCIPE, que sustentam a Fé, e o Amor: dois Gênios em um grupo mais elevado seguram um laurel, que coroa o retrato; todo o Trono, e os ditos ornatos têm de ser transparentes, e iluminados: esta mutação se fará ao som de uma estrepitosa Sinfonia, que acompanhará o Coro seguinte.

CORO

Ah! quantas glórias
O Empíreo encerra,
Hoje na terra
Vemos brilhar.

Gênio Lusitano

Este o Templo imortal, que habitam Numes,
Onde o Grande JOÃO tem Trono Eterno.

Gênio Americano

Quanto aos Etéreos Lares se assemelha!

Tempo

Sobre as aras do Amor, e da Ternura
Já a foice me cai da mão rugosa.
Ó Virtudes! Ó Deus! Ó Lei! Ó glória!
Vamos, Povo feliz, de puros votos
Adornar-lhe os degraus do Trono excelso.

América

Que glória! Que prazer! Vamos, ó Filhos,
Tributar-lhe odoríferos perfumes,
E sobre as asas de canções sonoras
Render-lhes os corações de amor nutridos.

Marcham o Tempo, os Gênios, e a América de mãos dadas, seguidos do Povo em duas alas, tudo ao som de Sinfonia, e depois de se prostarem junto ao Trono, canta a América com os dois Gênios o seguinte

TERCETO

- América.** Soberba penso ser Nume,
Mal que tocam os lábios meus
O Trono do Semí-Deus
Nosso Augusto Tutelar.
Meu coração,
N'um doce efeito,
Sinto no peito
A palpitar.
- Gênio Lusit.** A glória, que me enche a alma
Eu não a posso explicar.
- Gênio Americ.** Em êxtase amorosos
Me sinto ao Céu elevar.
- Os Três.** Meu coração
N'um doce efeito
Sinto no peito
A palpitar.
- Gênio Lusit.** Ó que glória, ó que prazer!
- Gênio Americ.** Que terno bem! Que ventura!
- América.** Doce pranto de ternura
Vem minhas faces banhar.
- Os Três.** Meu coração
N'um doce efeito
Sinto no peito
A palpitar.

Tempo

Nas vossas glórias, que me tocam tanto
Gritemos, Lusos meus, as nossas vozes
Retumbem nas abóbadas Celestes;
Viva o mimo do Céu, que o Céu bafeja,
De quem a nossa glória se deriva,
Viva o PRÍNCIPE excelso.

TODOS

Viva, Viva.

CORO ÚLTIMO

Viva, viva o nosso Augusto
Goze do Céu os Tesouros,
Repouse à sombra dos louros
Nos ternos braços da Paz.

Os dois Capos

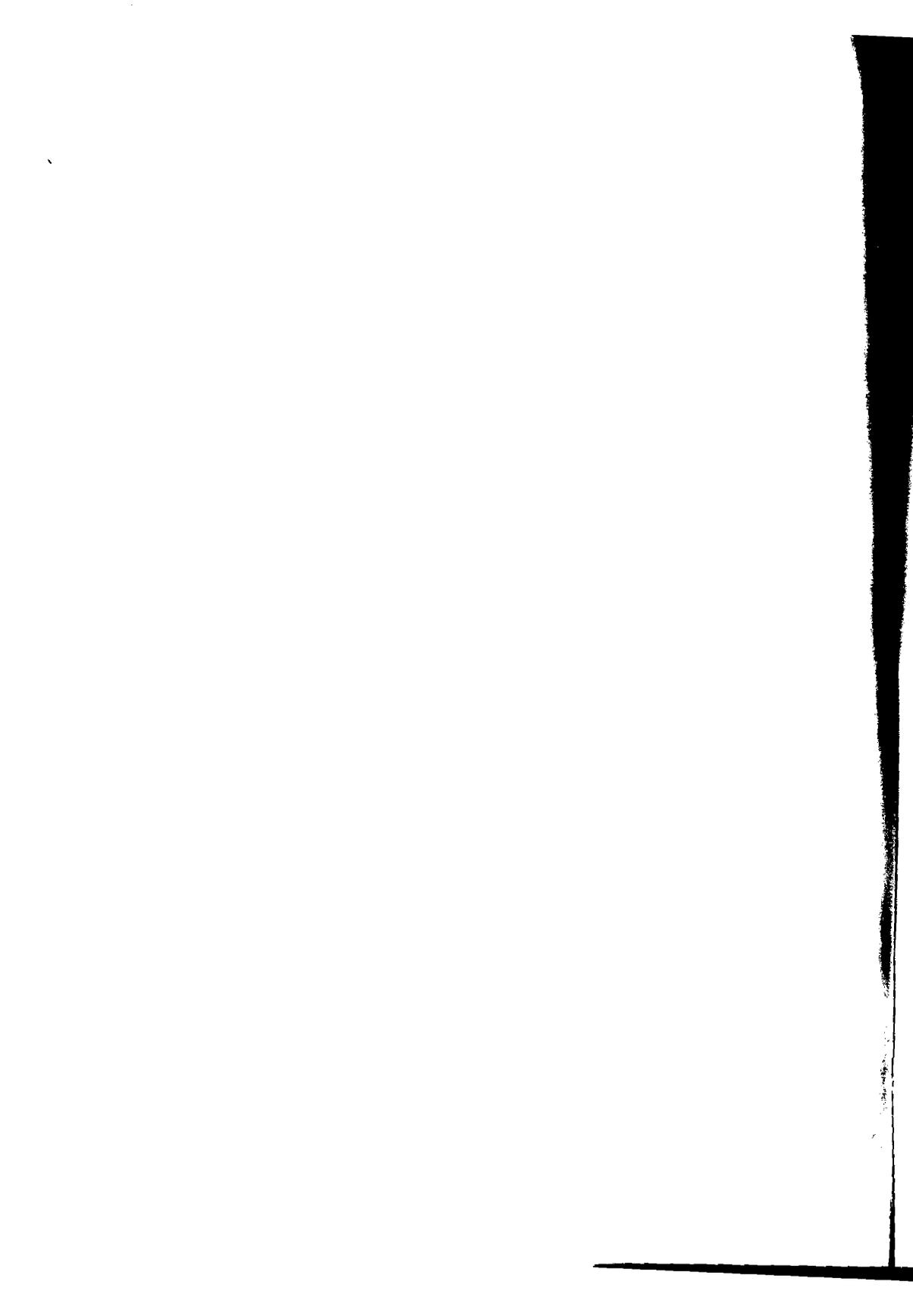
Para ser, ó Céus! Eterno,
Isento da morte infida
Conte os instantes de vida
Pelos ditosos, que faz.

CORO

Viva, viva o nosso Augusto
Goze do Céu os tesouros,
Repouse à sombra dos louros
Nos ternos braços da Paz.

FIM

7. **AUGURIO DI FELICITÀ** [...] RIO DI
GIANEIRO [SEM INDICAÇÃO DE
AUTOR] NOVEMBRO 1817.



AUGURIO DI FELICITA,
O SIA
IL TRIONFO D'AMORE,
SERENATA PER MÚSICA
DA ESEGUIRSI
NEL REAL PAALAZZO
DEL RIO DI GIANEIRO,
PER CELEBRARE
L'AUGUSTISSIMO SPOSALIZIO
DEL SERENISSIMO SIGNORE
D. PIETRO D' ALCANTARA,
PRINCIPE REALE,
DÈ TRE REGNI UNITI
DI
PORTUGALLO, BRASILE, ALGARVE,
DUCA DI BRAGANZA,
COM
LA SERENISSIMA SENHORA
D. CAROLINA GIUSEPPA
LEOPOLDINA
ARCHIDUCHESSA D'AUSTRIA,
ORA
PRINCIPESSA REALE &c. &c.
NEL MESE DI NOVEMBRO 1817.

RIO DI GIANEIRO
Per Ordine Reale



**PERSONAGGI,
LI SIGNORI**

GIOVE	João dos Reis
AMORE	Antonio Ciconi
LA FAMA	Giovanni Francesco Fasciotti
LA VIRTU	Pasquale Tani
IL GENIO LUSITANO	Antonio Pedro
LA GLORIA	Giuseppe Capranica
IL TEMPO	João Mazziotti
IMENE	Marcello Tani

Tutti virtuosi della Real Capella di S. M. F.

Coro di Piaceri,
Coro delle Ore,

Seguaci di Amore.
Seguaci del Tempo.

Il luogo dell'azione si figura nelle Vicinanze del
Rio di Gianeiro.

La Musica è di Marcos Portugal, Compositore della Camara di S. M. F., Maestro di S.A. SERENISSIMA IL PRINCIPE REALE, LA PRINCIPESSA, E DE' REALI INFANTI.

In mancanza di Poeta

La Poesia é pure del suddetto Maestro, il quale confessa, e dichiara, che s'è egli generalmente sempre servito, in moltissime situazioni, dei versi dell'immortale Metastacio, e tutte quelle volte, che gli hà potuto riuscire il trovarli adattabili all'oggetto, e circostanze.



AUGURIO DI FELICITA
O SIA
IL TRIONFO D'AMORE
PARTE PRIMA

La decorazione rappresenta una amenissima Campagna alle sponde del mare, sulle vicinanze del Rio de Janeiro. Detta Campagna in parte montuosa. Sol nascente Sull'Orizzonte.

**Amore, Fama, la Virtu, la Gloria, e, e
Coro di Piaceri.**

CORO

Piu bella aurora
Piu lieto giorno,
Dall'onde fuori
Mai non uscì.
Mai fur si chiare
Nel Ciel le stelle,
Ne chetto il mare
Giannai così.

AMORE, E FAMA

È, pur soave amore,
Chi nol vorrebbe in sen!
È pur felice un core,
Sicuro del suo ben!

AMORE

oh giorno di contento!

FAMA

Che gioia, che in me sento!

AMORE, E FAMA

Amanti, non piu pene!
Le amabili Catene,
Fra poco stringerete,
Contenti al fin godrete
Di pace il bel seren.

VIRTU

Altero il Tempo frema,
 Di sdegno venga armato,
 Paventi, si, ne trema,
 Confuso, ed agitato,
 Lo roderà, lo spero,
 La rabbia, ed il velen.
 Ormai già la speranza
 Dee perder quell'infido,
 Che in loro la costanza
 Si cangi mai nel sen.

CORO

A fabbricar si belle
 Amabili Catene,
 Tutto s'impiega il Ciel,
 Non furon mai le stelle
 Piu fauste, ò piu serene,
 Non vi fu mai fra quelle
 Concordia piu fedel.

FAMA

Lode agli Dei! l'istante alfin è giunto,
 Che della terra i voti,
 Il Cielo ha secondati!
 In questo Lieto giorno annoda Imene
 Al Celeste Germoglio
 D' ECCELSA GENITRICE, del piu giusto
 E ancor del mondo adorato Sovrano,
 II GRANDE, L'IMMORTAL GIOVANNI AUGUSTO,
 Là dell'Austria la piu lucente stella,
 La piu fulgida, e ancora la piu bella.

AMORE

Oh di miè cure soave, e dolce incanto!

GLORIA

O quanto mai bramato,
 E sospirato giorno!

VIRTU

Oh di felice, e grato! Ma già spunta
 In Orizzonte il Sole! Ormai fia tempo,
 Che di tante, ch'io sparsi
 (Reggendo fin'ora) cure, e sudori,
 Frutto al fin ne raccolga.

FAMA

Amor non soffre indugi,
 Tu l'insegni, tu il sai. . . (1)

GLORIA

Andiamo pur, andiamo, è tempo ormai.

AMORE

È vero, è vero; io lo confesso, amiche;
 Agli amanti infelice
 Son Secoli i momenti! E sono instanti
 I lunghi giorni ai fortunati amanti.

AMORE; E FAMA

È pur soave amore,
 Chi nol vorrebbe in sen?
 È pur felice un core
 Sicuro del suo ben!

AMORE

Ma prima di compir così bell'opra,
 Al Tempo è d'uopo, che i passi affrettiamo;
 Del fier nostro cimento
 L'istante è quasi or ora.

GLORIA

Nò, non è giunto nò, v'è tempo ancora.

VIRTU

Di frodi, e trame armato,
 L'orgoglioso, l'altero venga pure;

(1) Ad Amore

FAMA

Trema l'insano allora,
S'accenda, avvampì, alla vendetta aspiri.

VIRTU

Nodi si cari fabbricati in Ciel
Per man sè Numi, stolto!
Ei franger non potrà.
L'anima lor sará
Di tante, e di tali virtùdi impressa,
Che ammirarli dovrà l'invidia istessa.

AMORE

Dite, vedesti mai
Di quella una copia così perfetta?
Il dolce incanto, il soave vagheggiare
Come dè lor vezzosi, e amati rai?

FAMA

Nò. non si vidde, ah non si vidde mai.

AMORE

Di CAROLINA, il minor vanto in lei
É la Stirpe immortal. Tutti a formarla
Garreggiarono i Numi.
Ha di Pallade in mente
Tutto il saper profondo;
Di Diana il dolce riso;
Ha nel core Aretea, Venere in viso.
PIETRO, L'ECCELISO PIETRO, porta in seno
Tutte delle virtù lo stuolo accolto,
E il regio cor se le conosce in volto.
Farò, che il mondo impari
Di lor la fedelta;
Ah nell'amarvi, o cari,
Oh qual felicità.
(Che pena oime! ch'io sento,
Ch'or venga l'incostante
Con pallido semblante!
Ah che fatalità!)
Sposi, da voi dipende
Goder la pace in seno,
Io son contento appieno,
Balzando il cor mi stá.

GLORIA

Fin'or mostraste, oh Dei,
 Della STIRPE SUBLIME
 Quanto opraste a favore.
 Da così gran principi dovrà il mondo
 Antiveder dé Lusi, e gli Austri il fato.
 Oh Sposi! Ah Genitori!
 Oh Suolo avventurato!
 Ne a contender, ne a pugnare, superbo
 Il Tempo con me venga,
 Che il suo furor non temo.
 É tanto il mio potere,
 Che adonta della sorte, se talora
 La Gloria è un pregio sì gradito, che,
 Pur, che giunga con quella
 Agli occhi degli Eroi la morte è bella.

Coro delle ore seguaci del Tempo. Indi il Tempo.
 Amore, Fama, Virtù, e la Gloria in disparte,
 che a suo tempo s'avanzano.

CORO

Degli mortali miseri
 Tu cangi sol gli eventi!
 Gli affanni, ed i contenti
 Dipendono da te.

TEMPO

Al mio voler possente
 Il mondo in van s'oppono;
 Che venga alla tenzone
 Chi vuol pugnar con me.

CORO DELLE ORE.

Signor ormai s'appressano...

TEMPO

Io qui gli attendo intrepido.

CORO

Audaci già s'avanzano...

TEMPO

Sappranno il mio valor.
 Di tutto il mondo intiero
 Io tengo sol l'impero,
 Diventerò piu fiero,
 Paventeranno allor.

CORO

Per te combatteremo,
 Ti seguiremo ognor.

TEMPO

Ma venite, ó superbi,
 Conoscete, chi sono
 Sommessi ad implorar a me perdono.
 Venite, o ch'io sdegnato
 Farò con una scossa,
 Find da cardini suoi crollare il Cielo.
 Confonderò le Sfere;
 Farò del mondo una scomposta mole:
 Toglierò il corso agli astri, i raggi al sole.

AMORE

Che intesi!

GLORIA

Che ascoltai!

FAMA

Spergiuoro!

VIRTU

Audace!

Non sai, che fino a tanto
 Non giunge il tuo potere?
 Lo comprendi, lo vedi.

TEMPO

Ma giunge più di quel, che tu ne credi.

AMORE

Baldanzoso! E t'incresce
 Che due bell'alme amanti, pura fiamma
 Eterno amor conservino?

TEMPO

Dipendi sol dalla mia possanza
 Dè cuori il cangiamento,
 Lo fei veder e cento volte, e cento.

FAMA

Barbaro! Deh modera
 Una volta, quel tuo furore insano;
 Io tel consiglio, t'affatichi invano.

TEMPO

Ardua impresa non è, per chi torreggia
 Su degli umani affetti.

VIRTU

Vana lusinga!

TEMPO

Ma forse v'è ignoto
 Con quali ordini eterni
 L'armonia delle cose io ne governi?
 Ed or...

FAMA

Taci Superbo!

TEMPO

Saprò...

AMORE

Tronchisi ormai
 L'inutile contesa;
 Perfido! In van tu tenti
 Di frangere què lacci.
 Quell'insano tuo orgoglio
 Abbattere saprò.
 Estinguer non potrai
 La pura, e bella fiamma
 D'UNA SI ILLUSTRE COPIA
 Tanto cara agli Dei!
 Cede è d'uopo a noi, folle, che sei!
 Impallidir dovrai,
 Perdon mi chiederai
 Fra pochi istanti audace!
 Non turberai la pace
 D'un puro, e bel candor.

TEMPO

Si smorzerá, lo giuro,
 Quel foco del suo amor.

VIRTU, E GLORIA

Ma taci alfin spergiuoro,
 Infame traditor.

FAMA

Colla sonora tromba
 Nel mondo, che rimbomba,
 Faró spiegando il volo
 Palese in ogni polo
 Quell'amoroso ardor.

TEMPO

Si placherá, lo spero,
 Quel vano tuo furor.

AMORE, E GLORIA:

Ma cedi, menzognero
 Che oggetto si d'orror!

VIRTU

Virtu, se non ti muove
 Deh vanne, ah fuggi altrove!
 O' con sereno ciglio
 Prendi da me consiglio,
 Sarai contento allor.

TEMPO

Ti strazzierà il veleno
 In seno del rossor.

AMORE

Ah mentitor!

TEMPO

Io fremo!

GLORIA

Del mio poter . . .

TEMPO

Non temo.

FAMA, E VIRTU

E non ti avvedi insano!

TEMPO

Ah lo sperate in vano.

AMORE, FAMA, GLORIA, E VIRTU

Affanni miei tiranni
Celatevi nel petto

TEMPO

Vantate un tanto affetto,
Cantare la vittoria,
Non vi fù mai la gloria
Che sia costante un cor.

AMORE, FAMA, GLORIA, E VIRTU

Incerto i sguardi gira,
Confuso, e palpitante
Si sente vacillar!
Ah tema l'incostante,
Cominci a paventar.

TEMPO

Incerto non poss'io
Trovar in me gli accenti
Ondeggio pure oh Dio!
Comincio a vacillar.

TEMPO

Dunque vadasi . . .

AMORE

E dove!

TEMPO

A combattere.

FAMA

E ardisci!

TEMPO

Io voglio ...

GLORIA

Ma che dici!

VIRTU

Che orgoglio!

TEMPO

In grembo a Giove...

AMORE, FAMA, VIRTU, E GLORIA

Risolvi ... di ... ma poi ...

TEMPO

Con voi, con voi pugnar.

AMORE, FAMA, VIRTU, GLORIA

Si vada ...

ISUDETTI;
CORO DELLE ORE, E
CORO DI PIACERI

Ah Dei! che sento!

TEMPO

Vi sfido al gran cimento.

AMORE, FAMA, VIRTU, LA GLORIA, E

TUTTO IL CORO:

Al cimento, al cimento.

AMORE, FAMA, VIRTU, E GLORIA

Ah sdegni miei soffrite,
Per poco tollerate,
Amanti, si, sperate
La calma al vostro cor.

TEMPO

Ah che di sdegno avampo!
Me stesso non comprendo!
V'attendo si v'attendo,
Vi sfido alla Vittoria,
Ah che di tanta gloria.
Hó già ripieno il cor.

CORO DELLE ORE

Ah che il castigo agl'impj
È tempo s'incominci;
Vieni, combatti, e vinci,
Ma pugna con valor.

CORO DI PIACERI

Ah sdegni miei soffrite,
Per poco tollerate;
Amanti, si, sperate,
La calma al vostro cor.
Fine della Parte Prima.



AUGURIO DI FELICITA,
O SIA
IL TRIONFO D'AMORE
Parte Seconda

VIRTU

Non basta, ó delle sfere
Saggio moderator, che della cieca
Fortuna esposta all'ire
Sempre sia la virtu, ma il tempo ancor
Nemico ho da soffrir?

AMORE

Ed io dovró tacere,
Che usurpi il tempo i doni dell'Amore?

FAMA

E noi da tanti olraggi
Vendetta non faremo?

GLORIA

A me sola s'aspetta. . . .

VIRTU

A me lasciate

AMORE

Sara mia cura

FAMA

Il mio studio sarà . . .

In questo sopraggiunge il Genio Lusitano dicendo

GENIO LUSITANO

Basta, oh Numi, cessate.
Or giunge avoi, ne in vano,
L'amico, il forte, il Genio Lusitano.
Cessi quel vostro affanno!
Nò, non temer dovette;
In me ritroverete
L'amico, il difensor.

CORO DI PIACERI

Ma i Sposi.

GENIO

Avran riposo

CORO

E Amore!

AMORE

Ma voi tacete! E ormai già vi smarrite!
Esultate! gioite!

Il trasporto, che mi sento
Mi rapisce, mi sorprende!
Ah, che l'alma non l'intende,
Io non reggo in tal momento,
Giubilando il cor mi và.

CORO

Per l'eccesso del contento
Giubilando il cor gli và.

GENIO

Dall'augusto mio seggio, oh Numi invitti,
In darno a voi non vengo.

AMORE

In giubilo, ch'io sento
M'innonda il petto appieno!

FAMA

Dalla gioia mia balza il cor nel seno!

GLORIA

Che piacer!

VIRTU

Che contento!

GENIO

Oh cara patria!

GLORIA

Oh Sposil

AMORE

Oh bel momento!

GENIO

La cura a me commessa
 Di tanti regni, e tanti,
 Di popoli si fidi,
 Di patria cois cara,
 La madre degli Eroi,
 È cura per me dolce,
 Tanto grata, che soave! Ta talora,
 (Io ben lo credo) tanto a me non deve
 Aparagon dei doni che riceve.

AMORE

Ma come!

FAMA

Fia possibile!

VIRTU

Ma spiega . . .

GENIO

A popoli si fidi,
 A patria cosi cara,
 Pure il Ciel donò il giusto, men severo,
 Ma il piu degno Socran!

TUTTI I SUDETTI,
 E CORO DI PIACERI.

È vero, è vero.

GENIO

DEL REGNANTE GIOVANNI

Delizia degli Dei,
 Dono del Ciel gradito,
 Si vedan l'opre, i fatti;
 Si osservi e premj, e pene
 Con qual maturo senno egli divida;
 Chiedasi a sudditi regni,
 Quanto è dolce il suo freno; alfin si chieda
 A tutto il mondo intiero,
 Dalla sua man pacifica o guerriera,
 Quanto ebbe, quanto gode, e quanto spera.

FAMA

Quanta s'apresta, e quanta
Materia a labbri miei!

VIRTU

Quanto al mio regno
Sicura sede!

GLORIA

E quale.
Nascere nuovo di cose ordine io veggio!

AMORE

Ma opportuno giungesti. Il tempo edace
Superbo, e minaccioso tenta ormai ...

GENIO

Abbastanza mi è noto
Il nero suo disegno sò ch'ei vuole
L'inconstanza ispirare fra gli Augusti
E fidi amanti.

GLORIA

Lo cerca ...

VIRTU

Lo tenta ...

AMORE;

L'infido ...

VIRTU

L'inconstante ...

GENIO

E che perciò!

AMORE

Il suo valor è grande ...

GLORIA

È grande il suo potere ...

AMORE

Con dolci inganni ei vuole . . .

VIRTU

Pretende l'inumano . . .

FAMA

Ma lo pretende invano.
 Ma che! E sarà vero, che un tal rivale
 V'ingombri di terrore?
 Si vanterà fastoso,
 Che rechi a noi spavento?
 Ma forse . . . Io non vacille; ardo di sdegno,
 Di bella gloria avvamparmi già sento.
 Lontan da noi sparisca
 Atra nube di caligine oscura!
 In questo lieto giorno
 Non vi regni altra cura,
 Che del core la gioia,
 Che regionar d'amore.
 Spreanza non gli resti.
 Tanto amor, tanta fé, tanta costanza
 Lui stesso ammirerà.
 Nostro sarà il trionfo,
 É vano il dubitarne.
 Lungi, lungi da noi l'orribil ombra
 Di presaggio funesto!
 Vada, e s'involi ogni pensier molesto!
 Senti, il Zefiro, che spira . . . (1)
 Odi l'aura, che si desta . . . (2)
 Ah, che l'alma non delira . . .
 Mormorando quello, e questa
 Van di por la fedeltá.
 Bell'Alme al Ciel dilette, respirate;
 Alfin è tempo ormai:
 Già palpitaste assai,
 E il vostro cor lo sa!
 Con si bei NOMI in fronte,
 Superba andrò veloce,
 Col suono di mia voce,
 Della mia tromba il grido,
 Spargendo in ogni lido
 La sua felicità.

(1) Ad Amore.

(2) Alla Fama.

VIRTU

Ah si, che del trionfo siam sicuri,
Non v'è dubitare.

GENIO

Gran torto a noi farebbe il vacillare.
Sì, sì; è vero. Ma pria di tal contesa
Saggio consiglio or fia
Il gran Giove invocare . . .

AMORE

Al Tempio, al Tempio andiamo.

DETTO, FAMA, GLORIA, E VIRTU

Invochiamolo dunque,

TUTTI I SUDDETTI, E CORO DI PIACERI

Invochiamolo.

VIRTU

Imploro la giustizia . . .

FAMA

Difendo la ragione . . .

AMORE

I doni miei rammento . . .

GLORIA

Io bramo sol vendetta . . .

GENIO

Protego chi m'aspetta.
Ma se d'un tal incarco
Il Nume mi fè degno,
Di patria così cara,
Di un popolo si fido, e a me commesso,
Il padre degli Eroi miri in me stesso.

**Odesi da lontano un suono d'armonia, il quale
avvicinandosi, si sentirà gradualmente
sempre più intelligibile, e forte.**

GENIO

Ma quale d'intorno, lieta, e festiva,
Qual armonia s'ascolta!
Ah qual suono! .. son'io desto !.. ma sogno?..
O pur vaneggio?

AMORE

Un suon mi sembra questo,
Che s'avvicina a noi!

FAMA

Oh ch'io m'inganno... O parmi che di Giove ...
Che risolvo? che farò vado... o resto ...
Ma taccio? O pur favello!
**Transformasi la Scena nella gran reggia di Giove, che asiso nel suo
Trono, starà apresso lui, Apolo, Venere, Imene, ed altri genj
seguaci dei piaceri.**

Detti, indi il Tempo.

GIOVE

Ah non t'inganni nò; si, ch'io son quello.
Ecco a voi, si Giove istesso,
Non armato di furor.
Questo giorno fu concesso
Per la gloria, per l'amor.

CORO DI PIACERI

Ah qual vista! oh qual portento!
Qual piacer! Felice evento!
Il gran Giove è desso, è desso,
Che del mondo, è il domator.

GIOVE

Questo giorno fu concesso
Per la gloria, per l'amor.
La dolce consorte
Al Cielo gradita
Del Sposo la vita
La Speme sarà.

CORO

Deh gran Giove...

GIOVE

Che volete?

CORO

Fier vendetta!

GIOVE

Suspendetta . . .

CORO

Contro il Tempo audace, ed empio!

GIOVE

Tollerate! E nol sapete?

CORO

Ma il castigo sia d'esempio! . . .

GIOVE

In quest'oggi?

CORO

Sì, in quest'oggi.

GIOVE

In tal di! non è permesso.
Questo giorno fu concesso,
Per la gloria, per l'amor.

In momento
Si felice,
Ah sdegnarmi
Non mi lice;
Regni amore
Regni pace,
Deh risplenda
Già la face;
La mia gioia
Non ascondo,
Si festeggi,
Esulti il mondo;
Imeneo così giocondo
Non si vide mai fin'or.

CORO

Le tue leggi rispettiamo
Imploriamo il tuo favor.

GIOVE

Non piu, Numi, non piu:
Tutto alfine mi è noto;
Sò qual ragion vi muove
D'innanzi al Trono a comparir di Giove.

TEMPO

Ah sommo Dio, moderator del mondo,
Deh ti piaccia ascoltar. Lusato giro,
In cui distruggo, e riproduco il tutto.
Si pretende arrestar! . .

GENIO

Nò, non è vero.

IMENE

Innanzi del gran Giove
Tant'osi, e tanto ardisci?
Vanne, t'invola; ò sei stolto, ò mentisci.

TEMPO

(Sono ingrati anche i Numi!)

FAMA

Insolente!

GENIO

Superbo!

GLORIA

Sciagurato!

AMORE

Fuggi!

VIRTU

Insano!

TEMPO

E volete
Menzognieri?

GIOVE

Tacete.

Così dunque di Giove
Hai compreso il volere?
Oggi, in quel giorno istesso
Che agli Sacri sponsali
DI PIETRO, E CAROLINA
S'orna tuta la terra
Di letizia, e piacere,
Vuoi tu Solo, ó superbo,
Comparirmi d'innanzi
E colpevole, e reo? Ma s'io potessi
Sdegnarmi in questo giorno,
Non mi verresti impunemente intorno.

AMORE, FAMA, GLORIA, VIRTU, IMENE,
GENIO LUSITANO

Ah che gran colpo orribile
Nel seno gli piombò!
Cessati son gli affanni,
La calma ritornò.

GIOVE

Dell'ira mia terribile
Il colpo non provò!
Ma cessano gli affanni,
Che Giove il decretò.

TEMPO

Mi strazia um rio veleno
E il seno mi squarciò!

CORO DI PIACERI, E DELLE ORE

Gia smania, già delira
L'ira frenar non può.

TEMPO

(Quale alle mie ragioni
Nuove insidia si tesse?)
Questa ingrata mercede
Dunque ò Giove mi rendi! Epeir si spesso
L'opra mia ti giovò! Ma disprezzando,
E...

GIOVE

Taci, io tel comando.

TEMPO

(Quando si chiàro, e preciso è il volere.
Che di Giove ni viene,
Piegar la fronte, ed ubbidir conviene.)

IMENE

Giunse dunque una volta il di felice,
Dè cui tanto nel Cielo
Si ragionó!

VIRTU

Sarà pur fra mortali
Questo candido giorno
A di futuri si celebre, e sacro!

IMENE

Popoli avventurosi
A qual tempo sebatì!

VIRTU

Qual Sposo! qual consorte!

IMENE

Oh lieto giorno! oh sorte!

VIRTU, E IMENE

Tanta felicità
Un'alma non provò;
Ah! reggera non sà,
Resistere non può,
Quando vicino stà,
L'istante, che bramò!

GENIO

Ma come! tu non parli!
Impallidisci, avvampi,
E immobile ne resti?

FAMA

Ma spiega...

AMORE

Deh parla ...

GLORIA

Ne sei convinto?

TEMPO

Da merito si grande
È gloria l'esser vinto.

GIOVE

Abbastanza fin'ora, o delle stelle
Felici abitatori, parlaste ormai;
È tempo d'ascoltar, diceste assai.

Ecco il bramato istante,
In cui stringer si deve il vostro, ò sposi,
Si Sacro, e dolce laccio =
Da questo in Ciel formato
Nodo, che stringerà la copia eletta,
La sua felicità la terra aspetta.
Di PIETRO, E CAROLINA
Rampolli eccelsi d'invitti regnanti;
Vedran, vedran ne Secoli remotti
I'piu tardi Nepoti
Rinovar questo di:
Ed in queste, o pur altre
Felici Sponde, allora
Eterneran la bella età dell'oro
De figli i figli e chi verrà da loro.

AMORE, FAMA, GLORIA,
Virtu, Imene, Genio,
Lusitano, Giove e
Coro di Piaceri.

Per voi s'avvezzi amore,
Eccelsa copia altera,
Coi mirti di Citera
Gli allori ad entrecciar
Ed il fecondo ardore
Di fiamma così belle,
Farà di nuove stelle
Quest'aria scintillar.

TEMPO, E CORO DELLE ORE

Perdono a voi ne chiedo,
Eccelsa Cópia altera,
I mirti di Citera
Dovrete conservar.
Ed il fecondo ardore
Di fiamme così belle,
Fara di nuove stelle
Quest'aria scintillar.

Il fine della Serenata.



LICENZA,
O SIA
ELOGIO,
GRANDI, E POPOLO
DELL'IMPERIO LUSITANO,

Uno dei Grandi.

Il giubilo festivo
Di questo giorno, sol non si restringe
A festeggiar sì fausto
E dolce imeneo: ma Signore a Te,
E all'AUGUSTA CONSORTE
Di questa gioia si consacra pure
Una parte, (che non è la minore,)
Ma forse la maggiore.
Al tenero cor de padre, se mai
Un dolce premio è dè figli l'amore,
ECCELISO MONARCA ma GIUSTO, E PIO,
Permette, cher per loro
Celebrar io possa, in parte almeno,
Le virtù, che ognun sà, Tu chiude in seno.
Ma incanto! Ove m'innoltro, e ormai che dico!
Forse è minor delitto
Tacere i pregi tuoi, che dirne poco.
Il Ciel unisce insieme
In GIOVANNE L'AUGUSTO, tante, e tante
Virtù si pellegrine, avviva in noi
Tante speranze, e tanti voti appaga,
Che la voce sospeza
Gela su labbro al cominciar l'impresa.
Ma nel silenzio ancora
V'è chi parla per me, Vedete intorno
Come sul volto a tutti
È atteggiato il contento,
Il rispetto, l'amore!
A quel silenzio io cedo.

L'onor dell'opra. Un tal silenzio esprime
 Tutti i noti del cor limpide, e vivi,
 E facondia non v'è, che a tanto arrivi.

L'istesso Grande.

Dir, che per noi v'accende
 D'Amor un dolce foco,
 SOVRANO AUGUSTO è poco
 Per farti un degno onor.

Coro del popolo Lusitano, e tutti i Grandi.

SOVRANO AUGUSTO è poco
 Per farti un degno onor.

Un altro Grande.

Dir che'hai d'ogni virtude
 Lo stuol in seno accolto,
 SOVRANO AUGUSTO è molto,
 Ma non è tutto ancor.

Coro come Sopra.

SOVRANO AUGUSTO è molto
 Ma non è tutto ancor.

Un'altro diverso Grande.

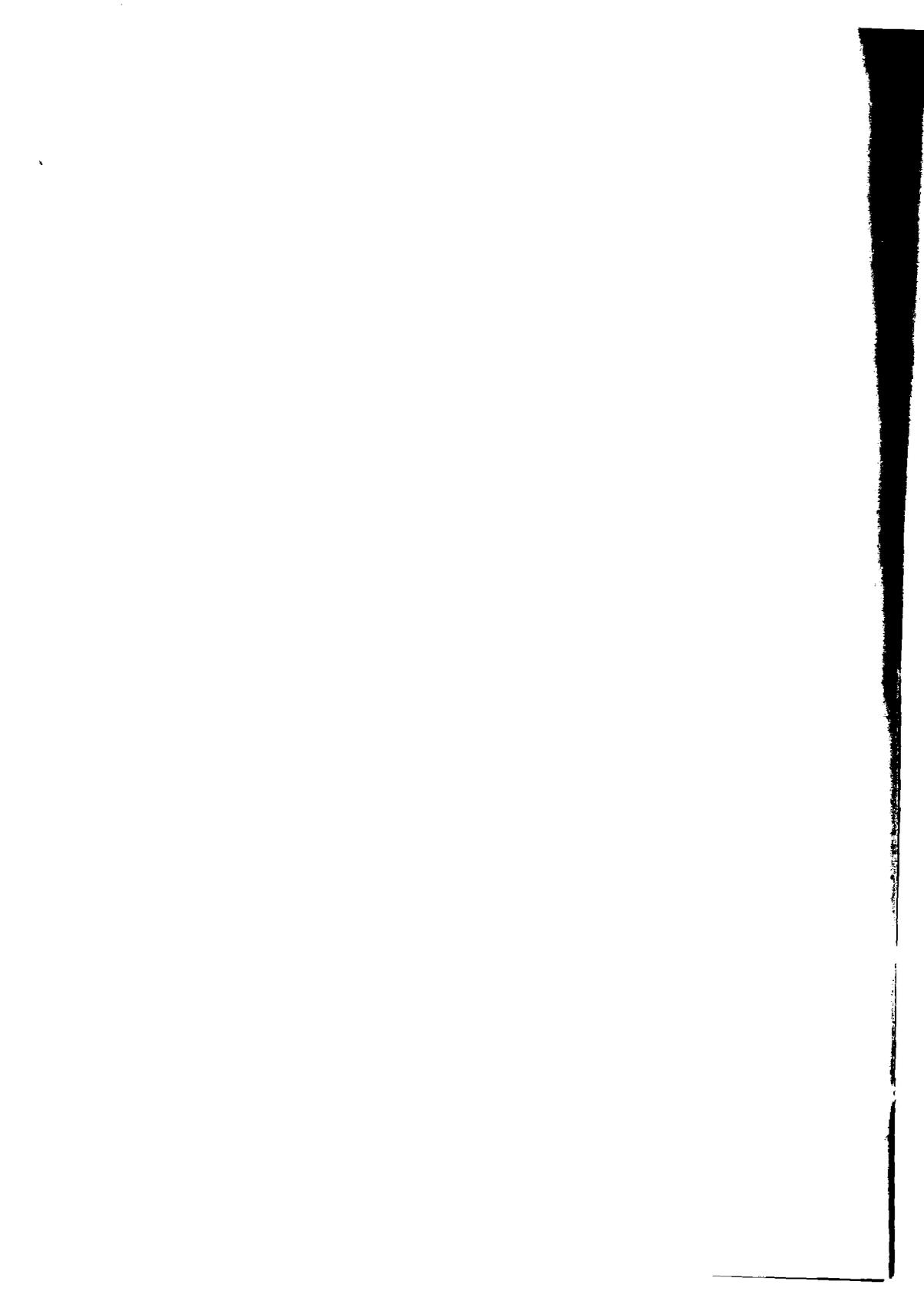
Alfin qual gloria in una
 Tutte le glorie aduna!
 DEL REGNATOR DEL MONDO
 TU regnerai nel cor.

Coro di tutti.

DEL REGNATOR DEL MONDO
 Tu fegnerai nel cor.

Il Fine

ÍNDICE GERAL DO VOLUME II



ÍNDICE DO TOMO 1

	Págs.
Advertência	5
1. Júbilo da América, na gloriosa exaltação, e promoção do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Gomes Freire de Andrada [...] Coleção das Obras da Academia dos Seletos, que na Cidade do Rio de Janeiro celebrou em obséquo, e aplauso do dito Excelentíssimo Herói. Dedicada, e oferecida ao Senhor José Antônio Freire de Andrada, [...] Pelo Doutor Manuel Tavares de Siqueira e Sá, [...] Lisboa: Na oficina do Doutor Manuel Alvares Solano, [...] 1754	7
1.1 Epístola Dedicatória ao Senhor José Antônio Freire de Andrada, Manuel Tavares de Siqueira e Sá	11
1.2 Prólogo ao Leitor, [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	16
1.3 In laudem Praestantissimi Domini [...] Emmanuelis Tavares de Siqueira e Sá, Epigramma [Petrus N. F. de Andrada]	30
1.4 Aliud [Petrus N. F. de Andrada]	30
1.5 Aliud [Petrus N. F. de Andrada]	31
1.6 Aliud, Petrus Nolascus Ferreira de Andrada	31
1.7 Nobilissimo Domino [...] Emmanueli Tavares de Siqueira e Sá [...] Epigramma [Paulos F. de Andrada]	31
1.8 Aliud [Paulus F. de Andrada]	31
1.9 Aliud [Paulus F. de Andrada]	32
1.10 Aliud, Paulus Ferreira de Andrada	32
1.11 Haec uerba Doctor Emmanuel Tavares de Siqueira e Sá hoc anagramma quasi purum sonant, Do Bacharel José Teles de Meneses	32
1.12 Domino Doctori Emmanueli Tavares de Siqueira e Sá, [...] in ludem Illustrissimi, ac Excellentissimi Domini Gomes Freire de Andrada [...] Elegia, Do Bacharel João de Barros Xavier	32
1.13 In laudem Domini Doctoris Emmanuelis Tavares de Siqueira e Sá [...] Epigramma, Do Bacharel Francisco Barbosa de Castro	34
1.14 Domino Doctori Emmanueli Tavares de Siqueira e Sá [...] Anagramma purum [Sebastião Alvares da Fonseca]	34
1.15 Aliud, Sebastião Alvares da Fonseca	34
1.16 Sapientissimo Doctori Domino Emmanueli Tavares de Siqueira e Sá [...] Epigramma [Emanuel M. P. de Carvalho]	35

	Página
1.17 Aliud [Emanuel M. P. de Carvalho]	35
1.18 Aliud [Emanuel M. P. de Carvalho]	35
1.19 Aliud [Emanuel M. P. de Carvalho]	35
1.20 Aliud, Emanuel de Matos Pinto de Carvalho	35
1.21 Dignissimi Emmanuelli Tavares de Siqueira e Sá [...] Ep[igramma] Franciscus Martins Sampaio	36
1.22 Em aplauso do Senhor Doutor Manuel Tavares de Siqueira e Sá [...] Soneto, Do Reverendo Padre Francisco Martins Sampaio	36
1.23 Romance Heróico, Do mesmo [Padre Francisco Martins Sampaio]	37
1.24 Décima [Alexandre da S. Guimarães]	39
1.25 Diacróstico, Soneto, de Alexandre da Silva Guimarães	39
1.26 Index dos Autores e Acadêmicos	41
1.27 [Licenças] do Santo Officio, do Ordinário, do Paço	43
1.28 Carta Circular para os Acadêmicos, Manuel Tavares de Siqueira e Sá	47
1.29 Carta Circular, ou Particular para o Muito Reverendo Padre Reitor do Colégio [...] Manuel Tavares de Siqueira e Sá	48
1.30 Carta para o Muito Reverendo Padre Mestre Frei João de Moura [...] [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	49
1.31 Carta do Muito Reverendo Padre Mestre Francisco de Faria da Companhia de Jesus, Presidente da Academia, onde confirma a eleição do Secretário dela, Francisco de Faria	50
1.32 Carta do Muito Reverendo Padre Mestre Presidente sobre o Extrato dos assuntos [...] [Francisco de Faria]	50
1.33 Carta [...] em resposta da Circular [...] Gaspar Gonçalves de Araújo	51
1.34 Carta [...] em resposta da Circular, Miguel da Costa Ribeiro	52
1.35 Carta [...] que acompanhou as Obras [...] Roberto de Campos	53
1.36 Carta, que acompanhou as Obras do [...] Roberto Car Ribeiro	53
1.37 Carta, que acompanhou as Obras do Discreto Acadêmico [...] [Tomás José Homem de Brito]	55
1.38 Carta, que acompanhou as Obras do Acadêmico [...] Inácio Gomes de Lira Varela	55
1.39 Carta, que acompanhou as Obras do Erudito, e Eloquentes Acadêmicos [...] [Simão Pereira de Sá]	56
1.40 Carta do Acadêmico [...] Antônio Nunes de Siqueira	57

	Págs.
1.41 Carta que acompanhou as Obras de Superrogação do Acadêmico [...] Francisco de Almeida Jordão	58
1.42 Carta, que acompanhou as mais célebres, e celebradas Obras do Erudito cândido Acadêmico [...] Mateus Saraiva	60
1.43 Censura Do Acadêmico o Muito Reverendo Doutor Miguel da Costa Ribeiro	63
1.44 Carta do Muito Reverendo Doutor Antônio Esteves Ribeiro	63
1.45 Do mesmo amigo, Soneto, [Antônio Esteves Ribeiro]	64
1.46 Carta do Muito Reverendo Doutor [...] Inácio Manuel da Costa Mascarenhas	64
1.47 Carta do Doutor [...] Manuel da Cunha d'Andrade e Sousa	66
1.48 Carta, do Doutor João de Afonseca da Cruz	68
1.49 Extrato dos Assuntos para a Academia dos Seletos. Máximas Cristãs, Políticas e Militares [S.I.A.]	73
1.50 Oração Panegírico ao General Gomes Freire d'Andrada [S.I.A.]	79
1.51 In laudem Sapientissimi Academiae Praesidis Patri Francisci de Faria, Epigramma, M. J.	97
1.52 Prefação [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	97
1.53 Peroração apologética, Décima [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	102
1.54 Elogio ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente, Soneto [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	102
1.55 Máximas Militares, Soneto [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	103
1.56 Ao mesmo, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	104
1.57 Ao mesmo, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	104
1.58 Ao mesmo, Reflexão moral paradoxo, Immo Ortodoxa, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	105
1.59 Ao mesmo assunto, Soneto, Do mesmo Secretário [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	105
1.60 Ao mesmo Assunto, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	106
1.61 Máximas Políticas, II Do Povo só o respeito. Sobre a Pedra Preciosa, aceita, repudiada, e oferecida, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	106
1.62 Demarcação, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	107
1.63 Ao mesmo, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	108
1.64 Ao mesmo. Aludindo ao Forte de Jurumenha Fazenda nobre de Ilustríssima Casa do nosso Herói Excelentíssimo Herói	

	Págs.
Augura feliz o êxito da Empresa Austral, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	108
1.65 Alude a que as Virtudes, e Excelências do Excelentíssimo Herói se reduzem ao Laconismo; Vir Bonus, et Sapiens: como que o Divino Platão na sua República Lib. 3. define a um perfeito Governador, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	109
1.66 Viagem da Colônia Em Metáfora de Estilo Mercantil, Soneto joco-sério, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá] ..	110
1.67 Votum Ouidianum ad nostrum Excelentissimum Heroem, dum a nobis discedere intendit, faciliter, immo faeciliter translatum; dummodo pro Joue, Deus Opt. Max, proque aliis Diis, bona Genia intelligantur. Deca-Hexametron, Academiae Secretarius [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	110
1.68 Satisfação (no fim da Academia) aludindo ao Epigrama de Marcial, que principia: [...] Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	111
1.69 Outra satisfação aos Acadêmicos no fim da Academia. Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	112
1.70 Memorial Métrico ao Excelentíssimo Herói, Romance Heróico, [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	112
1.71 Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	118
1.72 Ao Muito Reverendo Padre Mestre Roberto de Campos da Companhia de JESUS, Reitor do Colégio, enviando para a Academia um justo Volume de Poesias as mais numerosas. Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	119
1.73 Ao Acadêmico o Muito Reverendo Doutor Miguel da Costa Ribeiro Autor do Romance Genealógico, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	119
1.74 Ao meritíssimo Acadêmico o Desembargador dos Agravos, e Juiz do Fisco, o Doutor Roberto Car Ribeiro, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	120
1.75 Resposta do dito Acadêmico Desembargador pelos mesmos consoantes, Soneto, [Roberto Car Ribeiro]	121
1.76 Ao Acadêmico o Muito Reverendo Antônio Nunes de Siqueira, em agradecimento do Romance lírico-encomiástico, Soneto, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	121
1.77 Ao mesmo Acadêmico, em resposta da Carta, Soneto, Anhé pai Abaré, Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá] ..	122
1.78 Elogio Eutrapélico, Critico-Encomiástico, Sefri]-Facete, Joco-sério, Irônico-Enfático, Metódico-Empírico, Médico-Jurídico, Crispto-Lógico, Antagonístico-Erótico: Ao Eruditíssimo Acadêmico-Físico, e Doutor Mateus Saraiva, usando, nas suas Obras, de Agudos, e outras licenças, contra a Crusca Moderna, e Nova Reforma do Parso, Soneto Semi-agudo, Anhé, Pai Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	122

1.79	Tendo o Padre Mestre Presidente ajustado com o Secretário mandar-lhe uma Pauta como a pôr onde estava copiando a sua Oração Acadêmica, para por ela se continuarem as mais Obras desta Coleção, se ia descuidando; e a tempo que o Secretário lhe mandava, a Censura, a Dedicatória, e Prólogo, lhe lembrava o ajustado, com este Soneto Joco-sério, Anhé pai Abaré. Do mesmo [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	123
1.80	Aprovação da Dedicatória, e Prólogo pelos consoantes do Soneto da Pauta, Soneto, Cové xenheenga. Do Padre Mestre Presidente da Academia [Francisco de Faria]	124
1.81	Resposta do Secretário pelos mesmos consoantes, Soneto, Anhé pai Abaré [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	124
1.82	Musa Jesuítica	
1.82.1	Máximas Cristãs. I. Prima temporis pars Deo. Epigramma [S.I.A.]	125
1.82.2	II. In Deo fundare Domum. Epigramma [S.I.A.]	126
1.82.3	IV. Quod Deo tribuitur, totum tribuendum. Epigramma [S.I.A.]	126
1.82.4	Aliud [S.I.A.]	126
1.82.5	Aliud [S.I.A.]	126
1.82.6	Aliud [S.I.A.]	127
1.82.7	Aliud [S.I.A.]	127
1.82.8	Aliud [S.I.A.]	127
1.82.9	Aliud [S.I.A.]	127
1.82.10	V. Gubernantes uirtus publica sit. Epigramma [S.I.A.]	127
1.82.11	Máximas políticas, IV. Resolutio prudens, executio constans, Epigramma [S.I.A.]	128
1.82.12	Máximas Militares. I. Epigramma [S.I.A.]	128
1.82.13	Aliud [S.I.A.]	128
1.82.14	III. Epigramma [S.I.A.]	128
1.82.15	Epigramma [S.I.A.]	129
1.82.16	Aliud [S.I.A.]	129
1.82.17	Máxima Cristã. Fundar Casa em Deus. Soneto [S.I.A.]	129
1.82.18	Máxima Cristã. O que se dá a Deus, dá-lo totalmente. Soneto [S.I.A.]	130
1.82.19	Máxima Política. Do povo só o respeito. Soneto [S.I.A.]	130
1.82.20	Merecer o prêmio, mas não pedi-lo. Divisão. Soneto [S.I.A.]	131
1.82.21	Ao mesmo assunto. Soneto [S.I.A.]	131

	Págs.
1.82.22	Ao mesmo Assunto. Soneto [S.I.A.] 131
1.82.23	Máxima Militar. A verdadeira glória pelas Armas. Soneto [S.I.A.] 132
1.82.24	Ao mesmo assunto. Soneto [S.I.A.] 133
1.82.25	Amar igualmente a honra, e o perigo. Soneto [S.I.A.] 133
1.82.26	Na paz, e na guerra a mesma vigilância. Oitava [S.I.A.] 134
1.82.27	O que se dá a Deus, dá-lo totalmente. Epigramma [S.I.A.] 134
1.82.28	Máxima Cristã. I. A primeira parte do tempo para Deus. Epigramma [S.I.A.] 134
1.82.29	Versão [S.I.A.] 135
1.82.30	Máxima Segunda. Fundar Casa em Deus. Epigram- ma [S.I.A.] 135
1.82.31	Versão [S.I.A.] 135
1.82.32	Máxima Terceira. Atribuir tudo a Deus. Epigram- ma [S.I.A.] 136
1.82.33	Versão [S.I.A.] 136
1.82.34	Máxima Quarta. O que se dá a Deus, dá-lo total- mente. Epigramma [S.I.A.] 136
1.82.35	Versão [S.I.A.] 137
1.82.36	Máxima Quinta. A virtude de quem governa deve ser pública. Epigramma [S.I.A.] 137
1.82.37	Versão [S.I.A.] 137
1.82.38	Máximas Políticas. I. A verdade é a alma das ações. Epigramma [S.I.A.] 138
1.82.39	Versão [S.I.A.] 138
1.82.40	Máxima Segunda. Do Povo só o respeito. Epigram- ma [S.I.A.] 138
1.82.41	Versão [S.I.A.] 139
1.82.42	Máxima Terceira. Fazer-se temido pela Justiça, e amado pelos benefícios. Epigramma [S.I.A.] 139
1.82.43	Versão [S.I.A.] 139
1.82.44	Máxima Quarta. Vagaroso em resolver, e constante em executar. Epigramma [S.I.A.] 140
1.82.45	Versão [S.I.A.] 140
1.82.46	Máxima Quinta. Merecer o prêmio mas não pedi-lo. Epigramma [S.I.A.] 140
1.82.47	Versão [S.I.A.] 141
1.82.48	Máxima Primeira. Merecer o prêmio, mas não pedi-lo. Epigramma [S.I.A.] 141

Página.

1.82.49	O que se dá a Deus, dá-lo totalmente. Epigramma [S.I.A.]	141
1.82.50	Merecer o prêmio, mas não pedi-lo. Epigramma [S.I.A.]	142
1.82.51	Máxima Segunda. Do povo só o respeito. Epigramma [S.I.A.]	142
1.82.52	Máxima Quarta. O que se dá a Deus, dá-lo totalmente. Epigramma [S.I.A.]	142
1.82.53	Do Povo só o respeito. Sobre a pedra cravada de diamantes. Soneto	143
1.82.54	Fazer-se temido pela Justiça, e amado pelos benefícios. Repara o Aqueduto. Soneto [S.I.A.]	143
1.82.55	Ao mesmo. Soneto [S.I.A.]	144
1.82.56	Prima temporis pars Deo. Epigramma [S.I.A.] ..	144
1.82.57	Merecer o prêmio, mas não pedi-lo. Epigramma [S.I.A.]	144
1.82.58	Fundar Casa em Deus. Epigramma [S.I.A.]	145
1.82.59	O que se dá a Deus, dá-lo totalmente. Epigramma [S.I.A.]	145
1.82.60	Fundar Casa em Deus. Epigramma [S.I.A.]	145
1.82.61	O que se dá a Deus, dá-lo totalmente. Epigramma [S.I.A.]	146
1.82.62	Prima temporis pars Deo. Epigramma [S.I.A.] ..	146
1.82.63	O que se dá a Deus, dá-lo totalmente. Epigramma [S.I.A.]	146
1.82.64	Aliud [S.I.A.]	146
1.82.65	Aliud [S.I.A.]	147
1.82.66	Aliud [S.I.A.]	147
1.82.67	Aliud [S.I.A.]	147
1.82.68	Aliud [S.I.A.]	147
1.82.69	Virtus Gubernantis publica sit. Epigramma [S.I.A.]	147
1.82.70	Aliud [S.I.A.]	148
1.82.71	Aliud Epigramma [S.I.A.]	148
1.82.72	Temido pela Justiça, amado pelos benefícios. Epigramma [S.I.A.]	148
1.82.73	Aliud [S.I.A.]	148
1.82.74	Do povo só o respeito. Epigramma [S.I.A.]	149
1.82.75	Aliud [S.I.A.]	149
1.82.76	Aliud [S.I.A.]	149
1.82.77	A verdadeira glória pelas Armas. Epigramma [S.I.A.]	149

	Págs.
1.82.78 Merecer o prêmio, mas não pedi-lo. Epigramma [S.I.A.]	150
1.82.79 Triplex Poulncia uni soli commissa. Epigramma [S.I.A.]	150
1.83 Ao Leitor da Musa Jesuítica: Apologando-a de se encontrarem nela alguns Epigramas de conceitos homogêneos, o que procedeu de serem elaborados por diversos, mas em tudo iguais, Engenhos. Soneto joco-sério, Anhé Do Secretário [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	150
1.84 Musa Beneditina	
1.84.1 In Deo fundata Domus. Epigramma [S.I.A.]	151
1.84.2 Aliud ad idem [S.I.A.]	151
1.84.3 Aliud ad idem [S.I.A.]	151
1.84.4 Ao mesmo. Soneto [S.I.A.]	151
1.84.5 Praemium meretur, sed non rogat. Epigramma [S.I.A.]	152
1.84.6 Notoria sit Dominantis uirtus. Epigramma [S.I.A.]	152
1.84.7 Verus honor per arma. Epigramma [S.I.A.]	152
1.84.8 Merecer o prêmio, mas não pedi-lo. Soneto contínuo [S.I.A.]	153
1.84.9 Ao mesmo. Soneto [S.I.A.]	153
1.84.10 Virtus Gubernantis debet lucere. Epigramma [S.I.A.]	154
1.84.11 Diligere periculum, atque honorem. Epigramma [S.I.A.]	154
1.84.12 A Virtude é alma das ações. Soneto [S.I.A.] ..	154
1.84.13 Vagaroso em resolver, e constante em executar. Soneto [S.I.A.]	155
1.84.14 Fundar Casa em Deus. Romance Heróico [S.I.A.] ..	155
1.85 Musa Seráfica	
1.85.1 Prima temporis pars Deo. Epigramma [S.I.A.] ..	157
1.85.2 Aliud ad idem. Epigramma [S.I.A.]	157
1.85.3 Aliud ad idem. Epigramma [S.I.A.]	157
1.85.4 In Deo fundare Domum. Epigramma [S.I.A.] ..	157
1.85.5 Aliud ad idem. Epigramma [S.I.A.]	158
1.85.6 Omnia Deo penitus reddens, nihil amittit. Epigramma [S.I.A.]	158
1.85.7 Deo ad ultimum omnia reddere. Epigramma [S.I.A.]	158
1.85.8 Omnia Deo adscribere. Epigramma [S.I.A.]	158
1.85.9 Opera ueritate fundantur. Epigramma [S.I.A.] ..	159
1.85.10 Aliud, pene ad idem. Epigramma [S.I.A.]	159

Página.

1.85.11	Gomes Freire de Andrada, id est. Amore digna refers, adde. Anagramma [S.I.A.]	159
1.86	Musa dita Carmelitana.	
1.86.1	Togatam deserens Palladem, ad armatam se confert. Epigramma [S.I.A.]	159
1.86.2	Aliud ad idem. [S.I.A.]	160
1.86.3	Praemia mereri, ast non petere. Epigramma [S.I.A.]	160
1.86.4	In Deo fundare domum. Epigramma [S.I.A.] ..	160
1.86.5	Attinguntur aliquae ex Virtutibus Piis, Politicis, et Militaribus, quae laudandae proponuntur. Epigram- ma, Academici Domini Roberti Car.	160
1.86.6	Sobre la ilustre comisión para dividir la America, Soneto [Roberto Car Ribeiro]	161
1.86.7	Sobre la conservación, y actividad del Gobierno, estando en partes muy remotas. Soneto [Roberto Car Ribeiro]	162
1.86.8	Sobre no consentir que se gravase su nombre en el Convento, que fundó de Santa Tereza, que en el siglo se llamava Dofia Tereza de Ahumada. Soneto [Roberto Car Ribeiro]	162
1.86.9	Sobre a pedra cravada de Diamantes. Soneto [Roberto Car Ribeiro]	163
1.86.10	A verdadeira Glória pelas Armas. Romance, Do Acadêmico o Muito Reverendo Doutor Miguel da Costa Ribeiro	163
1.86.11	Sobre la Fundación del Convento. Soneto [Miguel da Costa Ribeiro]	169
1.86.12	A primeira Pedra, que lança no alicerce do Con- vento, que funda. Soneto, Do Acadêmico o Padre Pregador Frei Manuel de Nossa Senhora do Monte do Carmo	170
1.86.13	A verdadeira Glória pelas Armas. Soneto [Frei Manuel de Nossa Senhora do Monte do Carmo] ..	170
1.86.14	Atribuir tudo a Deus. Romance lírico-hendecassi- labo, Do Acadêmico o Reverendo Antônio Nunes de Siqueira	171
1.86.15	Tocando a segunda, e terceira Máxima das Políticas. Soneto [Antônio Nunes de Siqueira]	173
1.86.16	O que se dá a Deus, dá-lo totalmente. Soneto [An- tônio Nunes de Siqueira]	173
1.86.17	Vagaroso em resolver, e Constante em executar. Soneto [Antônio Nunes de Siqueira]	174
1.86.18	Praemia mereri, ea tamen non petere. Epigramma [Antônio Nunes de Siqueira]	174

	Págs.
1.86.19 Aede sacra Nomen inscribi uetat. Epigramma, Academici Doctoris Francisci Correa Leal	174
1.86.20 Proêmio. Soneto, Do Acadêmico o Muito Reverendo Doutor Domingos Lourenço de Castro	175
1.86.21 Político, Militar, y Cristiano. Soneto [Domingos Lourenço de Castro]	175
1.86.22 O que se dá a Deus, dá-lo totalmente. Soneto [Domingos Lourenço de Castro]	176
1.86.23 Máximas Políticas. Soneto [Domingos Lourenço de Castro]	176
1.86.24 Prudente en resolver, constante en ejecutar. Soneto [Domingos Lourenço de Castro]	177
1.86.25 Deixa a Universidade, por seguir as Armas. Soneto [Domingos Lourenço de Castro]	177
1.86.26 Soneto Quater Acróstico [Domingos Lourenço de Castro]	178
1.86.27 O que se dá a Deus, dá-lo totalmente. Soneto, Do Acadêmico o Doutor Inácio Gomes de Lira Varela	178
1.86.28 Sobre a pedra cravada de diamantes. Soneto [Inácio G. L. Varela]	179
1.86.29 Sobre a borracha de Ouro, que recusou. Soneto [Inácio G. L. Varela]	179
1.86.30 Sobre o Emprego de Primeiro Comissário. Soneto [Inácio G. L. Varela]	180
1.86.31 Munificência pia. Soneto, Do Acadêmico o Muito Reverendo Doutor Pedro da Silva Rosa	180
1.86.32 Sobre o acerto do Governo Político. Soneto [Pedro da Silva Rosa]	181
1.86.33 Sobre a Vastidão do Governo. Soneto [Pedro da Silva Rosa]	181
1.86.34 Governo Militar. Soneto [Pedro da Silva Rosa] ..	182
1.86.35 Alude a la venida del Hermano. Soneto [Pedro da Silva Rosa]	182
1.86.36 Invocação. Soneto, Do Acadêmico o Doutor Pró-físico mor Mateus Saraiva, Sócio da Real Sociedade de Londres etc.	183
1.86.37 Emblema Simbólico. Non quiescat. Soneto [Mateus Saraiva]	183
1.86.38 Monumentos. Soneto [Mateus Saraiva]	184
1.86.39 A primeira Pedra lançada no alicerce do Convento. Soneto [Mateus Saraiva]	184
1.86.40 Fundação do Convento. Soneto [Mateus Saraiva] ..	185
1.86.41 Ascético-Heróico-Militar. Soneto [Mateus Saraiva]	185

Págs.

1.86.42	Não consente que se grave o seu Nome no Convento, que funda. Soneto, Do Acadêmico o Reverendo Doutor Rodrigo de Seixas Brandão	186
1.86.43	Deixa a Universidade por seguir as Armas. Soneto [Rodrigo de Seixas Brandão]	186
1.86.46	Sobre la Piedra clavada de Diamantes. Soneto [Rodrigo de Seixas Brandão]	187
1.86.47	Sobre a Borracha de Ouro. Soneto [Rodrigo de Seixas Brandão]	187
1.86.48	Providencia Militar sobre la Plaza de la Colonia. Soneto [Rodrigo de Seixas Brandão]	188
1.86.49	Máxima Terceira entre as Políticas. Romance Heróico [Rodrigo de Seixas Brandão]	188
1.86.50	Romance Acróstico [Rodrigo de Seixas Brandão] ..	190
1.86.51	Merecer o prêmio, mas não pedi-lo. Soneto, Anônimo. Aliás José Pereira Leão	192
1.86.52	Sobre a Primeira Máxima Militar e a terceira Política. Romance Endecassilabo, Do Acadêmico o Doutor João de Castilho de Sousa Botafogo	192
1.86.53	Máxima Cristã Terceira. Alude ao lugar de Horat. Carmin. lib.3.od.3/Si fractus illabatur orbis, / Impavidum ferient ruinae. Soneto, Do Acadêmico o Capitão Antônio Cordeiro da Silva	194
1.86.54	Máxima Política Terceira. Romance Hendecassilabo [Antônio Cordeiro da Silva]	194
1.86.55	Máxima Militar Quarta. Sítio da Colônia [Oitavas] [Antônio Cordeiro da Silva]	197
1.86.56	Proêmio [sete oitavas sobre os sete assuntos] [S.I.A.]	203
1.86.57	Ao mesmo Assunto. Soneto, Do Acadêmico Tomás José Homem de Brito	205
1.86.58	Marcos. Soneto [Tomás José Homem de Brito] ..	205
1.86.59	Ao mesmo Assunto. Soneto [Tomás José Homem de Brito]	206
1.86.60	Assunto Oitavo. Soneto [Tomás José Homem de Brito]	206
1.86.61	Assunto Nono. Soneto [Tomás José Homem de Brito]	207
1.86.62	Máximas Cristãs, e Políticas. Soneto, De Angela de Amaral Rangel	207
1.86.63	Máxima Primeira. Entre as Militares. Soneto [Angela de Amaral Rangel]	208
1.86.64	Al mismo Assunto. Romance Lírico [Angela de Amaral Rangel]	208

	Págs.
1.86.65 Fundar Casa en Dios. Romance Lírico [Angela de Amara! Rangel]	210
1.86.66 Ad Maximam Primam. Epigramma, Academici Doctoris Antonii Antunes de Meneses	211
1.86.67 Ad Maximam Secundam. Epigramma. [Antônio Antunes de Meneses]	212
1.86.68 Ad Maximam Tertiam. Epigramma [Antônio Antunes de Meneses]	212
1.86.69 Máxima Militar Quinta. Do Inimigo recear sempre. Oitava [Antônio Antunes de Meneses]	212
1.86.70 Máxima Cristã Primeira. A primeira parte do tempo para Deus. Soneto [Antônio Antunes de Meneses]	213
1.86.71 Máxima Cristã Segunda. Fundar Casa em Deus. Soneto. [Antônio Antunes de Meneses]	213
1.86.72 Máxima Cristã Segunda. Romance Heróico. [Antônio Antunes de Meneses]	214
1.86.73 Máxima Política Quinta. Merecer o prêmio, e não pedi-lo. Soneto [Antônio Antunes de Meneses]	215
1.86.74 Máxima Militar Primeira. A verdadeira glória pelas Armas. Soneto [Antônio Antunes de Meneses] ..	216
1.86.75 Aos Assuntos: Romance Heróico, Do Acadêmico o Doutor Simão Pereira de Sá, Procurador da Coroa, e Fazenda, e Promotor dos Resíduos, e Capelas ..	216
1.86.76 Encomiasticon. Soneto [Simão Pereira de Sá]	218
1.86.77 Convento. Soneto [Simão Pereira de Sá]	219
1.86.78 Ao Mesmo. Soneto [Simão Pereira de Sá]	219
1.86.79 Tocam-se os principais Assuntos do Extrato deles. Romance Hendecassilabo, Do Acadêmico o Doutor Francisco de Almeida Jordão	220
1.86.80 Paralelo Entre o Gama, e o nosso Herói. Soneto [Francisco de Almeida Jordão]	222
1.86.81 Empresa. Soneto [Francisco de Almeida Jordão] ..	223
1.86.82 Ao Senhor José Antônio Freire de Andrada Governador da Capitania das Minas Gerais. Romance Hendecassilabo [Francisco de Almeida Jordão]	223
1.86.83 Armas, y Letras. Soneto Joco-sério Hermafridito [Francisco de Almeida Jordão]	224
1.86.84 Do mesmo Acadêmico [...], Cavaleiro professo na Ordem de Cristo; em louvor do Secretário da Academia; enviando-lhe o seu primeiro Romance, e primeiro Soneto. Décima [Francisco de Almeida Jordão]	225
1.86.85 Islas de las Culebras. Decimas, Del Academico el Reverendo Pedro da Silva Rosa	225

Página

1.86.86	En alabanza del Doctísimo Padre Presidente. Decimas [Pedro da Silva Rosa]	227
1.86.87	Elogio ao Doutíssimo, e Ingeniosíssimo Muito Reverendo Padre Mestre Presidente da Academia. Soneto, Do Acadêmico o Doutor Antônio Antunes de Meneses	227
1.86.88	Ao mesmo Assunto. Soneto, Do Acadêmico o Doutor Mateus Saraiva, Pró-físico Mor, e Sócio da Real Sociedade de Londres	228
1.86.89	Máxima Cristã Primeira. A primeira parte do tempo para Deus. Soneto, Do Acadêmico o Doutor Tomás Rubi de Barros Barreto	228
1.86.90	Máxima Cristã Segunda. Fundar Casa em Deus. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	229
1.86.91	Máxima Cristã Terceira. Atribuir tudo a Deus. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	229
1.86.92	Máxima Cristã Quarta. O que se dá a Deus dá-lo totalmente. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	230
1.86.93	Máxima Cristã Quinta. A virtude de quem governa deve ser pública. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	230
1.86.94	Máxima Política Primeira. A verdade é a alma das ações. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	231
1.86.95	Máxima Política Segunda. Do povo só o respeito. Soneto. [Tomás R. de Barros Barreto]	231
1.86.96	Máxima Política Terceira. Fazer-se temido pela justiça, e amado pelos beneficios. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	232
1.86.97	Máxima Política Quarta. Vagaroso em resolver, e constante em executar. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	233
1.86.98	Máxima Política Quinta. Merecer o prêmio, mas não pedi-lo. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	233
1.86.99	Máxima Militar Primeira. A verdadeira glória pelas Armas. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	234
1.86.100	Máxima Militar Segunda. Amar igualmente a honra, e o perigo. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	234
1.86.101	Máxima Militar Terceira. Na paz, e na guerra, a mesma vigilância. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	235
1.86.102	Máxima Militar Quarta. Valor, e diligência seguraram a Vitória. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	235
1.86.103	Máxima Militar Quinta. Do Inimigo reccar sempre. Soneto [Tomás R. de Barros Barreto]	236

	Págs.
1.86.104 Cum Literis Arma Coadunantur. Epigramma, Academici Fratrem Emmanuellis ab Incarnatione, vulgo, Clericus	236
1.86.105 Acertados Dítames do Governo. Soneto, Do Académico o Padre Mestre Frei Manuel da Incarnação, vulgo, o Clérigo	237
1.86.106 Demarcação. Soneto [Frei Manuel da Incarnação]	237
1.86.107 Vastidão do Governo. Soneto [Frei Manuel da Incarnação]	238
1.86.108 Isenção. Soneto [Frei Manuel da Incarnação] ..	238
1.86.109 Complejos de excellencias. Soneto [Frei Manuel da Incarnação]	239
1.86.110 Extrato Metrificado Oitavas [Frei Manuel da Incarnação]	239
1.86.111 Deixa a Universidade por seguir as Armas. Mote Glosa [Frei Manuel da Incarnação]	244
1.86.112 Do Académico [...], em louvor do Secretário da Academia. Romance Heróico [O Muito Reverendo Doutor Miguel da Costa Ribeiro]	246
1.86.113 Do Académico [...] Retíssimo Reitor do Seminário, Doutíssimo Mestre da Capela, Excelentíssimo Músico Teórico, e Prático, e Suavíssimo Poeta. Em louvor do Secretário da Academia. Romance [Antônio Nunes de Siqueira]	247
1.86.114 Prolusão aos Assuntos. Silva, Do Académico o Doutor Simão Pereira de Sá, Procurador da Coroa, e Fazenda, e Promotor dos Resíduos, e Capelas ..	250
1.86.115 Do Mesmo Académico em Louvor do Secretário da Academia. Silva [Simão Pereira de Sá]	251
1.86.116 Do Muito Reverendo Licenciado [...] Filósofo Insigne, e suave Poeta Fluminense. Ao Secretário da Academia. Aplauso Métrico [Antônio José Gomes da Costa]	252
1.86.117 Ao Muito Reverendo Doutor Inácio Manuel da Costa Mascarenhas, fazendo a Oração fúnebre nas Reais Exéquias do Augustíssimo, e Fidelíssimo Monarca D. João V. Soneto [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	254
1.86.118 Ao Mesmo. Soneto [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	254
1.86.119 No Mesmo Argumento, Obras de Super-rogação. Ao Muito Reverendo Doutor Matias Antônio Salgado Vigário colado da Freguesia de São João-del-Rei, fazendo nela a Oração fúnebre nas Exéquias do Fidelíssimo Senhor Rei Dom João V. Soneto [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	255

	Págs.
1.86.120 Ao Muito Reverendo Padre Mestre Mateus da In- carnação Pina, Monje de São Bento da Província do Brasil, Jubilado na Sagrada Teologia. Soneto [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	256
1.86.121 Ao Mesmo. Encômio Paranomástico. Soneto [Ma- nuel Tavares de Siqueira e Sá]	256
1.86.122 Elogio Ao Acadêmico Pró-físico Mor o Doutor Ma- teus Saraiva, Cavaleiro da Ordem de Cristo, e Sócio da Real Sociedade de Londres, Médico insigne, particularmente na virtude da Caridade, com que o Prólogo, e o Povo o caracteriza, e canoniza. Soneto [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	257
1.86.123 Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo General Gomes Freire de Andrada vertendo com ternura algumas lágrimas, ao receber a primeira notícia da morte do Augustíssimo, e Fidelíssimo Senhor Rei Dom João V. Soneto, Do Acadêmico o Padre Pregador Frei Manuel de Nossa Senhora do Monte do Carmo	258
1.86.124 Ao Senhor José Antônio Freire de Andrada eleito Governador interino da Capitania das Minas Gerais por seu Irmão o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Gomes Freire de Andrada, Governador, e Capitão General da mesma, e do Rio. Soneto [Frei Manuel de Nossa Senhora do Monte do Carmo] ..	258
1.86.125 Em louvor do Secretário da Academia. Soneto, Do Muito Reverendo Licenciado Antônio José Gomes Costa, Autor do Aplauso Métrico	259
1.86.126 [...] Em louvor do Secretário. Romance Hendecas- silabo [Fernando José da Cunha Pereira]	260
1.86.127 Em Correspondência do afetuoso Romance. Soneto [Manuel Tavares de Siqueira e Sá]	263



ÍNDICE DO TOMO 2

	Págs.
2. O Parnaso Obsequioso/Drama/Para se recitar em Música no dia/5 de dezembro de 1768, em que faz anos/ o/ Ilustríssimo e Excelentíssimo/Senhor Dom José Luís de Meneses, Conde de Valadares, Governador e Capitão Ge/neral da Capitania de Minas Gerais e/etc./Por/Cláudio Manuel da Costa [...]	5
2.1 O Parnaso Obsequioso/Drama/ [Cláudio Manuel da Costa] ..	7
2.2 Obras Poéticas/que/Na Academia que se juntou na Sala do Ilustrís/simo e Excelentíssimo Senhor Dom José Luís de/Meneses Conde de Valadares, por ocasião de fe/licitar a posse que havia tomado do Governo da/Capitania das Minas Gerais/Escreveu, e recitou/Cláudio Manuel da Costa [...]	17
2.2.1 A ardentíssima Caridade do Nosso Excelentíssimo Herói o obrigava a/ministrar muitas vezes por suas mãos os remédios aos enfermos, e a/ter uma exata vigilância na assistência deles./Soneto [Cláudio Manuel da Costa]	19
2.2.2 Tomou posse do Governo não tendo ainda completado/vinte e cinco anos de idade./ Soneto [Cláudio Manuel da Costa]	19
2.2.3 Lembrando a glória dos Ilustríssimos Ascendentes./Glosa ao Mote/A glória dos Meneses mais se aumenta./Soneto [Cláudio Manuel da Costa]	20
2.2.4 Preciosos estímulos nas Letras e nas Armas/Soneto [Cláudio Manuel da Costa]	20
2.2.5 Na imagem de uma Nau soçobrada se pinta o decadente/estado das Minas, e se lhe auspícia felicissimo/reparo./Ode [Cláudio Manuel da Costa]	21
2.2.6 A Casa Real do Hospital de Lisboa derrotada/quase pelos terremotos e incêndios achou no/Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares o/ seu maior benfeitor nas obrigações que exer/ceu de Mordomo-mor dos Presos./Soneto [Cláudio Manuel da Costa]	23
2.2.7 Restitui-se à Terra a Justiça e se torna/fecundo de Metais o país das Minas./Soneto/ [Cláudio Manuel da Costa]	24
2.2.8 Saudade de Portugal e alegria de Minas. Com/alusão ao precioso objeto que se venerou no/25 de agosto de 1768./Égloga [Cláudio Manuel da Costa]	24

	Págs.	
2.2.9	Invoca as Musas do País para cantar o nome dos/Ilustríssimos Chefes dos Noronhas e Meneses./Soneto [Cláudio Manuel da Costa]	29
2.2.10	As Artes e as Ciências se prometem feliz adianta/ /mento nestas Minas pela aplicação com que as tem/honrado o Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares/e no muito que se fizeram familiares a sua Ilus/tríssima Casa as Musas do Parnaso./Soneto [Cláudio Manuel da Costa]	30
2.2.11	Lembrança dos Heróis da antiguidade que se distin/gulram nos breves anos de sua vida: paralelo com I/Iustríssimo Senhor Conde de Valadares, e etc./Soneto [Cláudio Manuel da Costa]	31
2.2.12	Para terminar a Academia [Cláudio Manuel da Costa]	31
2.2.13	Licença [Oitavas] [Cláudio Manuel da Costa]	33
3.	[Academia em homenagem a Bernardo José de Lorena]	35
3.1	Ilustríssimo, et Excellentíssimo/Domino/Bernardo Josepho de Lorena, [...] Reuerenti manu offert sequentem Orationem ex suis subditis humilimus:/Andreas Siluius Gomes	37
3.2	Ilustríssimo, et Excelentíssimo/Domino/Bernardo Josepho de Lorena [...] Praesentem offeri Orationem/Miramus ex Subditis/Andreas Siluius Gomes	43
3.3	[ASSUNTO] Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo /Senhor/Bernardo José de Lorena, [...] Na Academia,/Que lhe dedica este Senado da Câmara/no dia, em que se mudam os presos para/a nova Cadeia a 17 de dezembro de 1791./Oferece/o mais reverente e obsequioso súdito/Salvador Nardi de Vasconcelos Noronha	47
3.3.1	[Poema] [Salvador Nardi de V. Noronha]	47
3.3.2	Ao Mesmo Precedente Assunto/Soneto [Salvador Nardi de V. Noronha]	53
3.3.3	Sobre a Utilíssima Obra do Caminho de /Santos — Ao mesmo precedente assunto/Soneto [Salvador Nardi de V. Noronha]	54
3.3.4	2.º Assunto: Seus Cuidados Militares/Soneto [Salvador Nardi de V. Noronha]	54
3.3.5	O Mesmo 2.º Assunto — Seus Cuidados Militares,/a que se unem os Antecedentes no seguinte soneto/Soneto [Salvador Nardi de V. Noronha]	55
3.3.6	3.º Assunto: Sua Fidalguia Pessoal, e/Hereditária — Origem da nossa/Presente Felicidade/Soneto [Salvador Nardi de V. Noronha]	55
3.3.7	Ao Mesmo Terceiro Assunto/Soneto [Salvador Nardi de V. Noronha]	56
3.4	Oração Acadêmica, que em obséquio do/Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Gene/ral Bernardo José de Lorena recitou	

Página.

	na Sa/la maior do Senado da Câmara o Juiz Presidente/dela, no dia 17 de dezembro de 1791. [A.G.V.]	87
3.5	Fala com que se terminou a Academia/Nobilísimos, e Sa- pientíssimos Acadêmicos./ [A.G.V.]	88
3.6	Ode Enunciativa/O Secretário da Academia A.G.V.	88
3.7	Oração Problemática/Em obséquio/Do/Ilustríssimo e Excelen- tíssimo Senhor/Bernardo José de Lorena/Governador e Capí- tão General desta/Capitania de São Paulo./De José Vaz de Carvalho	87
3.8	Problema/Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor/General de onde resulta mais glória? Se/ como Aluno de Marte, ou se como de Ml/nerva, Constituído Herói pelas Armas, ou/gra- duado nas Letras. [Frei Francisco de São Carlos]	75
3.9	[Assuntos Acadêmicos]	83
3.9.1	Canção — 1.º Assunto [Frei Francisco de São Carlos]	85
3.9.2	Idílio [Frei Francisco de São Carlos]	86
3.9.3	Soneto [Frei Francisco de São Carlos]	89
3.9.4	Soneto [Frei Francisco de São Carlos]	90
3.9.5	Ao 2.º Assunto [Frei Francisco de São Carlos]	90
3.9.6	A Polidez/Poema [Frei Francisco de São Carlos] ..	91
3.9.7	1.º Assunto/Soneto [Frei Francisco de São Carlos]	95
3.9.8	Ao Mesmo/Soneto [Frei Francisco de São Carlos] ..	96
3.9.9	Ao Mesmo/Soneto [Frei Francisco de São Carlos] ..	96
3.9.10	Ao Mesmo/Soneto [Frei Francisco de São Carlos] ..	97
3.9.11	Ao Mesmo/Soneto [Frei Francisco de São Carlos] ..	97
3.9.12	Ao Mesmo/Soneto [Frei Francisco de São Carlos] ..	98
3.9.13	2.º Assunto/Soneto [Frei Francisco de São Carlos] ..	98
3.9.14	Ao Mesmo/Soneto [Frei Francisco de São Carlos] ..	99
3.9.15	Ode [Frei Francisco de São Carlos]	99
3.9.16	Oitava/De Frei Francisco de São Carlos	101
3.10	[ASSUNTO] Coleção das Obras./Que se recitaram/Na Aca- demia./Que o Senado da Câmara desta Cidade/Dedicou,/Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor/Bernardo José de Lorena, [...] Faustíssimo dia dos anos/Da/Rainha Nossa Senhora./Em que se concluiu/A importantíssima Obra/Do Senado/E/ Nova Cadeia	103
3.10.1	1.º Assunto — Sua Paixão pelo Bem Público, demons- trada com tantas Obras úteis, magníficas, em um Governo Suave. Soneto [José Arouche de Toledo] ..	105
3.10.2	Canção [José Arouche de Toledo]	105
3.10.3	2.º Assunto — Seus cuidados militares pela pública segurança, provado pela destreza de nos/sas armas,	

	Págs.
exercitada pelo exemplo do seu comando. [José Arouche de Toledo]	109
3.10.4 Outro [José Arouche de Toledo]	109
3.10.5 Outro [José Arouche de Toledo]	110
3.10.6 3.º Assunto — Sua Fidalguia pessoal he/reditária, origem de toda a presente felicidade./Soneto [José Arouche de Toledo]	110
3.10.7 Canção/José Arouche de Toledo	111
3.10.8 Serenissimo Principi D. Antonio/nuper in Lucem edito. [Michael Marcellinus e Gama]	115
3.10.9 Magnatibus e quibus pruenit/Illustrissimus ac Excelentissimus Dominus/Bernardus Josephus de Lorena./Epigramma [Michael Marcellinus e Gama]	115
3.10.10 D. Illustrissimus ac Excelentissimus D. Bernardus [...] Epigramma/Michael Marcellinus e Gama	115
4. Tristes Efeitos do Amor/Drama/Em que Falam/Paulicêta, a Prudência, e a Desesperação/Na figura de uma Fúria/Por uma Anônima, e Ilustre Senhora/da Cidade de/São Paulo/1797	117
5. A Gratidão Pernambucana/ao/seu Benfeitor/o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor/Dom José Joaquim da Cunha/de Azeredo Coutinho, [...] O. D. e C./Os/ Sócios da Academia Pernambucana, /e Os/Alunos do Seminário Olindense./Lisboa./Ano MDCCLVIII/Na Nova Oficina de João Rodrigues Neves./Por Ordem Superior	129
5.1 [Didicatória] Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor, O Padre Manuel Jácome Bezerra de Meneses	131
5.2 Advertência ao Leitor, [Manuel Jácome Bezerra de Meneses]	132
5.3 N.º I/Poesias feitas na chegada do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha/d'Azeredo Coutinho a Pernambuco, indo para / Bispo, e Governador Interino daquela Capitania/em 25 de Dezembro de 1799	135
5.3.1 Excelentíssimo ac Reuerendissimo D. D. Josepho Joachim a Cunha Azeredo Coutinho [...] offert Emanuel dos Reis Curado, Carmen Bucolicum	135
5.3.2 Ao mesmo Senhor, Elegia, Franciscus Salesius dos Reis Curado	136
5.3.3 Ao Excelentíssimo e Reverendissimo Senhor, Ode Salutatória, Antônio Lourenço da Silva	139
5.3.4 Ao Excelentíssimo e Reverendissimo Senhor Dom José, [...] Soneto, Pelo Padre Manuel de Sousa Magalhães	142
5.3.5 Ao mesmo Senhor. Soneto, Pelo mesmo Autor [Manuel de Sousa Magalhães]	143
5.3.6 Ao mesmo Senhor, Soneto, Pelo mesmo Autor [Manuel de Sousa Magalhães]	144

	Págs.
5.3.7	Ao mesmo Senhor, Soneto, Pelo mesmo Autor [Manuel de Sousa Magalhães] 144
5.3.8	Ao mesmo Senhor, Ode Pindárica, Pelo mesmo Autor [Manuel de Sousa Magalhães] 145
5.3.9	Ao mesmo Senhor, Ode Pindárica, Pelo mesmo Autor [Manuel de Sousa Magalhães] 140
5.4	N.º II/Poesias feitas em Elogio ao Ilustríssimo, e Exce/lentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, pelo seu bom Governo não só/ como Bispo de Pernambuco, mas também como/Governador Interino daquela Capitania, principal/mente pela fundação do Seminário de Nossa Senhora/da Graça da Cidade de Olinda no ano de 1799 152
5.4.1	Soneto, Pelo Tenente Coronel Francisco de Brito Bezerra Cavalcante 152
5.4.2	Ao mesmo Senhor, Ode, Pelo mesmo Autor [Francisco de Brito Bezerra Cavalcante] 153
5.4.3	Ao mesmo Senhor, segundo assunto, Ode, Pelo mesmo Autor [Francisco de Brito Bezerra Cavalcante] 155
5.4.4	Ao mesmo Assunto, Soneto, Pelo mesmo Autor [Francisco de Brito Bezerra Cavalcante] 158
5.4.5	Ao mesmo Assunto, Soneto, Pelo mesmo Autor [Francisco de Brito Bezerra Cavalcante] 158
5.4.6	Ao mesmo Assunto, Ode, Pelo mesmo Autor [Francisco de Brito Bezerra Cavalcante] 159
5.4.7	Ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor [...] Ode, Antônio Lourenço da Silva 160
5.4.8	Ao Ilustríssimo, Excelentíssimo e Reverendíssimo [...] Ode Pindárica, Pelo mesmo Autor [Antônio Lourenço da Silva] 164
5.4.9	Ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom [...] Ode Pindárica, Pelo mesmo Autor [Antônio Lourenço da Silva] 169
5.4.10	Aos Faustíssimos Anos do Excelentíssimo [...] Idílio Pastoral, Pelo mesmo Autor [Antônio Lourenço da Silva] 175
5.4.11	Ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom José [...] Romance Heróico, [S.I.A.] 181
5.4.12	Soneto, [S.I.A.] 183
5.4.13	Soneto [S.I.A.] 183
5.4.14	Ode, José Fernandes Gama 184
5.4.15	Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José [...] Ode Epódica, Manuel da Cunha de Azeredo Coutinho Soisa Chichorro 186

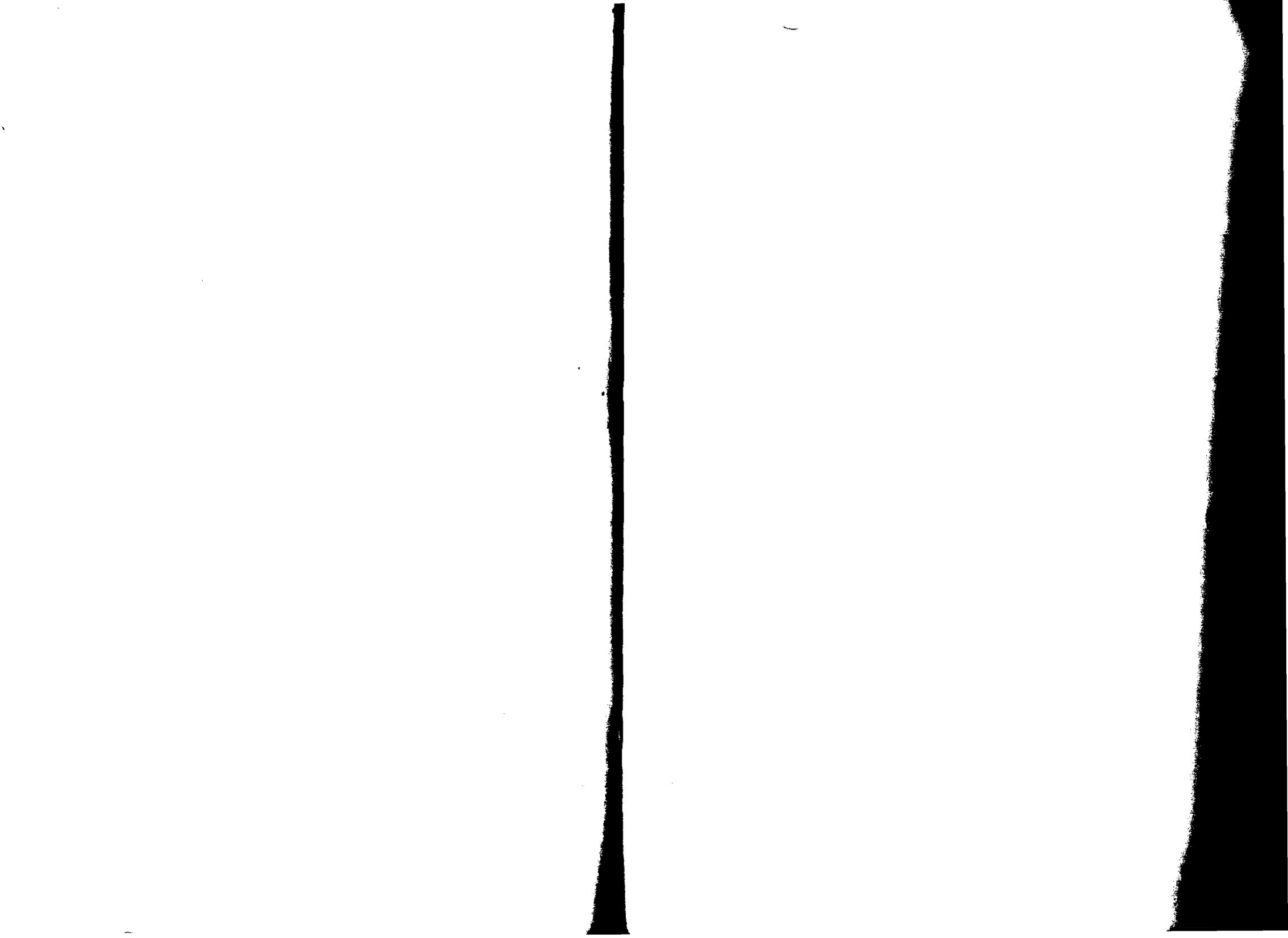
	Págs.	
5.4.16	Ode, Pelo Padre Manuel Jácome Bezerra de Menezes	189
5.4.17	Ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom [...] Soneto, Joaquim Lopes de Lima Raimundo ..	197
5.4.18	Soneto, [S.I.A.]	197
5.5	N.º III/Epigramas, e Poesias Latinas feitas ao Retrato/de Sua Excelência quando foi colocado no Se/minário	198
5.5.1	Excellentíssimo ac Reuerendíssimo [Epigramma], Franciscus Salesius dos Reis Curado	198
5.5.2	Iosephus, id est Oh! es pius. Anagramma [S.I.A.]	198
5.5.3	Iosephus, id est Ei Sophus. Anagramma [S.I.A.]	198
5.5.4	Ab Excellentíssimo, ac Reuerendíssimo [...] Epigrammate, Franciscus Salesius dos Reis Curado	198
5.5.5	Excellentíssimo, ac Reuerendíssimo Domino Domno [...] Carmen Epidicticum, Franciscus de Brito Guerra	199
5.5.6	Excellentíssimo ac Reuerendíssimo Domino [...], Epigramma, Marcus ab Araújo Costa	200
5.5.7	Collendíssimo Excellentíssimo, ac Reuerendíssimo [...] Elegia, Manuel do Rosário Tavares	201
5.5.8	Excellentíssimo, ac, Reuerendíssimo Domino Domno [...] Epigramma, Marcos d'Araújo Costa	202
5.5.9	Excellentíssimos, ac Reuerendíssimos Domini Domni [...] Epigramma, Franciscus Penedensis Ex Arcadia Paranambucensi	202
5.5.10	Excellentíssimo, ac Reuerendíssimo D. D. Iosepho [...] Epigramma, Franciscus Gregorius Pereira Façanha	202
5.5.11	Excellentíssimo, ac Reuerendíssimo Domino Domno [...] Epigramma, Ioannes Nepomucenus Cabral ..	203
5.5.12	Carmen, Franciscus de Brito Guerra	204
5.5.13	Encomium [Ioseph Yvo Picquet]	204
5.5.14	Traduction, Ioseph Yvo Picquet	204
5.5.15	Ao Retrato do nosso Prelado, no dia em que foi colocado [...] Epigramma, José de Almeida Nobre	204
5.5.16	Ao mesmo Assunto, Aliud Epigramma, Pelo mesmo Autor [José de Almeida Nobre]	205
5.5.17	Ao mesmo Assunto, Aliud Epigramma, Pelo mesmo Autor [José de Almeida Nobre]	205
5.5.18	Ao mesmo Assunto, Aliud Epigramma, Pelo mesmo Autor [José de Almeida Nobre]	205
5.5.19	Ao mesmo Assunto, Aliud Epigramma, Pelo mesmo Autor [José de Almeida Nobre]	205

	Página
5.5.20	Ao mesmo Assunto, Aliud Epigramma, Pelo mesmo Autor [José de Almeida Nobre] 206
5.5.21	Ao mesmo Assunto, Aliud Epigramma, Pelo mesmo Autor [José de Almeida Nobre] 206
5.5.22	Ao Retrato do nosso Prelado tendo a Bíblia aberta [...] Epigramma, Pelo mesmo Autor [José de Almeida Nobre] 206
5.6	N.º IV/Orações recitadas em presença do Ilustríssimo, e/ Excellentíssimo Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo, e Governador Interino /da Capitania de Pernambuco no princípio, e fim/dos anos Letivos, no Seminário Episcopal de Nossa/Senhora da Graça da Cidade de Olinda 207
5.6.1	Oratio Academica coram Excellentissimo Ac Reuerendissimo Domino Domino Iosepho Joachimo a Cunha Azeredo Coutinio, [...] Anno MDCCCI [...] Francisco de Brito Guerra [...] 207
5.6.2	Oratio finem imponens studiorum curriculo huius anni MDCCC. A Michaele Iosepho Reinaut, [...] 214
5.6.3	Excellentissimo necnon Reuerendissimo Domino [...] Cyriacus Antonius Arauius, [...] 220
5.7	N.º V/Dissertações recitadas pelos Colegiaes, e Estudantes do Seminário Episcopal de Nossa Senhora da/Graça da Cidade de Olinda, nas ocasiões dos Exames anuais, feitos em presença do Ilustríssimo,/e Excelentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho, Bispo, e Governador da /Capitania de Pernambuco 227
5.7.1.	[Dissertação 1.ª] "Sendo a razão uma faculdade, [...] Marcos de Araújo Costa 227
5.7.2	[Dissertação 2.ª] "A Multos parecerei, [...] Francisco de Sales Curado 228
5.7.3	[Dissertação 3.ª] "Em que complacência e gosto, [...] José Antônio 231
5.7.4	Elogio, Manuel José Rodrigues da Silva 235
5.7.5	[Dissertação 4.ª] "Depois de recitadas as mais brilhantes [...] Francisco Gonçalves Ferreira Magalhães 239
5.7.6	[Dissertação 5.ª] Sobre a História em exame público, por Manuel dos Reis Curado 243
5.7.7	[Dissertação 6.ª] "Conhecendo o homem, [...] Francisco Gregório Pereira Façanha 245
5.7.8	[Dissertação 7.ª] "Não tendo nós, [...] Francisco Gregório Pereira Façanha 247
5.7.9	[Dissertação 8.ª] "Sem pretender, Excelentissimo [...] Marcos de Araújo Costa 249
5.7.10	Ao Excelentíssimo e Reverendissimo Senhor [...] Elogio [...] Francisco de Brito Guerra 251

	PÁGS.
5.7.11 [Dissertação 9.ª] "Achando-me entre vós, Felizes Pernambucanos, [...] Marcos de Araújo Costa	254
5.7.12 [Dissertação 10.ª] "Que esperais de mim agora, Douta, e Ilustre Assembléia [...] Manuel Tomás Rodrigues Campelo	255
5.8 N.º VI/Poesias feitas em louvor do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha d'Aze/re do Coutinho, Bispo, e Governador Interino de Pernambuco pelos Colegiais mais novos do Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça da/Cidade de Olinda, em o dia da Festa de Nossa/Senhora Padroeira do Seminário a 8 de Dezembro, a qual Sua Excelência assistia todos os/anos, e passava este dia no Seminário com os /Colegiais	261
5.8.1 [Décimas] [S.I.A.]	261
5.8.2 Soneto, [S.I.A.]	263
5.8.3 Soneto, Antônio José do Paraíso	263
5.9 N.º VII/ Poesias feitas na despedida do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha/de Azeredo Coutinho, Bispo, e Governador de Pernambuco, quando tendo sido reeleito por S.A.R./para Bispo de Bragança, e Miranda, partiu da/quela Capitania para a Corte de Lisboa, em 13/de Julho de 1802, depois de ter governado por/tempo de três anos	265
5.9.1 A saudosa Despedida de Sua Excelência [...] Soneto Improvisado, Por Frei João Batista da Purificação	265
5.9.2 A Profundíssima dor, que sente Pernambuco [...] Ode, Padre João Pereira Rodrigues d'Alcântara	266
5.9.3 Aos Faustos anos do Excelentíssimo [...] Ode, Manuel de Araújo Lemos	271
5.9.4 Aos Anos do Excelentíssimo [...] Ode, Manuel de Araújo Lemos	273
6. A União Venturosa/Drama com Música/Para Se Representar no Real Teatro/Do Rio de Janeiro/No/Faustíssimo Dia Dos Anos/ /De/Sua Alteza Real /O/Príncipe Regente/Nosso Senhor/Oferecido/Por/Antônio Bressane Leite./Na Impressão Régia/1811./Com Licença de S.A.R.	275
6.1 Ao/Príncipe Regente/Nosso Senhor [Dedicatória]	283
6.2 Ato Único./Cena Primeira	285
6.3 Cena II	289
6.4 Cena III	291
6.5 Cena Última	293
6.6 Coro Último	295
7. Augurio di Felicita/O Sia/II Trionfo d'Amore./Serenata Per Musica/Da Esequirsi/Nel Real Palazzo/De/ Rio Di Gianeiro,/Per Cele-	

Págs.

braro/L'Augustissimo Sposalizio/Del Serenissimo Signore/D. Pietro d'Alcantara, [...] Con/La Serenissima Senhora/D. Carolina Giuseppa/Leopoldina/Archiduchessa d'Austria, [...] Nel Mese di Novembre 1817./Rio di Janeiro./Per Ordine Reale	207
7.1 Augurio di Felicità,/O Sia/II Trionfo d'Amore/Parte Prima ..	303
7.2 Augurio di Felicità,/O Sia/II Trionfo d'Amore/Parte Seconda	315
7.3 Licenza,/O Sia/Elogio./Grandi, e Popolo/Dell'Imperio Lusitano	320



33

